THESE TWO ARE A MATCH MADE IN HELL



The Devil Wears TARTAN

KATIA ROSE

TABELA DE CONTEÚDOS

1. Moira
2. Kenzie
3. Moira
4. Kenzie
5. Moira
6. Kenzie
7. Moira
8. Kenzie
9. Moira
10. Moira
11. Kenzie
12. Kenzie
13. Moira
14. Kenzie
15. Kenzie
16. Moira
17. Moira
18. Kenzie
19. Moira
20. Moira
21. Kenzie
22. Kenzie
23. Kenzie
24. Moira
25. Kenzie
26. Moira

THE DEVIL WEARS TARTAN

KATIA ROSE


BOOKS COUTURE

Aviso

A tradução deste livro foi feita sem quaisquer objetivo para obter lucros, apenas traduzimos para que leitores não falantes de inglês tenham a oportunidade de conhecer a obra.

Caso o livro seja comprado por editora, retiraremos os arquivos de nosso canal e pedimos para que parem de distribuir.

NÃO façam drives com nossas traduções.

NÃO falem sobre o grupo e as traduções abertamente em rede social(twitter, facebook, instagram, tiktok);
NÃO falem para autores que leram os livros em português;
NÃO distruibuam os livros que traduzirmos abertamente no twitter ou facebook, façam isso no privado e SEMPRE que falarem sobre a tradução de algum livro em rede social, censurem tanto o nome do grupo de tradução quanto o nome do livro e as palavras (tradução, traduzido e derivados) para que o gt nao seja prejudicado.

Pedimos também que sempre avaliem os livros e façam resenhas (em inglês, pode usar o google tradutor não tenha vergonha). Também se puderem, adquiram a obra para ajudar os autores, e se o livro estiver disponível no Kindle Unlimited e você for assinante, pegue o livro mesmo que você não saiba inglês, marque como lido e avalie na amazon também pois ajuda muito os autores.



Aviso de Conteúdo

Conteúdo sexual explícito
vergonha corporal
mãe com depressão
overdose acidental (ocorre fora da página, personagem se recupera)
referência ao abuso de substâncias
referência ao abuso verbal de um dos pais

Representação

Personagens principais lésbicas
Personagem principal gorda

CONTEÚDOS

1. Moira
2. Kenzie
3. Moira
4. Kenzie
5. Moira
6. Kenzie
7. Moira
8. Kenzie
9. Moira
10. Moira
11. Kenzie
12. Kenzie
13. Moira
14. Kenzie
15. Kenzie
16. Moira
17. Moira
18. Kenzie
19. Moira
20. Moira
21. Kenzie
22. Kenzie
23. Kenzie
24. Moira
25. Kenzie
26. Moira

CAPÍTULO 1
MOIRA

EU nem terminei minha primeira xícara de café, e já estou correndo atrás de uma criança de sete anos de kilt com uma escova de cabelo e um arsenal de grampos nas mãos.

— Deanna, volte! — Eu grito enquanto corro pelo corredor, nossos passos rangendo no chão polido e ecoando nos armários que revestem as paredes.

A Organização de Dança Escocesa de Ottawa – ODEO, para aqueles de nós descolados o suficiente para usar siglas – vem realizando competições no mesmo auditório do ensino médio por mais tempo do que eu estou viva, mas eu mal pus os pés fora das poucas salas que usam para eventos. Eu nunca subi no segundo andar antes de hoje, e Deanna está correndo há tanto tempo que nem tenho mais certeza em que andar *estamos*.

— Deanna, vamos lá — eu chamo entre respirações ofegantes, vasculhando o corredor em busca de alguma dica de como voltar para o saguão. — Nós só temos que finalizar seu cabelo, e então terminamos.

— NÃO! — ela grita de volta para mim. — Cansei do coque!

Eu tenho que dar crédito a ela; isso daria um excelente slogan de camiseta para uma ex-competidora que virou professora de dança como eu. O pensamento é distração suficiente para me fazer tropeçar em meus próprios pés a toda velocidade, enviando a caneca de viagem, que estou segurando perigosamente perto, de borrifar o corredor com café morno e barato da mesa de comida e bebida no saguão. Minhas mãos estão começando a doer de equilibrar a caneca, a escova de cabelo e um punhado de grampos na mão.

Não deveríamos nem estar aqui em cima; se eu fizer uma bagunça, vou garantir sozinha que a ODEO perca seu local de competição para sempre.

Eu faço um tom suplicante desta vez.

— Deanna, querida, apenas vá mais devagar, ok?

As enormes Crocs azuis que ela usa para proteger seus ghillies[1] vão deixá-la de bunda no chão se ela correr mais rápido. Eu não quero que um nariz sangrando aumente qualquer potencial da bagunça de café.

Eu também não quero que nenhuma criança se machuque hoje.

— Você não pode me obrigar! — ela grita.

Seu cabelo loiro fino e escuro está balançando contra suas costas, o prendedor de rabo de cavalo que eu consegui colocar nela deslizando lentamente pelo comprimento. Seu colete de veludo preto está pendurado torto sobre um ombro da blusa branca por baixo, e as meias grossas de lã que combinam com seu kilt azul e branco estão começando a se amontoar em torno de seus tornozelos. Será um milagre se eu conseguir que ela e todos os meus outros alunos estejam prontos para o primeiro evento de hoje.

Felizmente, me tornei uma milagreira da dança das terras altas depois de passar literalmente toda a minha vida neste mundo estranho de kilts, gaitas de foles e tudo com padrões de tartã.

Viro uma esquina e encontro Deanna a passos de distância de um conjunto de portas duplas no final do corredor.

— Deanna, por favor, vamos falar sobre isso, ok? — Eu arquejo quando ela hesita com uma mão na barra de empurrar da porta. — Você pode me dizer o que está acontecendo. Vamos sentar aqui e vamos conversar.

Seus olhos travam nos meus, e vejo o desafio ali se transformando em algo muito mais vulnerável. É como eu pensei: ela não está fingindo ser uma pirralha. Ela está agindo assim porque está com medo.

Muitas professoras optam pela abordagem do amor duro, especialmente com crianças tão jovens, e nem sempre as culpo. Às vezes, há dias em que você só precisa ativar seu sargento interno, colocar as crianças em seus kilts, colocá-las no palco e deixar por isso mesmo.

Não é isso que faz as crianças crescerem, no entanto. Não é isso que as ensina. Não é isso que as faz pular mais alto, dançar mais e amar tanto o que fazem que ir ao estúdio é o destaque da semana.

É isso que elas conseguem em momentos como esse, quando alguém se dá ao trabalho de realmente vê-las e dizer que ainda são suficientes.

— Ok, sua pequena leoparda — brinco enquanto paro e fico a alguns metros de distância dela —, o que você acha de fazermos uma pausa de toda essa corrida?

Ela morde o lábio inferior enquanto me olha de cima a baixo.

— Senhorita Moira...

— Sim, Deanna? — eu indico.

Ela respira fundo e estremece. Então, antes que eu possa processar o que está acontecendo, ela bate as mãos contra a barra de empurrar e se vira para fugir pela porta.

— Não pode me pegar! — ela grita enquanto se afasta.

— Em nome de tudo o que é sagrado — eu digo com um gemido, saltando para a porta antes que ela possa se fechar.

Dou um passo à frente e paro, piscando para o sol brilhante que entra pelas portas de vidro da escola enquanto elas substituem a iluminação fluorescente no corredor sem janelas. Eu poderia jurar que estávamos no segundo andar, mas agora estou no familiar saguão principal.

As mesas dos vendedores estão se enchendo de comerciantes organizando suprimentos de dança e fantasias. A estação de refrescos está lotada, cheia de pais enchendo xícaras de café de dois dispensadores enormes enquanto seus filhos pegam laranjas e barras de granola das bandejas de lanches. Uma das minhas alunas adolescentes está trabalhando no caixa hoje, e ela acena atrás da mesa quando me vê olhando.

Levanto a mão, mas já desviei o olhar para procurar Deanna na sala. A maioria dos dançarinos circulando ainda está de calça de moletom e camiseta, mas há apenas o suficiente com kilts para fazer Deanna desaparecer como um camaleão xadrez. O saguão está cheio de vozes, sapatos rangendo e sacos de roupas amassados enquanto as pessoas se dirigem ao vestiário e à academia de aquecimento. O sol da manhã de setembro pinta toda a sala com um brilho suave.

Normalmente, eu tiraria um momento para absorver a emoção e a expectativa da primeira competição da temporada, mas em vez disso meus olhos se concentram no flash de lã azul e branca que vejo desaparecendo atrás de uma das

samambaias gigantes enfileiradas ao longo da parede de trás.

— Deanna — eu chamo quando chego perto o suficiente para ela me ouvir —, você não precisa...

Eu engulo o final da minha frase e a substituo com um gemido quando Deanna sai de trás da samambaia e começa a abrir caminho pela multidão em uma velocidade vertiginosa.

Eu saio atrás dela mais uma vez, mas esqueço de lembrar que eu, uma mulher de vinte anos, com o que gosto de descrever como um físico delicioso, não tenho a capacidade de me espremer pelos mesmos espaços que uma garota de sete anos com galhos nas pernas. Deanna corre em torno de um pai voluntário carregando uma braçada de cadeiras dobráveis, mas percebo um segundo tarde demais que minha própria guinada vai me mandar bater em um grupo de mães conversando que Deanna se esgueira por perto.

Eu paro derrapando, mas a mãe com as cadeiras muda de caminho no último segundo quando ela gira a cabeça para olhar para Deanna. Eu bato minha canela contra uma perna de metal duro, manco alguns passos enquanto a dor nubla minha visão, torço para evitar as mães conversando e acabo perdendo o equilíbrio.

Eu caio de bunda, o impacto ricocheteando através do meu cóccix enquanto a escova de cabelo e os grampos se espalham pelo chão. A caneca de café que consegui proteger todo esse tempo voa das minhas mãos para voar em um arco perfeito que desaloja a tampa e dá a todos dentro do raio – inclusive a mim – um batismo de cafeína e creme.

A sala está cheia de gritos e suspiros. Estou tão ocupada respondendo a meia dúzia de vozes me perguntando se estou bem e tentando avaliar se de alguma forma quebrei minha bunda que não noto as novas adições à multidão até que todas tenham passado pelas portas da frente para montar como uma unidade do exército altamente treinada em roupas de treino combinando.

A força de sua presença por si só tira o foco de mim e das minhas vítimas de derramamento de café enquanto a multidão estica o pescoço para ver o pior pesadelo de cada dançarino: os alunos, funcionários e pais da Academia de Dança Escocesa Rebecca Stewart – ou Stewies, como eu gosto de chamá-los em qualquer lugar, menos na cara deles.

O grupo que entrou é apenas uma fração deles, provavelmente menos de uma dúzia no total, mas sua reputação enche o saguão como uma estrela do rock andando no palco para comandar uma multidão de milhares. As crianças já têm os cabelos com gel para trás e presos em coques brutalmente imaculados, e as mães estão segurando por unanimidade copos da Starbucks e bolsas de roupas com monogramas.

Se a dança das terras altas fosse um esporte olímpico, a Academia Rebecca Stewart seria o campo de treinamento canadense. Eles enviaram mais dançarinos para os campeonatos mundiais do que qualquer outra escola do país e nunca perdem a chance de informar a todos.

— O que está acontecendo aqui?

Catherine Stewart, filha da própria Rebecca Stewart e atual punho de ferro da administração da academia, dá um passo à frente com seu próprio copo da Starbucks na mão. As pontas de seu cabelo escuro com listras prateadas roçam

suas bochechas como as pontas de duas lâminas pontiagudas. É a primeira vez que a vejo desde que voltei para Ottawa. Ela tem algumas linhas extras em seu rosto, mas ela ainda parece pronta para pular em uma batalha de dança de espada de classe mundial até a morte.

Minha mãe bateu em você.

É o pensamento que eu murmurava para mim mesma toda vez que a via andando por aí em competições quando eu era criança. Senhorita Catherine, como todos nós crescemos chamando ela, definitivamente se apoiou no lado duro do amor do ensino, mas eu tinha visto as fotos e as medalhas dos anos oitenta. Eu sabia que minha mãe levava para casa quase todos os troféus que ela e Catherine conquistavam, e usei isso para machucar menos na primeira vez que ouvi Catherine dizer a outro professor que "as crianças Murray ficaram um pouco gordinhas".

— Só um deslize, Catherine — responde a mãe das cadeiras com as quais tive a infelicidade de colidir. — Todo mundo está bem. Você está bem, certo, Moira?

Ela se vira para mim com preocupação em seu rosto, e eu aceno depois de decidir que meu cóccix viverá para ver outro dia. A sala volta ao movimento, os Stewies continuam seu caminho enquanto a garota que trabalha na mesa de lanches se aproxima com um rolo de toalhas de papel que ela distribui para todos que foram borrifados com meu café.

Recebo um olhar de reprovação de uma das mães que, por acaso, está vestindo branco, mas todo mundo é solidário. Ignoro as ofertas de ajuda enquanto agarro uma toalha de papel enrolada em uma mão e me ponho de pé com a outra.

Fiquei muito mais confiante sobre meu peso ao longo dos anos, mas não quero ser a garota "gordinha" que precisa de ajuda para se levantar do chão. Minhas bochechas já começaram a esquentar com toda a atenção.

— Parece que eu preciso trabalhar nas minhas voltas — brinco, tentando rir de tudo enquanto limpo minha camisa. — Elas sempre foram minha queda no palco. Talvez Deanna… ah, droga, Deanna!

Eu balanço minha cabeça de um lado para o outro, vasculhando o saguão em busca de qualquer visão dela, mas não há nada, nem mesmo um xadrez azul revelador atrás das samambaias.

— Alguém viu para onde ela foi? A garotinha loira de colete preto e kilt azul?

Todos os pais começam a olhar em volta tão freneticamente quanto eu. Alguns deles chamam o nome de Deanna.

— Merda, merda, merda — murmuro enquanto corro para espiar o corredor mais próximo. — Se ela correu para fora...

Ela tem apenas sete anos e está claramente apavorada. Eu não diria que ela não seria capaz de correr para a rua.

Em meio a toda a agitação, o som de uma porta de corredor se abrindo nas proximidades chama minha atenção. Eu me viro para assistir, meu coração martelando no meu peito e minha mente girando com possibilidades horríveis, enquanto Deanna volta para a sala sã e salva, segurando a mão da mulher atrás dela.

— Deanna, você…

Meu olhar muda da expressão tímida de Deanna para dar uma boa olhada em

sua salvadora, e todo o meu corpo fica rígido com o choque.

Eu nem pisco quando seus olhos escuros encontram os meus.

O desastre de Deanna foi uma boa distração, mas, além disso, passei toda a manhã – e a maior parte da noite passada – imaginando quando encontraria Kenzie Andrianakis hoje.

A última vez que a vi, eu tinha dezoito anos e estava sendo carregada em uma maca na Escócia depois de quebrar meu tornozelo na maior competição de dança das terras altas do mundo.

Nós nos encaramos assim. Achei que ela seria presunçosa. Eu pensei que ela faria aquela pequena inclinação de queixo irritante e ergueria as sobrancelhas com a qual ela sempre reconheceria suas vitórias.

Ela não o fez, no entanto. Ela olhou para mim com um rosto pálido e olhos arregalados. Sua boca se abriu como se ela quisesse dizer alguma coisa, e eu quase gritei para os médicos pararem o que estavam fazendo só para que eu pudesse ouvir o que era.

Eu nunca esperei por nada que Kenzie Andrianakis tivesse a dizer, mas naquele momento, era a única coisa que eu queria.

Então ela fez a coisa de levantar o queixo e levantar as sobrancelhas, e eu deixei a dor lancinante no meu tornozelo ser minha desculpa para ignorá-la publicamente.

O baque do impacto de Deanna jogando os braços em volta da minha cintura é a única coisa que tira minha atenção de Kenzie. O barulho do saguão enche meus ouvidos de novo, e faço um sinal de polegar para cima para sinalizar que todos no saguão podem voltar às suas vidas enquanto sintonizo as desculpas murmuradas de Deanna.

— Eu não queria fazer você cair — diz ela enquanto me aperta. — Sinto muito, senhorita Moira. Eu sinto muito. Você está com raiva de mim?

— Não, Deanna — eu respondo, lutando contra a vontade de olhar para Kenzie novamente. Com o canto do meu olho, posso ver que ela ainda está de pé na porta. — Eu não estou com raiva. Estou feliz que você esteja bem, mas talvez possamos parar com a coisa de correr agora?

Ela acena contra a minha perna.

— Certo. Posso confiar em você para me encontrar no camarim? Prometo que podemos conversar antes de eu arrumar seu cabelo.

Ela acena com a cabeça novamente e, em seguida, se separa de mim antes de pular para o camarim, seus Crocs rangendo contra o chão.

A capacidade de crianças de sete anos de ricochetear de um extremo emocional para o outro nunca deixará de me surpreender.

— Então você está de volta.

Eu me preparo para meu próprio extremo emocional enquanto Kenzie dá alguns passos mais perto. Ela está vestindo um agasalho Stewie completo, o tecido azul marinho colado em seu corpo, que ainda é quase tão esbelto quanto quando éramos crianças. Seu cabelo escuro está puxado para trás em um rabo de cavalo tão apertado que faz os ângulos de seu rosto parecerem ainda mais severos: sobrancelhas arqueadas imaculadas, maçãs do rosto salientes e olhos amendoados tão castanhos profundos que são quase pretos. A única coisa suave nela é o spray de sardas no nariz, e você tem que estar bem perto para ver isso.

Quase tão perto quanto estou agora.

Por um momento, minha respiração fica presa. Percebo que minha garganta ficou seca e luto contra o desejo repentino de me aproximar ainda mais.

— Sim, eu estou — eu respondo depois de me forçar a engolir. — Estava esperando por mim? Ouvi dizer que você nunca saiu de cena.

Eu tento não me encolher por chamar isso de *cena*, como se isso fosse algum tipo de confronto com ex-traficantes.

Ela dá outro passo em minha direção, e sinto meu pulso disparar.

— Ouvi dizer que você deixou o país e abandonou a faculdade.

Meu rosto aquece, e eu sei que o topo do meu peito vai começar a ficar vermelho a qualquer momento. Ela sempre teve uma habilidade incrível de dizer exatamente o que eu não quero ouvir.

— Bem, você ouviu errado — eu digo com a mandíbula apertada. — Estou na Ottawa U agora.

— O que eu ouvi foi que você não conseguiu… foi na Austrália?

— África do Sul — eu deixo escapar antes que eu possa me impedir.

Realmente não é da conta dela.

— Sim, foi isso. Ouvi dizer que você voltou para casa depois de apenas alguns meses, e que essa é a razão pela qual sua mãe lhe deu esse trabalho de professora.

Eu desisto de respostas espirituosas e fecho minhas mãos em punhos enquanto deixo minha resposta automática escapar.

— Quer saber, Kenzie? Eu não preciso da sua merda. Todo mundo sabe que você é tão esnobe quanto Catherine Stewart e que essa é a única razão pela qual *você* conseguiu *seu* emprego de professora.

Ela cruza os braços sobre o peito e inclina a cabeça para o lado.

— É mesmo?

O desinteresse frio em seu tom me deixa ainda mais irritada, mas faço o meu melhor para manter minha voz uniforme.

— Sim, é. Apenas fique fora do meu caminho hoje, Kenzie. Como eu disse, eu não preciso disso.

Eu me viro e começo a marchar atrás de Deanna, me preparando para uma observação final, mas tudo o que ela faz é soltar uma risada curta.

De alguma forma, aquele som tira toda a satisfação de dar a última palavra.

Eu mantenho meus punhos cerrados durante todo o caminho até o camarim. Eu posso ouvir minha pulsação trovejando em meus ouvidos, e minha mandíbula está começando a doer por estar tão apertada.

Eu sabia que Kenzie seria exatamente a mesma. Só não achei que reagiria exatamente da mesma maneira, e definitivamente não achei que levaria dois minutos para acontecer.

Somos adultas. Temos vinte malditos anos. Estamos aqui como *professoras*, pelo amor de Deus, mas em vez de cuidar dos meus alunos, tudo que eu quero fazer é ir até lá e gritar na cara de Kenzie como se eu estivesse na terceira série novamente.

Chame isso de força do hábito. Eu sinto o desejo perpétuo de gritar com ela desde que estávamos realmente na terceira série e ela me disse que meu convite para sair durante o almoço em sua primeira competição parecia "uma tentativa

de sabotagem".

Afasto a memória quando chego à porta da sala de aula com uma placa que diz “Camarim ODEO” colada na frente e algumas folhas de cartolina cobrindo a janela. Uma mãe voluntária está posicionada em uma mesa do lado de fora.

— Eu estava começando a pensar que você e Deanna decidiram brincar de pega-pega — ela brinca enquanto eu abro a porta o suficiente para entrar.

Eu faço o meu melhor para retribuir o sorriso dela e então me viro para encarar o caos na minha frente. A maioria das carteiras foi retirada da sala de aula, com algumas deixadas no lugar como penteadeiras. Algumas telas para troca de espaços são instaladas ao longo de uma das paredes traseiras.

Usamos a academia da escola como um espaço de aquecimento onde todos guardam suas coisas, mas isso não impediu que o camarim se transformasse em sua bagunça habitual de frascos de produtos para o cabelo, bolsas de maquiagem, cabides descartados e kits de costura de emergência. Dançarinas e professoras estão se movimentando pela sala, rindo e cantando junto com a playlist pop que alguém está tocando em seu telefone.

Aceno para as outras professoras da minha escola de dança. Todas nós prendemos o cabelo em coques das terras altas, embora não estejamos competindo. Nós até amarramos laços com padrão de tartã em torno deles para parecer mais festivo. Nossas camisetas combinando podem não ser tão chiques quanto os agasalhos Stewie, mas são confortáveis e fofas, e têm nossos sobrenomes impressos nas costas com alguns detalhes em strass.

É um pouco redundante ter “Murray” escrito em “Escola Murray de Dança das Terras Altas” mas essa é a vida quando a existência de toda a sua família gira em torno da dança folclórica escocesa.

Deanna está esperando por mim em uma das estações de cabeleireiro, balançando os pés e sorrindo serenamente, como se alguém fosse louco para sugerir que esse anjinho loiro acabou de me levar em uma missão de recuperação ao redor de todo o prédio.

— Mudança de coração, hein? — Eu pergunto, sorrindo para manter o ressentimento à distância quando percebo que saí do saguão sem minha caneca de café e a escova de cabelo de Deanna. Pego um pente que terei que limpar depois disso e estendo minha mão livre em um movimento dramático. — Posso me aproximar, Majestade?

Deanna ri e assente.

— Você está toda sorridente agora — eu digo enquanto começo a desembaraçar os emaranhados que se acumularam em seu cabelo. — Você ainda quer me dizer o que está acontecendo?

Ela continua chutando seus pés, os saltos de seu Crocs batendo contra o degrau inferior de sua cadeira.

— Eu estava com medo, mas a Srta. Kenzie disse que todo mundo fica com medo quando vai da Primária para a Iniciante. Você sabia que ela nem fez sua primeira competição até estar na *terceira série*? É tipo, tão tarde.

Eu sufoco uma risada quando pego um elástico de cabelo. Não é nada tardr, mas Deanna é uma daquelas crianças que, como eu, começou a competir com seis anos de idade.

— A Srta. Kenzie é realmente *legal* — Deanna continua. Ela começou a

balançar com a música, e eu coloquei minha mão em sua cabeça para mantê-la quieta. — Eu costumava pensar que ela era assustadora, mas ela disse que você não ficaria brava comigo por fazer você cair, e ela estava certa! No ano passado, minha mãe disse que talvez devêssemos trocar de escola para que a senhorita Kenzie pudesse ser minha professora, mas então você voltou, e minha mãe disse que você bateu na senhorita Kenzie mais vezes do que ela em você, então provavelmente deveríamos ficar. Isso é verdade? Você bateu nela?

Ela começou a falar tão rápido que é difícil acompanhar, mas eu pego o suficiente para fazer meu estômago revirar de apreensão.

Minha rivalidade com Kenzie não é exatamente um segredo na comunidade de dança das terras altas, mas não achei que seria suficiente para afetar as decisões das pessoas sobre para onde enviar suas filhas, não quando Kenzie e eu estamos fora do circuito de competição por alguns anos agora.

A mãe de Deanna está errada, de qualquer maneira. Quando chegamos à Escócia para o campeonato culminante de nossas carreiras, Kenzie e eu tínhamos o mesmo número de troféus em nosso currículo. Tínhamos acabado de nos formar no ensino médio, e aquela competição final deveria acabar com quase uma década de rivalidade e determinar qual de nós realmente era a melhor antes de eu sair para viajar pelo mundo com meu melhor amigo.

Então, quebrei meu tornozelo em um buraco de toupeira e deixei a pergunta sem resposta para sempre.

— Bem, nós duas nos batemos algumas vezes — eu respondo enquanto começo a torcer o rabo de cavalo de Deanna em um coque —, mas você sabe, isso não é realmente o ponto. O objetivo é subir no palco para dar o seu melhor enquanto se diverte. Vencer é apenas um bônus.

Deanna se contorce em seu assento, seu cabelo escorregando das minhas mãos enquanto ela olha para cima para me dar a sobrancelha mais atrevida que eu já vi em uma criança de sete anos.

— Ok, é um bônus muito grande — admito com uma risada —, mas estou falando sério, garota. Eu não me importo com o que os outros dizem. Quando você for lá hoje, eu só quero que você pense em se divertir – e apontar os dedos dos pés, é claro.

Ela ri e se acomoda para que eu possa finalmente terminar o coque. Eu o prendo no lugar com uma combinação de grampos, gel e spray de cabelo, assim como eu fiz centenas de coques antes. Deanna corre para se juntar a suas amigas na academia de aquecimento assim que termino, e eu levo um minuto para sentar em sua cadeira e examinar a sala.

Ainda é um pandemônio aqui, o cheiro químico de spray de cabelo enchendo meu nariz enquanto observo uma das minhas colegas professoras realizar uma cirurgia de emergência em um rasgo na blusa de uma menina enquanto outra persegue um botão perdido que salta pelo chão.

É o tipo de cena que eu tenho assistido se desenrolar toda a minha vida. O caos de um camarim é tão reconfortante e familiar quanto me aconchegar na minha cadeira favorita na casa dos meus pais.

Em vez da segurança que procuro, só encontro mais pavor enquanto examino a sala.

Já faz mais de dois anos desde que nos encontramos cara a cara, mas Kenzie

ainda conseguiu encontrar meu ponto mais fraco em questão de segundos. Ela ainda conseguiu aprimorar o que mais dói: a verdade.

A verdade é que acho que só posso estar de volta aqui porque não consegui ir a nenhum outro lugar.

CAPÍTULO 2
KENZIE

EU posso sentir os olhos de Catherine atirando punhais nas minhas costas enquanto saio da academia de aquecimento, mas não me viro. Eu deveria estar me certificando de que nosso último grupo de dançarinas competindo antes da pausa para o almoço estejam todas alinhadas e prontas para serem escoltadas até o palco, mas o nome da minha mãe apareceu no meu telefone.

Ela não deveria estar me ligando. Ela deveria estar entrando em seu compromisso agora.

— O que é? — Pergunto assim que levo o telefone ao ouvido no corredor. — Você está bem?

Há alguns pais e dançarinos por aqui, então eu sigo mais para dentro da escola, me enfiando em uma alcova de fonte de água quando vejo uma lacuna nos armários alinhados nas paredes.

— Eu simplesmente não acho que posso fazer isso, Zee-zee. Eu pensei que poderia fazer isso sozinha, mas não posso.

Eu tento não suspirar. Eu esperava que ela pudesse fazer isso, mas parte de mim sabia que era bom demais para ser verdade.

— Não está longe da concorrência — ela acrescenta antes que eu tenha a chance de responder. — Você poderia vir, e nós poderíamos entrar juntas. Eu simplesmente *odeio* entrar naquele lugar. Eu só preciso de alguém para passar pelas portas comigo, e então você pode sair.

Eu penso sobre isso. Eu penso seriamente nisso. O ônibus demoraria muito. Eu realmente não tenho dinheiro de sobra, mas eu poderia pedir um Uber.

Eu também poderia ter Catherine posteriormente me matando. A pausa para o almoço não é realmente uma *pausa* quando você é professora; é uma chance de aplacar todos os pais paranóicos, estilo *Dance Moms*, que pensam que os juízes estão atrás de seus filhos, enquanto garantem que os alunos comam o suficiente e troquem de roupa a tempo para o próximo conjunto de danças.

— Eu não sei, mãe — eu digo enquanto mexo com a manga azul escura do meu agasalho. — Acho que não consigo fugir. Eu tenho que…

— Está bem, está bem. Desculpe ter perguntado. Eu posso simplesmente ir para casa. Posso tentar de novo outro dia.

O sangue corre em meus ouvidos enquanto eu aperto o telefone com mais força. Levou *meses* para que ela concordasse em marcar uma consulta e mais um mês antes que pudéssemos conseguir uma vaga com o psiquiatra. Ela não pode ir embora hoje. Ela simplesmente não pode.

A depressão não pode piorar novamente.

Eu aperto meus olhos fechados, lutando para manter meu próprio pânico sob controle enquanto eu lido com o dela.

— Você está no estacionamento? — Eu pergunto.

Eu a ouço dar algumas respirações curtas e afiadas.

— Sim. O carro mal chegou, mas estou aqui. Eu não acho que eles realmente o consertaram naquela garagem.

Eu estremeço. O velho e enferrujado Subaru deveria ter ido para o ferro-velho anos atrás, mas não podemos comprar nada novo.

Também não podemos pagar mais reparos.

Eu tomo algumas respirações por conta própria, fazendo o meu melhor para mantê-las lentas e uniformes.

— Ok, aqui está o que vamos fazer. Vou ficar no telefone com você enquanto você entra. Eu sei que não é a melhor solução, mas é tudo o que temos para hoje. Apenas se lembre que isso é uma coisa boa, ok? Novos remédios vão ajudar.

— Eu sei, eu sei. Você tem razão. — Eu ouço alguns arrastar de pés como se ela estivesse se movendo em seu assento. — Ok, estou saindo do carro agora.

O zumbido distante da gaita de foles do auditório ecoa pelo corredor. Eu definitivamente senti falta de preparar meus dançarinos como agora, e Catherine vai me dar um sermão sobre ter que lidar com isso sozinha. Eu mantenho meus olhos fechados e me concentro na respiração da minha mãe no meu ouvido enquanto ela atravessa o estacionamento.

— Ah Deus, é tão embaraçoso — ela murmura. — Qualquer um poderia me ver entrando aqui. Desculpe ter ligado. Eu não deveria ter ligado. É tão… tão…

— Mãe, está tudo bem.

Eu aperto mais meu telefone enquanto meus olhos começam a arder, não importa o quão rápido eu pisque. Eu passo nos cantos com a manga, focando na tigela branca lascada da fonte de água ao meu lado enquanto tudo começa a ficar embaçado.

— Ok, estou abrindo a porta. — Há mais ruídos arrastados, e então eu a ouço chamando uma recepcionista. — Sim, oi! Olá! Um momento.

Minha garganta ficou toda grossa, e eu tenho que engolir antes de falar.

— Tudo bem agora?

— Sim. É… ah, eu odeio isso aqui. — Posso imaginá-la estremecer ao dizer isso. — Obrigada, bebê. Você é um anjo. Vejo você em breve, ok?

— Sim — murmuro enquanto dou mais alguns golpes ásperos em minhas bochechas. — Vejo você em breve.

Ela desliga primeiro, e eu abaixo meu telefone a tempo de ver a foto de seu perfil de contato ainda exibida na tela: manhã de Natal há quatro anos, nós duas rindo com grandes laços vermelhos de nossos presentes empoleirados em nossas cabeças.

Chris tirou essa foto. Ele diz que viria para o jantar de Natal todos os anos, mas ele não conseguiu aparecer nos últimos três.

Desligo a tela e enfio o telefone no bolso. Eu me inclino sobre a fonte e tomo alguns longos goles de água fria e com gosto metálico antes de espirrar água no meu rosto. Então eu uso minhas mãos úmidas para alisar meu cabelo antes de apertar meu rabo de cavalo.

Quando volto para a academia de aquecimento, estou sob controle.

Bem na hora, Catherine sai de perto de um grupo de adolescentes de kilt com quem ela estava conversando e sacode sua mão em um movimento brusco que me diz para segui-la até um trecho não reclamado da parede do ginásio.

Quando estamos fora do alcance de qualquer aluno, ela se inclina e sussurra:

— O que foi isso?

— Desculpe — eu murmuro. Eu não abaixo meus olhos de seu olhar. — Tive

que atender um telefonema.

Seu lábio se contrai.

— Um telefonema, Kenzie? Sério? Você sabe que é seu trabalho garantir que suas garotas estejam prontas para a acompanhante. Uma delas quase perdeu sua competição.

— Eu sei. Não vai acontecer novamente. É só… — Agora eu olho para o chão. — Foi minha mãe. Ela tinha uma… uma coisa que ela precisava de ajuda.

— Ah.

Quando olho para trás, Catherine está com os lábios pressionados. Os ecos de sapatos rangendo e estudantes conversando se preparando para o almoço preenchem o silêncio entre nós. Depois de um momento, ela se aproxima e estende a mão para arrumar uma mecha de cabelo que está escorregando do meu rabo de cavalo.

Ela pode não ser de palavras calmantes, mas seus pequenos ajustes sempre me confortaram. O que quer que ela seja, Catherine está lá para mim. Ela sempre esteve.

— Você sabe o que eu vou dizer, certo? — ela pergunta, sua voz o mais perto possível de suave.

Eu aceno e repito seu bordão.

— Erga-se.

— Correto. — Ela endireita os ombros retos já rígidos e levanta o queixo. — Erga-se. Sempre. Não importa o que te cerca. Não importa o que tente puxar você de volta. Eu sei o quão alto você pode ir, Kenzie. Eu sei que você pode superar tudo isso.

Eu ignoro a dor no meu peito quando a ouço chamar minha mãe de “tudo isso.” Catherine pode não ter um traço de sutileza em seu corpo, mas ela sabe como conseguir o que quer.

Ela sabe chegar *onde* quer. Ela se ergueu muito mais do que eu, e ela é toda a razão pela qual estou aqui hoje. Ela é toda a razão de eu ser mais do que o que comecei: a garota que apareceu atrasada na primeira aula de dança das terras altas sem sapatos e um bilhete de sua mãe dizendo que havia um “problema com a empresa de cartão de crédito” e que estava impedindo o pagamento final.

— Esteja lá da próxima vez — Catherine acrescenta com uma careta final. — Não podemos ser nada menos que perfeitas, não com Moira Murray de volta à cidade.

Ela volta para o grupo de garotas com quem estava conversando, e eu ando até onde minha garrafa de água está encostada na parede a alguns metros de distância. Destampo e tomo alguns goles, resistindo à vontade de espirrar no meu rosto novamente como fiz na fonte.

Catherine sempre me disse que quando você alcança algo, você precisa segurar o mais forte que puder, porque sempre haverá alguém pronto para vir e tirar de você.

Quando se trata de tudo que eu já consegui com a dança das terras altas, essa pessoa foi Moira Murray.

A Perfeita Moira Murray, com o sorriso com covinhas e a risada fácil que faz todos ao seu redor se virarem e rirem também. Mesmo quando era eu que levava os troféus para casa, toda a multidão estava de olho nela. Ela é uma delas. Ela

nasceu nisso, e não importava o quanto eu me esforçasse. Não importava quão alto eu pulasse ou quão rápido meus pés se movessem. Você não pode tentar ser boa do jeito que ela é desde que amarrou um par de ghillies aos cinco anos de idade.

Mas eu tentei.

Eu tentei por anos, e quando terminamos o ensino médio, o mundo da dança conhecia meu nome tão bem quanto o dela. Eu só queria que eles dissessem o meu mais alto. Não sei exatamente quando Moira e eu começamos a fazer de cada competição uma rixa pessoal entre nós duas, mas aquele verão na Escócia deveria acabar com as coisas. Era para provar que eu tentei mais, trabalhei mais, *queria* mais, não importa de onde eu comecei.

Exceto que ela nem chegou ao palco, e agora ela está de volta do nada, trabalhando como professora de dança como eu, e mais uma vez, não importa o quão longe eu tenha chegado. Todos estão olhando para ela novamente. Ela é o suficiente para ter as crianças sussurrando seu nome e os pais sussurrando sobre mudar de escola.

— Kenzie!

Eu presto atenção onde eu estava olhando fixamente para uma faixa de basquete do ensino médio na parede e aceno para Catherine. Ela está me dando um olhar aguçado do outro lado da sala enquanto aponta para as portas.

Certo. Hora do almoço.

Agora que a competição final da manhã está terminando, a maioria das dançarinas já vestiu calças de moletom e saiu para encontrar seus pais e amigos. Deixo meus colegas professores da Academia Rebecca Stewart supervisionando os retardatários e marcho para o saguão, preparada para qualquer grupo de pais preocupados que estejam esperando por mim.

Há sempre alguns zangados, prontos para reclamar que o gaiteiro tocou rápido demais ou para me dizer que sabem que seu filho dançou melhor que o vencedor; o juiz estava apenas “olhando para outro lugar durante todas as partes boas”.

Às vezes acho que precisamos do nosso próprio reality show spin-off de Dance Moms. *Dance Moms das Terras Altas* seria um sucesso.

Acabei de entrar no saguão cheio de crianças paradas comendo em lancheiras ou enfileiradas na mesa de lanches quando a primeira mãe com uma queixa aparece, ela estica o pescoço como uma coruja em alerta máximo e vem direto para mim.

— Oi, Laurie-Anne! — Eu digo com um aceno, parando ao lado de uma das grandes samambaias em vasos do saguão.

— Senhorita Kenzie. — Ela me dá um sorriso que desliza de seu rosto um segundo depois. As pontas de seu cabelo loiro roçam os ombros da camiseta da Rebecca Stewart Academy que ela está usando sob um zíper da Lululemon. — Grande dia, hein? A primeira competição do ano letivo é muito importante.

Concordo com a cabeça enquanto ela força outro sorriso que sai mais parecendo que ela está mostrando os dentes.

— Sim, é um grande dia para todos nós. As crianças estão todas fantásticas. Estou tão orgulhosa.

Eu realmente estou. Enquanto praticamente todas as crianças que vão para a

ARS participam de campos de treinamento e competem durante todo o verão, ainda há uma sensação de “recomeço” na competição de setembro e, pelo que consegui assistir do fundo do auditório, nossas dançarinas estão arrasando.

— Você viu a dança da espada da minha Madeline, certo? — Laurie-Anne pergunta.

— Eu vi, sim. Seu tempo rápido foi muito mais preciso do que no início do verão.

Laurie-Anne franze os lábios.

— Sim, foi, e teria sido ainda melhor se aquela garota ao lado dela não tivesse chutado suas próprias espadas e as lançado voando direto aos pés de Madeline. Isso é inaceitável. Ela deveria ser desqualificada por interferir com outra dançarina, e eu quero falar com alguém sobre isso.

Eu pressiono meus lábios por um segundo e respiro pelo nariz para não rir. Toda dançarina das terras altas vive com medo de chutar as duas espadas colocadas em cruz no chão para a famosa dança da espada – não porque as lâminas cegas sejam realmente perigosas, mas porque o objetivo da dança é pular agilmente sobre elas. Chutar suas espadas pode ser suficiente para te colocar em último lugar.

O chute de espada de que Laurie-Anne está falando mal moveu as lâminas e definitivamente não as fez “voar direto aos pés de Madeline”. Eu nem teria notado que isso aconteceu se a garota que as chutou não congelasse por uns segundos depois.

— Madeline é uma linda dançarina — digo assim que me controlei. — Ela lidou com isso como uma profissional. Aposto que até o final do ano ela se classificará para a Primeira Divisão. Ela trabalha duro.

A expressão de Laurie-Anne suaviza por um momento, os pés de galinha nos cantos de seus olhos se aprofundando enquanto sua boca se ergue em um sorriso verdadeiro pela primeira vez.

— Ela trabalha. É por isso que quero ter certeza de que nada atrapalhe isso.

— Eu sei. Confie em mim, eu não quero nada mais do que vê-la chegar na Primeira também. Se eu achasse que havia algo para se preocupar, eu diria a você.

Por um momento, acho que ela vai pressionar por mais. Suas sobrancelhas franzem, e ela bate o pé contra o chão de azulejos algumas vezes antes de assentir.

— Tudo bem, eu vou confiar em você. Ah, e se puder, certifique-se de que Madeline não esteja ao lado dessa mesma garota esta tarde.

Mais uma vez, eu tenho que segurar uma risada.

— Verei o que posso fazer.

Eu a observo voltar para a filha antes de levá-la para fora, provavelmente para almoçar no Pita Pit nas proximidades, que é uma escolha popular durante as competições. Eu costumava sentar neste saguão com um sanduíche de presunto embalado em filme plástico e observar as outras garotas jogarem embalagens de Pita Pit na lata de lixo no caminho de volta do almoço com suas mães.

Catherine sempre me manda lidar com as reclamações dos pais porque eu “tenho mais paciência para isso” do que ela, mas, na verdade, não se trata de paciência. Trata-se de superar a irritação e as demandas malucas de ver mães

como Laurie-Anne como elas realmente são: pais preocupados e atenciosos que querem o melhor para seus filhos, mesmo que sua preocupação seja um pouco equivocada.

Se você pode lidar com essa parte deles, eles não são realmente difíceis. Claro, isso é muito mais fácil de fazer quando você pode olhar para a raiva deles e desejar uma mãe que teve que trabalhar menos ou estar bem o suficiente para aparecer em competições.

Pego meu telefone do bolso no momento livre que segue a partida de Laurie-Anne, e meu estômago se revira de arrependimento quando vejo algumas mensagens de texto da minha mãe.

Não é culpa dela.

Repito para mim mesma enquanto leio os textos que narram os dez minutos que ela passou na sala de espera do psiquiatra.

Não é culpa dela. Não é culpa dela.

Ela quer melhorar. Ela finalmente está trabalhando para melhorar, e isso deve ser o suficiente para mim. Eu posso lidar com todo o resto para nós.

Custe o que custar. Não importa o que eu tenha que desistir.

— Kenzie!

Eu olho para cima e enfio meu telefone de volta no bolso enquanto outra mãe se aproxima com sua filha agarrada à sua mão.

Eu aliso meu cabelo e sorrio.

— É a nossa campeã Seann Triubhas! Ótimo trabalho hoje, Amy. Esses shakes foram muito precisos.

A garota cora e arrasta os pés no chão quando as duas param na minha frente.

— Sim, eles foram! — Sua mãe sorri para ela antes de olhar para mim, e meus ombros relaxam quando percebo que essa será uma das conversas mais fáceis. — Você tem alguma ideia de qual é o anúncio especial de hoje, senhorita Kenzie?

Eu pisco.

— Anúncio especial?

A mãe ri.

— Aquele que eles disseram que vão fazer depois do almoço? Suponho que você também esteja no escuro.

— Ah. Sim. Eu devo ter perdido essa.

Catherine e os outros professores não mencionaram nada, então o que quer que seja deve ser novidade para toda a ARS.

É mais provável que seja um sorteio de angariação de fundos. Eles adoram seus sorteios por aqui.

— Bem, nós só queríamos agradecer por todo o seu trabalho duro preparando Amy para hoje — continua a mãe. — Sabe, quando ouvi o boato que Moira Murray estava ensinando este ano, quase verifiquei se poderíamos entrar em uma de suas aulas, mas estou feliz por termos ficado. Vocês, Stewarts, comandam um navio apertado, mas conhecem suas coisas – bem, não que você seja *realmente* uma Stewart, mas você sabe o que quero dizer.

Ela ri e diz obrigada novamente antes de sair. Eu mal posso forçar minha boca a ficar aberta para dizer adeus. Cada palavra que ela disse zumbia em meu cérebro como uma horda de vespas com picadas cruéis.

Tudo o que Moira precisa fazer é existir e as pessoas se aglomeram nela. Ela tem o nome Murray para enganá-los e aquele sorriso ridiculamente fofo para selar o acordo.

Ela deve praticar a ativação de suas covinhas no espelho todos os dias; ninguém é tão fofo sem tentar.

O resto da hora do almoço passa como um borrão. Corro para que todas as minhas alunas troquem de roupa para o próximo conjunto de danças, que exigem uma roupa mais "feminina" chamada Aboyne, que consiste em uma infinidade de saias fofas. Em termos de figurino, a dança das terras altas está muito envolvida em papéis de gênero.

Mal tenho tempo de enfiar uma barra de granola na boca enquanto corro de alfinetes de números para saias xadrez, endireitando faixas penduradas nas costas de coletes de veludo e rendas.

— Hora do anúncio! — Eu grito sobre todas as vozes ecoando na academia de aquecimento depois de ter fixado o número da última garota no lugar. — Alunos da ARS, entrem em fila na minha frente, por favor!

A maioria das minhas alunas mais velhas já foi para o auditório para que todos possamos ouvir o anúncio, mas faço as mais novas me seguirem como um pequeno desfile escocês enquanto as conduzo pelo corredor.

Brody, um dos poucos garotos aqui hoje, está bem atrás de mim, e dou alguns passos para trás para que eu possa ajudá-lo a ajustar o tam muito grande que continua caindo em seus olhos.

Outra peculiaridade das terras altas: os meninos não trocam de roupa e também usam pequenos chapéus adornados com pom-pom chamados tams.

A maioria das pessoas simplesmente aceita todas as tradições e regulamentações ao pé da letra, mas eu sempre questionava meus professores sobre elas quando estava crescendo. Eu sabia desde a minha primeira aula que queria fazer meu próprio mundo estranho de tartã e meia-calça, e isso significava aprender tudo o que havia para saber sobre isso.

Se eu soubesse tudo, ninguém poderia me dizer que eu não pertencia. Ninguém poderia tirar isso de mim.

Conduzo meu desfile para uma fileira livre de assentos no auditório. Acabei de me estabelecer no final quando alguns líderes da Organização de Dança Escocesa sobem ao palco. Há alguns aplausos e brincadeiras, junto com uma demanda por um rufar de tambores que deixa minha fileira de crianças muito animadas em bater nas coxas.

— Temos o prazer de anunciar — uma das mulheres de cabelos grisalhos no palco diz ao microfone, lutando para ser ouvida acima do barulho —, que devido a uma doação anônima extremamente generosa para esse fim, a Organização Escocesa de Dança de Ottawa está oferecendo sua primeira bolsa universitária este ano!

Há outra rodada de aplausos da plateia, mas em vez de participar, me sento mais ereta na cadeira, meus ouvidos se esforçando para captar cada palavra.

— Essa bolsa de estudos — a segunda mulher continua depois de pegar o microfone —, será concedida a qualquer dançarino atualmente matriculado no ensino superior ou que iniciará o ensino superior no próximo outono. Ela será concedida em nossa competição de abril, e os candidatos serão julgados em uma

combinação de resultados da competição desta temporada, trabalho voluntário dentro de nossa organização e um senso geral de caráter e espírito comunitário. Dançarinos de qualquer nível competitivo podem se inscrever. O único requisito é que eles estejam competindo este ano.

Eu afundo de volta no meu lugar. Entre minhas horas no estúdio, meu trabalho de meio período no campus e o tempo que gasto estudando para manter um GPA alto o suficiente para garantir as bolsas que já tenho, não há como ter tempo para sair da aposentadoria e competir.

Provavelmente são apenas algumas centenas de dólares de qualquer maneira – não o suficiente para fazer os problemas financeiros da minha família desaparecerem.

Não o suficiente para afastar a única solução que está me seguindo como uma sombra perseguindo todos os meus passos: abandonar a faculdade.

— Qualquer pessoa interessada pode ver Maureen no saguão para mais detalhes — acrescenta o locutor. — O que estamos realmente empolgados e muito agradecidos em dizer a vocês é que esta bolsa tem um total de quarenta e dois *mil* reais!

Um coro de suspiros e gritos enche a sala, mas mais uma vez, fico em silêncio enquanto todos os meus músculos ficam tensos e uma explosão de adrenalina faz meu coração bater alto e rápido em meus ouvidos.

Quarenta e dois mil reais.

Minha mente começa a correr com cálculos. Quarenta e dois mil reais cobririam tudo que eu preciso. Eu não teria que desistir e passar o próximo ano trabalhando. Eu não teria que perder nem um semestre. Inferno, com uma bolsa de quarenta e dois mil reais em meu nome, eu poderia até poupar o suficiente do meu próprio dinheiro para consertar o carro para sempre desta vez.

Eu ficaria na pista. Eu ficaria no controle.

Por quarenta e dois mil reais, eu arranjaria tempo para sair da aposentadoria e voltar para aquele palco.

CAPÍTULO 3
MOIRA

— Ai h meu Deus, você é um anjo.

Eu tiro o copo de papel das mãos da minha melhor amiga Lydia e abro a tampa para poder inalar o cheiro picante do chá chai. É uma das minhas misturas de outono favoritas, com um toque de maçã doce e açúcar mascavo. Quando Lydia disse que estava esperando no saguão com um copo, não pude resistir a sair da academia de aquecimento para encontrá-la.

— Eu sei que estou adiantada — ela diz enquanto eu sopro o líquido fumegante —, mas se eu esperasse mais para te dizer que eu estava aqui, eu teria acabado bebendo os dois.

Ela mora ao lado da nossa loja de chá favorita em Sandy Hill, e não podemos sair sem tomar uma xícara. A competição está terminando agora, e o chá deve ser nosso combustível para uma caminhada e um bate-papo depois.

— Eles vão entregar as medalhas em breve de qualquer maneira — digo a ela. — Você deveria vir ver minhas crianças ganharem coisas!

— Alguma delas está vestindo fantasias de marinheiro? — ela pergunta com um bufo. — Essas coisas são hilárias.

Eu balanço minha cabeça e empurro a tampa de volta para baixo depois de decidir que o chá ainda está quente demais para beber.

— Nada de Hornpipe hoje.

O hornpipe é uma dança de traje especial que só acontece em algumas competições. Requer uma roupa muito distinta: ou seja, um pequeno chapéu de marinheiro com uma camisa de gola e calças combinando. Lydia sempre morre de rir quando vê.

Ela bufa novamente.

— Você sabe que me mata que exista uma dança chamada *hornpipe*.

Eu desisto e rio junto com ela. Lydia muitas vezes serve como uma verificação da realidade para me lembrar o quão estranha a dança das terras altas pode ser, mas honestamente, a estranheza me faz amá-la ainda mais.

Mesmo no saguão vazio, Lydia se destaca da multidão de dança das terras altas. Ela está vestindo uma jaqueta jeans decorada com alguns bottons coloridos que têm slogans políticos e frases engraçadas impressas neles. Seu jeans skinny com estampa camuflada está preso acima de seus tênis Converse pretos, e seu cabelo castanho curto e ondulado está preso em um pequeno rabo de cavalo para mostrar seu corte inferior.

Já pensei em cortar meu cabelo, que é na altura da cintura, algumas vezes, mas até minha mãe, que sempre apoiou a mim e meus irmãos fazendo o que quisermos com nossa aparência, provavelmente surtaria se eu fosse com algo muito curto para fazer um coque.

Os ideais de dança das terras altas não são exatamente progressivos quando se trata de penteados.

— Devo comprar um novo bottom? — Lydia brinca, apontando para a mesa de um vendedor próximo, onde são exibidos alguns bottons de xadrez com diferentes brasões de famílias escocesas. — Qual desses mais grita “Na verdade,

eu sou judia” para você?

Eu rio e balanço a cabeça.

— Eu não sei por que eles vendem isso. Quase ninguém aqui tem um sobrenome escocês. *Qualquer um* pode dançar as danças das terras altas.

— Você está me dizendo que eu não tenho que ser uma menina bonnie pequenina para dançar ao som da gaita? — ela diz com uma voz que mal consigo distinguir como uma terrível tentativa de sotaque escocês. Ela estende a mão para puxar a ponta do meu laço de cabelo xadrez para dar ênfase.

— Sua tonta — eu digo enquanto afasto a mão dela. — Vamos, vamos perder os prêmios.

Eu começo a liderar o caminho para o auditório, mas faço uma pausa quando passamos pela mesa de informações da ODEO, onde uma mãe voluntária de aparência entediada está absorta em seu telefone. Existem alguns cartazes sobre associações e alguns panfletos informativos, mas o que me chama a atenção é o pequeno cavalete que foi adicionado à exibição desde esta manhã. O papel azul claro encostado nele explica os detalhes da bolsa de estudos.

— E aí? — Lydia pergunta quando ela olha para trás depois de perceber que não estou ao lado dela.

Sua voz faz a voluntária olhar para cima. Ela sorri para mim.

— Ah, oi, Moira, querida. Não é uma notícia maravilhosa? Sempre achei que deveríamos criar uma bolsa de estudos, mas as taxas de associação mal nos mantêm à tona como está.

— É maravilhosa — eu respondo. — Alguém foi muito generoso.

Isso é tudo sobre o que se pode falar: a misteriosa fonte dos quarenta e dois mil reais. Dado o tempo que os “segredos” geralmente duram por aqui, o doador teria que ser verdadeiro e completamente anônimo para evitar que sua identidade se tornasse um boato em menos de uma semana.

Estou feliz por haver algo mais interessante para todos falarem do que meu retorno abrupto da África do Sul.

— E alguém vai ser um aluno de muita sorte — acrescenta a voluntária. — Não são muitos os dançarinos que continuam competindo na faculdade. Com você e Kenzie fora do palco este ano, só consigo pensar em… bem, não em muitos.

Ela me entrega o papel informativo azul, e vejo algumas cópias extras empilhadas atrás dele.

— Fique com isso e leia de novo — ela me diz. — Talvez isso faça você dançar novamente. Foi o que eu disse a Kenzie quando ela pegou um. Você dança uma linda Lilt, Moira. Eu adoraria ver você no palco novamente.

Quase não pego o elogio. Estou muito ocupada focando no que ela disse sobre Kenzie.

— Hum, obrigada — eu gaguejo. — Obrigada. Kenzie disse se está se candidatando?

— Só que ela estava pensando sobre isso — ela responde. — Eu espero que você também.

Concordo com a cabeça e olho para a página novamente antes de dizer adeus e alcançar Lydia.

— Sobre o que é isso? — ela pergunta, pegando o papel da minha mão antes

que eu possa responder. — Oooh, uma bolsa de estudos! Caramba, quarenta e dois mil?

— Sim, é muito — eu digo, minha voz distante. Ainda estou fixada na ideia de Kenzie se candidatar. — Eles anunciaram isso hoje.

— Ah, meu Deus. — Lydia para de andar quando chegamos às portas fechadas do auditório, o papel tremendo em suas mãos enquanto ela cobre a boca com a outra mão.

— O quê? — Eu exijo enquanto ela continua tentando abafar o riso.

— Diz… diz… — ela engasga entre risadinhas —, diz: "Espera-se que os candidatos sejam voluntários regularmente em eventos como nossos bailes comunitários e… e… T-T-Tartã… T-Tartã… *Chás*."

Ela explode em uma gargalhada alta que me faz chegar para calá-la.

— D-desculpe — ela sussurra enquanto continua a tremer de tanto rir —, mas Moira, o que diabos é um *chá* Tartã?

Suspiro e reviro os olhos, mas estou começando a rir também.

— É essa coisa de arrecadação de fundos que eles fazem a cada poucos meses. As pessoas compram ingressos e…

Eu paro no meio da frase quando o som de passos atrás de mim chama minha atenção. Olho por cima do ombro e congelo.

Kenzie também fica imóvel, parando a alguns metros de nós. Seus olhos vão e voltam entre mim e Lydia antes de eu seguir seu olhar para onde ele pousa no papel azul nas mãos de Lydia.

Eu olho para ela e juro que vejo seu lábio se contorcer.

— Você está bloqueando a porta. — Sua voz é baixa e atada com gelo.

— Ah, desculpe — Lydia responde. Ela recua alguns metros, mas eu levo alguns segundos para fazer o mesmo.

Eu nunca vi alguém parecer tão afiado quanto Kenzie agora. Ela é como uma lâmina de barbear humana, seu rosto já anguloso esculpido por um desprezo que a leva da boa aparência altiva ao território de super-vilões.

Meu corpo inteiro parece estar esquentando enquanto ela me encara. O ar entre nós está carregado… até magnético. Não sei dizer se a corrente está nos aproximando ou nos afastando. Por um momento, não consigo nem dizer qual desses eu quero mais. Algo em seus olhos me impede de piscar, como se houvesse um cordão esticado entre nós que pudesse se partir em dois se eu o fizesse.

— Eu jogaria isso fora se eu fosse você — diz ela enquanto se aproxima. Ela abaixa o queixo para indicar o papel nas mãos de Lydia, mas seus olhos não deixam os meus. — É apenas para estudantes universitários, e ouvi dizer que você tem o hábito de desistir.

Eu engulo e deixo a dor se instalar no meu peito antes de responder.

— Ouvi dizer que você tem o hábito de reutilizar os mesmos insultos. Isso é realmente tudo o que você tem em mim, Kenzie?

Ela inclina a cabeça.

— Eu preciso de mais alguma coisa, Moira?

— Se você quer me impedir de ir atrás dessa bolsa, então sim, você precisa.

Ouço Lydia pigarrear atrás de mim, mas não me viro. Eu ainda não pisquei. Nem Kenzie.

— Quem disse que eu quero parar você?

Soltei uma risada curta e concisa. O sangue está correndo em meus ouvidos, e mesmo que eu não me importasse com isso cinco minutos atrás, ganhar essa bolsa agora parece que seria a coisa mais satisfatória do mundo.

— Claro que quer, ou você não teria me dito para jogar o papel fora.

— Você sabe o que, Moira? — Ela se aproxima ainda mais, perto o suficiente para eu ver as sardas em seu nariz. — Eu quero que você se candidate a esta bolsa de estudos. Eu *adoraria* ter a chance de mostrar a todos que não preciso de um tornozelo quebrado para te vencer.

Ela está tão perto agora que posso ver que ela está respirando com dificuldade, suas narinas dilatadas e seu peito arfando como o meu. Ela é alguns centímetros mais alta do que eu, e levanto meu queixo para nivelar meu rosto com o dela.

— Você não pode me vencer, Kenzie. Nós duas sabemos disso.

Minhas palavras pairam no ar, preenchendo o espaço entre nossos lábios. Seus olhos ficaram tão escuros que estão quase pretos.

— Observe-me — ela sibila.

E então ela se foi, girando para abrir a porta do auditório e desaparecer dentro. A maçaneta se encaixa de volta no lugar atrás dela, e eu pisco no espaço onde seus lábios estavam apenas alguns segundos antes.

— *Puta. Merda*. — A voz de Lydia me faz pular. Ela agarra meu braço, e eu me viro para encontrá-la olhando para mim com os olhos arregalados e um sorriso enorme e exultante em seu rosto. — Ok, você *tem* que transar com ela.

— Lydia! — Eu a calo e olho para as mesas dos vendedores, mas ninguém está prestando atenção.

— Estou falando sério — Lydia continua, sem ser impedida pela ameaça de alguém ouvindo. — Você sabe, a última vez que a vi, nós tínhamos o que, dezesseis anos, certo? Ela era linda antes, mas agora... quero dizer, *caramba*. Além disso, vocês duas têm uma séria tensão sexual. Achei que vocês iam começar a fazer aquilo bem aqui no chão na minha frente.

— Lydia! — Eu envolvo minha mão ao redor de seu cotovelo e a arrasto para longe o suficiente pelo corredor mais próximo para estar fora do alcance de qualquer outra pessoa. Estarei perdendo o início dos prêmios nesse ritmo, mas não posso ir lá sem resolver isso. — Eu *não* quero transar com Kenzie — insisto, acenando com as mãos no ar para indicar o quão insana é a ideia. — Ela é, tipo, minha inimiga mortal, lembra? Você sabe disso. É meio que um dos temas constantes da minha vida. Ela é má.

Lydia acena com a cabeça, aquele sorriso eletrizado ainda esticando suas bochechas.

— Sim. E gostosa. Tão gostosa.

Eu gemo e caio contra o armário atrás de mim.

— Você deveria estar do *meu* lado.

— Ah, eu estou. Estou totalmente. — Ela se junta a mim contra a parede e dá um tapinha no meu ombro. — Ela é uma merda, mas eu acho que vocês duas têm alguma… *energia* entre vocês que você realmente precisa fazer algo sobre. Quero dizer, você disse a ela que vai se candidatar a uma bolsa de estudos e tenho certeza de que você não tem um interesse genuíno em apenas irritá-la. Não

seria menos trabalhoso transar e acabar com isso?

— Nós não vamos transar, Lydia!

— Quero dizer… — Ela olha através do corredor e torce um dedo em torno de seu pequeno rabo de cavalo curto. — Pode ser exatamente o que você precisa depois de toda a coisa da Savannah.

Eu estremeço, todos os meus músculos se contraindo ao som de seu nome.

Lydia morde o lábio e me observa pelo canto do olho.

— Desculpe. Eu não deveria ter mencionado isso.

— Não, está tudo bem. — Eu suspiro e me concentro em afrouxar meus punhos. Até meus dedos dos pés se dobraram em meus sapatos, tudo de mim contraindo e encolhendo com as memórias. — Faz meses. Eu deveria… eu deveria ter superado isso.

Lydia me convenceu a ir junto e realizar o sonho de sua vida de viajar pelo mundo por um ano depois do ensino médio. Viajamos pela Europa, Austrália e, finalmente, África do Sul, onde conheci minha ex-namorada, Savannah. Em uma típica mudança de lésbica, acabei mudando toda a minha vida para ficar com a primeira garota com quem namorei seriamente e me juntei ao projeto voluntário dela em Joanesburgo.

De maneira semelhante à mudança, não terminou bem.

Lydia se aproxima o suficiente para encostar o ombro no meu.

— Não foi isso que eu quis dizer, Moira. O que ela fez com você foi uma merda. Claro que ainda dói.

— Não é o que ela fez que dói mais — murmuro enquanto olho para as pontas dos meus sapatos. — É o que ela disse.

Estou de volta a Ottawa desde junho e ainda ouço a voz de Savannah em loop na minha cabeça quando deito na cama à noite.

Ainda posso vê-la de frente para mim em nosso minúsculo apartamento em Joanesburgo, de pé do outro lado da nossa cama com o colchão entre nós, como se ela não suportasse nem ficar perto de mim.

Tecnicamente, era sua cama. Tecnicamente, quase tudo no apartamento era, e ela não deixou de me lembrar disso quando me largou depois que a peguei me traindo.

Aparentemente, a traição foi minha culpa. Aparentemente, eu não tinha objetivos suficientes ou personalidade suficiente para mantê-la interessada. Aparentemente eu não era o suficiente.

— Lydia, ela me chamou de…

— Não importa como ela te chamou — ela interrompe. — Nada daquilo era verdade.

Abro a boca, pronta para protestar novamente, mas Lydia franze os lábios, inclina o queixo para baixo e sacode um dedo para mim. A combinação completa de gestos é algo que ela gosta de chamar de "olhar de desaprovação da mãe judia".

É muito eficaz.

— Ok, ok — eu resmungo, meus ombros caindo enquanto me viro para nos levar de volta para a porta do auditório.

— Aqui. — Lydia agarra meu ombro quando estou prestes a pegar a maçaneta e enfia o papel azul em minhas mãos. — Pegue isso e leve minha

opinião não solicitada junto com ela. Se você não vai transar com Kenzie, você deveria pelo menos vencê-la nisso.

CAPÍTULO 4
KENZIE

EU canto junto com a música dos Cold War Kids tocando nos meus fones de ouvido. Consigo distinguir os gritos abafados dos jogadores de Frisbee a poucos metros de distância enquanto mergulham e saltam para pegar o disco no amplo gramado do parque.

O sol está batendo na minha nuca, me fazendo reconsiderar meu suéter de tricô grosso e minha escolha de pegar uma mesa de piquenique sem sombra. Eu sei que levará apenas alguns meses antes de estarmos todos amontoados lá dentro como esquilos hibernando, então, em vez de me mover, inclino meu rosto para o céu azul claro e respiro fundo.

Posso sentir o cheiro de grama cortada e um rastro do perfume de baunilha que passei sob minhas orelhas antes de sair do campus.

Essa parte do Major Hill Park esconde a maioria das ruas movimentadas da cidade que cercam os gramados e jardins. À minha esquerda, posso ver uma parte dos prédios do parlamento sentados em um afloramento bem acima do rio Ottawa. Depois de um dia correndo para as palestras lotadas e depois me esforçando por um turno no barulhento e incrustado refeitório do campus, este parque sempre parece um pedaço do céu.

Eu me concentro novamente no livro na minha frente e continuo com a leitura designada. Minhas aulas de sociologia subiram de nível agora que estou no terceiro ano, e sei que são apenas uma amostra da carga de trabalho que me espera quando finalmente puder iniciar meu mestrado em Serviço Social.

Eu tenho tudo mapeado desde antes mesmo de terminar o ensino médio. Tenho datas e requisitos para cada etapa do caminho para conseguir meu primeiro emprego real no campo o mais rápido possível. Tudo o que tenho a fazer é garantir que cada um deles aconteça em perfeita ordem.

Tudo o que tenho a fazer é manter o controle.

Isso parece estar ficando mais difícil a cada hora. Dois dias atrás, descobri que eles estão cortando a maioria dos meus turnos no refeitório devido a um problema de excesso de pessoal. Minha mãe também não estava exagerando quando disse que o carro mal chegou à consulta na semana passada; agora está em mais uma rodada de reparos que não podemos pagar. Não há disponibilidade para eu fazer horas extras no estúdio de dança, e duvido que exista algum outro emprego de meio período que se encaixe em todas as demandas atuais da minha agenda.

Quarenta e dois mil reais começaram a soar cada vez mais como um feitiço mágico a cada dia que se passou desde a competição nas terras altas.

Quarenta e dois mil reais me permitiriam fazer os cursos de verão para os quais preciso me inscrever. Eu me formaria na hora certa. Eu iria para a pós-graduação na hora certa. Eu finalmente começaria a viver minha vida em vez de raspar e arranhar como se houvesse um poço preto sem fundo aparecendo sob meus pés a qualquer momento.

Arrependimento aperta meu estômago assim que o pensamento entra em minha mente; quando penso em estar em casa com minha mãe, às vezes um poço

profundo e escuro é a primeira imagem que evoco, e eu me odeio por isso.

Não é culpa dela.

Ela está tentando. Ela foi a sua consulta. Ela até pegou sua receita sem que eu precisasse lembrá-la. Ela quer melhorar.

Eu tento não pensar em todas as outras vezes que ela pareceu virar uma esquina e acabou de volta onde ela começou. A culpa me faz empurrar meu livro e pegar meu telefone para ver se ela me mandou uma mensagem.

Minha tela de bloqueio é um design genérico de ombre azul, mas o fundo muda para uma selfie minha e de Chris depois que eu coloco minha senha. Eu devia ter uns quatorze anos na época, com delineador preto excessivo e torto. Ele está com o braço em volta dos meus ombros, e nós dois estamos rindo tanto que nossos rostos estão um pouco embaçados.

Eu deveria mudar a foto para outra coisa, mas em vez disso me agarro à faísca de felicidade que sinto cada vez que a vejo, logo antes da mágoa me atingir.

Tudo era muito mais simples antes, antes do pai de Chris deixar minha mãe, assim como *meu* pai deixou minha mãe anos antes disso.

Não há mensagens dela, mas meu calendário me forneceu um alerta sobre a reunião da bolsa de estudos da OEDO hoje à noite. Todos os candidatos em potencial devem se reunir com um dos membros da associação para fazer perguntas e se inscrever formalmente como participantes.

Alguns dias atrás, eu nem tinha certeza se faria isso. O compromisso de tempo que seria necessário para passar o ano letivo inteiro atrás de uma bolsa de estudos que eu poderia não ganhar é uma grande aposta, mas perder metade das minhas horas no refeitório mudou a equação.

Assim como Moira Murray.

Minha mão aperta meu telefone enquanto penso em nosso pequeno confronto fora do auditório. Eu não deveria ter falado com ela, mas assim que vi o papel da bolsa de estudos, aquela sensação de um abismo gigante dividindo o chão debaixo de mim me atingiu com tanta força que fui direto para o lado da luta da minha resposta de lutar ou fugir.

Ela era uma ameaça, e ela estava indo atrás de algo que eu precisava só porque ela podia. Não importava se essa era uma maneira totalmente irracional e dramática demais de pensar sobre isso. Quando se trata de Moira, a razão sempre encontrava uma maneira de fugir e me deixar correndo por puro instinto.

Eu odeio isso. Eu me mantenho sob controle em torno de todos os outros. Eu seguro tudo. Até mesmo Chris sempre me cutucava com os cotovelos ou me dava um tapinha na cabeça enquanto me dizia para *me abrir*. Às vezes eu me abria com ele, mas era sempre uma escolha. Eu escolhi confiar nele com meus sentimentos porque ele parecia mais seguro do que qualquer um que eu já conheci.

Quando se trata de Moira, geralmente estou assobiando meus sentimentos na cara dela antes mesmo de perceber que estou fazendo isso. Se alguém tivesse aparecido naquele momento do lado de fora do auditório e nos pedido para apostar tudo de nossas contas bancárias em competir uma com a outra pela bolsa, há uma grande parte de mim que teria saltado para fazer isso sem pensar duas vezes.

Eu preciso dos meus segundos pensando. Não tenho espaço na minha vida para erros.

Eu escuto o baque de sangue batendo em meus ouvidos enquanto desligo minha música e olho o horário do ônibus no meu telefone. Tenho cerca de quinze minutos antes de precisar ir para o café Westboro, onde a reunião está sendo realizada, mas começo a empacotar meus livros depois de desligar a tela. Não há como processar nenhuma informação nova agora, e posso revisar algumas anotações de aula na viagem de ônibus para compensar o tempo perdido.

Entro em um dos ônibus vermelhos e brancos da OC Transportes na Rua Rideau. Todos os assentos estão lotados, então desisto do meu plano de estudo e coloco meus fones de ouvido de volta antes de agarrar um dos postes de apoio e balançar junto com os movimentos do ônibus.

A mesma música dos Cold War Kids toca. Eu repeti o álbum inteiro por dias, mas “First” é minha faixa favorita. Eu ouço o cantor falar sobre queimar uma vela em ambas as extremidades enquanto o baque e o estalo da bateria se arrastam como uma marcha constante apenas à beira de irromper em uma desordem selvagem e deslumbrante.

O ônibus fica lotado até a estação Westboro. A noite esfriou um pouco quando saio, e fico grata pelo meu suéter grosso enquanto sigo para a rua principal a pé. As lojas aqui têm uma vibe muito “mamãe na moda”; o café em que estamos nos encontrando parece ter sido construído especificamente para frequentar pré e pós-hot yoga. Eu entro no interior branco e verde menta e examino as mesas e bancos do bistrô em busca de qualquer sinal de pessoas que eu reconheça.

— Kenzie! Estamos aqui!

Eu me viro ao som do meu nome e vejo uma grande mesa branca perto da janela da frente ocupada por algumas dançarinas das terras altas. Candice, o membro da associação encarregada de administrar o programa de bolsas, está acenando para mim.

— Estou tão feliz em ver você, Kenzie — diz ela quando me aproximo, as linhas ao redor de seus olhos se aprofundando quando ela sorri. — Nós estávamos falando sobre como seria ótimo ter alguns de nossas dançarinas mais velhas de volta ao palco.

Com base na reação das duas meninas e suas mães sentadas com Candice, o entusiasmo pertence a ela e somente a ela. Duvido que os jovens de dezessete anos estejam tão empolgados para competir contra uma instrutora completa, e as caretas nos rostos das mães deixam claras suas atitudes compartilhadas.

— Você quer pedir alguma coisa, Kenzie?

Candice acena para o balcão atrás de mim, e eu me viro para olhar os letreiros pendurados no teto. Os preços refletem o quão moderno o lugar é.

— Eu estou bem com água — eu digo depois de me virar e ver a jarra e os copos na frente delas.

Sento em um dos bancos de madeira que revestem a mesa e pego um copo para mim. Candice continua uma conversa sobre a liderança atual da associação com uma das mães enquanto esperamos a hora de início da reunião chegar.

Concordo com a cabeça como se estivesse ouvindo, mas meus olhos continuam indo para a janela atrás de Candice. A rua é banhada pela luz

alaranjada do sol poente, e observo o brilho refletido nos rostos dos pedestres enquanto os observo para um vislumbre de Moira.

Meu peito está apertado, e meu estômago dá uma cambalhota cada vez que vejo uma mulher com longos cabelos castanhos. Não sei com o que estou mais nervosa: Moira aparecendo ou Moira não aparecendo.

A vida seria muito mais fácil se ela não aparecesse, é claro, mas percebo qual é a sensação de aperto no meu estômago assim que Candice bate palmas e diz que devemos começar.

Estou desapontada. Tenho todos os motivos para estar emocionada. No que diz respeito à parte de habilidades de dança da bolsa de estudos, estou basicamente topando tudo neste momento, mas em vez da onda quente de satisfação, sinto que tomei um dos lattes espumosos e fumegantes que posso pagar arrebatado das minhas mãos.

É o mesmo que senti quando Moira quebrou o tornozelo na Escócia há dois anos. Isso tornou minha vida mais fácil, mas também significava que eu não poderia vencer.

— Vocês duas estão indo para a universidade no ano que vem, certo?

Eu sintonizo de volta na conversa enquanto as duas adolescentes na mesa acenam para responder Candice. Ela olha para mim em seguida.

— E você está no seu segundo ano agora, Kenzie?

Agarro o copo frio segurando minha água. Gotas de condensação se formaram nas laterais.

— Acabei de começar meu terceiro.

Uma das mães faz um som em algum lugar entre uma zombaria e um grunhido. Candice olha para ela e abre e fecha a boca algumas vezes como se não tivesse certeza de como responder à resposta da mulher das cavernas.

— Eu simplesmente não vejo como isso é justo — a mulher finalmente diz. Percebo sua filha se encolhendo de vergonha ao lado dela. — Você tem adultos competindo pela mesma bolsa de estudos que crianças.

Tecnicamente, sua filha será uma adulta legalmente no momento em que alguém usar o dinheiro da bolsa de estudos, mas eu meio que entendo seu ponto.

— Bem, Linda, o objetivo desta bolsa em particular é encorajar dançarinos mais velhos a continuar participando de nossa comunidade. Vemos uma grande queda nos números quando os alunos chegam ao ensino médio e, além do ensino médio, quase não há concorrentes. Queremos manter as terras altas viva para todas as idades. É por isso que estamos exigindo que todos os participantes da bolsa tenham pelo menos idade suficiente para ir para a universidade no próximo outono. Holly sempre pode participar no próximo ano se você não achar que este ano é uma boa opção.

Ela diz isso com um sorriso, mas posso dizer que Candice é uma veterana de aço quando se trata de lidar com mães dançantes menos do que felizes.

— Então esta bolsa estará disponível no próximo ano? — a mãe pergunta.

— Bem… — Candice toma um gole de seu café com leite. — Não temos certeza se conseguiremos outra doação desse tamanho, mas, independentemente disso, gostaríamos de priorizar a oferta de algum tipo de bolsa todos os anos a partir de agora.

A mãe da segunda adolescente se aproxima um pouco e baixa a voz como se

houvesse espiões em kilts escondidos atrás do balcão do café.

— Você sabe quem fez a doação, Candice?

Uma expressão pintada toma conta do rosto de Candice. Ela limpa a garganta antes de falar novamente, sua voz tensa como se fosse um golpe para sua dignidade admitir o que ela diz em seguida.

— Não fui considerada necessária para receber essa informação.

É preciso tudo o que tenho para segurar uma bufada e evitar tomar banho na mesa com uma cusparada.

A política da Organização de Dança Escocesa de Ottawa é genuinamente hilária se você tiver o senso de humor certo.

Ainda estou lutando para conter uma risada quando o rangido da porta do café se abrindo distrai Candice de sua admissão mortificada. Sua careta se transforma em um sorriso quando ela levanta a mão em um aceno.

Não preciso olhar para ver quem é. A maneira como meus músculos ficam tensos quando minha frequência cardíaca aumenta deixa claro: Moira Murray entrou no ringue.

— Moira, querida! Que surpresa! Estou tão contente por te ver.

A mudança instantânea na atitude de Candice apenas torna meu próprio humor ainda mais sombrio. Minha mandíbula está apertada e minha pele parece pequena demais para o meu corpo.

Tudo o que Moira precisa fazer é entrar em uma sala e todos se derretem por ela. Ela sempre teve esse efeito em todos, desde juízes de competição até crianças de cinco anos que precisam de um abraço.

Eu nunca fui assim. Eu sei que chamo a atenção e sei que sou uma boa treinadora, mas não faço as pessoas amolecerem do jeito que ela faz. Não os faço se agarrar a mim e clamar por minha atenção como se estivessem se agarrando ao próprio sol.

Eu não os faço ficar por perto.

— Desculpe o atraso, Candice. Eu não percebi que mudaram a antiga rota de ônibus que vem aqui.

Moira entra em minha visão periférica, e eu a vejo se virar para examinar as tábuas acima do balcão.

— Ah, cara — diz ela, como uma espécie de desenho animado adorável e irritante. — São muitas opções. Eu provavelmente deveria pular a bebida e evitar nos atrasar ainda mais. Desculpe novamente, todos.

Candice acena com seu pedido de desculpas.

— Não seja boba. Arranje algo bom. Eles fazem um ótimo mocha aqui.

Depois de alguma insistência de todos os outros, Moira ri para concordar e vai para o balcão. Faço uma rápida avaliação da mesa e percebo que, a menos que ela mova dramaticamente sua cadeira para se sentar no final, o único lugar restante para Moira é bem ao meu lado.

Minha coluna já rígida de alguma forma se transforma em ainda mais uma barra de aço nas minhas costas.

A parte de mim que se enrolou em decepção quando ela não apareceu agora levantou a cabeça e começou a bater os cascos como um cavalo de corrida no portão.

É a parte de mim que sempre fica fora de controle quando ela está por perto.

Controle. Não deixe ela chegar até você.

Essa ordem passa despercebida cerca de noventa segundos depois, quando ela aparece ao meu lado com uma caneca nas mãos e profere um falso alegre:

— Oi, Kenzie. Vejo que ainda está interessada na bolsa de estudos.

Eu considero me desculpar para jogar meu copo de água gelada na minha própria cabeça. Eu realmente poderia usar alguma maneira de neutralizar o calor sob minha pele.

Ela pode fazer todo mundo derreter, mas ela me faz queimar como um incêndio na floresta – sem restrições e sem discernimento, pronta para acender qualquer coisa que esteja em seu caminho.

— Obviamente — eu digo com a mandíbula apertada.

Eu vejo o resto da mesa se mexer em desconforto com a força do meu tom, e eu me obrigo a soltar a coisa mais próxima de uma risada amigável que posso conseguir.

— Então, voltamos a ser concorrentes, hein? — Eu pergunto, indo de brincadeira ameaçadora em vez de ficar furiosa desta vez.

Isso deixa Candice e companhia à vontade o suficiente para rir enquanto Moira se senta.

Eu posso sentir a doçura leitosa de sua bebida daqui. O cheiro é tingido com algo frutado, e quando Candice começa a falar novamente, percebo que estou sentindo o cheiro de xampu no cabelo levemente úmido de Moira. Ela deve ter tomado banho antes disso.

Pelo canto do olho, vejo que ela prendeu os longos cabelos castanhos com mechas emoldurando seu rosto. O resto está solto sobre os ombros de sua jaqueta militar verde. Seu cabelo é mais grosso que o meu, os fios secando com uma leve ondulação.

Percebo que essa pode ser a primeira vez que a vejo em outro lugar que não seja uma competição ou performance. É definitivamente uma das poucas vezes que a vi em algo além de roupas de aquecimento ou uma fantasia de dança.

Ela é linda.

O pensamento surge na minha cabeça enquanto eu lanço outro olhar para a forma como o cabelo dela se enrola em volta das orelhas, e eu não sei o que me faz sacudir um pouco na minha cadeira: o choque de pensar isso, ou o choque de perceber como é verdade.

— Eu tenho algumas cópias dos requisitos oficiais aqui — diz Candice, me puxando de volta para o assunto em mãos enquanto ela folheia a pasta que ela abriu na mesa. — Aqui vamos nós. Cada uma pode pegar um.

Ela passa as cópias do documento de duas páginas, e eu tiro meu foco de Moira para escanear os títulos e listas de pontos. A maioria das seções repete o que já nos foi dito sobre a bolsa, mas a segunda página é preenchida com uma lista do material que precisamos enviar para ser elegível.

A seção de competição de dança parece fácil. Só precisamos participar da ODEO, ou seja, não terei que sair da cidade. Eu respiro fundo de alívio quando leio isso. De jeito nenhum eu poderia ter feito competições em Toronto ou Montreal.

A próxima seção é uma lista de eventos sugeridos para voluntariado na comunidade das terras altas. Não há requisito mínimo, mas recomenda fazer o

máximo possível. As sugestões incluem os eventos de arrecadação de fundos do Chá Tartã da associação, alguns eventos culturais escoceses locais e vitrines para as escolas de dança das terras altas da cidade.

A terceira seção é o que mais me deixa desanimada. Chama-se "Caráter Pessoal" e todos os três itens são obrigatórios. Precisamos enviar um ensaio sobre o que a dança das terras altas significa para nós, uma visão geral de como o dinheiro beneficiará nossos estudos e algo chamado "entrevista com pares".

— Uau — Moira diz baixinho ao meu lado —, isso é muito.

— Sim — eu sussurro de volta antes que eu possa me impedir. — Estou procurando a parte em que diz que temos que oferecer a eles nosso filho primogênito.

Todo mundo está muito ocupado conversando para me ouvir, mas Moira solta uma risada suave.

Olho do meu jornal e a encontro me observando.

Eu pisco.

Ela pisca.

Nós duas olhamos para nossos papéis novamente.

Não deixe ela chegar até você.

Não estou caindo no feitiço de Moira Murray como todo mundo. Eu não preciso que ela sorria para mim com seu sorriso com covinhas ou ria das minhas piadas. Não quero que ela sorria para mim.

Ou eu a quero fora desta competição, ou quero a satisfação de vencê-la a cada passo do caminho. Momentos fofos de ligação não vão me ajudar a chegar lá.

— Vou entrar em um pouco mais de detalhes, mas há alguma pergunta antes de continuar? — Candice pergunta, olhando ao redor da mesa.

Eu limpo minha garganta.

— Em que consiste a entrevista com pares?

— Ainda bem que você perguntou, Kenzie. Eu estava prestes a falar disso. Essa parte vai ser muito divertida. É uma espécie de projeto de grupo.

Qualquer um que associe projetos em grupo com diversão tem uma definição de diversão muito diferente da minha. Algo na maneira como os olhos de Candice se iluminam quando ela bate o dedo em sua pasta me diz que eu *realmente* não vou gostar do que ela diz em seguida.

— Vocês vão se juntar e entrevistar uma a outra! Achamos que seria muito mais divertido vocês fazerem desse jeito do que por conta própria. Vocês filmarão suas entrevistas, e nós exibiremos os vídeos na próxima competição para que todos conheçam um pouco melhor os candidatos. Os juízes das bolsas vão usá-los para conhecer você também.

— Nós escolhemos nossas parceiras? — A voz de Moira soa quase tão tensa quanto eu me sinto. Seu tom animado de sempre está se esforçando para ficar equilibrado, mas se Candice percebe, ela não reage.

— Bem, já que você e Kenzie são profissionais tão antigas, eu pensei que seria adorável conversar uma com a outra, e podemos deixar essas garotas mais jovens fazerem parceria também. Até agora, são apenas vocês quatro que parecem seriamente interessadas.

Pelo menos eu sei que Moira não está mais feliz com isso do que eu; eu vejo sua mão se fechar em um punho em cima da mesa, e posso sentir a tensão saindo

dela em ondas.

Como se estivéssemos conectadas psiquicamente por inimizade mútua, posso dizer que ela está pensando exatamente a mesma coisa que eu: se esta entrevista é para ser uma demonstração de "caráter pessoal", vamos acabar com pontos negativos assim que os juízes verem exatamente o que nossos *caracteres* se transformam em torno da outra.

— Parece bom para mim — uma das mães gorjeia antes que Moira ou eu possamos dizer qualquer outra coisa.

Não que haja mais alguma coisa a dizer. Eu pelo menos tenho o autocontrole para saber que dizer "eu não gosto de Moira" não é a coisa socialmente aceitável a se fazer aqui.

Meu estômago começa a dar nós, e eu cerro minha mandíbula enquanto Candice bate palmas como se todos a tivéssemos encantado.

— Perfeito! Estou muito animada para ver os resultados. Vocês são todas modelos para nossas dançarinas mais jovens, e esta será uma ótima maneira de mostrar a elas o que as terras altas podem fazer por suas vidas se elas continuarem. Não há perguntas ou formatos obrigatórios, então fiquem à vontade para serem *criativas*!

Ela diz a última palavra com todo o entusiasmo de uma professora de arte de uma escola primária soltando uma horda de crianças de seis anos em alguns giz de cera e cartolina, mas eu me sinto mais como se tivesse jogado uma caneta de caligrafia e me dito para desenhar uma mandala com as mãos amarradas nas costas.

Concentro-me em falar com algum sentido para mim mesma enquanto Candice examina os outros itens da lista. Eu sei que estou sendo dramática. Moira provavelmente só está aqui porque eu a instiguei, e preciso aceitar as consequências. Por mais infantil que ela me faça sentir, somos ambas adultas. Ambas temos responsabilidades nesta comunidade. Temos reputações a zelar e escolas que representamos.

Não sei se ela precisa do dinheiro como eu. Tenho certeza de que não, mas nós duas temos motivos claros para levar essa bolsa a sério se formos em frente. Nós duas temos motivos para manter o controle de tudo o que acontece quando estamos perto uma da outra.

Isso é o que eu continuo dizendo a mim mesma enquanto Candice encerra a reunião vinte minutos depois e esfrega as mãos como se estivéssemos prestes a sair em uma jornada selvagem e desconhecida juntas.

O que, de certa forma, estamos.

— Então, meninas — diz ela, parando um momento para olhar cada uma das potenciais candidatas nos olhos —, o que vocês dizem? Estão dentro?

Digo a mim mesma para ficar calma, para controlar, mas ainda me inclino para frente e empurro meu queixo para baixo em um aceno de cabeça como se estivesse esperando uma arma de partida.

— Sim — eu respondo, com um toque de força demais, exatamente ao mesmo tempo que Moira diz exatamente a mesma coisa.

O canto da minha boca levanta apenas uma fração de centímetro, e o calor que está queimando como carvões quentes sob minha pele faísca e estoura antes de explodir em chamas saltitantes.

Eu não vou deixá-la chegar até mim, mas caramba, será bom vencer ela.

CAPÍTULO 5
MOIRA

Kenzie está atrasada.

Estou quase terminando o café gelado, fui em frente e pedi quando ela me avisou que estava atrasada. Isso foi há vinte minutos, e não ouvi nada desde então.

Eu considero tomar outra bebida, mesmo que a cafeína vá me deixar acordada até as três da manhã neste momento da noite. O Starbucks em que estou esperando está quase vazio e, se não fosse pelo café, tenho certeza de que o brilho quente das lâmpadas no teto e a lista de reprodução folclórica relaxante nos alto-falantes me faria cochilar.

Ainda não me adaptei à vida de estudante universitária que também passa a maior parte das noites trabalhando como professora de dança. Eu fico acordada até muito tarde e acordo muito cedo, então passo os fins de semana dormindo e ficando ainda mais fora do meu horário de sono antes de fazer tudo de novo.

Eu não sei como outras pessoas encaixam uma vida social em suas agendas também. Estamos no início de outubro, e a única coisa que fiz além de ir para a faculdade e ir ao estúdio foi tomar um chá rápido com Lydia, durante os quais estudamos.

Não estou contando esta sessão de preparação para bolsa de estudos com minha inimiga mortal como um evento social. Isso soa muito triste e desesperado.

Desesperada.

Essa foi uma palavra que Savannah usou para mim, especificamente na frase "você está tão desesperada por validação que mantém as pessoas felizes com toda a sua identidade".

Eu *sei* que essa não é minha identidade inteira, mas ouvir isso da garota por quem mudei de continente depois de apenas alguns meses de namoro não foi um ponto a meu favor.

Como minha mãe tentou apontar pacientemente apesar de eu me recusar a ouvir, eu não gostava tanto da África do Sul e não tinha planos de desistir da universidade e fazer um programa de voluntariado de doze meses em Joanesburgo antes de me apaixonar por uma garota que já estava fazendo ele.

Além disso, eu nem estaria na África do Sul para começar se não tivesse acompanhado o ano sabático de Lydia depois que ela me implorou para ser sua companheira de viagem, porque ei, talvez eu também precisasse da validação dela.

Eu estaria aqui, em Ottawa, trabalhando para a escola de dança dos meus pais como fiz durante metade da minha vida, apesar de eles me incentivarem a sonhar grande e conquistar o mundo. Eu estaria feliz vivendo a mesma rotina semana após semana, sendo a pessoa chata que Savannah descobriu que sou e decidiu trair assim como ela fez.

— Isso não é verdadeeee — murmuro para mim mesma depois de tomar o resto do meu café. Os cubos de gelo restantes fazem barulho no copo de plástico.

Não é verdade.

Não é verdade.

Não é verdade.

Faço exercícios terapêuticos. Escrevo em um diário. Escrevo afirmações em post-its e coloco-as no espelho, mas, no final, é isso: ouvir as palavras de outra pessoa sobre mim é forte o suficiente para eu acreditar que não são verdadeiras.

Já se passaram meses e ainda não cheguei lá.

Além da satisfação de vencer Kenzie, percebi que a batalha para vencer meus próprios pensamentos também me atraiu para esta bolsa. Se eu puder vencer – se eu puder fazer algo completamente por mim mesma, completamente *sozinha* – então talvez eu não me sinta tão *chata* em comparação com todos os outros que conheço.

— Ei.

O som de passos se aproximando me tira da linha de pensamento "ai de mim". Kenzie aparece na frente do par de poltronas e da mesa redonda baixa que reivindiquei como meu esconderijo.

— Oi.

Por um momento, é tudo o que posso dizer. Estou muito ocupada processando o quão bonita ela está.

Não importa o quanto eu esteja chateada com o atraso dela, ou o quanto estou chateada com ela em geral. Quando ela aparece do nada assim, meu cérebro não consegue se armar com irritação rápido o suficiente para me impedir de apreciar o quão linda ela é.

Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo alto, mostrando as características afiadas de seu rosto. Ela está vestindo um suéter cinza de grandes dimensões sob uma jaqueta de couro e seus jeans são justos. Ela parece *feroz*, como se até agora ela estivesse rondando a competição como se este Starbucks fosse o terreno dos jogos locais das terras altas.

Exceto que ela parece muito mais elegante do que em qualquer uma das competições das terras altas. Eu não sei como eu esperava que Kenzie se vestisse fora do mundo da dança, mas ela parece saber uma coisa ou duas sobre como montar uma daquelas roupas de "acordei assim, mas também sou perfeita".

Não é aconchegante o suficiente para ser meu estilo, mas como meus olhos estão fazendo o possível para provar para mim, gosto muito dela.

— Então… você está aqui — eu digo depois de nos olharmos de cima a baixo por alguns segundos demais para ser normal.

Eu tento parecer mais crítica e considero olhar para o relógio no meu telefone para dar ênfase, mas não tem o mesmo efeito depois que ela claramente me deixou sem palavras.

— Sim, desculpe por isso. Eu sei que estou super atrasada. Eu tive uma… coisa acontecendo.

— Uma coisa, hein? — Eu soo um pouco mais gelada agora. — Fico feliz em saber que a bolsa de estudos não é tão importante para você como uma *coisa*. Vai tornar a vitória ainda mais fácil para mim.

Eu tento não me encolher com o meu retorno coxo. Dois anos sem ela na minha vida fizeram com que meu jogo de justa verbal precisasse de uma reforma.

— Sim, Moira, algumas *coisas* são mais importantes para mim do que uma

bolsa de estudos porque eu tenho essa *coisa* chamada vida.

Eu não posso me impedir de vacilar. Apenas alguns meses atrás, aquela picada teria passado direto por mim, mas agora ela cai bem no centro do meu peito.

As sobrancelhas de Kenzie levantam com a minha resposta, mas em vez de responder, ela baixa o olhar para o chão.

— Olha, eu só, é… eu tinha um imprevisto com… minha mãe.

Acho que nunca vi Kenzie Andrianakis parecer vulnerável antes – pelo menos não além daquela fração de segundo que eu provavelmente imaginei quando ela me viu pela primeira vez e meu tornozelo quebrado sendo carregado em uma maca na Escócia.

Seus ombros estão curvados para dentro, e seu queixo mergulha cada vez mais para baixo enquanto ela continua a olhar para o chão, como se esperasse afundar através dele.

Se ela fosse outra pessoa, eu pularia e lhe daria um abraço.

— Isso parece difícil — eu digo em vez disso, mantendo minha voz baixa e suave.

Ela levanta a cabeça, e é como ver as persianas se fecharem atrás de seus olhos. Qualquer abertura desaparece de vista, substituída por paredes sólidas e barras de aço. Seus ombros assumem a postura rígida habitual, aquela que se parece tanto com a de Catherine Stewart.

— Vou pegar uma bebida.

Ela vai até o balcão, e eu decido não ir atrás dela para pegar mais cafeína. Bastou dois minutos na presença de Kenzie, e de repente estou bem acordada, cada parte de mim em alerta máximo.

Por mais irritantes que sejam minhas interações com Kenzie, tenho que admitir que nunca são chatas.

Ela volta com uma xícara pequena alguns minutos depois, a caneta acenando na lateral indicando que a bebida é um chai latte. Eles soletraram o nome dela *Kensee*, que é alguns tons mais preciso do que o *Moyrag* rabiscado na lateral da minha xícara.

— Entãoooo… — Eu inalo profundamente o café e o ar com aroma de açúcar no café. — Você tem suas perguntas de entrevista?

Ela coloca sua xícara na mesa redonda ao lado da minha e depois se senta na segunda poltrona de couro.

— Sim, bem aqui. — Ela puxa uma folha de papel dobrada do bolso de sua jaqueta de couro e se inclina para me entregar.

Percebo uma pitada de baunilha flutuando de sua pele quando chego para pegar o papel. Meu estômago faz uma pequena cambalhota estranha enquanto eu me acomodo de volta contra a minha cadeira.

Quando desdobro a folha para revelar sua escrita, as perguntas me pegam de surpresa. A escrita dela é muito mais fofa do que eu esperava, toda arrumada, cachos minúsculos e curvas suaves. É o tipo de caligrafia que você esperaria ter pequenos corações pontilhando os i, embora ela não tenha ido tão longe.

— O quê? — ela pergunta, sua voz severa em desacordo com a fofura cobrindo a folha de papel pautado. — O que há de errado com elas?

Na verdade, ainda não comecei a ler.

— Ah, nada.

Eu balanço minha cabeça e me concentro nas próprias perguntas. Nossa reunião de hoje é uma chance de revisar as perguntas que ambas formulamos e decidir quais usaremos. Estávamos planejando filmar a entrevista em algum lugar do lado de fora, mas como ela se atrasou, pode ficar muito escuro para terminar esta noite.

Ao examinar as primeiras perguntas, percebo que há algo errado com as perguntas de Kenzie.

Algo muito errado.

Chego ao final da página e franzo os lábios.

— Então — Kenzie pergunta —, você está bem com elas? Quer tirar alguma?

— É só que, hãn… — Eu bato meu dedo na página, logo acima de uma capitulação bonitinha e arrumada das palavras *por que*. — É só que elas são meio… tipo… sem originalidade?

Isso me rende um olhar que só posso descrever como fulminante. Eu levanto minha mão como uma bandeira branca.

— Olha, eu quero ganhar essa coisa, o que significa que nós duas precisamos contribuir com o nosso melhor para esta entrevista, então quero ser honesta. Essas perguntas são um pouco… impessoais. Candice disse que isso deveria ser divertido e criativo.

O olhar de Kenzie não se mexe.

— Perdoe-me, mas não acho que passar uma noite de sábado trabalhando em uma entrevista com colegas seja o que qualquer uma de nós descreveria como *divertido*.

Se esse é ou não o tipo de diversão que eu realmente escolheria, não quero que ela saiba que essa é a única coisa não relacionada à escola ou ao trabalho que fiz em semanas.

Eu *realmente* não quero que ela saiba que eu meio que estou me divertindo. Eu nunca tenho certeza do que vai sair da boca dela a seguir. Eu nunca tenho certeza do que vai sair da *minha* boca quando estou perto dela. É o mesmo tipo de diversão que cutuca uma fogueira, esperando a inevitável adrenalina quando as chamas ficam fora de controle.

— Ok, combinado, mas ainda temos que pelo menos fingir. Temos algumas jovens de dezessete anos fofas e de rosto fresco para competir com quem vão passar suas entrevistas inteiras ficando com os olhos brilhantes sobre seus sonhos de faculdade e o que seu futuro grandioso pós-ensino médio nos reserva. Não podemos parecer as velhas rabugentas fazendo isso apenas pelo dinheiro.

— Nós somos as velhas rabugentas fazendo isso apenas pelo dinheiro.

Ela cruza os braços sobre o peito e levanta o queixo, esperando meu argumento, mas depois de um olhar momentâneo para baixo, a tensão muda.

Eu rio.

Os cantos de sua boca se erguem.

Então estamos rindo juntas, nós duas uivando e nos curvando para a frente quando a natureza verdadeiramente bizarra de nossa situação atual nos atinge.

Estamos velhas agora. Somos adultas que seguiram seus próprios caminhos no mundo, que viveram e talvez aprenderam algumas coisas, mas aqui estamos, de volta a esta cidade, de volta a brigar uma com a outra, mesmo que

devêssemos deixar as competições para trás.

Eu sei que não é apenas sobre o dinheiro. É sobre aquele puxão constante entre nós, como se a vida tivesse nos enrolado no mesmo elástico, e cada passo que damos uma da outra apenas aumenta e aumenta a tensão enquanto esperamos para ver quem será a primeira a voltar imediatamente para o lugar.

Eu pensei que talvez aquele elástico fosse quebrar para sempre nas competições das terras altas na Escócia, na competição final decidimos que seria o nosso momento "de uma vez por todas", mas nunca chegamos a descobrir.

Os pequenos fogos de artifício de frustração e fúria que ela desencadeia dentro de mim são tão familiares, familiares o suficiente para me fazer pensar se talvez parte de mim esteja feliz por nunca termos tido a chance de apagá-los, porque quando estou com Kenzie, é muito mais fácil acreditar que tudo que minha ex-namorada idiota disse sobre mim não era verdade.

Quando estou com Kenzie, não me sinto chata. A maneira como nos circulamos, a maneira como mantemos nossos olhos treinados em cada movimento e pulamos em todas as oportunidades… tudo isso me faz sentir como um predador furtivo rastejando pela selva, poder e propósito irradiando de cada passo que dou.

Isso me faz sentir interessante pra caralho.

Talvez seja por isso que eu queira tanto ganhar: perseguir essa bolsa é a primeira coisa que me faz sentir interessante em muito, muito tempo.

Quando o pensamento passa pela minha cabeça, percebo que nenhuma de nós está rindo mais. Kenzie não está sorrindo, mas seus lábios ainda estão entreabertos, e seus profundos olhos castanhos estão me observando como se meu rosto fosse um cálculo que ela ainda não tinha terminado de fazer.

Meus ombros têm o desejo repentino de se inclinar para frente e me trazer para mais perto de sua cadeira.

Mais perto de seu corpo.

Mais perto de sua boca.

Em vez disso, dou um pulo para pegar minha xícara, enfiando o canudo verde entre os lábios e sugando o gelo derretido tingido de café que se acumula no fundo.

Kenzie pode ser linda, mas é um tipo brutal de beleza. Ela é uma víbora mortal e, por mais emocionante que seja ficar em torno de nossas palavras assim, não consigo chegar muito perto. Eu não posso dar a ela uma chance de atacar.

— Vamos ver suas perguntas, então — diz ela.

Coloco a xícara na mesa e pego minha velha bolsa carteiro no chão ao meu lado. Pego um caderno com um padrão de tie dye na frente e viro para a página onde escrevi uma lista de opções com marcadores.

Observo os olhos de Kenzie varrendo-os depois que lhe entrego o livro.

Suas perguntas eram todas previsíveis ou super técnicas:

Qual é o momento de maior orgulho da sua carreira nas terras altas?

Qual dança você acha mais difícil de executar e como você superou isso?

Qual é a sua rotina pré-competição?

Para ser justa, também tenho algumas perguntas assim, mas também segui um caminho menos ortodoxo com algumas delas.

— Como diabos eu deveria responder a isso?

Kenzie vira o livro e toca em uma das perguntas. Aperto os olhos para ler e depois rio.

— Você deve responder de forma criativa, e talvez com um pouco de humor, se isso é algo que você é capaz.

O olhar impassível que ela me dá prova que ela é pelo menos fluente em sarcasmo.

— Então, como *você* responderia? — ela pergunta.

Eu aceno para o papel.

— Você tem que realmente me fazer a pergunta. Vamos fazer uma rodada de treinos.

Ela me encara por mais um segundo, e quando tudo que eu faço é me ajustar na minha cadeira e sorrir para ela, ela cede.

— Moira Murray — ela começa com uma voz surpreendentemente convincente de repórter.

Também é surpreendentemente sexy. Eu me concentro ainda mais em quão irritante e não cooperativa ela está sendo para afastar o pensamento.

— Se a personagem lavadeira irlandesa do gabarito pudesse falar, o que ela estaria dizendo durante a dança?

Eu vejo o canto de seus lábios se contorcendo como se ela estivesse tentando não rir.

É uma boa pergunta.

A dança irlandesa – confusamente o nome de uma dança escocesa inspirada na dança irlandesa – é a favorita do público. Requer sapatos especiais com saltos de madeira com tampa de metal que fazem um som de estalo satisfatório e uma roupa inteira composta por um vestido vermelho ou verde e avental branco.

Uma das histórias contadas sobre a personagem que a dançarina deve encarnar é que ela é uma lavadeira irlandesa irada que teve suas roupas roubadas do varal por um duende travesso.

Você realmente não pode inventar essa merda.

— Bem, Kenzie, acho que a lavadeira diria algo assim.

Eu limpo minha garganta e levanto minha mão em punho, sacudindo-a da mesma maneira que você deveria fazer durante a dança. Coloquei minha melhor carranca de inspiração irlandesa, aquela que me rendeu inúmeros prêmios ao longo dos anos.

— Sim, seu vira-lata! — Eu grito em uma tentativa estridente de um sotaque irlandês. — Essas são as calças do meu marido, seu demônio verde ladrão! Traga-me a cueca agora mesmo, seu canalha!

Não percebo que há um barista limpando a mesa diretamente atrás de nós até que seu grito me faz virar a cabeça. Ela finge estar mais focada no pano em sua mão quando olho em sua direção.

Olho de volta para Kenzie e encontro seus lábios pressionados e suas bochechas inflando de sua tentativa de conter uma risada própria.

— Isso responde à sua pergunta, cara entrevistadora?

Ela respira fundo pelo nariz.

— Ah, sim. Sim.

— Agora é sua vez.

Ela dá uma sacudida afiada de sua cabeça.

— De jeito nenhum. Acho que você foi irlandesa o suficiente por nós duas.

— Eu vou escolher uma pergunta diferente, então.

Eu me inclino o suficiente para pegar o caderno de suas mãos e, em seguida, escaneio a página.

— Ah, essa é boa! Diga-me, Kenzie Andrianakis...

Eu coloco minha própria voz de repórter e olho para ela, mas o resto da minha pergunta desaparece quando o nome dela sai da minha língua.

Algo sobre aquele som em meus lábios nos faz ficar paradas por um segundo. Meu olhar cai para sua boca antes de me forçar a olhar de volta para a página.

Eu realmente preciso sair mais.

Claro, Kenzie é bonita, mas ela é *Kenzie*. Talvez se eu realmente me associasse com outros humanos, eu não ficaria tão presa em imaginar como seria sentir aquela boca na minha.

Ela provavelmente beija garotas todo fim de semana. Esta noite é provavelmente uma pausa de sua agenda habitual de sábado de ir a bares e dar uns amassos com quem ela quiser. Quando você parece tão bem quanto ela, você deve querer tirar vantagem disso.

Eu não tenho certeza se ela é bi ou lésbica ou o quê, mas eu me lembro de ter falado sobre ela ter ficado com uma garota no final do ensino médio. Como alguém na comunidade das terras altas descobriu isso, considerando a parede de ferro que ela é, eu não sei, mas, felizmente, tudo foi principalmente comentários "bom para ela". Minha própria mãe interveio e fechou as coisas na única vez em que ouvi uma garota da nossa escola dizendo alguma besteira sobre lésbicas não poderem trocar de roupa com as outras competidoras.

Lembro-me de como me senti quando descobri que Kenzie poderia ser queer. Eu estava começando a pensar que poderia gostar de garotas – o que complicava ter um namorado do ensino médio na época. Senti um puxão estranho no fundo do meu estômago. Era como se alguém puxasse parte de mim com um anzol, puxando um pedaço de mim que eu não tinha certeza se estava pronta para ver a luz.

— Então, hm… — Eu mal consigo ler as letras na página. Ainda posso sentir o gosto do nome dela na minha língua. — Andrianakis. Isso é, hm… de onde é esse nome?

— Isso não estava na sua lista.

Seu tom sugere que eu fui em frente e perguntei a ela algo tão pessoal quanto quando ela beijou uma garota pela primeira vez. Eu olho para cima e a vejo me fixando com aquela expressão sem emoção, quase altiva, que ela coloca quando está prestes a desligar totalmente.

— Eu só estava curiosa…

— É grego — ela interrompe.

Eu engulo e aceno. O ar entre nós ficou gelado e quebradiço novamente.

— Então… seus pais têm origem grega?

E há a declaração inútil de hoje do óbvio.

— Meu... meu pai tem.

Ela desvia o olhar para a mesa entre nós e pega sua xícara antes de virar a cabeça para olhar pela janela o pôr do sol riscando a rua. Ela ficou totalmente rígida, sua linguagem corporal indicando que essa parte da conversa acabou.

Eu aperto meu caderno em minhas mãos e mudo meu peso no meu assento até que o som de alguém pigarreando atrás de nós nos salva do que estava rapidamente se tornando um minuto inteiro de silêncio.

— Hum, ei! — diz um barista de avental verde, sua voz cheia de charme falso de atendimento ao cliente. — Só para que vocês saibam, estamos fechando em dez minutos.

Eu toco na tela do meu telefone para verificar a hora.

— Às sete? — Eu pergunto. — Ah, poxa, pensei que este lugar fechasse às nove.

— Não aos sábados! — ele responde, mal escondendo sua alegria por sair daqui logo antes de voltar para trás do balcão.

Viro para Kenzie, que parece ter ficado pelo menos um pouco menos eriçada nos últimos trinta segundos.

— Então isso não foi tão bem sucedido ou produtivo — eu digo.

Ela balança a cabeça e faz um som em algum lugar entre um grunhido e uma risada.

— Sim, não chegamos a lugar nenhum.

— Você quer encontrar outro lugar? Eu sei que podemos não filmar esta noite, mas poderíamos pelo menos tentar finalizar as perguntas.

Ela olha para a rua novamente por um segundo.

— Não sei o que mais estaria aberto agora além de bares e restaurantes, e não parece que faríamos muito lá.

Uma imagem de Kenzie e eu amontoadas em torno de uma mesa à luz de velas em um bar escuro e lotado surge na minha cabeça. Eu o afasto antes que eu possa entrar em muitos detalhes imaginando o quão perto nós teríamos que estar para nos ouvir sobre todas as vozes e músicas.

Ela está certa; não sairia muita produtividade disso.

— Resta um pouco de luz — digo. — Talvez pudéssemos ir a um parquê?

— Major Hill Park? — Seus olhos ficam um pouco mais brilhantes quando ela sugere, e ela se senta ereta como se estivesse ansiosa para ir.

— Serve — eu digo enquanto a observo. — Você é… fã do lugar?

Como se ela tivesse sido pega com a mão em um pote de biscoitos, ela desliza sua cara de pôquer de volta e finge estar ocupada jogando a alça da bolsa por cima do ombro.

— Eu estudo lá às vezes — ela responde enquanto puxa uma fivela que já está fechada. — Tem muito espaço. Provavelmente podemos pegar uma mesa de piquenique ou algo assim. Seria bom adiantar o máximo que pudermos hoje à noite.

Enquanto jogamos nossas xícaras fora e saímos do café, tento me lembrar de que me sinto da mesma forma: essa coisa toda é um inconveniente que seria melhor resolver o mais rápido possível.

Isso não impede que minha pele continue a brilhar com aquele fogo familiar enquanto descemos a rua juntas.

CAPÍTULO 6
KENZIE

— Qual é! Essa é uma das minhas perguntas favoritas. — Moira bate as palmas das mãos na mesa de piquenique entre nós e geme.

Ela ficou cada vez mais dramática à medida que avançamos em nossas respectivas listas de perguntas da entrevista, eliminando quais queremos usar e, por mais que eu odeie admitir, observando-a agitar as mãos e fingir desmaiar na mesa em exasperação é muito adorável.

— Na-não — eu respondo, principalmente porque eu não quero fazer a pergunta, mas também porque parte de mim está realmente gostando dos resultados de irritá-la. — Eu veto.

— Não pode vetar *tudo*.

— Você convocou o veto em todas as minhas perguntas.

Ela se recusa a aceitar isso.

— Eu não. Eu gostei de algumas das suas. Nós as circulamos.

Ela bate na folha de papel amassada com minha caligrafia rabiscada nas linhas, algumas perguntas destacadas com círculos de tinta preta.

O parque está escuro o suficiente agora que precisamos nos debruçar sobre os jornais para ler. O céu é de um roxo profundo com uma única faixa rosa esquerda onde o sol sumiu de vista dez minutos atrás, e o parque está clareando rapidamente. Os jogadores habituais de Frisbee voltaram para casa para passar a noite, e os cobertores de piquenique que pontilhavam o gramado à nossa frente quando chegamos já foram todos embalados.

Devemos pensar em encerrar a noite também, mas nenhuma de nós menciona ir embora.

— Ok, novo plano — Moira diz depois de arrancar seu caderno de mim. — De agora em diante, temos que responder a qualquer uma das perguntas que fazemos uma a outra, e então podemos decidir se queremos vetá-las ou não. Dessa forma, você não pode simplesmente dizer não a tudo automaticamente.

— Eu não teria que dizer não se suas perguntas não fossem excessivamente pessoais.

Ela faz um show de revirar os olhos.

— É uma entrevista. O importante é que seja pessoal. É sobre você, uma *pessoa*.

Ainda estou trabalhando no meu retorno quando percebo que ela tirou o telefone e alguns livros da bolsa para começar a construir um suporte de câmera improvisado.

— O que você está fazendo? — Eu exijo.

— Configurando minha câmera — ela responde no mesmo tom alegre que você usaria para explicar conceitos básicos de dança para uma criança de cinco anos.

— Sim, mas por quê?

— Porque precisamos lembrar quais são nossas respostas às perguntas se decidirmos usá-las na entrevista real.

— Eu não quero minha rodada de treino filmada — eu argumento, alto o

suficiente para que ela pare de trabalhar em sua torre de livros. — Além disso, está escuro. Você mal vai pegar qualquer coisa na câmera.

— É chamado de modo noturno, amor!

Ela coloca seu telefone em uma pequena saliência que ela criou com dois livros e clica no botão da câmera. Algumas gotas pretas e pontos cinzas aparecem na tela.

— Hm, ok, talvez você estivesse certa sobre isso — diz ela depois de levantar a mão em um aceno que não deixa mais claro que sua bolha na tela é um humano. — Vamos sentar naquela mesa sob a luz da rua em vez disso.

Não adianta tentar detê-la; ela balança a bolsa no ombro e sai correndo com a pilha de livros na mão antes que eu possa tentar.

Eu soltei um gemido dramático, mas enquanto eu sento lá assistindo ela reconstruir sua pequena configuração de entrevista na outra mesa, eu percebo que esta é minha primeira noite fora em muito, muito tempo.

O fato de eu estar chamando isso de uma noitada não diz muito a meu favor, mas é verdade. Se não estou estudando, limpando as mesas do refeitório ou ensinando as crianças a dança das terras altas, estou ocupada fazendo telefonemas ou fazendo recados para manter a casa sob controle.

Isso é o que eu estava ocupada fazendo quando eu deveria estar no ônibus para encontrar Moira na hora certa hoje à noite. Minha mãe esqueceu de pegar uma receita, e talvez fosse bom esperar até amanhã, como ela ficava me dizendo, mas eu não queria arriscar jogar fora sua rotina.

Então eu fui à farmácia porque ela não estava a fim de sair de casa hoje à noite.

Não é culpa dela.

Deixo meu velho refrão me guiar enquanto pego meu telefone e me certifico de que nenhuma mensagem dela tenha chegado. Normalmente não passo mais de meia hora sem olhar, mas esta é a primeira vez que penso em checar minhas mensagens desde que entrei no Starbucks e vi Moira sentada lá de jeans e jaqueta militar, parecendo a distração perfeita.

— Resistência é inútil, Kenzie! — ela grita na minha direção enquanto continua a mexer com sua câmera.

Verifico duas vezes se não há mensagens e depois a sigo até a outra mesa. Ela está certa; resistir *é* inútil. Precisamos acertar essa entrevista e, por mais que admitir me faça arrepiar, ela sabe o que está fazendo muito mais do que eu.

Ela é o pequeno raio de sol do mundo da dança das terras altas, afinal. Ela só precisa entrar e sorrir para todos para que eles pensem em trocar de escola de dança por ela.

Esse pensamento me deixa focada o suficiente para me concentrar no que é importante aqui: a bolsa de estudos.

A bolsa de estudos que preciso para ganhar.

Se for preciso aturar os conselhos de Moira Murray, eu vou, mas de jeito nenhum vou responder a todas essas perguntas dela.

O ar começou a esfriar, e eu esfrego minhas mãos no couro liso das mangas da minha jaqueta enquanto vou até a mesa de Moira. É uma das coisas mais bonitas que possuo, e ainda está em condições quase perfeitas quase dois anos depois que comprei, graças à obsessão com que cuido das minhas roupas.

Mesmo antes de me dar um emprego na Academia Rebecca Stewart, Catherine me ensinou muito sobre como as roupas podem ser importantes. As roupas são como um escudo; elas ajudam você a escolher o que as pessoas veem – e o que elas não veem.

— Você está se divertindo muito com isso — eu anuncio depois de colocar minha bolsa em um dos bancos da mesa de piquenique.

Moira levanta os olhos ao revisar sua folha de perguntas pelo que deve ser a milionésima vez esta noite.

— Como eu disse, deveria ser divertido. Diversão é a energia que queremos apresentar, mesmo que estejamos fingindo.

— Ah, nós definitivamente estamos fingindo.

As palavras saem muito mais atadas com sugestão do que eu pretendia. Ela mantém os olhos fixos em seu caderno, e eu quase concluo que ela não percebeu, mas então ela olha para cima e inclina a cabeça para o lado.

— Nós estamos?

Eu congelo e pisco para ela antes de me forçar a engolir. Algo como satisfação desliza em seu olhar.

Não sei exatamente o que aconteceu com ela nos últimos dois anos, mas mesmo que Moira e eu estejamos jogando o mesmo velho jogo, as regras claramente mudaram.

Temos novas armas agora e, apesar da fachada fofa que ela usa para a maior parte do mundo, Moira Murray sabe como usá-las. Essas covinhas são perigosas na luz certa.

Olho para a câmera.

— Isso está ligado?

— Ainda não. Eu não escolhi minha primeira pergunta. — Ela cantarola para si mesma enquanto bate a ponta do caderno contra o tampo de madeira desgastado da mesa. — Aaaa, agora estou pronta. Venha até aqui para que você esteja na cena.

Ela acena para que eu me aproxime de onde ela está sentada no final de seu banco. Eu tomo um lugar diretamente em frente a ela. O poste de luz acima de nós projeta nossos rostos em um brilho amarelo que faz o resto do parque parecer ainda mais escuro do que o início da noite, como se essa piscina de luz em que estamos sentadas tivesse se levantado da terra para nos separar do resto do mundo.

Ela se inclina para esticar o braço e apertar o botão de gravação. Quando ela se endireita de volta, ela limpa a garganta.

— Diga-nos, Kenzie… — ela começa, estendendo o braço como se estivesse cumprimentando uma plateia de estúdio imaginária. Eu quase ri. — Quem foi a maior inspiração para você como dançarina?

Agor,a eu dou uma risada.

— Essa não era uma das minhas perguntas?

Ela encolhe os ombros.

— Eu disse que algumas delas eram boas.

— Elas eram todas boas, mesmo que não fossem *divertidas* o suficiente para você.

Ela bate seu caderno na minha frente.

— Responda a pergunta, Kenzie!

Faço um show ao empurrar o caderno de volta para o lado dela da mesa.

— Certo. Minha maior inspiração é Catherine Stewart.

Moira bufa.

Eu cruzo meus braços.

— Se você vai rir das minhas respostas, eu não vou respondê-las.

— Ah, vamos lá. Sua maior inspiração não é realmente Catherine Stewart. Essa é a resposta mais idiota que eu já ouvi. Tipo, realmente, sua chefe?

— É verdade — eu digo, meus braços ainda travados sobre meu peito. — Ela é.

— Mas ela é tão...

— Ela é severa, sim — eu respondo —, e ela não brinca. Ela sabe o que quer e faz acontecer. Eu não acho que muitas pessoas percebem o quão duro Catherine trabalha pelo que ela tem. A escola não caiu apenas no colo dela. Quero dizer, com certeza, ela o herdou, mas o lugar estava a meio caminho de perder sua reputação quando ela assumiu. Ela só é tão rigorosa porque é isso que é preciso. Ela é feroz, e ela é protetora. Se ela sabe que um dançarino tem potencial, ela não vai deixar ninguém ou nada atrapalhar.

Eu não percebo o quanto eu disse até que eu paro e percebo que estou sem fôlego. Meu coração está batendo forte, e eu posso sentir minhas bochechas ficando quentes. Eu mal me paro a tempo de não deixar escapar todas as coisas que Catherine *me* deu.

Ela me pegou para competições que minha mãe não podia me levar. Ela nos deu extensões nas datas de vencimento das minhas taxas da academia. Ela garantiu que eu sempre tivesse tudo o que precisava para dançar com todo o meu potencial, mas o que realmente importava era a maneira como ela olhava para mim aos oito anos e *via* algo, algo que ninguém mais parecia ter tempo de notar.

Ela olhou para mim e viu alguém que cresceu como ela, como um pontinho oscilando à beira de um grande abismo. Ela me deu algo para me segurar. Ela me ensinou a ser forte.

— Uau — Moira diz quando eu não continuo. Seus olhos estão arregalados e perscrutadores enquanto viajam pelo meu rosto. — Ok, então, você está dizendo que há um… lado suave oculto na *Srta*. Catherine, sob toda essa… maldade incessante?

— Algumas pessoas não têm o luxo de serem suaves.

Moira pressiona os lábios.

— Isso não significa que elas têm que ser cruéis.

— Ela não é cruel. Ela é apenas…

— Ela me chamou de gordinha.

O final da minha frase rasteja de volta pela minha garganta. Moira olha para a mesa, e eu posso ver um rubor começar a subir em seu pescoço.

— Eu a ouvi comentar sobre meu peso, tipo, várias vezes — ela murmura. — Foi há muitos anos, mas ainda assim, não vejo que ela tenha mudado muito desde então.

Abro e fecho a boca algumas vezes, procurando palavras que não vêm.

Por mais que eu não queira acreditar que Catherine iria tão longe, parte de mim pode ouvir exatamente como ela deve ter soado quando disse isso.

— Então, sim, esse é o tipo de coisa que *sua inspiração* faz, só para você saber.

Eu engulo e tento novamente.

— Moira, ela não deveria ter dito isso. Eu…

Meus olhos vão para a tela da câmera, onde o pequeno círculo vermelho ainda está piscando para mostrar que estamos gravando isso.

— Podemos desligar isso? — Eu pergunto, empurrando meu queixo em direção à câmera depois de olhar para Moira. — É uma distração, e eu quero…

— Se certificar de que não há evidências quando eu a denuncio em particular e depois você continua a apoiá-la em público?

— O quê? — Eu me afasto da mesa e balanço a cabeça em choque.

Isso tudo foi de zero a cem em algumas frases.

— Eu só… estou cansada de ver pessoas como ela fazerem outras pessoas se sentirem pequenas. *Estou* cansada de me sentir pequena, e eu realmente não quero ouvir uma desculpa de por que ela faz o que faz porque não está tudo bem, mesmo que você pense que está.

— Moira, eu não… eu não acho… eu...

Eu começo a engasgar com minhas próprias palavras, olhando para frente e para trás entre ela e a câmera piscando.

Não posso dizer isso na gravação; vai revelar muito sobre mim, mas também não posso deixar de dizer, não quando ela está sentada ali parecendo mais dolorida do que eu jamais quis vê-la.

É preciso ver para perceber que eu nunca quis vê-la machucada. Irritada, com certeza. Derrotada, sim, mas não ferida, não assim.

Corro para a câmera e desligo a gravação. Ela faz um som que é perigosamente próximo a um soluço e começa a se levantar da mesa, mas eu coloco minha mão em cima da dela, e ela congela.

Seus dedos ficaram frios com o ar da noite.

— Minha mãe está doente — eu deixo escapar.

Ela aperta os olhos para mim.

— Ela está apenas… ela está doente — continuo, as palavras saindo com pressa enquanto meu coração bate tão alto e rápido em meus ouvidos que quase não consigo me ouvir. — Ela luta… muito. Ela sempre lutou, e eu sempre… fomos nós duas durante a maior parte da minha vida. Às vezes eu sinto que… como se eu fosse a mãe dela.

Mesmo agora, quando estou tão fora de controle que não consigo parar de falar, a palavra *depressão* não sai dos meus lábios.

Minha mãe nunca quer ouvir essa palavra, nunca quer isso ligada a ela, como se ela achasse que iria machucá-la menos em vez de machucar mais a nós duas quando ela a ignora.

— Ah, Kenzie. — Moira se abaixa de volta em seu assento e apoia sua bochecha contra sua mão livre, seus olhos fixos nos meus. Sua outra mão ainda está descansando sob meus dedos.

— Eu sei que soa muito ingrato dizer isso, mas é como eu me sinto às vezes.

Já falei demais, mas não posso parar agora que comecei.

— Catherine foi a primeira adulta na minha vida a apenas… estar lá, sabe? Ela nem sempre foi a pessoa mais fácil de agradar, mas ela cuidou de mim. Ela

garantiu que eu conseguisse o que eu precisava. Eu sei que ela é… eu não estou tentando desculpá-la, e é terrível que ela tenha te xingado, especialmente quando você era uma criança, de verdade, mas… não importa o quão ruim ela seja, eu não posso esquecer o bem que ela me fez.

Um momento de silêncio cai, preenchido pelo barulho de uma brisa se movendo através das folhas das árvores que pontilham o parque, que começaram a mudar de verde para amarelo e laranja nas últimas duas semanas.

O sangue ainda está correndo em meus ouvidos, e eu aperto minha mandíbula para segurar tudo o que quer estourar de mim como um cano furado ameaçando desencadear uma inundação.

— Kenzie… — A voz de Moira é tão suave quanto a brisa. — Eu... eu não tinha ideia.

Não consigo mais olhar para o rosto dela, então, em vez disso, baixo os olhos para a mesa, para onde minha mão está protegendo a dela. Seus dedos se contorcem sob os meus, e esse pequeno movimento é tudo o que preciso para quebrar o feitiço que caiu sobre mim.

Eu puxo minha mão e pressiono meus braços ao meu lado, entrelaçando meus dedos no meu colo e apertando minhas palmas juntas com tanta força que meus músculos doem. Arrependimento queima minha pele, pânico arranhando meus pulmões.

Eu não deveria ter dito isso. Eu não deveria ter perdido o controle.

— Claro que não. Eu não digo às pessoas sobre isso. — Minha voz sai grossa, e eu levo um momento para me recompor, para olhar para meus dedos embranquecidos e fazer o que Catherine sempre me diz para fazer.

Erga-se.

Eu levanto minha cabeça para olhar para Moira, inclinando meu queixo um pouco mais do que o necessário e estreitando meus olhos. Desta vez, quando falo, forço um pouco de gelo em meu tom.

— Então, se eu ouvir sobre isso de mais alguém, saberei que foi você.

Sua testa franze por um momento antes de uma zombaria indignada explodir dela enquanto sua boca se abre em descrença.

— Seriamente? Você acha que eu vou...

— Acho que vamos ter um problema sério se você fizer isso, e você deveria saber disso.

Ela pressiona os lábios, deslizando-os um contra o outro como se estivesse pensando no que dizer. Seus olhos estão piscando sinais de perigo, e por um momento, eu quero que ela deixe tudo para fora, o que ela está sentindo, os nomes que ela quer me chamar, o que ela quer gritar na escuridão do parque.

Eu quero gritar também. Eu quero me esvaziar nos sons, limpar todo o conflito guerreando dentro de mim toda vez que olho para ela, e então, quando terminarmos, quando houver apenas silêncio, quero sentir sua mão na minha novamente.

Durante os poucos minutos sua pele ficou quente e acolhedora contra a minha, não havia nenhum buraco negro debaixo de mim. Não havia rachaduras no chão apenas esperando que eu estragasse tudo e me engolisse inteira.

Havia apenas nós, envoltas no brilho de um poste como se tivéssemos entrado em nossa própria estrela.

Eu só quero isso por um momento, no entanto. Enquanto vejo todo o seu calor ser arrebatado, puxado de volta para ela e longe de mim enquanto ela se levanta da mesa, sei que fiz a coisa certa.

Eu fui longe demais. Eu dei a ela um vislumbre de quem eu sou quando não sou Kenzie, a dançarina campeã, e não posso deixar isso acontecer novamente. A única razão pela qual eu posso *ser* Kenzie, a dançarina campeã, é ter certeza de que cada parte de mim que o mundo das terras altas vê é a perfeição.

— Você sabe o quê? Está tarde — diz Moira, as palavras cortadas e duras. Ela caminha até o final da mesa e começa a enfiar livros em sua bolsa. — Eu vou para casa.

Eu a vejo juntar todas as suas coisas, mas não me movo para fazer o mesmo. Quando ela termina, ela dá alguns passos para trás da mesa e apoia a mão no quadril.

— Você vai ficar aí sentada?

Eu dou de ombros. O ar parece congelar de repente, e eu luto para não tremer na frente dela.

Ela faz um som áspero na parte de trás de sua garganta e move a alça da bolsa para cima do ombro.

— Tanto faz. Estou indo embora. Apenas...

Ela paira, mudando seu peso de um pé para outro, mas ela não termina sua frase até que eu olho para cima e encontro seus olhos.

Eles brilham na luz amarela que desce acima de nós.

— Só chegue em casa segura — ela termina.

Minhas mãos se contorcem, como se quisessem formar as palavras que não direi com a boca, mas as mantenho firmes no colo enquanto abaixo o queixo em um aceno.

— Você também.

Eu observo enquanto ela se vira e caminha até a saída do parque. Eu não paro de olhar até que ela vira uma esquina e desaparece.

CAPÍTULO 7
MOIRA

— Bom trabalho hoje, meninas!

Tomo um gole da minha garrafa de água enquanto vejo minhas alunas intermediárias se jogarem no chão para desamarrar seus ghillies, rindo umas com as outras e olhando para mim para sorrir com o elogio.

— Essa Flora está linda — acrescento. — Será uma nova dança para algumas de vocês nos exames deste ano, então continuaremos trabalhando muito nisso até a primavera.

Algumas das mais rápidas começam a sair do estúdio em direção aos vestiários. Tínhamos aula na minha sala favorita de toda a Escola Murray, conhecida humildemente pelo nome de Studio B.

O prédio é um pouco estranho, mas eu amo cada uma de suas peculiaridades, incluindo os pisos rangendo e gemendo sob minha classe enquanto elas se movem para tirar os sapatos. A escola ocupa a maior parte de um antigo prédio de tijolos no sul de Old Ottawa, com quatro estúdios escondidos onde quer que se encaixem entre os ângulos estranhos de nossa unidade de dois andares. O prédio foi lentamente dividido em três áreas de aluguel, e a Escola Murray ficou com as sobras depois que um consultório de dentista e uma oficina de bicicletas se mudaram primeiro.

O Studio B é estreito o suficiente para dificultar algumas das danças que ensino, mas meu recurso favorito compensa o inconveniente: as janelas arredondadas no final da sala, com caixilhos antiquados e lindos semicírculos de vermelho rubi vitrais que cobrem os painéis das janelas.

Quando o sol bate no lugar certo, todo o estúdio se enche de luz brilhante e rosada que faz você se sentir como se estivesse dançando em um conto de fadas.

Quando a escola ainda estava começando, minha mãe passava praticamente o fim de semana inteiro na recepção no andar de baixo, repassando as tarefas administrativas que ela equilibrava com um trabalho de meio período durante a semana. Isso significava que eu, minha irmã mais velha e meu irmão mais novo estaríamos aqui o fim de semana inteiro também.

Praticamos nossa dança, assistíamos a filmes em um DVD player portátil desajeitado que parecia o ápice da inovação na época e fingimos fazer nossa lição de casa, mas não importa o que estávamos fazendo quando o sol começasse a se pôr, todos subiam as escadas para o Studio B.

Minha mãe abandonava seu trabalho e corria atrás de nós. Todas as aulas de sábado já estariam terminadas, nós quatro, os únicos que restavam na escola. Sentávamos no chão de frente para as janelas, eu e Logan nos contorcendo de impaciência enquanto minha irmã, Anna, se sentava equilibrada e distante em uma demonstração de sua “maturidade superior”.

Quando a luz atingia o vidro, todos ganhávamos – todas as vezes. Nós púlávamos de pé e rodopiamos nas manchas mágicas de luz vermelha brilhante, vendo-os ricochetear nas paredes espelhadas do estúdio. Deixaríamos para trás as regras rígidas das terras altas e moveríamos nossos corpos em qualquer forma selvagem que eles quisessem assumir.

Meus pais sempre nos disseram que poderíamos crescer para ser qualquer coisa, mas naqueles momentos, eu já era tudo o que queria ser.

Uma vez, meu pai nos encontrou assim. Naqueles primeiros dias, ele também trabalhava algumas horas extras no fim de semana, já que levou alguns anos para o estúdio dar lucro, mas nós cinco sempre nos reuníamos em casa para jantar. Em noites especiais, como aquela em que ele nos encontrava dançando, ele pegava pizza ou comida chinesa e trazia para nós comermos em estilo piquenique no estúdio.

Eu nunca vou esquecer o jeito que ele olhou para nós naquela noite. Ele parecia à beira das lágrimas, meu grande pai, de peito barril, com sua barba ruiva espessa e braços de tronco de árvore que até hoje parecem tão prontos para ganhar um lance de caber quanto nas competições das terras altas de sua juventude. Ele parecia tão cheio, como se não houvesse nada no mundo inteiro que pudesse acrescentar mais àquele momento do que ele já continha.

O céu do lado de fora das janelas está quase escuro agora, os vitrais dando apenas um brilho fraco cada vez que os semáforos na rua mudam de cor. Tomo outro grande gole da minha água, minha garganta seca de tanto gritar instruções sobre a música da gaita de foles na última hora.

— Ah, e não se esqueçam! — Eu digo depois de engolir, me dirigindo às garotas restantes na sala. — É o primeiro chá Tartã da temporada da ODEO amanhã. Eu sei que algumas de vocês vão dançar, mas eu adoraria ver o resto de vocês na platéia, e seus pais também! Haverá lanches!

Eu agito minha garrafa de água como se fosse um maracá para ilustrar como os lanches são excitantes, e algumas das minhas alunas riem.

Vou ficar muito menos empolgada com os lanches quando tiver que aparecer no evento às sete da manhã para ajudar a prepará-los.

Fui informada de que estou de serviço na cozinha para meu turno de voluntário amanhã, mas não sei se os outros candidatos a bolsas terão a mesma função. Apesar de precisar ter nossa entrevista pronta em algumas semanas, Kenzie e eu não nos comunicamos desde que a deixei de mau humor em um banco do parque depois que ela me acusou de provavelmente fofocar seus segredos.

Meu sangue começa a ferver só de pensar nisso, e sinto o calor subindo pelo meu pescoço. Vou arrumar a estação de música para me distrair, mas não adianta. No estúdio vazio, há muito espaço e silêncio para meu cérebro preencher com reprises daquela noite com Kenzie.

Nós ainda usamos tocadores de CD aqui, e eu abro a gaveta do disco com um pouco de força demais. Eu tomo mais cuidado para ser gentil enquanto coloco o disco em seu estojo, puxando longas e profundas respirações pelo nariz.

Quase três semanas se passaram desde aquele fiasco no parque. Eu não deveria ainda estar reagindo dessa maneira. Eu não deveria deixá-la chegar até mim. Passei a maior parte da minha vida lidando com as merdas de Kenzie. Eu deveria ser capaz de ignorar e guardar toda a minha fúria para a próxima competição, assim como eu faria quando éramos adolescentes.

Em vez disso, continuei repetindo aquele nosso video no parque várias vezes até que, em um momento de extremo autocontrole, o apaguei por causa da minha sanidade.

Passei então quase meia hora procurando maneiras de recuperar o arquivo, mas ele sumiu, e com ele foi minha única prova definitiva de que eu não imaginava todas as coisas que aconteceram antes de Kenzie começar a ser sua habitual arrogante, presunçosa, e acusatória.

Ela segurou minha mão, ou pelo menos eu acho que ela segurou. A memória de seus dedos agarrando os meus com a intensidade tensa de alguém que estava esperando para me tocar a noite toda está tão em desacordo com a realidade de tudo o que é Kenzie que estou começando a pensar que devo ter inventado o momento.

O amanhã provavelmente solidificará essa crença, especialmente se estivermos presas cortando sanduíches pequenos e servindo bandejas de barras de limão na mesma cozinha apertada. Eu já posso praticamente senti-la olhando para mim, e talvez seja exatamente isso que eu preciso: um dia inteiro com Kenzie me olhando furiosa em todas as nossas interações para me lembrar o quanto eu preciso deixar o que aconteceu no parque naquela noite passar.

Ainda assim, depois de terminar de colocar a estação de música em ordem, meus olhos voltam para os semicírculos de vitrais no topo das janelas, e não posso deixar de comparar a memória da risada de minha mãe e o orgulho de meu pai com a maneira Kenzie falou sobre sua própria casa. Ela se fechou completamente quando perguntei sobre seu sobrenome, e *desmoronou* completamente quando mencionou sua mãe.

Se eu tivesse crescido assim, com uma mãe que eu tinha que a cuidar antes mesmo de aprender a cuidar de mim e um pai que eu não poderia nem mencionar sem meu corpo inteiro ficar tenso em revolta, quem eu teria me tornado? Onde eu teria encontrado conforto? Como eu poderia saber como é se sentir verdadeiramente seguro?

Talvez eu tivesse acabado exatamente como Kenzie.

Então, novamente, talvez não, e independentemente de realidades alternativas e situações hipotéticas, eu sei o que é real agora. Sei como me sinto e sei que todos somos responsáveis por nossas próprias escolhas.

O que quer que Kenzie tenha passado não lhe dá o direito de descontar em mais ninguém, inclusive em mim, e incluindo minha chance de uma bolsa de estudos que mostrará ao mundo inteiro que Moira Murray pode se defender e fazer algo interessante pelo menos uma vez.

Encaro a parede de espelhos à minha frente, estufando um pouco o peito enquanto observo meu reflexo em leggings pretas cortadas e um macacão azul marinho com ghillies ainda amarrados nos pés. Eu mantenho a pose de poder por alguns segundos antes de rir.

— Ok, talvez não o mundo inteiro — murmuro, já que não é como se ganhar uma bolsa de estudos da organização de dança das terras altas da capital canadense fosse me colocar na capa da revista *Time*, mas ainda assim.

É alguma coisa, e depois da maneira como minha vida explodiu na África do Sul, eu realmente poderia usar algo para me segurar e mostrar a mim mesma que pelo menos sei o que estou fazendo.

Dirijo-me à porta, estendendo a mão para desligar as luzes antes de sair do estúdio. Desço as escadas barulhentas até o primeiro andar e entro na minúscula sala dos funcionários, que consiste em um banco e uma unidade branca de

cubículos da IKEA[2].

Eu puxo minha bolsa do lugar e encontro uma mensagem de Lydia esperando no meu telefone, perguntando se eu ainda vou hoje à noite. Eu respondo para avisá-la que estou indo para a casa dela antes de trocar minha roupa de treinador por jeans, um moletom e minha jaqueta do exército por cima.

Minha mãe abre a porta do Studio A no momento em que estou passando para chegar às sapateiras na entrada da escola, onde os sapatos de todos estão empilhados aleatoriamente.

— Olá, docinho! — ela chama enquanto os alunos da classe de adultos que ela acabou de ensinar começam a sair da sala.

Ela está vestindo uma roupa de treinadora semelhante à minha, seu cabelo castanho espesso, com mechas grisalhas, puxado para trás em um rabo de cavalo baixo com uma faixa branca emoldurando seu rosto. Suas bochechas estão brilhando com aquela felicidade pós-aula que eu conheço tão bem.

— Oi, mãe! — Eu chamo de volta enquanto me curvo para vestir meu Doc Marten com estampa floral. — Vou passar um pouco na casa de Lydia hoje à noite.

Ela dá alguns passos pelo corredor para que não tenhamos que gritar uma com a outra.

— Ah, ótimo! Espero que vocês duas se divirtam. Não é outro encontro de estudo, é? Você deve assistir a um filme ou fazer outra coisa relaxante. Aaah, talvez algumas dessas máscaras faciais que as pessoas gostem hoje em dia!

— É sempre um bom momento para uma máscara facial — Brianna, a recepcionista de meia-idade na mesa à minha frente, responde com um sorriso. — Eu compro na Amazon.

Eu tento não pensar muito sobre o fato de que estou recebendo dicas para melhorar minha vida social da minha própria mãe e de uma senhora que diz “eu compro na Amazon” com a satisfação de alguém que descobriu um truque revolucionário.

Minha vida deve realmente estar precisando urgentemente de uma atualização, se até minha própria mãe está insinuando que sou chata.

Muito chata para ser interessante por conta própria.

Dou um puxão extra na bota, batendo a sola no chão para me lembrar de que não é isso que minha mãe está dizendo.

Foi o que Savannah disse. Foi o que ela me disse quando tentou justificar a traição porque eu aparentemente “não conseguia formar meus próprios objetivos de vida” e apenas “absorvi” os dela.

Ainda estou pensando naquele pequeno confronto em Joanesburgo enquanto aceno um adeus para minha mãe e Brianna antes de sair para esperar no ponto de ônibus. A visão familiar de um ônibus OC Transporte vermelho e branco para alguns minutos depois, e quando me acomodo em um assento e observo as ruas que conheço toda a minha vida passar, não posso deixar de me perguntar se talvez eu seja um pouco chata.

Nunca me empolguei com folhetos para universidades em cidades ou países distantes como outras pessoas no ensino médio. Eu nunca senti aquela típica angústia adolescente de “preciso dar o fora daqui e me encontrar”. Nunca sonhei

em colocar uma mochila gigante e pegar um avião para a Europa.

Isso era tudo que Lydia podia falar sobre todo o nosso ano de formatura, e foi por isso que eu a acompanhei – porque eu vi o quanto ela queria isso, como apenas o pensamento a incendiou, e porque eu menti e disse a mim mesma que me sentia um pouco desse fogo também, quando na verdade, a verdade do que eu queria pesava no meu estômago o tempo todo.

A verdade é que quero passar minha vida inteira nesses momentos rubi dentro da Escola Murray de Dança das Terras Altas. Eu quero dar esses momentos para o maior número de crianças que eu puder. Quero passar todos os dias mostrando às pessoas como a dança das terras altas pode ser bonita, emocionante e importante.

Quando estou naquelas salas e andando por aqueles corredores, eles parecem enormes, tão cheios de potencial, mas quando saio, percebo o quão *pequeno* parece dizer que minha única ambição é continuar trabalhando na escola de dança pouco lucrativa da minha família como tenho feito desde a adolescência. Mesmo o Bacharelado em Pedagogia em que estou trabalhando é apenas uma maneira de aprender mais sobre ser professora e talvez ter uma coisa substituta se a Escola Murray School der certo.

Não é realmente a vida de uma mulher moderna, poderosa e aventureira – o tipo de mulher que vejo na TV e nas redes sociais. Não acho que seja o que meus pais tinham em mente quando passaram toda a minha infância dizendo a mim e aos meus irmãos para sonhar o máximo que pudéssemos. Definitivamente não é o que Savannah estava procurando em uma namorada.

Talvez seja por isso que não consigo parar de pensar nela, mesmo quando as memórias do meu tempo na África do Sul desaparecem como as folhas de outono nas árvores que o ônibus está passando. Às vezes, nem consigo mais ver o rosto dela com tanta clareza, mas ouço sua voz como se estivesse bem no meu ouvido, tão alto quanto todos os anúncios do Instagram me dizendo para “subir de nível e pensar maior”.

É como trapacear apenas estar feliz com o que tenho, como se não estivesse jogando o jogo certo, como se estivesse perdendo uma peça vital.

A visão do bairro de Lydia não me ajuda a sair da minha linha de pensamento. Sandy Hill é uma meca estudantil, cheia de apartamentos baixos e casinhas em ruínas divididas em muito mais unidades do que deveria ser legal. Fios de luzes, bandeiras e tapeçarias funcionando como cortinas preenchem a maioria das janelas. Os jardins da frente estão todos cheios de achados improvisados, como sofás de vime, cadeiras de balanço desgastadas e até alguns bichos de pelúcia da Universidade de Ottawa empoleirados como estranhos espíritos guardiões em corrimãos e varandas.

É o tipo de bairro em que você deveria ter seu primeiro apartamento apertado e de baixa qualidade para experimentar as alegrias e armadilhas do início da vida adulta.

Eu nunca quis morar em um lugar assim. Eu me divirto visitando Lydia, mas sempre fico grata por voltar de ônibus para casa.

Desço em uma parada a um quarteirão da casa de Lydia e começo a caminhar pela calçada. Música alta e pesada ecoa pelas paredes de uma das casas por onde passo, luzes multicoloridas piscando nas janelas superiores. A casa ao lado

começou cedo no Halloween; pequenos esqueletos de plástico pendem da macieira espinhenta no gramado da frente, me lembrando o quão longe eu cheguei no meu primeiro semestre na escola. A essa altura, no próximo mês, já estarei me preparando para os exames.

E eu enfrentarei Kenzie no palco na competição de novembro do ODEO.

Um grito de cima me distrai. Olho para cima e vejo Lydia acenando da sacada superior de sua casa, que, na minha opinião, é inclinada o suficiente para justificar algum tipo de inspeção no prédio.

— Ei, melhor amiga! — ela chama.

Eu levanto minha mão em um aceno, e ela me diz que vai descer antes de desaparecer dentro da casa.

Ela mora com mais colegas de apartamento do que posso acompanhar, e a pequena entrada está cheia de casacos e sapatos quando ela abre a porta da frente para me deixar entrar. Ela tem a parte da frente de seu cabelo presa em um pequeno rabo de cavalo estilo Pedrita Flintstone no topo de sua cabeça, e ela está vestindo uma camiseta grande com o logotipo do clube ambiental da universidade.

— Entra, amiga! — ela ordena, acenando para mim e recuando o suficiente para eu me curvar e tirar os sapatos.

Ela me puxa para um abraço antes que eu possa tirar minha jaqueta, e eu caio um pouco em seus braços. Não sei o que faria se ela não tivesse voltado para Ottawa. Às vezes, basta um abraço de Lydia para transformar uma semana inteira ruim. Enquanto ela abre os braços e começa a subir as escadas, me pergunto quanto tempo ela precisaria me abraçar para apagar os últimos seis meses.

— Cara, eu tenho novidades para você — diz ela por cima do ombro. — Grandes novidades.

A excitação em sua voz enquanto ela balança as sobrancelhas para cima e para baixo derrete a maior parte da desgraça e melancolia de mim, e eu estendo a mão para dar um tapa na bunda dela.

— *Esse* tipo de notícia?

— Taaalvez — ela fala lentamente quando chegamos ao topo da escada.

Passamos por uma colega de apartamento que eu posso ou não ter conhecido antes e trocamos acenos enquanto caminhamos pelo corredor repleto de quartos.

— Venha aqui para que eu possa dispensá-la de ouvidos indiscretos! — Lydia insiste, gesticulando como se estivesse dirigindo um avião em uma pista enquanto abre a porta no final do corredor.

Ela está totalmente imersa na mania de luz de cordas de estudantes universitários, com orbes multicoloridos pendurados em faixas ao longo do teto e delineando a moldura da janela. As paredes estão cobertas de fotos Polaroid, tipografia colorida soletrando slogans políticos e prateleiras com lembranças do nosso ano de viagem pelo mundo juntas.

Lydia mergulha em sua cama assim que fecho a porta atrás de mim e dá um tapinha no edredom roxo. Eu caio ao lado dela e cutuco sua perna com a minha.

— Ok, desembucha!

Ela respira fundo.

— Então, você sabe como eu estava naquele painel de mudanças climáticas

no fim de semana passado?

Eu concordo.

— Uh-hum.

— E você sabe como a amiga de Daniella, que eu acho muito gostosa, deveria estar lá?

Acho que Daniella mora nesta casa, mas entre todas as colegas de quarto e todas as parceiras e amigas das colegas de quarto, é difícil acompanhar.

Eu aceno de qualquer maneira.

— Uh-hum.

— Bem, elu estava lá, e todes nós fomos para um bar depois, e então todo mundo saiu, exceto essa pessoa que eu gosto muito, e então fomos para um bar diferente, só nós, e então...

— E depois? — Eu incito, dando outro empurrãozinho em sua perna quando sua pausa dramática se estende por muito tempo.

— E então eu fiquei totalmente com elu!

Eu grito e bato minhas mãos contra o colchão em comemoração.

— Sim, Lydia! Você é uma deusa!

— Na verdade, eu sou — diz ela, apertando seu pequeno rabo de cavalo pateta quando ele começa a escorregar para fora do lugar.

— Você vai ver elu de novo?

Ela acena.

— Nós temos enviado mensagens de texto, tipo, sem parar. Elu também é judeu! Eu sinto que conheço tantos judeus queer online, mas na vida real, eu fico tipo, onde vocês estão, pessoal? Então temos falado muito sobre isso... entre outras coisas.

Ela mexe um pouco no edredom, e eu dou um soco no ar.

— Estou tão feliz por você — eu digo. — Você tem falado sobre elu desde que a escola começou. Qual é o nome delu mesmo?

— Ty — ela responde em um tom sonhador que não posso deixar de zombar.

— Ty! — eu choramingo. — Oh, Tyyyyy!

Lydia bate na minha canela com o pé.

— Minhas colegas de apartamento vão ouvir você, e elas ainda não sabem!

— Elas saberão em breve, quando você estiver gemendo TYYYYY aqui todas as noites.

Eu digo a parte “Ty” bem alto, e Lydia rola para me calar enquanto eu respiro fundo e me preparo para fazer isso de novo.

— Chega, sua idiota ridícula! — ela diz enquanto coloca a mão na minha boca. — Você está de bom humor esta noite. — Ela puxa a mão para trás uma polegada, e quando eu não começo a gritar novamente, ela me solta e cai de costas.

— É bom estar aqui com você — eu respondo. — Eu tenho me sentido... estranha, e isso ajuda.

— Estranha como?

— Estranha como… — Eu olho para as luzes da corda, trazendo meus olhos para dentro e fora de foco para transformá-los em rajadas de estrelas nebulosas enquanto eu resolvo o que dizer. — Estranha como se fosse o Chá Tartã amanhã, e eu não falei com Kenzie desde *aquela* noite, e eu não sei o que diabos está

acontecendo ali, ou na minha vida em geral.

Lydia estende a mão para me dar um tapinha no ombro.

— Vou me esforçar muito para ser uma boa amiga aqui e focar nas partes importantes em vez de rir da frase “Chá Tartã” novamente como eu realmente quero.

Eu bufo. Mesmo ouvir isso dela me faz sentir um pouco melhor. Como eu disse a ela, é bom apenas deitar aqui e rir. Conversas na cama com Lydia são um antídoto para a maioria dos venenos deste mundo.

— Eu aprecio sua consideração.

— Qual parte parece mais estranha? — ela pergunta.

— Hmmm. — Continuo olhando para as pequenas luzes, pensando em como Kenzie parecia vulnerável sob o poste de luz no parque, logo antes de pegar minha mão. — Acho que só... não sei mais o que esperar. Eu pensei que estava apenas competindo por uma bolsa de estudos e talvez tendo uma última chance de enfrentar uma velha rivalidade idiota, mas... parece mais complicado do que isso.

Ela acena com a cabeça, e passamos os próximos momentos em silêncio juntas, apenas respirando e existindo.

— Eu sei que é complicado — ela me diz —, mas quer saber? Eu também sei que você vai entender isso. Você pode fazer qualquer coisa, Moira Murray.

Ela descansa a cabeça no meu ombro, e eu apoio meu queixo ao lado de seu rabo de cavalo, desejando compartilhar sua confiança.

CAPÍTULO 8
KENZIE

Não deveria ser tão difícil cortar uma travessa de brownies. Coloco a faca em minhas mãos no balcão e pego a espátula de metal ao lado dela, usando as bordas para tentar arrancar os brownies da prisão pela terceira vez esta manhã.

Quando termino de deslizar a espátula ao redor da panela como um quebra-cabeça, viro a bandeja de cabeça para baixo e bato no fundo. Os brownies não murcham.

Eu bato ainda mais forte.

Posso sentir os olhos de todos na cozinha se virarem para me observar, mas não me viro. Estou no Chá Tartã há apenas uma hora e já posso dizer que perdi minha carta de "jogar com calma".

Eu poderia ter aguentado um pouco mais se Chris não tivesse desistido de vir assistir a um filme pela terceira vez este mês na noite passada. Ele nem mandou mensagem para cancelar. Recebi um pedido de desculpas estranho no correio de voz esta manhã em resposta a todas as minhas mensagens perguntando se ele estava bem.

Eu nunca sei se ele está bem. Eu não acho que ele está realmente bem desde que o pai dele se separou da minha mãe.

— Que diabos está errado com você? — Eu assobio para os brownies.

Quando vejo uma das jovens candidatas a bolsa de estudos olhando para mim com terror petrificado com o canto do meu olho, respiro fundo e, em seguida, me viro para encará-la, forçando um sorriso no meu rosto.

— Eles simplesmente não querem sair daqui — eu digo, batendo na panela. A risada que eu sigo apenas soa levemente estrangulada.

— Uh-huhhhh — ela responde com uma risada nervosa.

O nome dela é Holly, e junto com outra garota de dezessete anos chamada Nicole, ela compõe a soma total de pessoas além de mim e Moira concorrendo à bolsa de estudos. Os organizadores do Chá Tartã têm nós quatro na cozinha, junto com uma voluntária veterana da ODEO chamada Margerie, que provavelmente estaria melhor sem nós lotando seu espaço.

É uma cozinha de tamanho razoável, mas parece minúscula quando tem eu e Moira nela.

Nós mal nos falamos desde que nós duas aparecemos às sete da manhã. Nós assentimos em vez de dizer olá. Ela me pediu para passar uma colher para ela, e eu tive que verificar com ela a que horas uma quiche foi ao forno, mas fora isso, ficamos em silêncio.

Eu lanço um olhar para ela por cima do meu ombro, e meu estômago revira.

Ela sabe demais.

É tudo o que consigo pensar, tudo o que consegui pensar nas últimas semanas desde aquela noite no parque.

Eu nunca deveria ter dito a ela nada disso. Agora que ela sabe todas essas coisas sobre mim, ela tem poder. Ela tem o controle que eu deveria ter mantido para mim, e não posso voltar atrás.

— Tudo bem, meninas, estamos quase prontos para ir! — Margerie volta para a sala e bate palmas, a pulseira de berloques enrolada em seu pulso tilintando. — Eu preciso de duas de vocês para me ajudar a terminar de montar a estação de café. Quem quer vir com...

Antes que ela possa terminar a frase, Holly e Nicole largam o que estão fazendo e correm para se alinhar na frente dela como crianças do jardim de infância prontas para uma excursão.

— Nós vamos! — Holly toca, lançando um olhar nervoso para mim por cima do ombro.

Eu poderia ser uma companhia ainda pior esta manhã do que eu pensava.

— Bem, ok! — A testa de Margerie franze por um momento antes que ela dê de ombros para fora da atmosfera tensa da sala e conduza as meninas para o salão alugado da igreja onde sempre acontecem os chás Tartã.

Isso deixa eu e Moira sozinhas na cozinha.

Eu me concentro nos brownies para não olhar para ela novamente, mas isso não impede que meus ouvidos se esforcem para captar cada som de seus movimentos. Ela está arrumando sanduíches pequenos em uma travessa, e entre os intervalos de raspagem enquanto eu arrasto minha espátula ao redor da borda da forma de brownie mais uma vez, eu posso ouvi-la cacarejando para si mesma e girando a bandeja para fazer um ajuste.

Nenhuma de nós fala. Fora da cozinha, o salão está cheio de vozes de outros voluntários e dançarinos se preparando para suas apresentações no pequeno palco elevado. Alguns guinchos estridentes me avisam que a gaita de foles está se aquecendo.

Alguns dos meus alunos vão dançar hoje. Eu deveria sair e dizer olá, mas mesmo que esses malditos brownies não estivessem me mantendo como refém, eu sei que não conseguiria sair da cozinha.

Agora que somos apenas eu e Moira, meus pés parecem grudados no chão, meu corpo pesado por tudo o que dissemos – e não dissemos – naquela noite no parque.

Meu coração martela contra minhas costelas, e meus músculos estão tensos como se eu estivesse me preparando para um ataque.

Não posso retirar o que disse, mas também não posso retirar o que vi – e o que isso me fez sentir. Quando ela me contou o que Catherine fez, quando vi seu rosto se contrair de dor com a memória, foi como entrar em uma realidade alternativa onde eu faria qualquer coisa que pudesse para evitar que Moira Murray se machucasse.

É a mesma coisa que senti quando a vi deitada em uma maca na Escócia há dois anos, com as bochechas pálidas e os lábios apertados em uma careta. Por um momento – antes de ouvir um dos médicos dizer que ela ficaria bem – parecia que a garota que estava tirando coisas das minhas mãos por anos estava finalmente agarrando meu coração, e eu nem ia tentar impedi-la.

Eu dou um golpe final na espátula antes de virar a panela e bater no fundo.

Os brownies deslizam para fora em um pedaço sólido e pousam com um baque no prato abaixo deles. Todo o fundo do lote parece ter grudado na panela e deixado o retângulo de chocolate um pouco abatido, mas eles estão fora.

— Porra, *finalmente* — murmuro.

Eu ouço Moira se mexer do outro lado da cozinha, e minha coluna fica reta antes de torcer o pescoço para olhar para ela por cima do ombro.

Ela está olhando para mim por cima do ombro também. Nossos olhos se encontram por meio segundo antes de eu ouvi-la puxar uma forte inspiração pelo nariz e voltar a servir sanduíches como se sua vida dependesse disso.

Eu deveria me virar, mas não me viro.

Em vez disso, meus olhos caem para as curvas de seus quadris sob o vestido xadrez vermelho e branco que ela está usando. É mais apertado do que qualquer coisa que eu a vi usar antes, mas com uma camiseta preta de manga comprida e meia-calça por baixo, não vai chocar nenhum participante do Chá Tartã.

Me chocou quando a vi tirar o casaco esta manhã e revelar que suas curvas são ainda mais incríveis do que os trajes de dança das terras altas que costumo vê-la levariam a acreditar. As roupas das terras altas não são exatamente projetadas para o apelo sexual, mas neste vestido, ela é uma bomba completa, e não posso dizer se a percepção me deixa com raiva, aterrorizada ou excitada. Parece uma mistura dos três.

O que é ridículo. Ela é Moira. A razão de estarmos nesta cozinha é para nos enfrentarmos. Eu não deveria estar pensando em nada além de ganhar aquela bolsa de estudos.

Erga-se.

Erga-se.

Erga-se.

Eu viro minha cabeça para encarar a parede antes de pegar minha espátula e despejá-la na pia. Já há uma pilha de pratos e ferramentas lotando a bacia. Eu alcanço a torneira extensível para dar uma lavagem rápida, mas assim que eu abro a torneira, uma rajada de água fria sai do lado do bico para molhar minha camisa.

Eu grito e pulo para trás, olhando para as manchas molhadas que florescem na blusa branca que eu enfiei em uma saia xadrez xadrez vermelha.

— Ah, sim — eu ouço Moira dizer atrás de mim. — A pia vaza. Você tem que segurar o bico para baixo ao ligá-lo.

Eu me viro para encará-la. Ela está de pé com o quadril apoiado no balcão a alguns metros de distância.

— Como você sabe disso e eu não? — Eu exijo enquanto a água gelada penetra por toda a minha camisa até a minha pele.

É irracional, mas ela saber algumas informações vitais da pia, eu não me sinto apenas como a décima milésima prova de que este é um mundo em que ela se encaixa perfeitamente, enquanto eu preciso empurrar e empurrar e empurrar para a perfeição apenas para chamá-lo de meu.

Para pertencer.

— Você não ouviu Margerie nos dizer? — ela pergunta, uma de suas sobrancelhas pulando com a mordida no meu tom. — Talvez você estivesse muito ocupada destruindo aqueles brownies.

Minha pele queima tanto que meio que espero ver o vapor saindo da minha camisa encharcada.

Ela *não* incluiu os brownies nisso.

— Eu não os *destruí*. Estou cortando-os.

Ela se aproxima para ficar bem ao lado do prato.

— Você está cortando há quinze minutos, e devo dizer que eles parecem um pouco ásperos.

Ela olha entre mim e os brownies com um beicinho simpático exagerado.

Eu enrolo meus dedos ao redor da borda da pia e aperto com força.

— O que você está querendo aqui, Moira? — Eu fervilho. — Eu tenho *esse* problema para resolver, então se você quer algo, é melhor você me dizer agora.

Eu gesticulo para minha blusa, e vejo seus olhos caírem para seguir minha mão. Olho para baixo também e percebo que o tecido agora está grudado na minha barriga e nas taças do meu sutiã nude. Eu olho para trás bem a tempo de vê-la engolir antes que ela encontre meus olhos.

— Eu quero… — ela começa a dizer antes de sua voz falhar e ela tem que limpar a garganta.

O som faz minhas coxas se contorcerem e, por um momento, esqueço onde estamos. Eu esqueço quem somos. Tudo o que consigo pensar é quanto tempo faz desde que eu beijei alguém e o quanto de repente eu quero que a próxima pessoa que eu beijo seja ela.

— Eu quero que você pare de me evitar — ela diz, me tirando do meu transe.

Eu mantenho meu aperto no balcão enquanto me inclino um pouco para trás. Eu preciso de espaço. Ela não se moveu, mas de alguma forma, ela parece estar muito mais perto.

— Você pode não querer trabalhar juntas — ela continua —, mas se qualquer uma de nós quiser a bolsa de estudos, precisamos fazer essa entrevista e precisamos que seja boa. Você não pode simplesmente não me mandar uma mensagem e depois vir aqui e me ignorar.

— Você também não me mandou uma mensagem. — É uma resposta mesquinha, mas ainda dou de ombros ao dizer isso.

Ela zomba e balança a cabeça.

— *Eu* não fui uma idiota no parque. Você poderia ter sido, tipo, uma pessoa normal esta manhã em vez de atacar esses brownies e fazer todo mundo...

Ela levanta a mão para bater no balcão e enfatizar a palavra “brownies”, mas ela não tira os olhos de mim e acaba ultrapassando sua marca. Sua palma aterrissa no meio do retângulo de brownie, esmagando a massa além da salvação e enviando alguns pedaços voando com a força do tapa.

Eu congelo.

Ela congela.

Algumas notas monótonas da gaita de foles do lado de fora preenchem o silêncio.

Moira levanta a mão, pedaços de brownie grudados em seus dedos e palma, e olha entre mim e o prato. Não tenho certeza de que expressão meu rosto mudou, mas é o suficiente para deixar até Moira parecendo nervosa.

— Você não acabou de destruir meus brownies — eu assobio.

— Uh… — Ela pega um pedaço do balcão e o rola entre os dedos, evitando meus olhos. — Quero dizer, pelo lado positivo, não é como se eles estivessem tão bonitos de qualquer maneira.

Deixo escapar um grito que carrega consigo as frustrações do dia inteiro: a mensagem de Chris, a preocupação com ele pesando no meu peito, o

conhecimento silencioso de que Moira sabe muito mais sobre mim do que eu quero que ela saiba, e o mesmo conhecimento mais silencioso de que não consigo parar de olhar para o corpo dela – da mesma forma que ela definitivamente gostava de olhar para o meu peito sob a camisa encharcada.

E, claro, há a frustração dos malditos brownies.

Tudo sai gritando de mim enquanto eu a vejo brincar presunçosamente com a massa quebrada, e antes que eu perceba o que estou fazendo, eu tenho a mangueira da pia em minhas mãos novamente.

Eu puxo o gatilho e mando um jato de água escorrendo para salpicar seus pés. Eu não me importo que o bico com vazamento esguiche minha camisa novamente. O tecido já está encharcado, e o olhar chocado no rosto de Moira vale cada gota.

Ela levanta as duas mãos em descrença, a palma direita ainda coberta de migalhas de brownie.

— Ai. Meu. Deus — ela diz com a voz embargada, com os olhos arregalados. — Você acabou de me molhar.

Eu dou de ombros.

— Bem, você destruiu meus… oh meu Deus!

Eu grito de novo quando ela pega um punhado de pedaços de brownie do prato e os joga em mim. Eles batem na minha camisa molhada antes de cair no chão, me deixando polvilhado com migalhas marrons.

— Você pediu por isso — diz Moira com um aceno de cabeça enquanto eu pisco para ela.

Assim que supero o choque, aperto a mangueira com mais força.

— Não, não, não — Moira começa a cantar, seus olhos arregalados. — Kenzie, não. Podemos…

Eu a borrifo novamente, pegando a borda de seu vestido desta vez antes que ela salte para fora do meu objetivo. O bico defeituoso risca a ilha de metal no meio da cozinha com água desta vez, mas não me importo. Toda a tensão está deixando meu corpo, substituída pela mesma onda determinada de adrenalina que sinto toda vez que estou em um palco de competição. Uma risada borbulha fora de mim quando os cantos da minha boca se erguem.

Agora é Moira quem está gritando, mas seus guinchos são acompanhados de risadas também. Ela se aproxima o suficiente para pegar toda a bandeja de brownie e, em seguida, recua para o outro lado da cozinha, evitando um esguicho da mangueira que acaba encharcando uma pilha de panos de prato.

— Kenzie, podemos conversar sobre isso — ela ofega, enquanto pega outro punhado de munição do prato. Seu olhar percorre meu corpo, antecipando qualquer sinal de movimento.

— Ah, passamos do ponto de conversa assim que você jogou meus próprios brownies em mim.

Ela está longe demais para eu acertá-la novamente, e eu estou longe demais para ela acertar com um projétil. Ficamos presas em um impasse, ambas respirando com dificuldade.

— Abaixe a mangueira, Kenzie.

— Quando você colocar a bandeja no chão, Moira.

Eu fico tensa quando vejo seus olhos se moverem para a ilha na frente dela.

Em um movimento rápido, ela pega uma assadeira vazia para segurar como um escudo e corre pela ilha com um punhado de brownies na mão.

Eu fico com o bico pronto enquanto ela avança em minha direção, e no segundo que ela leva para abaixar a bandeja e checar sua mira, eu vou para o meu tiro.

Ela acaba com o rosto cheio de água da torneira, e eu com o rosto cheio de brownies amassados.

Nós duas ficamos ofegantes e cuspindo, enxugando os olhos antes de olharmos uma para a outra.

Ela está mais perto do que eu percebi.

Tão malditamente perto.

Seus cílios estão cheios de água, e toda a respiração sai de mim quando percebo o quanto quero lamber as gotas de umidade grudadas em seus lábios.

Quero descobrir qual é o gosto dela, como ela se sente sob minhas mãos. Quero saber o quão loucas poderíamos enlouquecer uma a outra se fizéssemos de nossos corpos parte do jogo que jogamos há anos.

Sua língua sai para molhar o lábio inferior, o flash de rosa sobre rosa me puxando para mais perto.

Eu quero saber como ela soaria se eu mordesse aquele lábio. Não sei como sei, mas de repente tenho certeza de que Moira Murray gosta de um pouco forte.

Seu peito está arfando, e o meu também, os bojos do meu sutiã esticando contra minha camisa agora completamente transparente.

Eu quero sentir suas mãos nos botões, puxando-o de cima de mim.

Eu quero minhas mãos em seu cabelo, puxando com força.

Nossos rostos estão a apenas alguns centímetros de distância agora. Eu quase posso sentir o gosto de sua respiração quente e rápida.

— Kenzie...

Sua voz sussurrando meu nome faz meus olhos se fecharem enquanto minhas mãos apertam com o pensamento de todas as maneiras diferentes que eu poderia fazê-la dizer isso.

Suspire.

Grite.

— Moira...

Não há mais nada. Há apenas o corpo dela, a centímetros do meu, esperando que eu a alcance.

Então a porta da cozinha se abre, rangendo nas dobradiças, e o resto do mundo volta a uma claridade dura e horrível.

Meus olhos se abrem e minha cabeça se vira para avistar a doce e velha Margerie examinando a zona de guerra da cozinha como se ela tivesse acabado de entrar no alvorecer do apocalipse. Ela murmura algumas palavras silenciosas enquanto sua cabeça gira para absorver todos os respingos de brownie e respingos de água sentados como poças de maré nos balcões, dando a Moira e eu alguns segundos para nos afastarmos uma da outra.

Finalmente, seus olhos pousam em nós duas.

— Meninas, o que diabos está acontecendo aqui?

CAPÍTULO 9
MOIRA

Essa talvez seja a primeira vez na história da Organização de Dança Escocesa de Ottawa que alguém já foi expulso do chá Tartã.

O pensamento me ocorre enquanto Kenzie e eu estamos no saguão da igreja vestindo nossos casacos. Eu posso ouvir os tubos zumbindo no porão, e só me leva algumas batidas para reconhecer a dança como uma chamada Village Maid.

Eu deveria estar lá apoiando meus alunos, mas como Kenzie e eu ouvimos por uma Margerie horrorizada, não estamos "em condições de representar a organização".

Em algum ataque de raciocínio rápido que eu definitivamente não estava preparada para fazer sozinha, Kenzie conseguiu passar a destruição na cozinha como resultado de um fiasco espontâneo de encanamento que nós duas lutamos heroicamente para ficar sob controle, com os brownies sendo um infeliz vítima do caos frenético que tomou conta enquanto lutávamos com a pia.

Até onde podemos dizer, não colocamos em risco nossa chance de obter uma bolsa de estudos – ou nossos empregos como professoras de dança – mas ainda nos pediram para sair devido à bagunça absoluta que somos.

— Estou tão feliz que minha mãe e meu pai não estavam neste chá — murmuro enquanto arrumo minha jaqueta.

— Eles não estão geralmente em coisas como essa? — Kenzie pergunta enquanto digita algo em seu telefone.

Não a olhei nos olhos desde que Margerie nos encontrou. Fazer isso é como admitir em todos os outros lugares que olhei para ela hoje, e não tenho certeza se estou pronta para ser tão honesta comigo mesma, não importa Kenzie.

Quase nos beijamos?

A pergunta passa na minha cabeça em um loop, emparelhada com a imagem dos cílios escuros de Kenzie roçando suas bochechas enquanto seus olhos se fecham e sua boca se inclina em direção à minha.

— Sim, eles estão — eu respondo —, mas meu irmão mais novo se desviou do caminho da família e começou a praticar karatê. Eles estão nessa coisa no dojo dele hoje.

Até mesmo Logan, de dezesseis anos, aceitou meus pais em seu constante incentivo para "sonhar grande e fazer o que quiser"

Diferente de mim.

Eu empurro os pensamentos para longe enquanto Kenzie sussurra em resposta, seus olhos fixos na tela enquanto ela continua digitando. Não tenho certeza se devo sair agora. Nós duas estamos prontas para ir, mas em vez de dizer adeus e ir para o ponto de ônibus, eu deixo escapar a primeira pergunta que surge na minha cabeça.

— Você tem irmãos?

Seus dedos ficam parados, mas ela continua olhando para o telefone.

— Mais ou menos — ela responde depois de um momento.

— Mais ou menos? — Repito, mesmo que ela já esteja digitando novamente

e emitindo uma forte vibração de “não faça perguntas de acompanhante”.

— Sim, mais ou menos.

— O que *mais ou menos* quer dizer?

Ela sopra uma lufada de ar pelo nariz e olha para cima para olhar por cima do meu ombro como se estivesse procurando a fonte de água mais próxima para me borrifar novamente.

— Não há realmente uma maneira estabelecida de se referir ao filho de alguém com quem sua mãe costumava ser casada, e sempre me sinto estúpida chamando-o de meu ex-meio-irmão, então sim, eu *meio* que tenho um irmão.

— Ah.

Ela volta a digitar, e mesmo que ela esteja me dando todas as indicações para deixar o assunto de lado, eu não o faço. Se pararmos de falar, terei que sair, e se tiver que sair, terei que encarar o quanto não quero sair. Então, em vez disso, pergunto:

— Qual é o nome dele?

Ela pressiona os lábios, duas rugas se formando entre as sobrancelhas. Alguns momentos se passam e começo a pensar que aquela expressão é a única resposta que vou obter antes que ela murmure um nome que mal consigo pegar.

— Chris.

Seu rosto relaxa, como se o nome dele fosse um feitiço calmante, mas seus olhos ficam quase suaves demais, como se ela estivesse a segundos de chorar.

Se eu vir a estóica e gelada Kenzie Andrianakis desmoronar e chorar depois de todas as outras coisas insanas que já aconteceram esta manhã, o planeta pode experimentar uma inversão completa de seus pólos, então não pergunto mais nada sobre ele.

— Você está procurando sua rota de ônibus? — eu digo em vez disso.

Ela olha para mim.

— Hãn?

Eu aceno para o telefone dela, meu pescoço ficando quente quando percebo que esquisito ridículo estou sendo.

— No seu celular. Você está, hãn, procurando como chegar em casa?

— Ah. Ah, não. — Ela se vira para olhar as tiras de vidro nas portas da igreja. — Eu acho que deveria ir, no entanto. Margerie parecia bem séria sobre não nos deixar voltar.

Eu rio antes que eu possa me impedir, e os cantos da boca de Kenzie se levantam.

— Você vai pegar o ônibus para casa?

— Eu? — Eu pergunto, como se ela pudesse estar falando com qualquer outra pessoa.

Uma briga de comida e um quase beijo depois, e estou agindo como uma adolescente apaixonada, não uma mulher crescida interagindo com outra mulher adulta que não tem sido nada além de insuportável desde o dia do nosso primeiro encontro.

— Eu vou andar, na verdade — eu respondo. — Moro bem perto.

— Você mora com os seus pais?

O calor subindo pelo meu pescoço começa a rastejar em minhas bochechas. Quando estou lá, não me sinto mal por morar em casa. Parece a escolha certa

para mim no momento, mas eu sei como parece decolar como um intrépido viajante do mundo apenas para bater e queimar todo o caminho de volta para onde você começou.

— Sim — eu digo, olhando pela janela da porta agora também. — Eu moro.

Kenzie provavelmente tem uma casa cheia de colegas de apartamento legais como Lydia, ou alguma unidade elegante em um daqueles arranha-céus só para estudantes no centro da cidade. Posso imaginá-la em algum estúdio da moda que é tão elegante quanto a roupa que ela usou para me encontrar no Starbucks algumas semanas atrás.

— Eu também.

Eu balanço minha cabeça para olhar para ela.

— Você mora?

— Sim. Bem, apenas com a minha mãe. É... quero dizer, ela... sim. — Ela pressiona os lábios juntos depois que ela para.

Eu quero me chutar como punição por tudo que eu acabei de pensar. Claro que faria sentido ela morar em casa se sua mãe tiver algum tipo de doença.

Enquanto olho para os ângulos agudos de seu rosto, para a beleza que sempre considerei cruel, percebo que passei anos construindo uma imagem de Kenzie baseada apenas no pequeno fragmento de vida dela que cheguei a ver.

Para mim, ela só existiu como oponente no palco ou uma conversa chata para lidar depois de um evento de dança. Eu deixei as pessoas ao seu redor – ou seja, Catherine e o resto da equipe Stewie – se tornarem sua história por trás, mas ela é mais do que isso. Ela é mais do que eles.

Ela é fascinante.

A palavra flutua em meus pensamentos enquanto a vejo piscar, e percebo que é a palavra perfeita para descrever como estou me sentindo – e talvez como sempre me senti.

Eu sou fascinada por ela. Ela pode me irritar, mas ela sempre me deixa querendo mais. Eu sempre volto a isso, e ela também.

— Ei, hum, eu tenho uma ideia — eu digo antes de me acovardar.

Ela inclina a cabeça, me convidando a continuar.

— Nós duas estávamos planejando ficar nessa coisa por mais algumas horas, então eu sei que temos o resto da manhã livre, e já que os outros candidatos claramente vão marcar os, uh, pontos de *brownie* para este evento, se você quiser…

Ela aperta os lábios, suas bochechas ficando vermelhas enquanto ela tenta tanto segurar uma risada que acaba explodindo dela como um bufar.

— Ah meu Deus, Moira — ela diz, balançando a cabeça e deixando uma verdadeira risada.

Eu também ri.

— Não resisti. A musa atacou.

— Apenas continue com sua ideia — ela tenta comandar, embora ainda esteja sorrindo.

— Certo, certo. — Eu limpo minha garganta. — Então, parece que nossa entrevista vai precisar ser muito boa, e já que temos tempo, e nós duas já estamos vestindo tartã, devemos fazer isso hoje.

Eu luto contra a vontade de engolir em seco assim que termino.

Kenzie olha para seu peito.

— Isso seria ótimo se minha camisa não estivesse coberta de brownies.

— Ah. Certo. Bem… — Eu puxo a manga da minha jaqueta, tentando não olhar para o peito dela também. — Eu ia sugerir que filmássemos em minha casa já que estamos perto, para que você pudesse limpar sua camisa lá, ou apenas pegar algo emprestado.

Minhas bochechas esquentam ainda mais quando percebo que, em uma única frase, sugeri que ela tirasse a camisa e vestisse uma das minhas.

— Isso poderia funcionar.

A maneira como ela inclina a cabeça e levanta uma sobrancelha deixa claro que ela sabe exatamente como estou nervosa.

Isso não ajuda em nada minhas bochechas ardentes a esfriarem.

— Eu estou dentro se você estiver — ela diz quando eu não consigo encontrar uma resposta.

Eu me viro para encarar as portas e escondo o quão fundo eu respiro.

— Certo. Bom. Então me siga.

Atravessamos a primeira metade da caminhada de quinze minutos até minha casa em silêncio praticamente completo. Estamos no coração das tranquilas ruas residenciais de Glebe. Enormes carvalhos e bordos chovem as últimas folhas amarelas da estação sobre nós enquanto caminhamos pela calçada.

A maioria das casas aqui tem o mesmo estilo da minha família: prédios antigos de tijolos quadrados de três andares com empenas de aparência vintage e telhados de telhas. Quando meus pais levavam eu e meus irmãos para passear em família quando crianças, jogávamos jogos intermináveis de “Eu Espio” com base em todos os detalhes peculiares das casas, como videiras rastejando em torno de um corrimão ou aldravas de leão nas portas.

Mesmo que Kenzie esteja em silêncio, eu a vejo esticando o pescoço ao meu lado, absorvendo a cena outonal como se ela estivesse tão extasiada por ela quanto eu sempre fui quando criança.

Estamos prestes a virar a esquina da minha rua quando uma das sapatilhas pretas que estou usando fica presa em uma lacuna entre duas lajes da calçada e quase me derruba de bruços.

— Merda — eu assobio enquanto eu lanço um braço para recuperar o equilíbrio. — Elas nem têm saltos, e eu ainda estou tropeçando nelas.

Kenzie me dá um olhar de soslaio.

— Não são seus sapatos favoritos?

Eu zombo.

— Sou mais do tipo Doc Martens ou Converse. Minha Aboyne é tão feminina quanto eu.

Eu rio da minha própria piada sobre o traje de saia das terras altas usado para as danças de estilo “damas”, mas me paro quando percebo o que acabei de

insinuar.

Eu nunca mencionei ser queer diretamente para Kenzie. Nunca tive motivo.

Não é segredo nem nada; com toda a probabilidade, ela já ouviu de outra pessoa, mas ainda prendo a respiração enquanto espero para ouvir o que ela vai dizer em seguida.

— Você também não é exatamente masculina — ela finalmente responde, assim que o final da nossa garagem aparece à frente.

Eu balanço minha cabeça ao lado dela.

— Eu fico no meio.

Ela começa a rir com isso, e eu viro minha cabeça para vê-la inclinar o rosto para o céu, sua boca aberta em um sorriso genuíno.

— Então, o que você diria que eu sou?

— Hum. — Arrisco-me a tropeçar de novo enquanto passo meus pés por uma pilha de folhas crocantes que caiu na calçada. — Você é muito feminina, mas não gosta de coisas tão femininas.

Ela acena.

— Parece certo.

Estamos realmente falando sobre isso. Depois de anos se perguntando, ela realmente me disse que é queer.

— Então você, uh... você é… — Eu gaguejo com toda a delicadeza de uma garota de treze anos conversando com sua primeira paixão.

— Eu gosto de garotas, sim — ela termina para mim.

Minha garganta fica seca, e eu me forço a engolir.

— Legal.

Sério? Legal? Por que diabos eu acabei de dizer "legal"?

— E você também — diz ela, mais uma afirmação do que uma pergunta.

Eu aceno de qualquer maneira.

— Eu gosto, sim.

Quando minha voz não sai tão parecida com a de um esquilo ressecado quanto eu esperava, arrisco continuar.

— Tenho certeza de que sou lésbica. Ainda estou tentando encontrar o rótulo certo para mim, mas tenho certeza que é isso.

Ela desliza as mãos nos bolsos de seu casaco cinza.

— Legal.

Parte do meu pânico diminui quando percebo que ela também é desajeitada o suficiente para usar a palavra "legal" nesta conversa.

— Que você está se permitindo levar tempo para descobrir — acrescenta ela, olhando para a rua agora. — Sou lésbica, mas definitivamente há muita pressão para, tipo, saber disso imediatamente se você quer parecer… legítima? Ou alguma coisa?

Eu balanço minha cabeça.

— Ah, eu entendo totalmente isso. Às vezes tenho medo de dizer às meninas que ainda estou descobrindo. Tenho certeza de que não consigo mais me ver namorando com um homem, mas é só... é como você disse. Eu quero ter algum tempo com isso.

As palavras saem de mim antes que eu possa contemplá-las, e quando fico em silêncio, percebo que disse muito mais do que pretendia. Não me arrependo,

porém. Por mais que pareça uma realidade alternativa estar andando pela minha rua com Kenzie, conversando sobre nossos despertares sáficos, também é meio *legal*, como colocar o par perfeito de sapatos novos em uma loja e perceber que eles já se sentem familiares seus pés, mesmo que você nunca os tenha usado antes.

— Aqui estamos nós — eu digo, apontando para a minha garagem enquanto passamos pelo jardim da frente do nosso vizinho.

Nosso próprio jardim da frente já viu dias melhores, mas todos nós ficamos tão presos na programação de retorno ao outono que ninguém teve tempo de cuidar disso. A grama murcha e amarela é coberta principalmente por uma camada de folhas em decomposição. Vejo uma bola de rúgbi perdida e um par de luvas de jardinagem quase escondidas e me lembro de ir buscá-las mais tarde.

O balanço de pneu preso a um galho de nosso grande carvalho por alguns pedaços de corda amarela e grossa está balançando na brisa leve. Conduzo Kenzie pelo caminho ao lado até nossa varanda coberta.

— Bem-vinda à casa dos Murray — digo, estendendo o braço para ela subir os dois degraus até a varanda à minha frente.

A tinta azul escura está descascando das tábuas do piso, e a varanda em si está abarrotada de vasos vazios que minha mãe passou o verão todo dizendo que ia se transformar em vitrinas, mas nunca o fez.

— Desculpe a bagunça — eu digo enquanto procuro minha chave no meu bolso e, em seguida, abro a porta da frente. Minha mão treme um pouco quando giro a maçaneta e percebo como fiquei tensa.

Kenzie está prestes a entrar na minha casa, aquela em que vivi toda a minha vida. Talvez eu esteja sendo dramática, mas parece que o limite é uma linha que não podemos descruzar.

Só não tenho certeza do que estamos entrando do outro lado.

Entro na casa primeiro, e não me viro até largar minha bolsa na mesa de madeira escura e desordenada do console e ouvir Kenzie fechar a porta atrás dela. A entrada fica no final de um corredor curto e estreito, e quando me viro para dizer a ela para tirar os sapatos, encontro Kenzie muito mais perto do que eu esperava.

— Hm, então… — eu paro, piscando enquanto seus olhos castanhos encaram os meus.

Ela tem olhos como chá preto sem leite – escuros e fortes, com um toque de âmbar para equilibrar toda a amargura.

Eles escondem muito, mas se você os pegar na luz certa, é quase como ler folhas de chá, como aprender um idioma totalmente novo apenas para entendê-la.

— Então você pode colocar seu casaco lá — eu termino, desviando meu olhar para apontar para a fileira de ganchos de latão aparafusados na parede de painéis, que já estão transbordando de jaquetas e cachecóis.

Deixo Kenzie descobrir isso sozinha e vou para a sala de estar para ter certeza de que não há nada que eu sinta necessidade de arrumar antes que ela veja.

Verdade seja dita, há muita coisa que eu gostaria de arrumar. Nosso estilo é o oposto da “decoração minimalista branca pura” que você vê nas capas de revistas. Eu gosto de pensar em nossa bagunça como do tipo aconchegante e

reconfortante, mas olhando para o sofá vermelho em forma de L coberto de livros e cobertores, as estantes empilhadas com bugigangas e as infinitas fotos de dança emolduradas montadas em todas as superfícies disponíveis, eu consigo entender como isso pode parecer muito.

Acho que posso ter tempo suficiente para pelo menos afofar o sofá um pouco, mas Kenzie se aproxima de mim antes que eu possa me mexer.

— Uau — ela diz antes que eu possa fazer qualquer tipo de advertência. — É…

Eu me preparo para qualquer palavra que venha a seguir.

— Aconchegante — ela termina.

Eu aperto os olhos de surpresa e viro minha cabeça para vê-la continuar examinando a sala.

— E tipo, *realmente* escocês — ela acrescenta.

Eu rio.

— Você sabe, tudo meio que se encaixa para mim neste momento, mas você está certa.

As enormes fotos emolduradas de Ben Nevis e da Ilha de Skye podem ter algo a ver com isso, assim como o brasão de ferro superdramático dos Murray acima da lareira, que é enfeitado com um pedaço de tartã do clã Murray e tem duas espadas cruzadas atrás dele.

— Você pode sentar no sofá e mover o que precisar — digo a ela enquanto me dirijo para a cozinha, que é separada da sala de estar por uma ilha forrada com bancos de madeira. Eu coloco minha jaqueta sobre um deles e pergunto se ela gostaria de um chá.

— Chá seria ótimo, na verdade — ela responde.

Eu lanço olhares para ela enquanto fervo a água e pego algumas canecas. Ela está sentada na beirada da almofada do sofá com as mãos no colo, como se estivesse com medo de relaxar e se sentar completamente. Ela continua olhando para a sala como se nunca tivesse visto nada parecido.

Pergunto como ela toma o chá, esperando que peça preto ou com apenas um pouco de algum substituto lácteo que não temos, mas ela hesita e depois me diz que vai tomar com leite e açúcar duplo.

Da mesma forma que eu tomo o meu.

Despejo a água e o leite sobre os saquinhos de chá e coloco alguns cubos de açúcar em cada um. Minha mãe usa apenas açúcar em cubos para café e chá. É basicamente uma lei doméstica dos Murray sempre ter cubos de açúcar em estoque.

Quando trago as canecas para a sala, encontro Kenzie curvada para espiar uma foto de dança apoiada sob a lâmpada em uma das mesas laterais do sofá.

— É você ou sua irmã? — ela pergunta assim que eu coloco o chá na mesa e pego uma poltrona.

Mesmo no sofá esparramado, sentar ao lado dela parece muito arriscado, como se fosse me fazer encarar o quão estranho este dia ficou e o quanto mais estranho poderia ficar.

Estranho definitivamente seria uma maneira de descrever a inclinação acidental para beijar Kenzie no sofá da minha família.

— Vamos lá, você realmente não pode dizer? — Eu pergunto.

Conheço a foto bem o suficiente para não precisar olhar. Sou eu com oito anos de kilt e colete, pego no ar em um salto com as pernas em um straddle perfeito. Meu primeiro troféu das terras altas está colocado no chão à minha frente ao lado de uma exibição de fitas e medalhas.

— Vocês duas são muito parecidas — Kenzie protesta.

Ela não está errada; minha irmã mais velha Anna e eu temos o mesmo cabelo e olhos. Nos confundiam uma com a outra fora do palco o tempo todo, mas no palco as pessoas sabiam que eu sempre fui pelo menos uma dançarina um pouco melhor – uma graça salvadora para a minha síndrome de filha do meio, que realmente explodiu quando Anna se formou com meia dúzia de bolsas e foi para a escola de negócios em Toronto para continuar construindo seu já estabelecido negócio de gerenciamento de mídia social.

Ela é um exemplo perfeito do ethos de "sonhar grande" que meus pais têm tanto orgulho, aquele que eu não pareço ter.

— Olha esse salto! — Eu insisto. — O controle! A graça! O poder!

Kenzie ri.

— Ok, então é você.

— Claro que sou eu — eu digo, o que a faz rir ainda mais.

Ela tem uma risada linda – quando não a está usando para acentuar um soco em mim. Quando ela ri assim, aberta e honesta, o som é rico e doce como calda.

— Onde você quer filmar essa coisa? — ela pergunta enquanto pega sua caneca.

— Temos uma pequena marquise lá em cima. Eu estava pensando que poderia funcionar bem. Há muita luz e menos... estímulo visual. — Eu aceno com a mão para indicar o estado geral da sala de estar.

Kenzie ri novamente e assente.

— E o que fazemos com as perguntas?

Eu sinto uma rachadura de tensão na sala, e eu sei que nós duas estamos pensando em como nossa última tentativa terminou.

— Ah, sim. As perguntas.

Eu sopro meu chá para preencher o silêncio.

— Para ser honesta, eu gostei da sua ideia de ir em frente — diz Kenzie. — Podemos cortar o que não funcionar, mas provavelmente deveríamos continuar e filmar o que criamos.

Continuo soprando o chá enquanto aceno com a cabeça, usando a ação para encobrir o quão chocada estou ao ouvir a frase "Gostei da sua ideia" saindo da boca de Kenzie.

— Mas eu tenho uma condição.

Isso soa mais como ela.

— E o que é?

— Nós não interrompemos uma a outra e não fazemos perguntas de acompanhante.

A necessidade de resmungar para ela vem forte como faíscas de indignação no meu peito.

— Bem, desculpe se você considera isso uma interrupção quando eu só quero ter uma conversa orgânica que vai… *o que*, Kenzie?

Eu me interrompo quando vejo o levantar claramente divertido de suas

sobrancelhas enquanto ela coloca seu chá na mesa e cruza os braços sobre o peito.

Seu sutiã ainda está um pouco visível através do tecido que seca lentamente de sua camisa manchada de migalhas. Eu deveria ter oferecido a ela uma limpa imediatamente, mas agora que ela voltou a agir como superior, o desejo de ser útil está desaparecendo.

No entanto, o desejo de dar outra olhada em seus seios ainda está forte.

— Isso é exatamente o que eu quis dizer — ela responde. — Nós interrompemos uma a outra e atrapalhamos a conversa com argumentos – e sim, estou me incluindo nisso também. É como você disse; precisamos que esta entrevista seja muito boa agora que perdemos algumas horas de voluntariado, e não vai ser bom se não conseguirmos terminá-la.

Eu mordo minha língua para conter todas as respostas sarcásticas que vêm à mente.

Ela tem um ponto.

— Eu posso fazer isso se você puder fazer isso — eu respondo depois de um momento de contemplação.

— Ah, eu posso fazer isso — diz ela, se inclinando um pouco mais para a frente.

Não olhe para os peitos dela. Não olhe para os peitos dela, Moira Murray.

Pelo que eu vi através de sua camisa, seus seios são fodidamente fofos, mas duvido que essa seja a palavra que eu usaria para eles se eu pudesse vê-la sem sutiã.

O que não farei, porque ela é minha inimiga e uma pessoa irritantemente presunçosa em geral.

Como se ela pudesse ler minha mente, ela sorri e se levanta, alcançando o cós de sua saia xadrez um pouco mais alto antes de alisar o tecido pelas coxas.

— Você vai me mostrar a marquise?

Se eu pudesse erguer os olhos para o teto e fazer uma oração silenciosa ao espírito da Escócia sem que ela percebesse, eu o faria totalmente.

— Eu acho que é melhor acabarmos com isso — eu respondo enquanto me levanto também.

Levamos nosso chá conosco e subimos a escada rangente até o segundo andar. A marquise é uma característica comum das casas nesta área: uma pequena caixa de um quarto que se projeta sobre a varanda da frente, com janelas que revestem três de suas paredes. Fechamos a sala no inverno, pois não há isolamento, mas em uma tarde ensolarada de outubro, ainda estará quente o suficiente para filmar lá.

A porta do meu quarto está aberta alguns centímetros, e eu paro na frente dela.

— Então, uh, eu acho que você ainda quer uma camisa?

— Quero dizer, eu adoraria sentar nas migalhas de brownie que você jogou em mim, mas não sei se isso causaria a melhor impressão na câmera.

Seu sorriso torna muito mais fácil abrir a porta do meu quarto e levá-la para dentro, mas ainda tenho que desviar os olhos e me concentrar em vasculhar uma das minhas gavetas por uma camiseta branca quando a vejo olhando para minha cama.

Felizmente, hoje foi uma das raras manhãs em que fiz minha cama. A colcha multicolorida que cobre meus lençóis é um pouco infantil, mas é uma das últimas coisas que minha avó fez antes de suas mãos ficarem muito ruins para costurar, então eu nunca sonharia em desistir dela.

O resto da minha decoração é uma malha de recordações de dança da infância, pôsteres com uma sensação distinta de adolescente angustiada para eles – ou pelo menos, o mais próximo de ser uma adolescente angustiada que eu já cheguei – e algumas das minhas tentativas recentes de tornar o espaço mais crescido, como alguns vasos de cerâmica da moda e um conjunto de cortinas brancas compridas para substituir as roxas que eu tinha quando criança.

— Aí está — eu digo, jogando a camiseta para Kenzie assim que a encontro. Eu saio para o corredor e digo que vou encontrá-la na marquise antes de fechar a porta atrás de mim.

Kenzie está se trocando no meu quarto.

Neste exato momento, ela provavelmente está sem camisa.

Eu solto uma respiração longa e pesada e, em seguida, corro de volta para baixo para pegar meu telefone da minha bolsa. Quando Kenzie sai vestindo minha camiseta, eu roubei o tripé do meu irmão do quarto dele e comecei a preparar a marquise para a entrevista.

Eu tento me impedir de olhar para ela, mas a visão dela em algo que possuo, mesmo algo tão simples como uma camiseta branca lisa, atrai meus olhos como se ela fosse um ímã.

— Obrigada pela camisa — diz ela, caminhando pelo corredor como se estivesse em uma passarela e vindo para ficar ao meu lado onde estou configurando a câmera.

De joelhos.

Se eu me virasse, estaria olhando para ela. Ela poderia colocar um dedo sob meu queixo e inclinar meu rosto para cima. Ela poderia correr esse dedo sobre meus lábios.

Eu me arrasto para ficar de pé.

— Sem problemas. Estamos, hm, prontas para começar. Eu acho que nós poderíamos apenas sentar lá.

Eu aponto para as duas cadeiras de vime que arrumei com minha caneca fumegante em uma mesa de madeira frágil entre elas. Kenzie coloca sua caneca ao lado dela.

— Muito temático — diz ela, apontando para as almofadas xadrez e os pequenos emblemas de unicórnio escocês nas canecas combinando, que eu nem havia notado até agora.

Juro que estou tão cercada por coisas escocesas que fiquei cega para minha própria submersão.

— Ah, espere — digo enquanto ela vai se sentar. — Você não tem sua lista de perguntas.

Ela encolhe os ombros.

— Acho que me lembro da maioria delas.

Eu pego minha própria lista do meu quarto e corro de volta para ocupar o lugar ao lado dela.

— Devemos começar? — Eu pergunto.

Ela dá de ombros de novo, e eu sinto que tem que haver algum tipo de explicação científica para como uma pessoa pode me fazer babar em seus peitos em um momento, rindo com ela no próximo, e querendo bater nela com um ghillie logo depois. Atualmente, seus poderes parecem sobrenaturais.

— Vou tomar isso como um sim — brinco antes de me inclinar para pressionar o botão de gravação.

Uma batida de silêncio passa.

— Quem vai primeiro? — Eu pergunto.

— Acho que eu. — Ela limpa a garganta e então se vira para olhar diretamente para mim, falando naquela estranha imitação de uma voz de repórter que de alguma forma acho muito sexy. — Conte-nos um pouco sobre você, Moira.

Meu primeiro instinto é reclamar sobre como essa pergunta é chata e inespecífica, mas temos um acordo e provavelmente deveríamos começar nos apresentando.

— Sou Moira Murray — eu me ouço dizendo, embora metade do meu cérebro ainda esteja ocupada pensando em como seria satisfatório dar um tapa no braço dela com um sapato e a outra metade está tentando transformar isso em algum tipo de fantasia estranha. — Extraordinária dançarina das Terras Altas.

Os lábios de Kenzie se contorcem.

— A maioria das pessoas me conhece como parte do clã Murray local — continuo. — Minha família é proprietária e opera a Escola Murray de Dança das Terras Altas, então, como se poderia supor, a dança das terras altas tem sido uma grande parte da minha vida. Meus pais gostam de dizer que aprendi a pas de basco antes de aprender a andar.

Eu rio da piada que ouvi um milhão de vezes e pego meu chá, acenando para Kenzie seguir com a próxima pergunta.

Falar é bom. Falar me distrai dos pensamentos que não deveria ter.

— E por que você está interessada na bolsa deste ano?

— Bem… — Eu bato na lateral da minha caneca. — A vida de estudante não é barata.

Espero que ela ria comigo, ou pelo menos acene com a cabeça em concordância, mas ela apenas olha.

— É mais do que isso, no entanto — acrescento. — Tenho vinte anos agora, e às vezes me sinto meio... presa entre quem eu costumava ser e quem eu vou ser, se isso faz algum sentido. Eu quero ter certeza de mim. Quero acordar todos os dias e me sentir confiante sobre quem sou e o que quero. A comunidade das terras altas sempre foi um lugar onde sinto essa confiança e, conforme entro em qualquer que seja a próxima fase da minha vida, adoraria aparecer para essa comunidade de novas maneiras e continuar ganhando a honra de representá-la.

Tudo isso é verdade, por mais brega que possa parecer, mas eu me concentro nas outras razões que se agitam dentro de mim.

Eu quero ser interessante.

Quero algo tangível para provar que não sou uma bagunça completamente sem rumo.

Eu só quero sentir me *suficiente*, como se minha vida não fosse pequena demais para importar. Talvez seja estúpido pensar que eu poderia conseguir isso

ganhando uma bolsa de estudos para dança das terras altas, mas eu consigo.

Kenzie está com a cabeça inclinada para o lado, seus olhos examinando meu rosto enquanto ela bebe seu chá.

— Obrigada por essa resposta, Moira — ela diz ao redor da borda de sua caneca, e eu quase rio com a formalidade fingida.

Seus olhos brilham como se ela soubesse exatamente o quão hilária ela está sendo, e todas as vozes que enchem minha cabeça com dúvidas de repente parecem um pouco mais calmas, um pouco menos cruéis.

— Para nossa próxima pergunta, eu adoraria saber o que você considera a mais divertida que você já teve fazendo uma performance das terras altas.

Eu levanto minhas sobrancelhas. Essa foi uma das perguntas da minha lista, e eu a escolhi especificamente para a resposta que já tenho em mente.

— Bem, Kenzie, não acho que será uma surpresa para quem faz parte da ODEO há algum tempo saber que minha resposta é, claro, a infame rotina do Nickelback.

Ela quase cospe seu chá, seu ar profissional escorregando por um momento.

— Ah meu Deus, a rotina do Nickelback.

Eu concordo.

— Sim, a rotina do Nickelback.

Ela limpa a garganta e coloca sua caneca para baixo.

— Para nossos espectadores que não estão familiarizados com esse incidente, talvez você queira fornecer alguma história por trás? Talvez uma reencenação?

Eu aperto meu nariz e pressiono meus lábios para não bufar.

— Ok, então — digo depois de respirar fundo —, há muitos anos, fiz parte de uma apresentação em grupo na ODEO Vitrine de Forma Livre, que, para quem não sabe, é uma competição local informal onde dançarinos conseguem sair um pouco da caixa e realizar rotinas inspiradas nas terras altas que incorporam outros estilos de dança e música.

— Como Nickelback — Kenzie deixa escapar.

— Sim, precisamente. Eu tinha cerca de onze anos na época, e meu grupo deveria estar dançando um número respeitável de Michael Bublé, mas quando chegou a hora de entrarmos no palco, o cara do som colocou uma música do Nickelback por engano.

— E qual música do Nickelback era? — Kenzie pergunta, embora eu tenha certeza de que todos que estiveram lá se lembram, inclusive ela.

— Era “Photograph”, e depois de basicamente ter sido criada em um estúdio de dança, Moira, de onze anos, achou que o show deveria continuar a todo custo, então ela saltou para o palco e fez uma performance de dança totalmente improvisada para Nickelback. Disseram-me que foi muito emocionante.

— Foi hilário — Kenzie corrige. — Acho que você deveria dar aos nossos espectadores um gostinho do que estamos falando.

Eu balanço minha cabeça.

— Ah, de jeito nenhum. Foi uma experiência única na vida.

Kenzie já está ocupada procurando a música em seu telefone e não me dá atenção.

— Entendi! — ela canta depois de alguns segundos. — Deixe-me mover a câmera de volta.

— Kenzie, de verdade, não vou fazer a dança do Nickelback.

Ela apenas segue em frente com a movimentação do tripé para o corredor.

— As pessoas adoraram a dança do Nickelback. Elas ainda falam sobre isso. Você mesma disse que esta entrevista precisa ser única e divertida se quisermos ofuscar as outras candidatas.

— Por diversão, eu não quis dizer dançar para Nickelback.

Ela me lança um olhar por cima do ombro.

— Pare de reclamar e admita que é uma ótima ideia.

Se eu realmente pensar sobre isso, é uma ótima ideia, mas não vou dizer isso a ela.

— Eu nem estou aquecida — eu digo em vez disso.

— Então se mexa.

Eu luto contra a vontade de gritar quando me levanto da cadeira e começo a torcer meu torso de um lado para o outro. Eu só faço alguns alongamentos básicos, já que não estou exatamente planejando fazer a performance da minha vida aqui, e Kenzie se mantém ocupada em seu telefone enquanto eu me movo.

Percebo que ela está olhando para a tela e balançando a cabeça um pouco enquanto digita algo, mas não pergunto o que há de errado. Eu provavelmente só ganharia um olhar para mim se o fizesse.

— Tudo bem, maestro, toque a música — eu anuncio quando estou pronta.

Ela começa a música em seu telefone, aumentando o volume o mais alto possível. Eu empurro nossas cadeiras para trás contra a parede e, em seguida, assumo a típica posição inicial das terras altas, com meus calcanhares pressionados juntos e minhas mãos descansando em punhos contra minha cintura.

Chad Kroeger começa a reclamar de uma foto antiga de seus amigos do ensino médio, e eu faço o meu melhor para canalizar meu eu bobo de onze anos.

Eu nem percebo o que meu corpo está fazendo até estar na metade de uma curva alguns momentos depois e ouvir Kenzie rir. Eu amplifico um pouco o drama, incorporando um passo fluido da Lilt, e ela grita.

— Foi mais brega do que isso, Moira.

Resisto à vontade de ignorá-la e continuo flutuando meus braços em um amplo círculo.

— Mais drama! — Ela grita.

Reviro os olhos, mas não paro de me mexer.

— Se você se lembra tão bem, por que não vem fazer também?

Isso faz com que ela fique quieta.

— O que, Kenzie? — Eu provoco. — Com muito medo de se juntar a mim? Com muito medo de que eu possa ser melhor do que você?

Eu deveria saber que isso a levantaria do chão. Ela se levanta de onde estava agachada ao lado do tripé e se aproxima para ficar ao meu lado.

— Esta parte *não* estará na entrevista — diz ela, apontando para a câmera —, mas não vou deixar você dizer que está melhor e sair impune.

Ela assume a mesma posição inicial que eu, e paro minha rotina ridícula para espelhar sua pose na frente dela. Com os punhos ainda pressionados ao lado do corpo, dobramos a cintura para nos curvarmos uma para a outra.

A música constrói, e então o refrão chega.

Kenzie entra em ação, dançando uma dança complicada chamada Tributo a JL McKenzie, com alguns floreios de balé adicionados.Eu melhoro meu jogo com alguns movimentos da Flora e torço meu rosto em uma careta exagerada, como a nostalgia rosnada de Chad está perfurando minha própria alma.

Quase não temos espaço para nos movermos e continuamos esbarrando um no outro, gritando e rindo o tempo todo.

Quando estou ficando confiante de que tenho uma vantagem sobre ela e serei a vencedora do vídeo, Kenzie corre para pegar a foto de família emoldurada mais próxima da parede e começa a usá-la para imitar a letra da música enquanto dança.

Então, é claro, eu tenho que fazer o mesmo.

Quando a música termina, nós duas estamos ofegantes e suando, encerrando nossas rodadas finais com fotos da minha família sorridente, toda enfeitada em xadrez, apertada dramaticamente em nossos peitos.

Eu mantenho minha pose final por um segundo depois que a música para antes de eu cair de bunda no chão. Kenzie tropeça em um assento em uma das cadeiras de vime.

— Dramático o suficiente para você? — Eu digo entre suspiros de ar.

Ela levanta a mão para agitá-la em um gesto de “mais ou menos”, e eu me deito de costas enquanto gemo para o teto.

— Você é impossível, Kenzie Andrianakis.

— Sim, mas você gosta.

Eu me mexo para me apoiar nos cotovelos, preparada para dizer algo como “o inferno que eu gosto” mas quando eu olho para ela esparramada na cadeira enquanto ela sorri para mim, as palavras morrem na minha garganta.

Suas bochechas estão rosadas, sua testa escorregadia de suor que faz com que os cabelos soltos que ela empurra para trás grudem em sua pele. Seu rabo de cavalo brutalmente apertado típico afrouxou, e seu rosto parece mais suave quando é emoldurado por algumas mechas rebeldes de cabelo castanho escuro.

Seu peito está arfando, e sua postura desmoronada tem suas pernas abertas o suficiente para fazer sua saia xadrez subir até a metade de suas coxas. Minha garganta fica seca quando me imagino rastejando para me ajoelhar na frente dela e deslizar o tecido vermelho e branco para cima de suas pernas.

Ela pode me fazer querer gritar e arrancar meu cabelo, mas agora, pelo menos, eu gosto.

Eu gosto muito.

— Venha. — Ela dá um tapinha no braço da outra cadeira. — Vamos terminar esta entrevista.

CAPÍTULO 10
MOIRA

Quando terminamos de gravar, de algum jeito eu sabia menos sobre Kenzie do que quando começamos.

É como se tudo o que eu achava que sabia sobre ela estivesse sendo desvendado camada por camada e, por baixo, há ainda mais camadas que preciso desembrulhar. Eu não tinha ideia de que ela estava trabalhando para um mestrado em serviço social. Seu rosto inteiro se iluminou quando ela falou sobre isso, e a determinação em sua voz quando ela esboçou seu plano de carreira impressionantemente detalhado fez até eu querer contratá-la para qualquer trabalho que ela quisesse imediatamente.

Ela tinha o cuidado de se fechar de novo toda vez que ficava entusiasmada. Prestei atenção nas palavras que ela não disse durante suas respostas, no significado contido em pausas e frases semi-acabadas antes que ela mordesse a língua e seguisse em frente. Percebi que o que sempre dei como certo na comunidade de dança das terras altas – ou seja, que este é o único lugar em que posso sentir o suficiente – não é algo que Kenzie recebeu desde o nascimento.

Não acho que o mundo da dança das terras altas seja particularmente exclusivo, mas para alguém como Kenzie e o que quer que ela tenha passado para torná-la assim, pode parecer uma comunidade que pode ser arrancada de suas mãos a qualquer segundo.

Pode parecer algo pelo qual ela tem que lutar, não importa o custo ou quem ela machuca ao longo do caminho. Ouvindo-a falar, fica claro que ela teve que lutar muito na vida, e ainda luta.

Isso não torna a atitude dela menos irritante, mas ajuda a fazer um pouco mais de sentido.

— Eu posso fazer a edição — eu digo enquanto tiro meu telefone do tripé, ainda refletindo sobre a forma como seus olhos ficaram brilhantes quando ela respondeu à minha pergunta sobre como foi fazer sua primeira aula das terras altas.

Ela disse que foi como encontrar uma âncora, como se ela estivesse sendo empurrada e puxada por anos antes de finalmente encontrar algo para mantê-la firme.

Não me ocorreu até agora que ela tinha apenas oito anos quando começou a dançar. Ela se sentia assim sobre sua vida com apenas oito anos de idade.

— Você pode ver o corte final antes de enviá-lo — acrescento quando ela faz um som como se estivesse prestes a protestar. — Só acho que será mais rápido se apenas uma pessoa fizer a primeira rodada.

Com base em quanto tempo levamos para fazer a entrevista em si, não me surpreende quando ela cede e acena com a cabeça.

— Ok, isso soa bem.

Deixo o tripé no quarto do meu irmão e volto para encontrar Kenzie segurando nossas canecas.

— Eu ia levar isso para a cozinha — diz ela.

— Ah, obrigada. Isso é, uh, legal de sua parte.

Agora que não temos mais um projeto para nos guiar, voltamos ao constrangimento de quando chegamos à casa. Já é quase uma da tarde. Não tenho certeza se devo oferecer o almoço. Não tenho certeza do que devo dizer ou fazer. Quando penso em quanta coisa aconteceu nas últimas horas, minha cabeça começa a girar.

Kenzie desce as escadas, até a cozinha, onde ela coloca as canecas, seus fundos de cerâmica chocalhando contra a pia de metal.

Eu a sigo como um cachorrinho perdido.

— Você está, hm, com fome? — Eu pergunto quando ela se vira da pia, pairando no chão de ladrilhos assim como eu.

— Eu, hum...

Estamos perto o suficiente para que eu possa ver as sardas empoeirando seu nariz, as marcas fracas como uma fraqueza oculta que apenas algumas pessoas têm a chance de ver.

— Eu provavelmente deveria ir — ela termina.

— Certo. Sim. Você, hum, quer uma carona? — Eu pergunto, a ideia me ocorre quando percebo que meus pais provavelmente deixaram um dos carros aqui.

— Ah, eu não...

Ela para, olhando para algo atrás de mim, e eu olho para trás para ver a hora escrita no relógio de micro-ondas logo atrás do meu ombro.

— Na verdade, você não se importaria? — ela pergunta. — Normalmente eu pegaria o ônibus, mas pode demorar um pouco, e eu estava planejando estar em casa em breve.

— Não há problema — eu respondo, talvez um pouco brilhante demais. Algo em mim começou a murchar quando ela disse que tinha que ir, e voltou à vida com o pensamento de levá-la. — Vou pegar as chaves. Vamos sair na frente.

Colocamos nossos casacos e sapatos na porta da frente, e eu lidero o caminho para a caminhonete verde-escura parada na viela estreita que sobe ao lado da casa. Cada uma de nós toma seus lugares, e assim que eu giro a chave na ignição, o rock clássico começa a explodir em um volume ensurdecedor.

— Desculpe! — Eu grito sobre o lamento de um solo de guitarra enquanto Kenzie estremece.

Eu pulo para o botão de volume e peço desculpas novamente.

— Meu pai deve ter sido o último a dirigir isso.

— Você está me dizendo que não anda em sua caminhonete com o Def Leppard explodindo?

Eu balanço minha cabeça e coloco o carro em marcha à ré.

— Não posso dizer que sim.

Eu me viro para ter uma visão melhor pela janela traseira, da mesma forma que meu pai me ensinou quando eu era adolescente, e apoio minha mão livre na beirada do assento de Kenzie para me manter no lugar. Meus dedos roçam seu ombro, e eu a sinto tensa.

Minha respiração fica presa.

Depois de passarmos pela beira da calçada, me endireito no banco, mas a tensão não sai do carro. Eu posso sentir um leve cheiro de perfume de baunilha flutuando fora dela, e isso faz minhas mãos apertarem ao redor do volante. Eu

nem percebo que não tenho ideia para onde estou indo até estar no meio da rua.

— Então, uh, onde você mora?

As mãos de Kenzie estão apertadas em seu colo.

— Você sabe como chegar a Estrada Merivale daqui?

Eu concordo.

— Uh-hum.

— É ali perto. Posso dizer para onde virar quando estivermos mais perto.

Continuamos a viagem em silêncio por alguns minutos

— Então, hm, esse dia não foi o que eu esperava — eu digo enquanto paro em um cruzamento.

— Sim — ela concorda, olhando para a frente através do pára-brisa. — Não é exatamente o que eu tinha em mente.

— Mas foi divertido.

As palavras escapam antes que eu possa detê-las, e me preparo para sua resposta. Normalmente, deixo seus comentários irônicos para lá ou os uso como combustível para um retorno, mas quando alguns momentos de silêncio passam, percebo que ela pode me machucar com o que ela vai dizer em seguida – realmente me machucar, porque eu realmente me divirto, e de repente parece que eu vou desmoronar se ela me disser que não.

— Sim — ela finalmente responde. — Foi divertido.

Meu coração começa a bater no meu peito, e pode ser a primeira vez que me arrependo de ver uma luz vermelha ficar verde.

Quero continuar olhando para ela, observá-la até descobrir o que ela está pensando. Quero saber se ela está segurando aquele momento na cozinha da igreja esta manhã como eu estou, com a mesma reverência e cautela que eu daria a um tesouro secreto.

Ou talvez uma bomba.

É uma linha tênue.

Estou no piloto automático pelo resto do caminho até Merivale, e nem me dou conta de que chegamos até que ela me diga para virar à esquerda no próximo semáforo e depois à direita. Alguns minutos depois, paramos do lado de fora de um complexo de apartamentos composto por alguns arranha-céus de tijolos.

— Está construindo um noventa e nove — diz ela enquanto eu faço uma curva pelo labirinto de estacionamentos.

Percebo que seus ombros estão curvados para frente, e ela está apertando as mãos com mais força no colo. Eu posso ver seus dedos ficando pálidos.

— Tudo bem?

— Sim — diz ela, a palavra concisa e frágil.

Eu não insisto.

— Aqui estamos — anuncio assim que estaciono o carro em frente ao prédio dela.

Ela já está tirando o cinto de segurança e alcançando a maçaneta da porta.

— Kenzie, espere — eu deixo escapar.

Ela faz uma pausa.

Eu não falo nada. Eu não queria impedi-la de forma alguma, e não tenho ideia do que fazer a seguir.

Eu nem tenho certeza do que quero fazer a seguir. Só sei que parece errado ela deixar o carro assim, como se houvesse algo pairando no ar que precisa ser dito.

— Você… você… nós… — eu gaguejo, procurando por uma pergunta que não vem.

Ela solta a maçaneta da porta e se vira para mim.

— Sim — ela murmura, e eu não preciso verificar se ela entende.

Ela entende que há algo acontecendo aqui que nenhuma de nós consegue entender.

— Mas eu não posso — ela acrescenta, sua voz pouco mais do que um sussurro. Ela está olhando para o câmbio em vez de para mim. — Então, provavelmente deveríamos esquecer isso.

Antes que eu possa detê-la novamente, ela salta do carro e entra em seu prédio.

CAPÍTULO 11
KENZIE

—Mãe, você pagou isso?

Minha mãe muda para onde está deitada debaixo de um cobertor de tricô no sofá.

— Hum?

Já estou atrasada, mas a data no extrato do cartão de crédito que acabei de encontrar debaixo de uma pilha de panfletos perto da porta do apartamento me faz voltar para o sofá para mostrar a ela o pedaço de papel bege.

— Este — eu digo quando ela tira um braço de debaixo do cobertor para trazer o papel até o rosto.

Entramos em cobranças em um cartão de crédito esse ano. Consegui pagar alguns meses depois de pedir turnos duplos no refeitório – quando isso ainda era uma opção –, mas não podemos arriscar mais acertos no crédito da minha mãe, especialmente quando ela teve problemas para sobreviver em todos os seus turnos de recepcionista do hotel ultimamente.

— Você pagou o mínimo? — Eu pergunto enquanto seus olhos percorrem a página.

Encontrei a declaração aberta sem envelope, então ela pelo menos já a viu antes.

— Este aqui… — Ela arrasta um dedo pela lista de despesas e, em seguida, tira uma mecha de cabelo loiro tingido de seus olhos. — Ah. Sim, esse é o da carga para o carro nele. Sim, paguei o mínimo.

Eu pressiono meus lábios para resistir a perguntar se ela tem certeza.

Ela ainda é minha mãe. Ela pode estar doente, mas ainda merece respeito.

Fica ainda mais difícil não brigar com ela quando ela coloca o braço de volta sob o cobertor e enrola as pernas para liberar a ponta do sofá. Ela acena para o espaço vazio.

— Sente, Zee-zee. É sábado. Vamos assistir tv.

Coloco a declaração na pequena escrivaninha sob a janela da sala, em uma das bandejas com todas as outras contas que faço o meu melhor para ter certeza de que estamos acompanhando.

É um sistema que mantenho desde os quatorze anos, desde que o divórcio com o pai de Chris a colocou em uma espiral da qual ela nunca conseguiu sair.

— Não posso, mãe. Eu tenho a competição de dança hoje, lembra?

Ela olha para o coque apertado no topo da minha cabeça e o pouco de rímel e brilho labial que usei para a competição de novembro da ODEO hoje.

— Competição? Achei que você não competia mais.

Agarro a borda da cadeira da mesa com força.

— Eu vou esse ano. Para a bolsa de estudos, lembra?

— Certo, certo. — Ela estende o braço novamente e começa a mexer na mesa de café a alguns centímetros de distância, só parando quando encontra o controle remoto da TV. — Desculpe, amor. Não consigo me lembrar de nada esses dias. Você tem que ir neste minuto? Seria bom assistir um pouco de TV juntas, não seria?

Eu solto um suspiro.

— Podemos fazer isso depois da competição. Estarei de volta à tarde.

Ela puxou a seleção de canais na TV, os sons da estação meteorológica local enchendo a sala. Eu me dirijo para a porta, pensando que será o fim de tudo, mas assim que começo a calçar meus sapatos, ela chama meu nome.

— Kenzie, espere. Por favor, não vá.

Meu coração dá uma guinada, e eu engulo um nó na garganta. Eu ando de volta para ficar no final do sofá.

— Eu realmente preciso, mãe. Isso é importante. Eu preciso do dinheiro da bolsa. Precisamos desse dinheiro. Serão apenas algumas horas. Você pode esperar no sofá até eu voltar.

Seus olhos se movem ao redor da sala enquanto ela sussurra:

— Eu realmente não quero ficar sozinha.

Suas palavras apertam como um punho em volta do meu coração, mesmo enquanto o resto de mim luta contra a vontade de gritar e dizer a ela que talvez isso não fosse um problema se ela não tivesse desistido de suas novas pílulas depois de um total de dez. dias. Eu aperto minhas mãos trêmulas atrás das costas para que ela não veja.

— Me desculpa, mamãe. Estou atrasada. Eu tenho que ir.

— Kenzie! — Ela se senta, seus olhos se arregalando de pânico. — Eu só... eu não posso... *Por favor*.

Ela baixa a voz para um sussurro novamente na última palavra. Quando seus ombros começam a tremer, quase caio no lugar que ela fez para mim no final do sofá, pronta para enviar uma mensagem para Catherine e dizer que não vou ir hoje.

Eu teria que mandar uma mensagem para Moira também. Nosso vídeo vai ser divulgado hoje. Perdi a sessão de edição que planejamos por causa de um dia com minha mãe igual ao que estou enfrentando agora, então ainda nem vi a versão completa da nossa entrevista.

A julgar pela resposta de uma palavra de Moira quando eu disse a ela que tinha uma “coisa” e não poderia ir até a casa dela, ela acha que estou evitando ela depois do que aconteceu em sua casa algumas semanas atrás.

Se eu estivesse lidando com isso da maneira que sei que deveria, eu realmente a estaria evitando. Aquela estúpida briga de brownie no Chá Tartã nunca teria acontecido. Nem a dança ao som do Nickelback, ou o momento em seu carro no estacionamento.

O que quer que esteja acontecendo entre nós, é uma distração, e eu deveria fazer isso parar.

Há apenas uma bolsa de estudos, e será minha.

Tem que ser.

— Por favor, Zee-zee — minha mãe continua implorando. — Apenas quinze minutos? Eu não sabia que você estava indo embora. Você pode ficar um pouco mais? Estarei bem em quinze minutos.

Nunca são apenas quinze minutos.

Eu sei que o medo e o esquecimento não são culpa dela. Isso não é *ela* falando; é a doença dela, mas os cantos dos meus olhos ainda ardem com o calor enquanto a frustração cresce e cresce dentro de mim.

Eu me viro e pego meu telefone da minha bolsa perto da porta.

— Eu vou ligar para Chris — eu digo enquanto desbloqueio a tela.

Ele provavelmente não responderá e, se responder, provavelmente estará de ressaca demais para se mexer.

Eu tento ignorar o pequeno relógio no canto da minha tela me informando o quão tarde eu já estou enquanto eu levo o telefone ao meu ouvido.

Toca por tanto tempo que espero que o correio de voz seja ativado quando ouço um clique, mas, em vez disso, ouço a risada de Chris, abafada como se ele estivesse com a mão sobre o telefone enquanto alguns sons arrastados chegam antes de ele me cumprimentar.

— Kenzie! Minha ex favorita!

Meu corpo inteiro está tenso de estresse e raiva, mas o som de sua voz e a maneira como ele ri daquela piada idiota que ele fez um milhão de vezes antes ainda me faz sorrir.

— Oi, Chris.

— Não tenho notícias suas há algum tempo, maninha.

O sorriso desliza para fora do meu rosto quando penso em dizer a ele que ele deixou meu último texto lido por duas semanas.

Eu não tenho tempo para entrar nisso, e assim como com a doença da minha mãe, os problemas de Chris não são culpa dele. Seu pai não é exatamente uma pessoa estelar, e Chris entrou com a turma errada depois de se mudar muito jovem. Ele tentou entrar em uma escola vocacional há alguns anos, mas custou muito, e sua velha bagunça de festas e pílulas e Deus sabe o que mais o sugou de volta.

Parte de mim está apavorada que, se meus planos para o futuro saírem dos trilhos por um semestre, eu também serei sugada para algo ruim, algo da qual não serei capaz de me livrar.

— Sim, muito tempo sem nos vermos — eu digo a ele. — Olha, eu hum...

Eu paro e me inclino contra uma parede na pequena entrada do apartamento quando percebo que era um tiro no escuro, esperar que ele estivesse livre para fazer isso, esperar que ele quisesse fazer isso.

— Ei, ei, ei. — Sua voz assume aquele tom preocupado, aquele afiado com uma proteção feroz que costumava me confortar quando eu era criança. — Está tudo bem, Kenzie. O que há, criança? Fale comigo.

— É minha mãe — eu sussurro. Eu agarro o telefone na minha bochecha e atravesso atrás do sofá para chegar ao meu quarto.

Minha mãe está absorta em um episódio de *Os Simpsons*, mais calma agora que sabe que não estou prestes a decolar. Fecho a porta do meu minúsculo quarto atrás de mim e me sento na beirada da minha cama de solteiro.

— Aconteceu alguma coisa? — Chris pergunta.

— Não, é apenas... o de sempre. — Soltei uma risada áspera. — Ela já desistiu de sua mais nova receita. Tudo o que fez foi deixá-la ainda mais sonolenta, mas eu ainda gostaria que ela tivesse tentado por mais tempo. Ela ainda está recusando qualquer tipo de terapia de conversa. Eu acho que ela sente que se ela tratar isso apenas com drogas, ela não terá que admitir que é realmente depressão. Ela é... quer dizer, eu poderia lidar com isso se isso fosse tudo o que havia para lidar, mas há a faculdade, e há o estúdio, e há...

O rosto de Moira passa pela minha mente, olhando para mim com o cabelo pingando da água que eu borrifei nela enquanto sua boca se aproximava cada vez mais da minha.

— E há essa bolsa de estudos — eu termino, empurrando qualquer pensamento de Moira em um canto onde eu possa ignorá-los. — Minha associação de dança tem uma bolsa enorme para ganhar. Quero isso, mas os requisitos ocupam muito do meu tempo.

Chris solta um assobio baixo que se transforma em um trinado de notas em cascata. Ele é realmente muito bom em assobiar, e o som traz à tona uma centena de lembranças dos poucos anos em que todos vivemos juntos e pelo menos fingimos que as coisas estavam bem.

Eu sentia falta dele. Cada célula do meu corpo quer subir pelo telefone e reaparecer onde quer que ele esteja para envolvê-lo em meus braços.

— Você pensa muito sobre as coisas, Kenzie. Você deveria relaxar — ele me diz. — Ei, nós deveríamos sair! O que você vai fazer esta tarde?

O calor floresce em meu peito com a sugestão, mesmo que eu não possa aceitar isso. Às vezes ainda me sinto como uma criança perto dele, como a irmãzinha adorável desesperada para passar algum tempo com seu irmão mais velho.

— Sim, sobre isso. Eu tenho um favor para pedir.

Eu faço uma careta, esperando que ele me decepcione, mas ele apenas ri.

— Então você não estava apenas ligando para dizer oi? O que posso fazer para você?

— Quero dizer, *foi* bom dizer oi. É só que hoje tenho uma competição das terras altas, importante para a bolsa de estudos, e minha mãe... estou preocupada em deixá-la sozinha. Ela não quer ficar sozinha e, como eu disse, ela está fora de sua prescrição. Seriam apenas algumas horas. Ela já está assistindo TV. Você poderia apenas relaxar com ela até eu voltar.

Ele fica quieto por um momento e então solta um suspiro.

— Uhhhh, eu...

— Nós temos suas batatas fritas favoritas — eu canto, fazendo o meu melhor para parecer alegre, mesmo que uma olhada no meu relógio tenha minha frequência cardíaca entrando em alerta vermelho.

— Para as batatas fritas, tudo bem, mas o problema é que estou em Vanier e não tenho carro ou passe de ônibus, então...

Eu seguro um suspiro.

— Se eu pedir um Uber para você agora, você pode?

— Ah, isso vai ser caro, Kenzie. Você não precisa…

— Na verdade, eu preciso — eu interrompo, deixando minha voz ficar afiada pela primeira vez desde que ele atendeu. — Eu realmente preciso sair, tipo, precisava meia hora atrás, Chris.

— Tudo bem, tudo bem. Entendi. Estarei esperando o Uber. Envie o número da placa, ok? Eu te ajudo, irmã.

Meus ombros caem com alívio.

— Obrigada, Chris. Muito obrigada. Prometo que voltarei assim que terminar.

Termino a ligação depois de me despedir e me esforço para abrir o aplicativo Uber. Há um carro a poucos minutos de seu endereço. Eu coloco o pedido,

ignorando o preço que aparece na tela, e saio correndo do quarto para contar o plano à minha mãe.

— Chris está vindo — eu digo, segurando meu telefone e apontando para o pequeno carro ampliando o mapa como prova. — Ele vai ficar aqui até eu voltar.

Em vez de acender como eu esperava, ela franze a testa.

— Voltar de onde?

Minha mandíbula aperta. Ela teve períodos de sentir o que chama de "nevoeiro" antes, mas nunca ficou tão ruim.

— A competição de dança, vou embora agora. Você terá que ligar para Chris quando ele chegar aqui. Ele não vai demorar.

Ela pisca para mim antes que sua atenção volte para a TV. Ela puxa o cobertor um pouco mais apertado ao redor dela e murmura:

— Ah. Ok.

Eu seguro um suspiro.

— Vejo você em algumas horas. Eu te amo.

Eu me dirijo para pegar as duas sacolas de roupas penduradas na parte de trás da porta do apartamento e coloco minha bolsa no ombro, me esforçando para ouvir qualquer vestígio de resposta. Meu estômago se revira de náusea quando abro a porta da frente e ainda não recebo uma resposta.

Ela realmente não vai dizer de volta.

Procuro as chaves do carro na minha bolsa, parando com a porta ainda entreaberta quando entro no corredor. Estou prestes a fechá-la e possivelmente cair em minhas lágrimas estúpidas quando ela grita:

— Também te amo, Zee-zee!

Deixo escapar um suspiro trêmulo, minhas mãos tremendo um pouco enquanto tranco a porta atrás de mim.

Ela me ama, e eu a amo. É por isso que eu faço tudo isso. Por isso ainda estou aqui.

Quando você ama alguém, você fica. Você faz o trabalho. Você mantém tudo junto, mesmo quando eles não podem.

De alguma forma, depois de ver tantas pessoas indo embora, ainda estou me segurando nisso.

— Kenzie, isso é absolutamente inaceitável.

O silvo de Catherine me dá um arrepio na espinha e me faz endireitar os ombros como se estivesse esperando a visita de um sargento quando me viro para encará-la no ginásio da escola.

Estou no meio de prender meu pau de renda na frente do macacão que estou usando sob minha jaqueta de veludo das terras altas. Já tentei acertar três vezes, mas minhas mãos estão tremendo tanto que continuo prendendo-o torto.

— É seu trabalho estar aqui e apoiar seus alunos — continua Catherine, as bordas angulares de seu cabelo com listras prateadas balançando no ritmo de seus passos.

Ela para bem na minha frente, pegando o alfinete de segurança da minha mão e prendendo o pinto perfeitamente no lugar com a habilidade de alguém que já fez isso com centenas de alunos antes.

— Sem mencionar que é seu trabalho representar nossa escola como candidata a bolsa de estudos, e você está — ela faz uma pausa para olhar para o grande relógio na parede do ginásio — nem mesmo completamente vestida cinco minutos antes do seu primeiro evento.

Ela alisa meu cabelo e ajusta um grampo antes de fechar o botão de cima da minha jaqueta. Os botões prateados decorados com pequenos emblemas de cardo são os mesmos usados em todos os trajes das terras altas. Eles combinam com o acabamento prateado brilhante na borda da jaqueta. O veludo é preto azeviche, um contraste com meu kilt vermelho escarlate e minha lã na altura do joelho.

Herdei este conjunto quando tinha quatorze anos. Apenas os dançarinos mais sérios investem em uma roupa completa das terras altas; só as meias custam algumas centenas de dólares. Como a maioria das crianças, eu fazia parte do processo geral de montar roupas de competição com peças emprestadas que basicamente se tornaram propriedade comunal da comunidade de dança das terras altas de Ottawa, mas quando finalmente cresci para esse conjunto, Catherine o tirou de circulação e disse que deveria ser só meu.

Ela até o fez sob medida para mim, sob a promessa de que eu faria o meu melhor para representar a Academia Rebecca Stewart de Dança Escocesa toda vez que o colocasse.

Mesmo depois de todos esses anos, ainda penso nessas palavras quando coloco meu kilt. Essa roupa me dá um lugar aqui, uma casa, e é uma que sempre trabalharei para manter.

— Sinto muito — digo a ela. — Não vai acontecer de novo. Houve uma pequena emergência... em casa, mas estarei mais preparado da próxima vez.

Ela olha para o meu rosto por um momento antes de assentir.

— Não deixe ela te derrubar, Kenzie. Você tem tanto para escalar.

Minha boca se contorce, mas eu mordo qualquer resposta impulsiva. Minha mãe não é algo de que eu queira escapar, não importa o quanto “melhor” sem ela, Catherine gosta de me lembrar que eu estaria.

É demais pensar em cinco minutos antes da minha primeira competição em mais de dois anos.

Catherine dá um tapinha no meu ombro e depois se vira para nos levar para o auditório.

— Você tem um Fling de seis passos — ela diz enquanto passamos pelo saguão, mesmo que eu já tenha memorizado meus eventos do dia —, então vá com calma. O gaiteiro está mais lento do que o normal hoje.

Eu posso ouvir o dito flautista tocando as notas do Fling que está sendo dançado no palco. O zumbido fica mais alto quando Catherine abre uma das portas do auditório. Corro pelo corredor lateral até a escada que leva a uma das alas. As outras bailarinas da minha categoria já estão alinhadas e esperando para subir ao palco.

Não havia participantes mais velhas o suficiente para fazer uma divisão somente para adultos para este nível, então somos um grupo de dezesseis anos ou mais. Isso me dá cinco pessoas que preciso vencer. Mesmo saindo dois anos

da cena competitiva, há apenas uma dançarina com quem eu realmente preciso me preocupar.

Moira está esperando na fila, vestida com uma jaqueta azul royal e kilt. Seu cabelo grosso está empilhado em um coque arrumado no topo de sua cabeça, destacando o formato de coração de seu rosto. O rímel que ela está usando faz seus olhos verdes brilharem como esmeraldas para contrastar com o veludo de safira que abraça suas curvas.

Ela está olhando diretamente para mim, e eu percebo que não é com ela dançando que eu tenho que me preocupar hoje.

É com *ela*.

CAPÍTULO 12
KENZIE

Depois das últimas medalhas serem entregues, Moira e eu terminamos com a mesma quantidade do dia.

Normalmente, um empate com Moira Murray me faria cuspir fogo, mas mal consigo me concentrar nas observações finais que os organizadores da ODEO estão fazendo no palco enquanto me mexo no meu assento do auditório, lutando contra a vontade de olhar para Moira na fila atrás de mim.

A única vez que conversamos hoje foi durante a pausa para o almoço, quando perguntei a ela como o vídeo ficou e ela me perguntou se eu tinha tempo de ouvir sua resposta ou se eu preferia dar um perdido nela novamente.

Ela deve ter visto algum tipo de resposta involuntária em meu rosto, porque um segundo depois, toda a luta saiu dela, e eu vi algo deslizar em sua expressão que fez meu sangue gelar.

Ela teve pena de mim. Ela olhou para mim como se toda a minha vida fosse algo que ela precisava sentir pena enquanto ela se desculpou por ser insensível com minha mãe.

Ela disse isso bem no meio do ginásio de aquecimento repleto de professores e competidores. Eu tive que me inclinar e assobiar para ela nunca mais dizer isso em público antes de me afastar e sair da sala.

Eu não poderia lidar com mais pena.

Se as pessoas por aqui começarem a ter pena de mim, não poderei confiar que conquistei meu direito de pertencer. Serei o caso de caridade local em vez da garota que se destaca porque se esforça mais do que todos os outros.

Eu não acho que Moira pode entender isso, e eu não acho que seria uma boa ideia contar a ela mesmo se ela pudesse. Passamos apenas algumas horas juntas fora do mundo da dança, e eu já contei demais a ela. A dança das Terras Altas sempre foi a única parte da minha vida que não parece estar desmoronando. É o único aspecto sobre o qual tenho controle total, e não preciso que ela estrague isso.

Já foi tão longe que mal consigo evitar olhar para ela neste auditório. Não precisa ir mais longe.

— Antes de todos vocês saírem para o dia — eu pego um dos organizadores dizendo, mesmo enquanto esforço minha visão periférica para ver Moira —, temos uma apresentação especial das candidatas para nossa nova bolsa universitária.

Há um punhado de aplausos. Eu mexo com a ponta do barbante xadrez que amarra meu corpete, enrolando o pequeno nó entre o dedo e o polegar. Ainda estou usando meu Aboyne depois que minha roupa mudou esta tarde.

Sempre gostei menos dessas roupas do que de kilts. A saia bufante e a anágua parecem que estão tentando se enroscar nas minhas pernas, e as mangas elásticas da blusa branca igualmente bufante cavam meus bíceps.

Moira sempre teve uma vantagem sobre mim nesses tipos de danças. Ela pode brincar sobre sua Aboyne ser tão feminina quanto ela é, mas quando ela está desfilando por aí em sua saia, seus movimentos têm um elemento de graça que

eu nunca consegui replicar com minha abordagem altamente técnica.

Perdi metade do que os organizadores estão dizendo e sintonizo bem a tempo de ouvi-los anunciar que a entrevista de Holly e Nicole será exibida primeiro. Uma tela de projetor começa a deslizar do teto do palco enquanto todos aplaudem.

Eu me preparo para um pouco de espera; A ODEO não é a organização tecnologicamente mais avançada do mundo, mas leva apenas um minuto ou dois para que o vídeo seja transmitido de um projetor instalado na beira do palco.

Holly e Nicole aparecem sentadas em cadeiras dobráveis, vestidas com saias e cardigãs com pequenos laços de xadrez combinando presos em suas camisas.

Parece que Moira e eu não fomos os únicos a pensar que usar tartã nos vídeos seria uma ótima maneira de agradar os jurados.

Meus músculos do pescoço coçam com a necessidade de me virar e ver a reação de Moira, mas mantenho minha atenção fixa na tela enquanto as duas garotas fazem algumas perguntas básicas sobre sua história de dança das terras altas e suas esperanças de vida após o ensino médio.

Muitas das perguntas combinam com o que eu inventei – aquelas que Moira chamou de chatas, e enquanto ouço as meninas compartilharem suas respostas doces e um pouco ingênuas, percebo como ela estava certa.

Isso *é* chato. Se tivéssemos ido com minhas perguntas, não teríamos nada que nos diferenciasse, e essas garotas teriam a clara vantagem de serem adoravelmente de terem olhos estrelados em comparação com qualquer ar cansado que Moira e eu emitiríamos agora que nós... duas experimentaram as verdadeiras exigências da universidade.

O vídeo chega ao fim e há mais aplausos quando a tela do projetor mostra um dos organizadores navegando pelo laptop para encontrar o próximo arquivo de vídeo.

Eu riria sobre quanto tempo ela leva para encontrar a pasta “downloads” se minha garganta não estivesse tão repentinamente seca. Meu estômago está se contorcendo e, mais do que nunca, estou arrependido de não ter ido a esta sessão de edição.

Eu tenho que sentar e confiar que isso será bom o suficiente. Eu dancei o meu melhor hoje, mas esta parte está fora do meu controle.

O vídeo começa com uma tela preta e, antes que o primeiro quadro desapareça, uma música folclórica suave e acústica cantada em gaélico por uma mulher com um sotaque escocês começa a tocar como faixa de apoio.

— Sou Kenzie Andrianakis — ouço minha própria voz gravada dizer enquanto a tela se ilumina —, e a dança das terras altas mudou toda a minha vida.

Não estou me observando no solário de Moira. Em vez disso, ela colocou minha voz e a música em camadas sobre uma série de clipes de câmera digital granulados feitos neste mesmo auditório há mais de uma década.

É fácil me identificar em cada clipe; por alguns anos, quando eu era criança, o kilt que melhor se encaixava em mim era essa cor marrom horrível. Eu me vejo dançando no palco, uma carranca concentrada em meu rosto em cada quadro, e percebo que estou sentada aqui rindo sozinha na minha cadeira.

Eu esqueci tudo sobre aquele kilt horrível. Esqueci como foram necessários

vários professores e vários anos de lembretes constantes para me impedir de franzir a testa em cada apresentação.

Entre seus turnos no hotel e sua saúde, minha mãe só conseguiu ir a algumas das minhas competições, então não tenho vídeos antigos como esses para me debruçar quando estou me sentindo nostálgica. Graças à nossa história como rivais constantes de divisão, a família de Moira deve ter acabado me filmando quase todas as vezes que a filmaram.

A narração continua pelo resto da minha introdução antes da transição do vídeo para mostrar eu e Moira sentadas nas cadeiras de vime em sua casa.

Não sei como ela conseguiu, mas Moira usou algumas habilidades de edição dignas de Oscar para transformar nossa entrevista ridícula e um tanto estranha em uma obra de arte. Ela até incluiu algumas filmagens B-roll da Escola Murray e alguns zoom de todas as paredes cobertas de fotos de dança em sua casa.

Até eu estou totalmente envolvida na história. Eu escuto nossas palavras e nos vejo sorrir e rir com algumas das perguntas mais bobas antes de nós duas queimarmos com seriedade quando chegamos às questões sérias.

Eu vejo duas mulheres na tela que falam sério quando dizem que essa comunidade é importante, que mudou suas vidas para melhor, que elas esperam continuar fazendo parte dela por muito tempo. Pela forma como o público está suspirando, rindo e até fungando em resposta, sei que eles também veem.

— Nunca foi apenas vencer por vencer — me ouço dizendo enquanto assisto a um clipe de nossa divisão fazendo uma dança de espada na Escócia – o único evento que Moira conseguiu completar no campeonato mundial antes de quebrar o tornozelo. — Lembro da primeira vez que ganhei um carimbo no meu primeiro cartão de dança. Era apenas um pouco de tinta para dizer que eu tinha conseguido, e eu ainda precisava de muito mais para chegar ao próximo nível, mas aquele carimbo era como ter a prova de que eu fazia parte de um clube – uma família, até. Mostrou que eu tinha um lugar aqui.

No vídeo, eu pulo por cima das espadas tão alto que nem consigo acreditar na força e no poder dos meus movimentos. A carranca da minha infância se foi, substituída por uma calma determinação e confiança.

Esse foi o auge da minha carreira. Dançar lá significava que eu era uma das melhores do mundo.

Eu, a garota que nem tinha um par de ghillies no dia em que fez sua primeira aula.

Um nó se forma na minha garganta enquanto nos observo passar por mais algumas perguntas da entrevista. A faixa de fundo começa a ficar quieta, e eu posso sentir a multidão se preparando para irromper em aplausos, mas então o vídeo muda de desaparecer em uma foto de uma jovem Moira segurando um troféu para mim na marquise novamente, eu perguntando a ela sobre o mais divertido que ela já teve fazendo uma performance nas terras altas.

Um efeito sonoro de gravação brega é reproduzido, e a cena se aproxima do rosto de Moira.

— Bem, Kenzie — ela responde —, não acho que será uma surpresa para quem faz parte da ODEO há algum tempo saber que minha resposta é, é claro, a rotina do Nickelback.

Pelo menos metade da multidão cai na gargalhada. Mesmo as pessoas que não

estiveram na cena das terras altas por tempo suficiente para testemunhar a dança original do Nickelback já ouviram falar dela até agora.

A risada continua durante toda a explicação de Moira sobre o que ela está falando, bem como minha exortação a recriá-lo.

Em seguida, o vídeo corta não apenas para ela, mas para nós duas girando ao som de “Photograph”.

Sinto o sangue escorrer do meu rosto. Eu sento congelada de horror enquanto me vejo agir como uma completa idiota em uma tela de projetor gigante.

A multidão está uivando de tanto rir agora. Alguns dos meus alunos se viram na fila à minha frente com suas pequenas mãos fechadas sobre suas bocas enquanto gritam e chutam seus pés contra seus assentos.

Eu não consigo me mexer.

Só posso observar enquanto chegamos ao ponto de tirar as fotos da parede. Estou realmente entrando nisso lá. Eu quase não me reconheço quando começo a dublar e fazer expressões faciais de dor, enquanto ainda mantenho os passos complicados do Tributo que estou dançando.

Parte do meu horror começa a desaparecer quando olho ao redor do auditório. As crianças estão se divertindo muito, e os pais na platéia estão sorrindo e batendo palmas junto com a música. Os membros da ODEO no palco até parecem um pouco com os olhos enevoados.

Eles amam isso. Eles estão vendo o lado não polido e imperfeito de mim que eu fiz questão de manter encaixotado e fora de vista, e eles adoram.

Antes que eu possa me impedir, eu estico meu pescoço para olhar para Moira.

Ela está sentada com algumas das meninas mais velhas da Escola Murray, e ela está no meio de um high-five com a outra ao lado dela. Ela está radiante, suas covinhas com força total. Suas bochechas estão coradas, e alguns cabelos soltos estão enrolando em torno de suas orelhas, onde eles escorregaram de seu coque. O tartã azul-petróleo da faixa de seu Aboyne é um complemento perfeito para a cor caramelo de seu cabelo.

Ela é maravilhosa.

Por um momento, é a única coisa que consigo pensar. Eu quero chegar para trás e pegar a mão dela para dizer a ela. Eu quero dizer isso de novo e de novo e de novo.

Então seus olhos se deslocam para encontrar os meus, e o sorriso desliza para fora de seu rosto. Ela pressiona seus lábios juntos, sua testa enrugando. Claramente minha pequena explosão quando ela mencionou minha mãe no almoço não foi esquecida.

Antes de descobrir o que fazer a seguir, as pessoas no palco anunciaram que é hora de ir para casa, e o auditório se torna uma enxurrada de movimentos e vozes. Alguns pais se levantam e esperam que eu os deixe sair da nossa fileira. No momento em que chego ao corredor e olho para trás no assento de Moira, ela se foi.

Deixo o êxodo em massa me levar para o saguão, onde pais e dançarinos estão circulando com sacolas de roupas penduradas nos ombros, conversando uns com os outros e dando uma última olhada em todas as mesas dos vendedores.

Vejo Moira absorta em uma conversa com um casal de pais, perto de uma das

grandes samambaias em vasos ao longo da parede do saguão.

Eu preciso falar com ela. Eu posso não ser sua pessoa favorita agora, mas ela fez um trabalho incrível, e eu preciso dizer a ela.

Atravesso o saguão e fico perto das samambaias. Alguns dos meus alunos me veem e vêm para começar a imitar minha dança de “Photograph”, cantarolando a música enquanto fingem girar com molduras imaginárias em seus braços. Sou grata pela oportunidade de não parecer uma completa idiota só de pé ao lado de Moira, mesmo sabendo que isso significa que vou passar pelo menos o próximo mês tentando fazer as crianças pararem de fazer essa dança na minha aulas.

Quando Moira termina de conversar com os pais, meus alunos já se foram, e o saguão está bem menos cheio do que quando chegamos aqui. Moira está de costas para mim e começa a ir direto para a academia sem se virar.

Eu poderia deixá-la ir. Eu provavelmente deveria deixá-la ir. Eu deveria aproveitar a oportunidade para voltar atrás em todas as linhas que cruzamos. A entrevista está feita. Não precisamos mais colaborar. Podemos voltar a nos enfrentar no palco como os rivais que sempre fomos.

Eu endireito meus ombros como se estivesse me preparando para o impacto e então dou alguns passos atrás dela.

— Moira, espere!

Ela para, mas não se vira.

— Moira. Ei.

Paro alguns metros atrás dela, e ela olha por cima do ombro para mim.

— O que, Kenzie?

— Eu...

Sua expressão irritantemente ensolarada de sempre parece uma nuvem de tempestade completa agora, e abafa tudo o que eu quero dizer.

— Sim? — ela diz, seu tom afiado.

Eu me forço a engolir e limpo minha garganta seca.

— Eu só, uh... eu queria dizer que o vídeo estava bom. Muito bom.

Suas sobrancelhas levantam uma fração de centímetro, e eu não a culpo.

Muito bom? Sério?

— Estava incrível — eu emendo. — Você fez um trabalho fantástico. Obrigada. Muito obrigada.

Eu a vejo trabalhando sua mandíbula como se ela estivesse descobrindo o que dizer, alguma luta que não consigo acompanhar se desenrolando em seus olhos.

— Bem, eu precisava que fosse bom — ela finalmente responde. — Para mim. Para que eu possa vencer.

Ela está fazendo o possível para soar fria, mas ouço o traço de dor por baixo, quente e cheio de mágoa que a deixa tensa como uma mola apenas esperando que um interruptor seja acionado.

— Hum, certo. Sim. Isso é verdade — murmuro, tentando e falhando em encontrar as palavras que nos levarão a este impasse. — Olha, sobre mais cedo, me desculpe por ter sido grossa. Você não merecia isso e...

— Deus, Kenzie! — Ela se vira para me encarar, jogando os braços no ar enquanto solta um som que é quase um rosnado.

A vendedora na mesa mais próxima de nós vira a cabeça para olhar para a comoção, e Moira deixa cair as mãos antes de se virar e decolar – só que ela não

segue pelo corredor para a academia. Ela abre a porta da escada mais próxima, e antes que eu possa me convencer a desistir, eu a sigo.

Nós duas ainda estamos usando nossos ghillies com Crocs em cima para protegê-los, e o rangido de seus sapatos de espuma nos degraus polidos ecoa pela escada enquanto ela sobe para o próximo andar.

— Sabe, você é chata pra caralho. — Ela joga as palavras em mim por cima do ombro, mas já que ela não me disse para deixá-la em paz, eu agarro o corrimão de concreto pintado de azul e dou o dobro do tempo no meu Crocs para alcançá-la. Minha saia pesada e anágua balançam contra minhas panturrilhas, como se eu estivesse representando a cena culminante de algum tipo de filme de Jane Austen.

Moira abre a porta do segundo andar, e continuo seguindo-a por um corredor deserto cheio de armários bege. Ela se vira, o brilho de sua faixa e saias aumentando o efeito do drama de época.

O fato de que ela está ofegante e seu peito está pressionando contra seu corpete de veludo bem amarrado torna a cena um pouco impura demais para uma adaptação de Jane Austen. Mesmo agora, quando estamos no meio da discussão, mal consigo olhar para cima de seu peito. Minhas mãos doem para estender a mão e separar os cadarços que prendem sua fantasia.

Moira não parece nem um pouco distraída. Ela está olhando para o meu rosto como se pudesse me tirar da existência.

— Eu gostava mais quando tudo que você fazia era ser malvada comigo — ela diz, praticamente cuspindo a frase. — Era mais fácil. Poderíamos apenas falar merda uma com a outra em competições, levar isso para o palco e deixar tudo para trás até a próxima. Fazia sentido.

Quero dizer a ela que nunca “deixei tudo para trás”. Eu carregava comigo aonde quer que fosse: o pesado conhecimento de que eu queria um lugar aqui mais do que tudo, o que significava que eu precisava conquistá-lo, o que significava que eu precisava gastar todos os dias trabalhando para ser tão boa quanto e de preferência melhor que ela.

— Mas essa coisa em que você é legal comigo — ela continua —, e então você desaparece, e então você é rude, e então você se desculpa, e então você... você está agindo como se quisesse me beijar, e então você fica imediatamente malvada de novo, é só... é uma merda, Kenzie, e eu não quero mais fazer isso.

O fundo do meu estômago cai quando a verdade do que ela acabou de dizer afunda.

Isso é o que eu tenho sido para ela, e talvez ela esteja confusa também, mas tudo foi uma resposta a mim.

É por isso que não me aproximo. É por isso que não perco o controle. Minha vida fora do mundo da dança é uma bagunça complicada esperando para me engolir, e se eu não tiver regras e expectativas me mantendo no lugar, me tornarei uma bagunça complicada também.

— Você tem razão.

Moira faz uma pausa no meio da inspiração profunda que ela está tomando. Ela inclina a cabeça e aperta os olhos.

— Hm?

— Você tem razão — eu repito. — É exatamente o que tenho feito. Eu... eu

não sei o que está acontecendo conosco, Moira, e também não sei o que fazer, mas não posso continuar fazendo isso. Você não merece isso, e acredite ou não, também não é um momento divertido para mim. Me desculpe por ter te machucado.

— A-ah.

Parte da tensão deixa sua postura. Ela ainda está ofegante, seus olhos se arregalando a cada segundo, e o corredor de repente parece menor, como se os armários estivessem se inclinando para nos pressionar.

Eu preciso afastar.

Eu cerro meus punhos ao redor do tecido da minha saia e olho logo além de seu ombro em vez de seu rosto.

— A entrevista está feita — digo a ela. — Eu realmente quis dizer isso quando disse que era incrível. Agora podemos nos concentrar na bolsa de estudos por conta própria. Só nos vemos em competições. Não precisamos mais nos falar. Quero dizer, temos vinte anos. Não precisamos mais falar merda uma com a outra como adolescentes. Podemos apenas nos concentrar em dançar e deixar — faço uma pausa para engolir — todo o resto ir embora.

Espero um aceno de cabeça ou algum tipo de acordo, mas o que parece um minuto inteiro de silêncio passa depois que eu termino.

Então ela faz aquele barulho de rosnado novamente.

— Sério? *Essa* foi a sua lição?

Eu pisco algumas vezes.

— O quê? O que você quer dizer?

— Kenzie, *qual é*. Isso é... isso não é o que eu quero, e eu não acho que é o que você quer também.

Sua voz fica mais baixa no final de sua frase, e as paredes se aproximam ainda mais. O ar fica mais rarefeito, me forçando a respirar rápido e superficialmente. Meu peito está cheio de brasas à espera de uma faísca.

— O que... o que você quer? — Eu sussurro.

Ela dá um passo em minha direção.

— Você realmente precisa que eu diga, Kenzie?

Não consigo me mexer. Até respirar parece perigoso agora, como se a menor mudança do meu corpo pudesse me mandar direto para o que ela está oferecendo sem ter como sair.

E sem ter vontade de sair.

— Eu quero… — Ela para, sua língua correndo para molhar seus lábios, e eu sinto as chamas começarem a lamber minha pele. — Eu só quero você, Kenzie. Quero você. Não sei como começou, mas quero. Eu quero que você me beije e...

Ela não termina. Eu não dou chance a ela. Assim que ouvi as palavras “eu quero você” deixarem sua boca, eu sabia que nunca seria capaz de descer as escadas sem prová-la.

Eu só preciso saber qual é o gosto dela.

Nós colidimos no meio do corredor, eu me lançando para frente para emoldurar seu rosto com as mãos enquanto ela agarra minha cintura para nos firmar. Dou uma olhada naqueles olhos verdes arregalados antes que ela se incline para pressionar seus lábios nos meus.

Tudo para, todos os meus sentidos param completamente antes de disparar

novamente, mais vívidos do que nunca.

Eu deslizo meu aperto ao redor de sua nuca. Sua pele é mais macia do que qualquer veludo. Posso sentir o cheiro do spray de cabelo dela, e o cheiro é reconfortante e familiar, um refrão constante de todas as horas que passei neste prédio, mas o gosto dela...

Não é como nada que eu já provei antes.

Ela tem gosto de música, como a luz do sol refletindo no batente de uma janela aberta, como fumaça de vela e sinos de igreja e o brilho do amanhecer na neve.

Eu quero beber ela. Eu quero garrafas e garrafas dela.

Quando eu deslizo minha língua dentro de sua boca, perseguindo mais desse sabor, ela engasga contra meus lábios e desliza as mãos da minha cintura até meus quadris. Ela puxa até nossos corpos ficarem juntos. Eu posso sentir o subir e descer de seu peito contra o meu.

Há tantas camadas de tecido entre nós, e eu já quero que todas desapareçam. Eu quero senti-la. Eu quero afundar direto nela.

Pelo jeito que ela está cavando os dedos sob a bainha recortada do meu corpete, procurando até mesmo um centímetro de pele, posso dizer que ela sente o mesmo.

Estou tão envolvido em beijá-la que não percebo que nos movemos até que suas costas batem contra uma fileira de armários. Ela geme em minha boca, o que faz meus dedos enrolarem em volta da gola de sua blusa, lutando contra a vontade de rasgá-la.

Há uma força nesse beijo, feita de todas essas semanas de desejo e todos os anos de ódio que vieram antes deles. Há raiva na maneira como nossas bocas se movem uma sobre a outra. Há fixação. Há confusão, mas não há hesitação.

Nós quebramos o beijo por um momento, nós duas ofegantes, e eu abro meus olhos para encontrá-la já me observando. Seu olhar é nebuloso. Suas bochechas estão coradas, e seus lábios estão de um rosa profundo e inchado de tanto trabalhar os meus.

— Ninguém nunca me beijou assim — ela respira.

Seus dedos ainda estão trabalhando sob meu corpete, e quando ela os coloca sob a borda da minha blusa para roçar minhas costas, eu juro e deixo cair minha cabeça para frente, pressionando minha testa na dela.

— Moira...

Há um aviso na minha voz. Não sei se é para ela ou para mim, mas de qualquer forma, ela não liga para isso.

— Beije-me de novo — ela ordena, a alegria fazendo suas palavras sussurradas tremerem.

Isso é tudo que eu quero, e quando ela pede assim, não consigo me lembrar de uma única razão pela qual eu não deveria dar a ela.

Seus quadris se erguem assim que meus lábios tocam os dela, e não consigo resistir a provar sua boca novamente. Quando eu corro minha língua ao longo de seus dentes, ela faz um som desesperado na parte de trás de sua garganta que reverbera por todo o meu corpo.

Eu me afasto o suficiente para murmurar:

— Essas malditas saias.

Ela solta uma risada gutural que é incrivelmente sexy, e eu gemo quando ela arqueia as costas para se pressionar ainda mais perto de mim.

Os metros e metros de tartã estão realmente atrapalhando.

— Aqui. — Ela solta os braços de onde eles estão enrolados em volta da minha cintura e se move para que ela possa subir as saias até o topo das coxas.

Eu esqueço como respirar. Por um momento, acho que até meu coração esquece como bater.

Ela está vestindo a calcinha branca e quadrada padrão que é uma parte oficial do traje, mas mesmo isso parece impressionante nela.

— Ei, Kenzie.

— Hm?

Eu olho para cima e a encontro sorrindo

— Acho que você deveria continuar me beijando.

Ela se move contra os armários, fazendo uma das fechaduras de combinação chocalhar contra o metal, e o som me distrai o suficiente para ter o menor controle sobre a realidade.

— Moira, nós estamos… — Eu paro e olho por cima dos meus ombros. — Estamos em um corredor.

— Sim, estou ciente. — Ela diz isso em sua voz habitual de falar merda, e eu quase rio, mesmo quando uma chama instintiva de aborrecimento aquece meu peito.

Aparentemente, essa garota sabe como me irritar de todas as maneiras possíveis.

— E você está… — Eu olho para suas pernas nuas entre nós.

— Esperando — ela termina para mim, com um pequeno arremesso de cabeça malcriado para dar ênfase.

Desta vez eu realmente rio, o som baixo e atado com tensão.

— Perfeita Moira Murray, queridinha do mundo da dança das terras altas, está se despindo de seu Aboyne em um corredor do ensino médio.

Ela me encara.

— Não estou me *despindo*. Na verdade, estou apenas fazendo algo sobre nossas saias em vez de reclamar como você.

— Ah, eu sou a reclamona? — Eu levanto uma sobrancelha. — Você é quem continua me implorando para te beijar.

Eu inclino meu rosto para mais perto do dela, e vejo suas pupilas se dilatarem.

— Eu não estou implorando — ela sibila, mesmo quando um pouco do tremor volta em sua voz.

Eu coloco meus lábios ao lado de sua orelha.

— Então você deveria estar.

Antes que ela possa responder, puxo minha saia do caminho e pressiono uma das minhas pernas entre suas coxas. Ela não é rápida o suficiente para esconder seu suspiro. Suas pernas flexionam em torno de mim, e eu alcanço uma de suas mãos para prendê-la contra os armários atrás dela.

Eu escovo a borda de sua orelha com minha boca antes de beijar a pele macia logo atrás dela. Ela estremece.

— Está tudo bem? — Eu pergunto, me afastando o suficiente para olhar para

o rosto dela.

Ela está com os olhos bem fechados. Ela balança a cabeça em alguns acenos adoravelmente entusiasmados e sussurra:

— Sim.

Eu começo a beijar seu pescoço novamente.

— Então — murmuro contra sua pele —, você estava prestes a começar a implorar?

Ela aperta os dedos em volta da minha mão, que ainda está prendendo a dela nos armários.

— Você bem queria.

Eu realmente quero, mas não vou dizer isso a ela.

Em vez disso, eu uso minha outra mão para segurar uma daquelas lindas, lindas coxas e a coloco sobre meu quadril. Sua respiração fica presa quando nos pressionamos ainda mais uma contra a outra.

— Você quer que eu te beije? — Eu pergunto, pouco antes de deixar meus dentes roçarem sua garganta.

Ela arqueia o pescoço para mim, mas faz um pequeno grunhido frustrado em vez de responder. — Apenas me diga para te beijar.

Ela balança a cabeça.

— Eu não vou deixar você ganhar tão fácil, Kenzie.

— Bom. — Eu desisto de seu pescoço e arrasto meu nariz até sua bochecha para que eu possa falar em seu ouvido novamente. — Porque para ser honesta, Moira, eu sempre gostei do jeito que você me faz lutar por isso.

Seus quadris empurram contra os meus enquanto ela move a mão livre para as minhas costas, pressionando com força, e ela quase leva a melhor sobre mim.

Eu preciso de outro sabor.

Estou tentando encontrar outra maneira de mexer com ela quando um som alto de *plop* nos pega desprevenidas.

Eu congelo.

— O que é que foi isso?

Moira ri.

— Uh, acho que minha Crocs acabou de cair.

Ela abaixa a perna da minha cintura para recuperar o equilíbrio, e eu me mexo para ver que ela está certa; seu sapato de espuma branca está no chão de ladrilhos do corredor atrás de nós.

— Sabe, eu esqueci totalmente que estávamos usando Crocs durante tudo isso.

Assim que as palavras saem da minha boca, nós duas começamos a rir tanto que tivemos que nos separar e agarrar os armários para nos apoiar.

Agora que tive um momento para processar, posso ver a hilaridade em como toda essa cena é surreal: a Crocs, as faixas fofas de tartã e renda em que estamos vestidos, o fato de que tudo isso está acontecendo em um corredor abandonado do ensino médio contra o armário de um pobre garoto enquanto uma competição de dança das terras altas termina no andar de baixo.

É uma das configurações menos sexy que posso pensar e, de alguma forma, ainda é incrivelmente quente.

Ela é incrivelmente sexy. Metade do cabelo dela escorregou do coque, o resto

ficou meio torto na cabeça. Seu corpete está todo torto, e seus olhos ainda estão brilhando com a necessidade, mesmo quando ela solta um ronco adorável enquanto tenta controlar o riso.

Eu quero dar um tapinha na bochecha dela e dizer que ela é fofa quase tanto quanto quero empurrá-la contra a parede novamente.

Por mais novo que seja, tudo parece fácil.

Muito fácil.

Estou completamente fora de controle.

Eu me viro e arrumo minha roupa. Eu aliso o que sobrou do meu coque antes de encará-la novamente.

— Moira, não sei se foi uma boa ideia. Eu acho…

— Eu sei o que você vai dizer — ela interrompe.

Faço uma pausa, esperando para ver se ela vai me dizer, já que não tenho certeza absoluta.

Com o gosto dela ainda na minha língua, não tenho certeza de nada.

— Você vai dizer que não podemos fazer isso de novo, que devemos nos ignorar totalmente pelo resto da temporada de competição e nos concentrar no que cada uma de nós precisa fazer para ganhar a bolsa.

Eu não concordo, mas não preciso; ela balança a cabeça como se meu silêncio confirmasse o que nós dois sabemos que é verdade.

— O que seria inteligente — acrescenta ela.

— Sim — eu respondo —, seria.

— Também seria chato pra caramba.

Uma risada surpresa escapa de mim, e o brilho volta aos olhos dela. Sua voz fica baixa novamente, pingando com um perigo que faz minhas coxas se contorcerem.

— Eu não sou uma pessoa chata, Kenzie.

Não consigo tirar os olhos dela.

— Nunca disse que você era.

Ela fica quieta, e seu rosto suaviza por um momento.

— Sim — ela murmura. — Você nunca disse isso.

Então ela é toda sedução novamente.

— Se você quiser seguir o caminho chato, tudo bem. Eu não vou te julgar. É a coisa mais inteligente a se fazer, mas aposto… — Seus lábios se curvam nos cantos, e uma emoção familiar passa por mim. Mesmo agora, não consigo resistir a um desafio dela. Mesmo agora, eu quero ganhar. — Aposto que você não consegue passar por um encontro sem me implorar para te beijar.

Eu pisco.

— Um encontro? Você quer ir a um encontro?

Ela dá de ombros e olha para o chão antes de olhar de volta para mim.

— Para os propósitos desta aposta, sim.

— Hmm. — Eu finjo pensar sobre isso, mesmo que a palavra “encontro” esteja fazendo coisas estranhas no meu estômago.

Estou muito possivelmente ficando com borboletas no estômago com pensamento de ir a um encontro com Moira Murray.

— Então, o que eu ganho se eu ganhar? — Eu pergunto.

— Quero dizer… — Ela balança um pouco, sua saia balançando contra suas

pernas. — Se você ganhar, eu quem vou implorar.

Eu solto um suspiro.

— Puta merda, Moira. Você realmente sabe exatamente o que está fazendo, não é?

Estou começando a me perguntar se alguma das salas de aula pode ser desbloqueada, para que possamos começar nosso “encontro” aqui e agora.

Ela faz outro encolher de ombros fofo e irritante. Não sei de onde veio esse lado dela, mas gosto mais dele do que gostaria de admitir.

— E você sabe que isso é realmente uma má ideia, certo?

É uma ideia tão ruim que eu deveria ter dito não antes mesmo dela sugerir. Tenho uma bolsa de estudos para ganhar. Tenho mais exigências na minha agenda do que horas no dia. Eu não namoro, ponto final, muito menos namoro garotas com quem tenho brigado por mais de uma década.

Garotas que parecem ter nascido com tudo que eu desejo já em suas mãos.

Não é realmente um encontro, no entanto. É uma aposta, e talvez seja exatamente o que eu preciso para entender o que diabos está acontecendo aqui.

Talvez eu só precise lembrar como é vencer Moira Murray.

CAPÍTULO 13
MOIRA

O resto de Novembro e Dezembro são tão cheios de terminar papeladas, fazer exames e passar pelos feriados que eu não tive um único dia para ter meu encontro com Kenzie até o meio de Janeiro.

om base em suas mensagens, Kenzie tem estado tão ocupada, mas isso não nos impediu de enviar uma mensagem provocativa ocasional. Eu tive que parar e me perguntar o que diabos eu estava fazendo quando percebi que estava prestes a enviar para ela uma selfie de biquíni cheio de decote na casa de campo equipada com banheira de hidromassagem com Lydia e sua eternamente confusa equipe de amigas, colegas de apartamento e amantes alugados para Véspera de Ano Novo.

Eu pensei sobre isso por aproximadamente um segundo antes de enviar a foto com a legenda “Pronta para implorar?”

Eu nunca enviei fotos a Savannah assim. Quando se tratava de sexo, sempre parecia que eu não era exatamente o que ela queria. Eu estava perto, mas era como se algo estivesse faltando e se eu pudesse descobrir o que era, nós passaríamos de “muito bom” para “fodidamente incrível”.

Quando conversamos sobre isso, ela disse que morar juntas ajudaria. Quando me mudei, ela disse que esse poderia ser o problema.

Na época, eu achava que tinha vergonha de mandar nudes, mas agora vejo que tinha muito medo de rejeição.

Não há vestígios de rejeição de Kenzie. Ela respondeu à foto com um texto cheio de palavrões e, em seguida, enviou uma foto de si mesma de “pijama” na cama.

Aparentemente, o pijama de Kenzie consiste em uma regata branca acanhada que dá uma excelente prévia de seus mamilos e um par de “shorts” pretos que tenho certeza que são apenas roupas íntimas.

Eu me forço a parar de olhar para aquela foto em particular e desligo o telefone para terminar de me arrumar para o encontro.

Eu tenho um álbum do Arctic Monkeys passando pelo meu alto-falante, e giro meus quadris para a reverberação sensual do baixo enquanto coloco uma camiseta branca sobre minha cabeça. Tudo o que estamos fazendo é nos encontrar em um bar no centro da cidade, mas depois que olho no meu espelho de corpo inteiro, começo a me preocupar que minha roupa não seja suficiente.

Os jeans skinny pretos que eu uso são os que eu gosto de chamar de minha “calça mágica”, ou seja, porque ela abraça minha cintura e coxas enquanto ainda tem o comprimento certo para obter um ajuste afunilado na parte inferior. Encontrar calças como esta não é pouca coisa quando você tem minha combinação de pernas deliciosas e músculos de dança tonificados.

A camiseta tem um ajuste relaxado e um decote profundo o suficiente para mostrar um pouco da renda roxa do meu sutiã quando me inclino para frente, o que pretendo fazer muito esta noite. Meu cabelo está pendurado em cachos longos e soltos que demoraram muito para serem criados.

Eu sinto que estou vestindo um kilt, visualizando exatamente como vou

ofuscar Kenzie durante uma dança de espada, só que neste caso, a “dança” em questão é ainda mais divertida, e minha roupa envolve muito menos tartã.

Eu caio em um assento no banco em frente à minha penteadeira, que também serve como minha escrivaninha. Afasto meu laptop e alguns livros para dar espaço para meus cotovelos enquanto alcanço o pote de vidro com os poucos produtos de maquiagem que possuo. Um pouco de sombra para os olhos, brilho labial e um pouco de rímel depois, estou pronta para ir.

Minha mãe sabe que vou sair hoje à noite, mas ainda faço o meu melhor para descer silenciosamente as escadas na tentativa de sair de casa sem que ela perceba. De jeito nenhum eu serei capaz de manter minha mentira sobre “encontrar amigos” se ela me ver toda arrumada assim.

Posso ouvi-la batendo na cozinha, limpando a lasanha que comemos no jantar. Meu pai está no porão assistindo a sua última mania de TV, e meu irmão está dormindo na casa de um amigo esta noite.

Coloco meu casaco e minhas botas, e estou prestes a chegar à porta sem ser detectada quando o som do meu nome ecoando pela casa me faz estremecer.

— Moira, você está saindo?

Minha mãe aparece na entrada um momento depois com um prato e um pano de prato ainda nas mãos, seu cabelo castanho com mechas grisalhas amarrado para trás com uma faixa xadrez.

Claro que ela está usando uma bandana xadrez.

— Ah, uau! Algo me diz que você não está apenas *saindo com amigos*. — Ela vira o prato para que possa fazer aspas no ar com uma das mãos. Eu estremeço novamente.

— Ah, bem...

Ela faz um som de cacarejo.

— Ok, ok, entendi. A mãe irritante está se dando mal agora. Apenas fique segura, ok? Com o que quer que você esteja fazendo.

Ela faz um show de recuar lentamente. Eu gemo, mas pouco antes de ela entrar na sala de estar, digo a ela para esperar.

— Eu, hm, pareço bem? — Eu pergunto.

— Ah, querida! — Ela suspira e descansa o prato em seu quadril. — Você está deslumbrante. Você é tão linda e tão crescida!

— Crescida, certo — eu digo com uma risada autodepreciativa.

Ela zomba.

— E o que isso quer dizer?

— Quero dizer… — Eu gesticulo em torno da entrada. — Sem ofensa, mas estou saindo para começar minha noite de sábado da casa dos meus pais – meus pais que tecnicamente também são meus chefes.

— E o que há de errado com isso?

Eu suspiro.

— Eu não acho que haja algo de errado com isso, mas você tem que admitir, soa um pouco patético.

— Querida, você não é patética! Você tem uma grande vida e grandes sonhos. Não há uma única coisa patética em você.

Tenho grandes sonhos?

Eu tenho sonhos. Eles simplesmente não são sobre nada maior do que o que

eu já tenho.

— Estou orgulhosa de você — acrescenta minha mãe.

Isso pelo menos faz os cantos da minha boca levantarem enquanto o calor floresce no meu peito.

— Obrigada.

— Agora sai daqui! Vá se divertir com Kenzie.

Eu congelo.

— O-o quê?

Ela cobre a boca e ri.

— Opa. Acho que eu estava certa. Eu apenas pensei que talvez...

— Estamos saindo para conversar sobre a bolsa de estudos — deixo escapar. — Como amigas.

É uma mentira tão patética que ela nem me diz nada por isso. Em vez disso, ela apoia uma de suas mãos no quadril e acena com a cabeça.

— Se você me perguntar – o que eu sei que não perguntou – eu sempre pensei que isso é exatamente o que Kenzie precisa: uma amiga. Essa garota é tão durona, mas eu ensinei bastante dançarinos das terras altas para saber quando uma criança só precisa de um abraço. Acho que sempre foi Kenzie.

Meu pescoço fica todo quente enquanto eu tento muito não pensar em quanto mais do que abraçar eu tenho planejado para Kenzie esta noite.

— Hm, certo, sim. Com certeza. Eu tenho que ir agora.

A risada da minha mãe me segue para fora da casa.

Desço do ônibus na Rua Rideau e faço a caminhada rápida até o bar no Byward Market que Kenzie escolheu. As calçadas lamacentas estão cheias de pessoas começando suas noites de sábado, todas encolhidas em seus casacos enquanto se dirigem para os restaurantes e pubs lotados do mercado.

Não venho muito aqui e nunca ouvi falar do bar que Kenzie sugeriu. Eu continuo pegando meu telefone para verificar o mapa, mesmo que a caminhada da estação de ônibus seja basicamente uma linha reta.

O lugar parece mais chique do que eu esperava, com uma placa de metal na moda soletrando o nome do bar em letras cursivas acima da porta e um grupo de mulheres lindas em casacos de aparência cara e botas de salto alto circulando do lado de fora.

Eu pairo alguns metros acima da calçada, tentando decidir se devo mandar uma mensagem para Kenzie para ver se ela está aqui ou apenas entrar. Meus dedos estão começando a congelar em meus Blundstones, e eu mudo meu peso de um pé para outro na parte do concreto que posso encontrar.

Um carro para, e as mulheres do lado de fora do bar se amontoam dentro, rindo e gritando sobre onde quer que estejam indo. Eu me esgueiro um pouco mais perto, reivindicando seu lugar ao longo da parede de tijolos do bar.

Não há esperança de ver Kenzie pela janela; eu só posso distinguir as

silhuetas vagas de pessoas se movendo ao redor das mesas no brilho fraco das luzes pendentes penduradas no teto. Eu deveria apenas entrar. Se ela não estiver lá, eu poderia pegar um lugar para nós, talvez mandar uma mensagem para ela para perguntar seu pedido de bebida e começar.

Mas não entro. Tudo o que posso fazer é olhar para minha roupa simples e me perguntar se eu poderia de alguma forma entrar em uma loja de departamentos tarde da noite e pegar algo melhor.

Eu não vou a lugares assim. Eu quase nem saio. Eu gosto de ver amigos, e a visita ocasional a um bar é divertida, mas eu sou mais do tipo cerveja e jogos de tabuleiro em casa depois de um longo dia no estúdio.

Mais do tipo chato de garota.

De repente, as semanas de mensagens de flerte de Kenzie não importam. De repente, tudo o que posso vê-la é uma daquelas mulheres lindas de salto alto e casacos chiques, as mulheres que conhecem bares como este e não têm dificuldade em encontrar acompanhantes para levá-las até lá.

É como se toda esta rua fosse um set de filmagem, cuidadosamente construído para me mostrar – e ao mundo – como não sou *suficiente*.

Ainda estou ali, de costas para os tijolos como uma flor de parede literal, quando ouço alguém chamar meu nome.

Olho e encontro Kenzie subindo a calçada na mesma direção que eu.

Ela se parece com uma daquelas mulheres – casaco cinza, botas pretas de salto alto e pernas finas de um quilômetro e meio de comprimento em um par de meias escuras – mas ninguém nesta cidade inteira tem nada como seu rosto.

Ela tem metade do cabelo preso em um rabo de cavalo, a seção inferior caindo sobre os ombros em camadas retas e brilhantes. Não sei se já a vi com metade do cabelo solto, e o estilo deixa suas feições afiadas um pouco mais suaves, mas não menos marcantes.

Sua maquiagem adicionou um brilho ao corte de suas maçãs do rosto, e seus olhos parecem maliciosos e perigosos, como se ela pudesse devastar absolutamente qualquer um que quisesse com um único olhar certeiro.

Quando ela me dá um sorriso e levanta a mão em um aceno rápido, esqueço tudo sobre o bar, minha roupa e a sensação estúpida de inadequação que está dando nós no meu estômago. Tudo que eu quero é sentir seus lábios nos meus novamente, tocar sua pele, seu cabelo, seu corpo. Eu quero muito mais do que já consegui.

Eu quero tudo.

Depois daquele dia em que nos beijamos no corredor, passei uma hora inteira deitada na cama me perguntando como diabos Kenzie e eu passamos de anos nos odiando para a experiência completamente oposta de querer rasgar as roupas uma da outra antes de perceber isso, para nós, pelo menos, esses não são opostos.

Sempre houve uma atração entre nós, algo que atrai nossos olhos uma para a outra em todos os cômodos, algo que nos mantém furiosas com discussões por semanas e nos jogando em todas as chances de uma competição como se fosse uma questão de vida ou morte.

Ela me faz sentir viva, e não importa se estamos brigando ou flertando. Basta estar perto dela para fazer o mundo inteiro se iluminar e queimar tanto que quase

dói.

— Ei — ela diz quando ela para na minha frente, sua voz um pouco sem fôlego.

— Ei.

Minha voz imita a dela; mesmo que tudo o que eu esteja fazendo seja ficar aqui nos últimos minutos, sinto que acabei de correr uma milha. Sinto que poderia decolar e correr mais uma dúzia. A adrenalina está disparando em minhas veias e acelerando minha frequência cardíaca a cada segundo.

— Você está linda. — diz ela, seus olhos mergulhando para escanear meu corpo antes de encontrar o meu novamente.

Ela levanta um canto da boca em um sorriso satisfeito, e eu faço o meu melhor para não engolir em seco.

— Você também não está tão ruim.

Eu me parabenizo por não deixar escapar o quão incrível eu acho que ela parece e como estou a cerca de dois segundos de cancelar toda essa aposta e puxar seu rosto para o meu.

Ela se vira para dar uma olhada no bar.

— Uau. Isso é mais chique do que eu pensava.

— Você nunca esteve aqui

Ela coloca a alça da bolsa no ombro.

— Ah, não. Você já?

Eu tento abafar minha surpresa. Eu estava esperando que ela me dissesse que este é seu bar favorito na cidade.

— Eu não — respondo. — Para ser honesta, eu, é, acho que estou um pouco mal vestida, mas parece legal.

Eu nem me convenço com o falso entusiasmo que coloco na palavra “legal”.

— Parece meio idiota — Kenzie deixa escapar.

Eu desatei a rir.

— Ai meu Deus, estou tão feliz que você disse isso. Achei que parecia meio idiota também.

Ela sorri — um sorriso de verdade, não apenas um sorriso malicioso. Minha respiração fica presa no jeito que ela brilha e brilha como um horizonte da cidade em uma noite de neve

— Para ser totalmente honesta com você, eu quase nunca saio para bares. Eu meio que quase nunca saio. Acabei de escolher isso no Google Maps porque o descrevia como um local íntimo com... acho que dizia “alcovas aconchegantes e iluminação ambiente”.

— Ah? — Eu levanto minhas sobrancelhas. — E por que você iria querer escolher um lugar como esse?

Meu momento de confiança sedutora é arrebatado assim que ela vira aqueles olhos maliciosos para mim. Eles são basicamente uma arma de destruição em massa de nível militar.

— Porque eu tenho uma aposta para ganhar, e há muito que eu poderia fazer para que isso acontecesse em uma... alcova aconchegante.

Eu engulo para molhar minha garganta ressecada.

— Com iluminação ambiente — acrescento, um pouco ofegante.

Ela joga a cabeça para trás e ri.

— Sim. Nunca subestime o poder da iluminação ambiente.

— Então… — Eu espio pela janela para a sala lotada. — Devemos entrar?

Kenzie faz o mesmo por um momento e depois balança a cabeça.

— Você sabe o quê? Parece lotado lá. Eu não acho que encontraríamos alcovas, e provavelmente haveria, tipo, caras idiotas em cima de nós. Você quer encontrar um lugar menos ocupado? Talvez apenas um pub ou algo assim?

Alívio passa por mim, afrouxando meus músculos, e eu percebo o quanto eu estava rangendo os dentes com o pensamento de entrar lá.

— Isso parece ótimo. Eu diria para você mostrar o caminho, mas aparentemente você também não vem aqui com frequência.

Resolvemos andar por aí até encontrar algo que nos chame. Ficamos quietas nos primeiros minutos. Estou ciente de cada um de seus movimentos. Não a vejo pessoalmente desde o dia da última competição – o mesmo dia em que ela me prendeu contra uma parede com a saia puxada até a cintura – e a memória fervilha entre nós como um fogo de artifício com o pavio aceso, segundos longe de explodir.

— Eu meio que pensei que aquele bar era tipo, seu tipo de lugar — eu digo, já que a conversa parece ser uma distração necessária se eu quiser ter esperança de ganhar essa aposta.

Kenzie para no meio da calçada.

— Você está dizendo que acha que eu sou uma idiota?

O sangue corre para minhas bochechas.

— Espere, isso saiu totalmente errado. Isso não foi o que eu quis dizer.

Ela coloca as mãos nos quadris e inclina a cabeça para me encarar, mas há diversão escondida sob o tom ameaçador de sua voz.

— Então, o que exatamente você quis dizer?

— Quis dizer… — Meus olhos percorrem seu corpo, para a roupa que é tão montada quanto tudo o que eu a vi usar quando não estamos em competições de dança. — Você está, tipo, na moda, e você é... quer dizer, você sabe que é muito gostosa. Não tem como você não saber. Acho que sempre pensei que você teria, tipo, um bando de admiradores ao seu redor na escola e convites para todas as festas e…

Eu paro quando percebo o quão profundo isso está ficando, o quanto estou revelando que penso nela há anos.

— Então, basicamente, você acha que minha vida é um episódio de Gossip Girl com alguma dança das terras altas?

— Quero dizer...

Eu tento chegar a um argumento, mas esse tipo de é exatamente o que eu pensava. Peguei o que sabia sobre ela, o que vi quando olhei para ela, e preenchi as lacunas com todos os estereótipos que me alimentaram durante toda a minha vida.

Eu a apertei em um molde que pensei ter sido feito para garotas como ela – o mesmo molde que sempre me fez sentir que não sou suficiente porque nem tenho esperança de me espremer por dentro.

Talvez esse molde não seja feito para ninguém. Talvez todos nós estejamos apenas tentando medir um pedaço oco de plástico que ninguém jamais conseguiu preencher.

— Acho que sempre tive inveja de você.

A admissão escapa antes que eu possa impedi-la. Espero algum tipo de aceno de cabeça ou até mesmo outro sorriso de Kenzie, mas minha frase faz sua boca cair aberta e suas mãos deslizarem para fora de seus quadris.

Meu rosto está queimando de novo, e começo a me arrastar pela calçada para que ela não veja o quanto estou corando. Ela caminha ao meu lado e, quando fala, fica tão quieta que nem tenho certeza de que sua pergunta é para mim.

— Do que você poderia ter inveja?

Do canto do meu olho, eu a vejo olhar para mim como se ela realmente estivesse esperando por uma resposta. Passamos pela área principal dos bares, a rua em que estamos agora cheia de vitrines escuras de lojas que fecharam à noite, mas nenhum de nós tenta dar meia-volta ou mudar de rumo. O flerte se foi, o ar entre nós carregado com outra coisa agora, algo mais profundo.

— Você está falando sério? — Eu pergunto. — Você é uma das melhores dançarinas do país. Alguns anos atrás, você era uma das melhores dançarinas das terras altas do mundo.

— Você também — ela rebate.

— Sim, mas basicamente fui treinada desde o nascimento para isso. Você começou anos depois de mim e ainda pegou todo mundo de surpresa. Você também é... quer dizer, você é linda e magra, e exatamente o que as pessoas imaginam quando pensam em uma dançarina. Você é... você é fácil.

Ela para no meio da calçada novamente e, quando ri, não há calor. Há apenas uma amargura tão dura e dolorosa que faz os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

— Moira, cada coisa que eu faço é tão fodidamente cheia de esforço que me esgota. *Tudo*. Você é quem nunca teve que tentar. Você é quem se encaixa, quem faz as pessoas rirem, sorrirem e querem estar perto de você. Tudo o que tenho a meu favor é ser uma boa dançarina, e você também tem isso. Quando eu estou apenas sendo eu, eu... eu tenho que trabalhar muito para ser o suficiente.

Sua voz falha na última palavra, e seu lábio inferior treme. Eu observo enquanto ela envolve seus braços em volta de si mesma, seus ombros se curvando para dentro para fazê-la parecer tão pequena – e não de uma forma que me encha de inveja. Em vez disso, quando olho para seu pequeno corpo, outra camada de qualquer imagem dela que eu construí se desfaz em pedaços e se espalha na rua coberta de neve.

Fico olhando para a garota que acho que minha mãe estava tentando me falar. Neste momento, tudo o que posso fazer é concordar que Kenzie precisa desesperadamente de um amigo e provavelmente precisa de um há muito, muito tempo.

Ela está olhando para as pontas de suas botas, e eu estou prestes a dar um passo em direção a ela, dizer que está tudo bem, dar um abraço, fazer *alguma coisa*, quando ela xinga baixinho e começa a marchar pela calçada novamente.

Eu tenho que correr alguns passos para alcançá-la.

— Esqueça que eu disse isso — ela murmura sem virar a cabeça. Ela está olhando para frente, seu olhar fixo no poste na esquina do cruzamento que estamos nos aproximando.

— Kenzie, você não precisa...

— *Por favor* — ela interrompe, sua voz tão crua que me assusta em silêncio. — Por favor, esqueça isso, ok?

Eu não quero esquecer. Não quero vê-la se desligar e se transformar na pessoa fria e distante que ela tem sido para mim há anos.

Estamos tão longe que não podemos voltar, mesmo que ela tente.

Chegamos ao cruzamento, e ela olha para cima e para baixo nas duas ruas como se tivesse acabado de perceber que não estamos mais no bar.

— Onde diabos estamos mesmo? — ela pergunta. — Devemos voltar. Quero dizer, se você ainda quiser ter o...

— Eu quero te levar a algum lugar.

Não quero sentar em um bar com ela e fingir que essa conversa não aconteceu, mas também não quero voltar para o ônibus e ir para casa.

Mais do que tudo, quero estar com ela, só nós duas. Eu quero esquecer todo o resto e deixar este momento se desdobrar no que quer que ele esteja tentando ser. Eu não quero uma chance de parar e pensar muito sobre isso.

Kenzie fica em silêncio e me encara por um momento.

— Onde?

Eu não tinha um lugar em mente, e considerando que nós duas moramos em casa, nossas opções de solidão são bem limitadas. Então a ideia bate.

— Em algum lugar... em algum lugar especial — eu respondo. — Você vai ver quando chegarmos lá.

Ela zomba e esfrega as mãos para cima e para baixo em seus braços.

— Há algum *lugar especial* longe daqui?

Eu puxo meu telefone.

— Vou pegar um Uber para nós. Mimo meu.

Ela começa a balançar a cabeça.

— Moira, eu acho que talvez…

— Kenzie. — Eu me aproximo um pouco dela. — Você pode confiar em mim por um minuto aqui?

Não recebo um sim, mas depois de um momento de silêncio, ela balança a cabeça e diz:

— Acho que vamos a algum lugar especial.

CHAPTER 14
KENZIE

Assim que a placa da Escola Murray de Dança Escocesa aparece na rua, viro a cabeça e olho para Moira, onde estamos sentadas no banco de trás de um Uber. Ela dá de ombros e abre as mãos em um gesto de “você verá” antes de colocá-las de volta no tecido cinza gasto do assento.

Seus dedos pousam a apenas alguns centímetros dos meus, e eu luto contra o desejo de pegar sua mão e entrelaçar nossos dedos.

É o mesmo desejo que me fez soltar verdades que eu deveria guardar para mim, o mesmo que me fez beijá-la naquele corredor, o mesmo que continua me atraindo para ela de novo e de novo quando tudo o que ela representa deveria ser um grande aviso vermelho, um sinal ameaçador o suficiente para me manter longe.

Esse sinal deveria ter sido suficiente para me impedir de vir nesse encontro em primeiro lugar. Eu não vou em encontros. Não tenho distrações ou complicações. Toda a minha vida está em um estado constante de desequilíbrio inconstante, e um sopro de vento imprevisível pode me mandar para o buraco profundo e escuro com o qual sonho cair na maioria das noites.

A última vez que namorei foi no final do ensino médio, e durou apenas alguns meses antes de nós duas percebermos que eu não tinha tempo ou mesmo vontade de fazer isso funcionar.

Ainda doeu quando ela me deixou. Eu sabia que iria acontecer. Eu estava prestes a fazer isso eu mesma, mas a dor ainda me cravava como uma faca pressionando velhas cicatrizes. Ela estava indo embora, assim como meu pai, assim como o pai de Chris, assim como o próprio Chris quando ele começou a aparecer cada vez menos.

Essa dor foi apenas mais um motivo para ficar longe de relacionamentos durante toda a universidade.

De alguma forma, estou aqui de qualquer maneira. Estou neste carro, minha mão a poucos centímetros da de Moira. Quando olho para seu perfil recortado pelo brilho dos postes de luz que passamos, não vejo uma velha rival ou mesmo uma nova ameaça à única coisa que pode me manter na escola no próximo ano.

Eu só vejo uma garota que eu quero mais – mais de suas palavras, mais de sua risada, mais de sua boca na minha e seu corpo pressionado contra mim.

Eu tremo mesmo com o calor forte e eu estou encolhida no meu casaco. Moira percebe e abre a boca para dizer algo assim que o motorista estaciona em um lugar vazio no meio-fio e pergunta se estamos perto o suficiente.

— Aqui está ótimo — responde Moira. — Obrigada pela corrida.

Descemos do carro e escalamos a mini cordilheira de neve empurrada contra o meio-fio pela última rodada de arados. O estúdio fica a poucos metros da calçada. Moira procura em sua bolsa por suas chaves enquanto eu observo o prédio de tijolos.

— Eu nunca estive aqui — murmuro.

Reconheço o logotipo com tema de tartã da Escola Murray com um pequeno par de ghillies ilustrados. A loja de bicicletas com a qual eles dividem o prédio

parece ocupar o lado voltado para a rua do primeiro andar, com grandes janelas de vidro que dão para um interior escuro cheio de racks de bicicletas. A Escola Murray tem sua própria entrada ao lado, bem perto de um estacionamento estreito, e Moira olha para mim enquanto nos conduz.

— Acho que também nunca estive na escola Stewie.

— Stewie? — Repito enquanto ela encaixa a chave na fechadura.

— Ah, ops, sim. — Ela fica de costas para mim, e eu ouço a nota de constrangimento em sua voz. — É assim que eu chamo qualquer um que vai para a Academia Rebecca Stewart.

Eu tenho que rir disso.

— Você nos chama de *Stewies*?

— Ei, agradeça por não ter inventado algo insultante.

Ela abre a porta de vidro e nós dois entramos em uma entrada escura com tapetes manchados de sal no chão.

— Quero dizer, eu não diria que Stewie é particularmente lisonjeiro.

Em vez de me dar um retorno, Moira dá um passo à minha frente e pega um interruptor de luz. Algumas luzes do painel superior acendem, revelando uma recepção ainda enfeitada com decorações de Natal com tema escocês e alguns conjuntos de luzes de cordas. Depois dela, há um corredor curto e estreito com algumas portas e uma escada no final. As paredes são pintadas de amarelo cremoso, e há um corredor listrado de vermelho e amarelo cobrindo o antigo piso de madeira do salão.

— Bem, isso é adorável — eu deixo escapar.

— Ha ha. Estamos todos muito ocupados para tirar as decorações.

— Não, não — eu protesto enquanto Moira começa a tirar suas botas. — Quero dizer que é. É muito fofo aqui. Aposto que as crianças adoram.

Passamos nossas vidas zombando e desafiando tantas partes uma da outra, mas posso dizer que Moira quis dizer isso quando disse que este era um lugar especial para ela. Eu mesma sinto. Eu vejo no jeito que ela parece tão protetora e ainda tão vulnerável enquanto ela olha ao redor da sala.

Mesmo se eu quisesse, eu não tiraria sarro desse lugar.

— Por que aqui? — Eu pergunto em vez disso.

Ela não precisa perguntar o que quero dizer.

— Parecia que não estávamos mais em clima de bar, mas sei que nenhuma das nossas casas é realmente uma opção, e…

Ela para e se inclina contra a parede, com as mãos pressionadas atrás das costas. Ela tirou os sapatos agora, mas eu não me movo para fazer o mesmo.

— E é aqui que eu gosto de ir quando me sinto estranha — diz ela na quietude —, ou ruim, ou incerta. É apenas... é especial, e parecia certo para essa noite.

Eu deixei a honestidade dessas palavras afundar no meu peito.

Essa noite é especial.

Enquanto eu a vejo tirar o casaco e pendurá-lo no cabide de uma das paredes da entrada, percebo que essa noite nunca foi realmente uma aposta. Nem as últimas semanas de mensagens de texto, ou a foto de biquíni que queimou em meu cérebro, ou o cuidado que coloquei para ficar bonita esta noite.

O que quer que esteja acontecendo entre nós, é especial, poderoso e demais

para parar quando ela está olhando para mim do jeito que está agora.

Seu olhar é suave e curioso, hesitante até, mas por baixo, vejo as brasas. Eu o sinto mudando e crepitando dentro de mim também.

— Você quer um tour? — ela pergunta.

Levo alguns segundos para descobrir do que ela está falando.

— Ah. Sim. Seria legal.

Seria legal?

Agora sou eu que estou escondendo meu rosto de vergonha enquanto penduro meu casaco. Estou tão ocupada mexendo no cabide que quase perco seu murmúrio baixo de:

— Ah. Uau.

— O que é? — Eu me viro e a encontro com o olhar fixo na minha bunda.

— Isso é apenas, hm... Essa é uma bela saia.

Eu não faço alarde com muita frequência, mas quando eu faço, geralmente é nas roupas. Elas são minha única indulgência. A minissaia de veludo preto e o top branco de manga comprida podem ser apenas Forever 21, mas eu comprei novinhas em folha com meu primeiro salário do refeitório do campus no primeiro ano, e ficaram tão bem em mim que não me sinto nem culpada.

Eu corro minhas mãos sobre o veludo e me permito sorrir um pouco quando vejo seus olhos seguindo cada movimento meu.

Eu *definitivamente* não me sinto culpada pelas roupas agora.

— Você mencionou um tour? — Eu pergunto quando ela continua olhando.

Ela salta pela atenção como se eu a tivesse pego em flagrante em uma tentativa de assalto.

— Certo. Tour. Sim. Por aqui.

Ela limpa a garganta e se acalma enquanto começa a me guiar. Passamos pela recepção e olhamos para um armário de armazenamento e um estúdio pequeno, mas brilhante, antes de subir as escadas rangentes. Eu posso sentir o orgulho irradiando de Moira enquanto ela fala sobre todas as reformas que sua família fez para tornar a escola uma realidade.

Damos uma olhada em um segundo estúdio e depois em um terceiro. Eu vejo a mudança em Moira assim que entramos no terceiro quarto. Seus olhos se iluminam ainda mais do que já estão, e ela cruza direto para o centro do piso branco liso, abrindo os braços e sorrindo para mim.

Eu posso dizer que esse é o lugar *dela*.

— Este é o meu favorito — diz ela. — É meio estranho, mas como você pode ver, parece um pouco mais arejado do que os outros quartos. Além disso, você não pode ver o quão bonito é à noite, mas eu amo esse vitral.

Ela aponta para as janelas que dão para a rua, e eu sigo a linha de seu dedo até os semicírculos de vitrais vermelho-rubi que coroam cada um dos painéis das janelas antiquadas.

— É lindo — eu concordo. — Deve ficar muito bonito no sol.

Ela acena.

— Então, sim, agora você viu a Escola Murray de Dança Escocesa.

Concordo com a cabeça também, e ficamos a poucos metros de distância, observando uma a outra enquanto nossos reflexos se deslocam nas paredes espelhadas.

— Obrigada por me mostrar. — Minha voz sai baixa e um pouco ofegante.

Ela parece tão bem, mesmo em uma simples camiseta branca. Algumas vezes durante a tour, eu tive um vislumbre de um sutiã de renda roxo por baixo.

Eu me pergunto se ela pensou em mim quando o escolheu.

Alguns segundos de silêncio passam. Não há um próximo passo claro aqui. Estamos tão longe em território inexplorado que até parece uma luta para dizer a diferença entre para cima e para baixo.

Eu abro minha boca, não muito certa do que dizer para quebrar o silêncio, mas Moira chega antes.

— Espere aqui — ela ordena, apontando para os meus pés antes de passar por mim para chegar à porta.

— Esta é a parte em que você me tranca aqui durante a noite como algum tipo de brincadeira? — Eu estou brincando.

Ela para na porta e pisca.

— Você tem que confiar em mim, Kenzie.

Eu tomo uma respiração estremecendo enquanto eu fico lá ouvindo ela descer as escadas. Não tenho certeza de como confiar em ninguém além de mim mesma, e perto dela, nem isso posso fazer.

Aquele abismo escuro que eu estou sempre evitando começa a se abrir sob meus pés enquanto minha respiração fica ainda mais rápida, mas se fecha novamente quando ouço o chão rangendo enquanto Moira faz seu caminho de volta pelo corredor.

— Encontrei! — ela grita quando reaparece na beirada da porta. — Eu sabia que haveria uma garrafa disso por aqui em algum lugar.

Olho para baixo para ver a garrafa de Macallan Scotch em suas mãos. Ela sacode o líquido âmbar e balança as sobrancelhas para mim.

Levo a mão ao meu rosto, fingindo estar escandalizada, embora sua expressão tenha feito meu estômago dar cambalhotas.

— Que tipo de escola de dança é essa, exatamente?

— É para ocasiões especiais — ela protesta —, para a equipe, os pais e outras coisas.

— Então, qual é a ocasião?

Ela volta para o estúdio e bate no queixo, logo abaixo do lábio inferior. Eu quero colocar meu dedo lá também. Quero ver como ela olharia para mim se eu traçasse o contorno de sua boca.

— Hmmm. Você sabe, eu acho que qualquer um que faz parte da comunidade de dança das terras altas canadenses pensaria que você e eu tendo uma discussão civilizada é uma ocasião para fazer um brinde.

Antes que eu possa me impedir, eu me aproximo.

— Quem falou em civilidade?

Sua respiração fica presa.

— Talvez você esteja certa. Talvez eu tenha falado cedo demais.

Há um brilho perigoso em seus olhos enquanto ela mantém a garrafa em uma mão e arrasta a outra pela frente de sua camisa, me provocando assim como eu fiz com ela com minha saia no andar de baixo. Eu mordo minha língua para não soltar um gemido quando ela alcança as curvas de seu peito. Ela engancha um dedo sobre o decote de sua camiseta, puxando para baixo até que eu dê outra

olhada na renda roxa de seu sutiã.

— Acho que não vamos precisar disso, então.

Ela puxa o tecido para baixo, e estou prestes a murmurar seu nome quando ela enfia a mão na camisa e tira dois copos empilhados de onde ela os escondeu na base do decote.

Eu xingo baixinho, e ela solta uma gargalhada enquanto sua camisa se encaixa de volta no lugar.

— Você planejou isso? — Eu exijo.

Ela leva o uísque até a mesa que abriga o sistema de som, balançando os quadris.

— Eu não sei sobre você, mas eu não esqueci totalmente a aposta — ela fala arrastadamente. — Você quer um uísque, ou isso tornará muito fácil para mim ganhar?

Eu não sei como ela muda de fofa para sexy tão rápido, mas a transformação sempre me deixa hipnotizada.

Há mais lados de Moira Murray do que posso contar, e quero mais de todos eles.

— Você não acha que seria mais fácil para *mim* ganhar? — Eu digo enquanto me aproximo para me juntar a ela.

Ela dá de ombros enquanto desenrosca a tampa da garrafa.

— Acho que vamos descobrir.

O cheiro forte e amargo do álcool enche o ar por um momento, e vejo as mãos de Moira tremerem um pouco enquanto ela aponta o fluxo de uísque para os copos.

— Estamos realmente tomando doses nisso? — Eu pergunto quando ela termina.

— Bem, meu pai provavelmente teria um ataque cardíaco se me visse fazendo qualquer coisa além de "saborear adequadamente" um Macallan. Eu não consegui encontrar nenhum copo de uísque, então…

Eu alcanço meu copo e toco a borda no dela, onde ainda está sobre a mesa ao lado do CD player quadrado. O fato de que eles ainda usam tocadores de CD reais é outro aspecto adorável da Escola Murray.

É quase tão fofo quanto Moira.

No entanto, não há nada de fofo no olhar acalorado que ela me dá antes de pegar o copo e inclinar a cabeça de volta para o uísque de uma só vez. Observo a pele lisa e pálida de sua garganta balançar. Ela lambe os lábios quando termina, a queimadura do líquido ardente falhando em fazê-la estremecer.

Acho que nunca vi alguém fazer um shot parecer tão sexy.

— Você vai beber isso? — ela pergunta, acenando para o meu copo enquanto ela sorri.

O que eu realmente preciso é de um copo enorme de água gelada, mas em vez disso me contento com Macallan. É suave no início, o sabor misturado com uma doçura defumada que me faz pensar em crème brûlée, mas não consigo parar de tossir quando a queimadura chega.

A risada de Moira é presunçosa.

— Você vai se acostumar.

Eu reviro os olhos em resposta. Ela abaixa o copo e começa a folhear uma

pilha de CDs.

— Acho que não queremos ouvir a *Série Essencial de Cachimbos de Dança das Terras Altas* — diz ela com uma risada —, mas eu poderia colocar?

Ela segura um álbum com uma foto de uma mulher morena na frente. Eu não reconheço o nome, mas eu aceno de qualquer maneira.

— Eu esqueci de pegar, mas há, uh, cobertores no armário aqui. Costumamos usar como toalhas de mesa para as estações de música no Natal. Eu estava pensando que poderíamos sentar aqui e fazer um tipo de piqueniquê?

Ela fica toda fofa e tímida novamente, evitando meus olhos enquanto brinca com a caixa do CD. Estou com vontade de afastar o cabelo dela e dar-lhe um beijo na bochecha.

— Um piqueniquê? — eu digo em vez disso. — Isso geralmente não inclui comida?

— Hum, bem, sim… — Ela abre a caixa e tira o CD. — Pense nisso mais como um... piquenique de uísque.

Eu desatei a rir.

— Um piquenique de uísque. Agradável.

Ela ri também, e eu sigo para o armário do corredor enquanto ela toca a música. Encontro alguns cobertores vermelhos com pequenos bonecos de neve e renas bordados nas bordas e os coloco em meus braços. Quando volto para o estúdio, reconheço a música folclórica suave que enche o ar como a mesma do nosso vídeo de entrevista.

— Eu gosto dessa — eu digo, acenando com o queixo em direção ao aparelho de som.

— Julie Fowlis é uma das minhas favoritas — Moira diz, caminhando para me encontrar no meio da sala. — Estou coreografando uma peça para uma das minhas aulas para uma música deste álbum. Vamos usar para a Vitrine de Forma Livre em junho.

Em junho.

Até junho, a bolsa já terá sido concedida. A temporada de competições da ODEO terminará. As aulas regulares serão encerradas na Academia Rebecca Stewart, abrindo caminho para os campos de treinamento e intensivos de verão.

Não terei motivos para ver Moira por meses a fio.

A menos que nos dêmos uma razão.

O pensamento vem à tona antes que eu possa empurrá-lo fundo o suficiente para ignorá-lo. Minha mente começa a correr com uma centena de “e se” e persegui-los todos com gavinhas sufocantes de dúvida.

E se isso for mais do que uma aposta?

E se sempre foi mais?

E se for apenas um erro?

E se eu não deveria estar aqui?

— Kenzie?

Eu pisco para fora do meu estupor e encontro Moira me observando com preocupação em seus olhos.

— Você está bem?

— Sim, hm… — Eu olho para o chão e mudo os cobertores em meus braços. — Acho que devemos colocar isso no chão?

Eu desenrolo um deles na minha frente, e Moira me ajuda a endireitar no chão. Nós empacotamos alguns dos sobressalentes como almofadas, e Moira coloca nossos copos e a garrafa na mesa antes de nós dois nos sentarmos.

— Vamos apenas saborear esta rodada — diz ela enquanto serve mais duas doses.

Nós brindamos, e deixo a queimadura do pequeno gole que tomo eliminar um pouco do meu medo. Quando estou focada em Moira, em como faz meu coração disparar só de me sentar ao lado dela e ver seus lábios se curvarem ao redor da borda do copo, o resto fica mais fácil de afastar também.

De alguma forma, ela torna a queda livre menos assustadora. Ela faz com que pareça mais voar do que despencar.

CAPÍTULO 15
KENZIE

— Então… — Moira abaixa sua dose inacabada e se inclina para trás para se sustentar com as palmas das mãos. — Como a Escola Murray se compara à ilustre Academia Rebecca Stewart de Dança Escocesa?

— Você quer dizer a escola Stewie?

Ela ri e balança a cabeça.

— Você realmente vai me fazer me arrepender de te dizer isso, não é?

Eu dou de ombros e tento ir com calma. A maneira como ela está sentada tem seu peito empurrado para frente para fazer os bojos de seu sutiã forçarem contra sua camisa, e eu tenho que lutar contra a vontade de perguntar se ela está fazendo isso de propósito.

Perguntar sugeriria que eu estava procurando, e só posso imaginar o quão presunçosa ela ficaria com isso.

— Eu acho que ARS é... mais chamativo — eu digo enquanto me mexo nos cobertores.

Estou sentada com os joelhos dobrados sob mim e, quando deixo cair meu peso em um dos meus quadris, minha saia sobe alguns centímetros. O olhar de Moira vai para a bainha de veludo, e eu me permito sorrir.

— Mas eu posso ver quanto cuidado tem neste lugar — eu continuo. — Admito que tem mais personalidade do que a ARS.

— Quer dizer que você não acha que nossos cobertores de rena são chamativos também? — ela pergunta, apontando para uma das criaturinhas bordadas ao lado de sua perna.

Eu ri.

— Ok, as renas são bem chamativas. Você mostrou isso para ajudar a me seduzir?

Ela arrasta o dedo ao longo da borda do cobertor, baixando as pálpebras para olhar para mim através de seus cílios. Não é sutil, mas também não é totalmente ineficaz; minhas coxas apertam sob minha saia.

— Você acha que eu preciso de ajuda para te seduzir?

— Bem, você ainda não ganhou.

Ambas as nossas vozes baixaram. Moira pega seu copo e o levanta, inclinando a cabeça para mim.

— Nem você.

Ela drena o que sobrou de sua dose de uma só vez, e eu tenho que apertar meu próprio copo porque, caramba, ela fica muito bem bebendo uísque.

Ela lambe os lábios quando termina, assim como da primeira vez, e eu não posso nem fingir que não estou olhando para a ponta rosa de sua língua.

— O que você diz, Kenzie? — ela pergunta. — Você está pronta para me implorar para te beijar?

Eu balancei minha cabeça e rouco:

— Nem perto.

Ela se apoia nas mãos para se endireitar, e antes que eu possa prever seu próximo movimento, ela se move para frente em suas mãos e joelhos e

fodidamente rasteja em minha direção para trazer sua boca até meu ouvido.

— Que tal agora? — ela murmura.

Sua respiração é quente na minha pele, e eu sei que se eu virar minha cabeça alguns centímetros, eu teria uma excelente visão de seus seios, onde a gola de sua camiseta está solta e baixa.

Em vez disso, mantenho meus olhos focados em nosso reflexo na parede espelhada do outro lado da sala, o que não ajuda muito, já que me dá uma visão igualmente excelente de sua bunda agora perfeitamente posicionada.

Ela tem uma bunda grande. Meus braços doem para puxá-la para o meu colo e pegar um punhado.

— Agora você está apenas jogando sujo — eu respondo, minha voz rouca.

— Eu nunca disse que jogaria justo. Eu apenas disse que ia ganhar.

Seus lábios estão tão perto da minha orelha que quase roçam minha pele… quase. Ela toma cuidado para evitar que sua boca me toque, já que eu definitivamente consideraria uma perda se ela me beijasse em qualquer lugar antes de uma de nós implorar.

Fecho os olhos e já posso saboreá-la novamente. Estou *faminta* por ela, e ela realmente vai ganhar se eu não recuperar a vantagem em breve.

— Eu também posso jogar sujo.

Antes que eu perca a coragem, eu torço e coloco minhas mãos em seus ombros, dando-lhe um empurrão suave que a manda de volta para sua bunda. Meio segundo depois, estou montada em seu colo, minha saia subindo perigosamente e seu rosto agora no nível dos meus olhos.

Ela engasga, e por instinto, suas mãos voam para agarrar meus quadris com força.

Eu poderia ter julgado mal a eficácia do meu plano; com minhas coxas em volta dela e sua boca agora a poucos centímetros dos meus seios, eu quase não tenho mais controle do que quando eu estava no chão.

Isso não me impede de arquear as costas e rolar meus quadris sob suas mãos.

— Você está pronta para me implorar? — Eu pergunto.

Sem qualquer aviso, ela puxa a borda da minha camisa para fora de onde está enfiada no cós da minha saia e desliza as mãos para cima para pressionar contra a pele nua da parte inferior das minhas costas. Eu arqueio ainda mais, gemendo um pouco quando suas mãos alcançam mais alto e roçam a faixa do meu sutiã.

— Nem perto — ela responde, seus olhos encobertos e escuros com necessidade.

Eu quero manter esses olhos em mim. Eu quero continuar empurrando ela. Eu quero que ela continue me empurrando. Quero ver até onde podemos levar isso. Cada segundo que passa aumenta a tensão cada vez mais, como uma corda de arco sendo puxada até o ponto de ruptura, e eu quero saber quem vai arrebentar primeiro.

Eu alcanço a borda da minha camisa e a puxo sobre a minha cabeça.

Moira geme.

— Porra, Kenzie.

Eu assobio quando ela agarra minha cintura e aperta, suas unhas cravando com força suficiente para fazer faíscas brancas quentes estourarem e borbulharem atrás das minhas pálpebras.

Alguma coisa em seus palavrões é tão excitante. Eu sempre pensei nela como uma espécie de garota de ouro limpa e estridente, mas aqui está ela, xingando e empurrando seus quadris debaixo de mim no meio do chão, uma garrafa de uísque abandonada ao nosso lado.

Moira Murray está sendo má, e eu quero ver o quanto ela fica mais malvada.

Ela desliza uma de suas mãos ao redor para trilhar os dedos pelo meu estômago e ao longo da borda do meu sutiã. É apenas um nude simples com um pouco de renda, mas ela está acariciando o tecido macio com uma reverência que faz minha respiração parar. Algo no meu peito dói, mas esqueço tudo sobre a sensação e o que quer que isso signifique quando ela enfia um dedo sob um dos bojos do meu sutiã e puxa para baixo, expondo a borda do meu mamilo.

— Ah, porra — eu suspiro.

Seus olhos se movem para encontrar os meus.

— Está tudo bem?

Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça, e um canto de sua boca se levanta antes que ela volte a puxar meu sutiã para baixo. Ela geme quando todo o meu seio está finalmente em exibição para ela. A eletricidade surge em mim quando seu polegar começa a roçar meu mamilo para frente e para trás. Eu choramingo, exercendo cada grama de concentração que me resta para me impedir de puxar sua boca para a minha pele.

Eu quero sentir ela. Eu quero *ela*, talvez mais do que eu já quis alguém.

— Moira...

Ela ri da minha voz sem fôlego, mas a sua própria sai rachada e irregular.

— Você já está pronta para implorar? Se você me implorasse para chupar seus seios, eu faria isso agora.

Faço um som baixo e gutural e aperto minhas coxas ao redor dela, mas não desisto.

— Eu não achei que você seria do tipo que fala sujo — eu digo enquanto balanço contra ela.

Ela geme novamente.

— Ah, é? Você não achou que eu seria do tipo que te diria que se eu empurrasse essa saia para cima agora e deslizasse minha mão entre suas pernas, aposto que você ficaria encharcada por mim?

Ela agarra uma das minhas coxas logo abaixo da minha saia, como se ela pudesse fazer isso aqui e agora.

— Jesus, Moira — eu assobio.

— Eu acho que você não deveria me subestimar, Kenzie.

Ela volta a acariciar meu mamilo, e eu mordo meu lábio para não gritar. Eu preciso da boca dela.

— Você fala muito, mas… — Eu paro quando um arrepio me percorre quando ela abre o fecho do meu sutiã. Ele desliza para frente, me expondo a ela, e ela puxa a coisa toda pelos meus braços com um grunhido de impaciência.

Depois que ela joga o sutiã para o lado, ela estende a mão para segurar meus seios, amassando e apertando até que eu esteja ofegante e tremendo pelo esforço de não ceder à necessidade ardente de beijá-la.

— O que você estava dizendo?

Seu tom presunçoso corta minha consciência o suficiente para me deixar sair

de seu colo e colocar alguns centímetros de espaço entre nós.

— Se eu vou ficar nua — eu ofego —, você deveria ter que ficar nua também.

— Isso está chegando muito perto de implorar, Kenzie.

Eu dou de ombros como se não estivesse a meio segundo de pular de volta em seu colo.

— Eu só acho que você não merece uma vantagem.

Ela alcança a parte inferior de sua camisa.

— Eu não preciso de uma.

Alguns segundos e algumas peças de roupa a menos depois, Moira está completamente de topless, e estou completamente incapaz de respirar.

Ela é hipnotizante. Cada curva de seu corpo parece que levou horas para um artista mestre esculpir em mármore liso, rosa e pêssego. Seus mamilos são picos duros apenas me implorando para me inclinar e traçá-los com a minha língua.

— Maldição — eu respiro.

Quando eu finalmente posso desviar o meu olhar o suficiente para olhar para o rosto dela, eu a encontro corando. Ela se endireita e cruza os braços, se escondendo de mim.

— Eu sei que não sou… — ela começa a dizer, seus olhos fixos no cobertor até que se movem quando eu a interrompo.

— Eu não estou interessada no que você não é, Moira. — Eu não posso ouvi-la dizer nada cruel sobre si mesma, não quando ela está sentada lá com aparência boa o suficiente para merecer todos os elogios do mundo. — Eu prometo a você, ninguém em sã consciência poderia pensar em qualquer coisa que você não é quando o que você *é* é tão… tão linda.

Nós olhamos uma para a outra enquanto a intimidade da palavra lava sobre nós duas.

Eu poderia tê-la chamado de gostosa ou sexy. Até bonita ou deslumbrante teria sido casual o suficiente, mas linda…

Isso não é algo que você diz quando tudo em que você está focada é ganhar uma aposta.

— Você acha? — ela sussurra.

Eu poderia desviar ou rir disso, mas em vez disso eu engulo e aceno.

— Eu acho.

Ela sorri, seu sorriso cheio e desinibido, e eu sinto que estou tomando sol enquanto a observo. Depois de um momento eu olhando como uma idiota, ela ri e balança a cabeça.

— Sabe, isso ainda não significa que você está ganhando.

Outro choque de eletricidade atinge enquanto vejo seu olhar percorrer meu corpo.

O jogo está valendo de novo.

— Sim, mas isso pode.

Eu me levanto e puxo o zíper da minha saia antes de deslizar o tecido pelos meus quadris. O veludo bate no chão com um baque, e ouço Moira suspirar, mas não paro até tirar minhas meias também. Então eu estou lá em nada além de uma calcinha fio dental de renda preta.

Moira fica boquiaberta para mim por alguns momentos, e enquanto eu vejo seu olhar passar de faminto para devorador, eu sei que não há como esconder o

quão certa ela estava antes.

Eu estou encharcada.

Para seu crédito, ela se recupera rápido o suficiente para ficar de joelhos na minha frente antes que eu possa fazer meu próximo movimento. Suas mãos deslizam para o punho ao redor da faixa da minha calcinha. Eu posso sentir seu hálito quente no meu estômago.

Eu preciso dele mais baixo.

— Kenzie… — Ela inala pelo nariz, e tenho certeza de que estou tão molhada que ela pode sentir o quanto eu a quero.

Pela maneira como seus olhos praticamente reviram em sua cabeça, posso dizer que ela me quer demais.

— Tem certeza de que ainda não está pronta para implorar? — ela murmura. — Você parece... perto.

Eu enrosco uma das minhas mãos em seu cabelo, e ela geme.

— Você também.

— Temos certeza que esta aposta não inclui tocar, certo?

Ela está a apenas um centímetro de ser capaz de mergulhar para frente e agarrar a ponta da minha calcinha com os dentes.

— Apenas beijar — eu digo com a mandíbula apertada —, mas acho que beijar em qualquer lugar deveria contar, não é?

Ela xinga baixinho:

— Tudo bem. Contanto que eu possa te dizer o quanto eu quero te tocar agora.

Suas palavras saem tão duras que são praticamente um rosnado, e sinto uma contração entre minhas pernas enquanto meus músculos se contraem.

— Se você me tocar, você estará implorando para me provar — eu aviso.

E eu vou implorar por isso também.

— Eu vou aproveitar minhas chances.

Eu não tenho tempo para pensar em outra resposta antes que ela afaste minhas coxas e me toca sobre minha calcinha, seu polegar pressionando contra meu clitóris. Fecho os olhos e uma chuva de meteoros de estrelas enche a escuridão. Um grito estrangulado passa pelos meus lábios, seguido por um segundo quando meus olhos se abrem e vejo nosso reflexo na parede espelhada.

Moira.

De joelhos para mim.

Seu cabelo solto pela pele lisa de suas costas nuas.

Minha mão segurando um punhado desses cachos.

Eu, perto de estar pelada, meu rosto apertado com a necessidade de mais.

De repente, meus joelhos ficam fracos e minhas pernas ameaçam ceder sob mim. Ela me guia até o chão até que estamos deitadas lado a lado no cobertor. Todo lugar que ela me toca queima.

— Moira — eu digo, chegando até ela, puxando-a para mais perto até que ela está pairando sobre mim.

Estamos peito a peito. Eu posso sentir o roçar de seus mamilos sobre os meus. Há tanta necessidade no meu corpo que parece que está me abrindo.

— Você quer que eu toque em você, Kenzie?

Todas as provocações se foram. Perdi a capacidade de manter qualquer

pretensão assim que senti a mão dela em mim, pressionando onde mais preciso dela.

— Me toque.

Ela se senta o suficiente para puxar minha calcinha pelas minhas pernas. Eu me contorço e aperto meus olhos fechados novamente.

Estou totalmente nua agora. Ela pode ver tudo de mim.

Minha respiração sai em suspiros trêmulos enquanto eu fico ali esperando para sentir seus dedos em mim, mas o momento nunca chega. Depois de mais algumas respirações, eu abro meus olhos.

Ela está olhando para o meu corpo, seus olhos percorrendo cada centímetro da minha pele, e há uma ternura em seu rosto que eu nunca a vi olhar para outra pessoa, não em todos os anos que a conheço.

Naquele momento, eu sei que se vamos fazer isso, quero que façamos direito.

— Moira, espere.

Ela congela e então encontra meu olhar.

— Devemos parar? Nós não temos que…

— Eu quero. Mas primeiro… — Eu respiro mais fundo que posso. — Primeiro eu quero que você me beije. Por favor.

Ela podia sorrir. Ela poderia puxar um "eu avisei.” Ela poderia me dizer para implorar mais do que isso.

Em vez disso, ela se inclina sobre mim e embala o lado do meu rosto em sua mão.

— Eu quero tanto te beijar — ela sussurra.

Então ela pressiona sua boca na minha.

O beijo é suave no início, mais suave do que jamais fomos no corredor. É lento também, com uma curiosidade que beira a hesitação, como se estivéssemos experimentando um idioma que ainda não temos certeza de como falar.

Ela tem um gosto tão bom quanto eu me lembro. Depois de alguns minutos, não posso deixar de lançar minha língua para fora para provar o interior de sua boca, apenas por um segundo. Ela choraminga e aprofunda o beijo, sua língua deslizando entre meus lábios. Eu agarro suas costas, e ela coloca espaço suficiente entre nós para segurar um dos meus seios e apertar sem quebrar o beijo.

Eu gemo em sua boca, meus quadris se contraindo por vontade própria. Ela arrasta a mão para baixo, sobre o meu estômago e todo o caminho até a minha coxa.

Afasto meu rosto do dela apenas o suficiente para murmurar:

— Por favor.

Ela continua me beijando por alguns minutos, as pontas dos dedos cravadas na minha coxa, antes de rolar para o lado e se acomodar, então estamos deitadas cara a cara no cobertor. Ela afasta minhas pernas e começa a traçar minhas coxas. Arrepios se espalham por todo o meu corpo.

— Você também é linda, Kenzie — ela diz, as palavras cheias de reverência.

Nós duas gememos quando ela separa minhas dobras com um de seus dedos. Ela se torce para pressionar o rosto no meu ombro, xingando enquanto traça para cima e para baixo o comprimento de mim.

— Puta merda. Você está encharcada.

— Quero você. — Estou muito presa nos choques de prazer surgindo através de mim para ser qualquer coisa menos honesta.

Ela desliza um dedo dentro de mim e começa a empurrar. Meus olhos rolam para trás, e eu mordo meu lábio com tanta força que dói.

Isso é o que eu precisava.

— Me beije de novo — eu digo, minha voz esganiçada. — Ah, Deus, por favor. Por favor, me beije.

Eu quero minha língua em sua boca enquanto seus dedos estão dentro de mim.

Ela traz sua boca para a minha, acrescentando um segundo dedo enquanto faz e usando o polegar para acariciar meu clitóris. Eu suspiro em sua boca. Eu já posso sentir meus músculos apertando e apertando, o momento de liberação crescendo dentro de mim.

Seu cabelo está pendurado em torno de nós como uma cortina, bloqueando tudo, menos ela. Ela está gemendo também, e ela começa a empurrar mais forte, me levando – *me fodendo* – e me girando cada vez mais fora de controle com cada movimento de seu polegar.

Estou me aproximando de algum desconhecido sombrio, meus dedos dos pés enrolados em um penhasco imponente sem fundo à vista.

Eu sempre volto da borda. Eu sempre me agarro ao controle.

Perder o controle significa se machucar.

— Kenzie… — Moira murmura contra meus lábios.

Fecho os olhos e agarro um punhado do cobertor, apertando com força para afastar os pensamentos.

Eu quero isso.

Eu pedi isso. Eu *implorei* por isso. Por uma vez na porra da minha vida, quero fazer algo sem ficar de olho nas consequências. Eu só quero deixar ir.

Mas eu não posso.

Os nervos estão à flor da pele. A dúvida está se enrolando ao meu redor, interceptando o refúgio deste quarto, deste cobertor, desta garota que pode fazer o mundo inteiro parar.

— Kenzie — ela diz novamente, diminuindo suas investidas enquanto sua mão livre sobe para emoldurar meu rosto novamente. — Ei. Ei, ei, ei.

Eu tomo uma respiração trêmula e forço meus olhos a abrirem para olhar para ela. Seus olhos verdes brilhantes perfuraram os meus, seus lábios inchados de beijo formando meu nome.

— Kenzie, solte. Apenas solte.

Eu deveria estar chocada por ela ler minha mente, mas não estou. Com ela me olhando assim, me sinto conectada, amarrada, entrelaçada como dois fios do mesmo fio.

Ela vai me conduzir. Ela vai dar o salto por nós duas.

Eu só tenho que deixar ir.

— Solte por mim — diz ela novamente, assim que seus dedos se curvam para alcançar ainda mais fundo dentro de mim do que antes.

Minhas costas arqueiam, expondo minha garganta para ela, e quando ela pressiona os lábios no meu pescoço, não posso deixar de gritar. Ela empurra mais forte, mais rápido, seu polegar trabalhando em círculos rápidos para frente

e para trás sobre meu clitóris. Estou caindo sobre a borda, me agarrando ao último centímetro de estabilidade ao meu alcance.

— Solte.

Minha espera escorrega, e eu solto.

Eu poderia estar caindo. Eu poderia estar voando. Essas duas palavras podem significar a mesma coisa. Tudo o que sei é que quebrei em um milhão de pedaços espalhados em todas as direções. Não há para cima ou para baixo. Há apenas eu e Moira e a explosão nos destruindo.

Quando as peças finalmente voltam ao lugar, elas nos moldaram em algo novo, algo que não pode ser desfeito.

— Venha aqui.

Ela puxa meu corpo trêmulo para o dela e beija minha testa. Eu envolvo meus braços ao redor dela, me agarrando ao seu calor.

CAPÍTULO 16
MOIRA

Lydia me cutuca com o cotovelo e se inclina para sussurrar no meu ouvido enquanto o locutor no palco termina de entregar a última rodada de medalhas na competição de fevereiro da ODEO.

Já recebi todas as minhas – apenas uma a menos que Kenzie hoje. Isso provavelmente deveria me deixar fervendo, ou pelo menos me deixar contorcendo de irritação, mas em vez disso, minhas pernas estão todas nervosas por um motivo completamente diferente.

Bato meus calcanhares no chão, usando a inquietação como uma distração para me impedir de esticar o pescoço para ver Kenzie algumas fileiras atrás de nós no auditório. Eu tive que travar uma guerra total comigo mesmo para não ficar olhando para ela o dia todo.

Agora que eu sei como ela é sob seus trajes de dança, não consigo parar de olhar para ela neles.

— Ei. Terra para Moira — Lydia sussurra, alto o suficiente para fazer alguns pais virarem a cabeça e lançar alguns olhares ofendidos em nossa direção.

— Hm? — Eu sussurro de volta, acenando com a mão para fazê-la ficar mais quieta.

Ela revira os olhos.

— Eu fiz a mesma pergunta umas três vezes. Eu disse como se chama aquela dança em que você faz uma corrente em volta um do outro e agarra os braços para fazer aquela coisinha estranha e manca?

Eu seguro um bufo com a descrição de um carretel de Terras Altas. Para ser justo, é bastante precisa. O carretel é a única dança de grupo nas terras altas. Consiste em quatro dançarinos tecendo um ao redor do outro e ocasionalmente se unindo em pares para agarrar os cotovelos e girar em um círculo apertado. É a única dança que você pode sabotar para outra pessoa se não fizer direito, o que sempre torna a apresentação no palco ainda mais tensa.

— É O Carretel — digo a Lydia.

Ela acena.

— Certo. O Carretel. Bem, o seu e o de Kenzie foi provavelmente o Carretel mais fumegante que eu já vi na minha vida.

— Lydia!

Mais algumas cabeças se viram quando eu dou um tapa no braço dela, o que anula totalmente o meu propósito de fazê-la ficar quieta. Ela fica sentada tremendo com uma risada silenciosa enquanto eu finjo estar paralisada pela distribuição das medalhas enquanto espero que todos voltem sua atenção para o palco.

— O que você quer dizer? — Eu sussurro uma vez que a barra está limpa, me inclinando até que eu esteja a apenas alguns centímetros de seu ouvido.

Ela se vira e me dá um olhar claro de “vamos lá, garota”, completo com uma sobrancelha levantada e lábios franzidos.

— Você sabe o que eu quero dizer. Você estava praticamente acariciando o cotovelo de Kenzie, e vocês não quebraram o contato visual. Estava *fumegante*.

Ela faz um show de abanar o rosto, e eu faço uma careta.

— Eu não *acariciei* o cotovelo dela.

Eu gostei muito de tocá-lo, no entanto. Com seus estudos e suas horas no estúdio mantendo sua agenda lotada, Kenzie recusou minhas duas últimas tentativas de convidá-la para sair novamente. Isso me deixaria preocupada se também não estivéssemos enviando mensagens de texto na maioria dos dias da semana e continuando a enviar uma ocasional foto provocante.

Quando finalmente saímos do chão do Studio B três semanas atrás, nosso cabelo uma bagunça e nossos corpos ainda implorando por mais, eu não sabia se a veria assim novamente. Eu não sabia como pedir.

Guardamos os cobertores e descemos a escada em silêncio. Eu estava prestes a colocar meu casaco no andar de baixo quando senti seus lábios na parte de trás do meu pescoço. Seus braços circundaram minha cintura, seu peito pressionando contra minhas costas, e eu podia sentir seu hálito quente na minha pele enquanto ela murmurava:

— Me leve para sair novamente algum dia.

Eu tenho pensado sobre o *novamente* desde então. Eu pensava nisso toda vez que nos tocávamos durante o Carretel. Mesmo isso foi o suficiente para enviar um choque de antecipação correndo por mim, apertando meu estômago.

Normalmente, você olha para a orelha do seu parceiro ou para a testa dele quando está fazendo suas viradas de carretel para evitar o constrangimento de três segundos ininterruptos de contato visual, mas meu olhar permaneceu travado em suas pupilas marrom-escuras todas as vezes.

Mesmo semanas depois, ainda me lembro exatamente de como ela estava quando desmoronou debaixo de mim no chão, quando ela se soltou e se entregou ao momento.

Foi uma das coisas mais bonitas que já vi.

O som de aplausos me faz pular na cadeira, e junto minhas mãos por instinto para me juntar à multidão. Os locutores enviam a última fila de dançarinos para fora do palco e reservam um momento para dar algumas atualizações gerais, incluindo uma sobre o progresso dos candidatos à bolsa.

Holly, Nicole e eu nos apresentamos como voluntárias em um jantar de Robbie Burns organizado por uma organização local de herança escocesa no final de janeiro, mas Kenzie não compareceu. Tudo o que ela me disse foi que estava ocupada.

Todas nós tivemos que entregar nossos ensaios também. Estou orgulhosa do meu, embora o vídeo da entrevista tenha sido definitivamente a joia da minha candidatura até agora. A única coisa com que realmente tenho que me preocupar são os resultados da competição de Kenzie. Com base em quão ocupada ela parece estar e quão bonita ela parece no palco, ela está dedicando muito tempo ao treinamento.

Talvez eu devesse me esforçar mais.

O pensamento sangra uma nota sombria na sinfonia que soa na minha cabeça quando me levanto a tempo de vislumbrar a parte de trás da cabeça de Kenzie enquanto as pessoas começam a sair do auditório.

Mesmo com tudo o que aconteceu, ela ainda está focada na bolsa de estudos. Ela ainda quer vencer, o que significa que não importa o que eu seja, ainda sou

rival dela.

— Ainda vamos patinar? — A voz de Lydia me puxa de volta para o momento enquanto caminhamos pelo corredor.

— É claro! — Eu respondo. — Nós só precisamos de um jantar enorme depois. Eu nem quero saber quanta energia queimei hoje.

— E Beavertails[3] — acrescenta ela. — Nós definitivamente precisamos de Beavertails.

Fico com água na boca ao pensar nos doces cobertos de açúcar que sempre vendem ao longo do famoso Canal Rideau de Ottawa no inverno. O clima deve ficar excepcionalmente quente por uma semana inteira amanhã, e foi assim que Lydia me convenceu a patinar no canal logo após uma competição de dança.

— Definitivamente — eu concordo.

Chegamos ao saguão e paramos logo após as portas do auditório, esperando que a multidão se disperse o suficiente para eu correr para a academia de aquecimento e pegar minhas coisas. Já coloquei leggings forradas de lã e uma flanela, então tudo o que tenho a fazer é colocar minhas sacolas de roupas e produtos de cabelo no carro da minha mãe antes que ela nos dê uma carona até o canal.

Lydia segue atrás de mim enquanto passamos por grupos de pais e alunos, a maioria dos quais me dá um aceno e um sorriso. Passamos direto pela minha mãe enquanto ela fica conversando com um grupo de pais.

— Encontro vocês lá fora, meninas! — ela grita quando nos vê. — Eu só preciso recuperar alguns kilts.

Lydia ri enquanto continuamos nos movendo pelo saguão.

— Eu realmente preciso publicar um livro chamado *Merda que as Pessoas Falam em Competições de Dança das Terras Altas*.

Eu também ri.

— Isso não é uma má ideia. Você poderia alugar uma dessas mesas de fornecedores e vender cópias para todos aqui.

Olho para a fileira de mesas vendendo sua seleção habitual de materiais de dança, recordações escocesas e padrões de costura para fantasias de faça você mesmo. Meus passos vacilam no segundo em que meus olhos travam na parte de trás da cabeça de Kenzie, onde ela está agachada para falar com um de seus alunos mais novos. Seu cabelo ainda está preso em um coque brutalmente apertado, e ela está usando ovestido verde do nosso último evento do dia, as cordas do avental branco pendendo de onde estão circuladas em torno de sua cintura.

— Ok, garota amante. — Lydia me dá um tapinha nas costas e limpa a garganta. — Vamos seguir em frente. Se você continuar olhando assim, Kenzie vai começar a te cobrar.

Minhas bochechas ficam quentes.

— Eu não estava…

Eu paro em vez de terminar minha frase; discutir parece inútil quando Lydia tem muitas evidências. Eu me concentro em nos levar para a academia em vez disso.

Lydia se inclina contra a parede de blocos de concreto pintado da academia

enquanto eu coloco todas as minhas roupas em suas sacolas de roupas e jogo o resto dos meus suprimentos diversos em uma mochila de lona usada bordada com o logotipo da Escola Murray. A academia está quase vazia quando estou pronta para ir, e começo a me desculpar por fazer Lydia esperar tanto quando vejo Kenzie entrando pelas portas.

Ela está em jeans skinny e uma camiseta cinza com decote em V agora. Seu coque foi transformado em um rabo de cavalo igualmente apertado, mas ter o cabelo torcido o dia todo deixou os longos cachos castanhos pendurados em cachos soltos e saltitantes.

Eu *realmente* quero saber como seria envolvê-los em minha mão.

Lydia não deixa de notar para onde foi minha atenção.

— Ei, você sabe o quê? — ela diz. — Você deveria convidar Kenzie para vir patinar conosco.

Isso é o suficiente para arrancar meu olhar de Kenzie.

— *O quê?*

— Por que não? Ty ainda está lá para nos encontrar, então se Kenzie vier, ninguém ficará de vela. Além disso, você é claramente louca por ela. Eu sinto que é hora de eu ser apresentada adequadamente. Eu preciso dar a minha melhor amiga o selo de aprovação.

Eu balbucio algumas palavras ininteligíveis; eu tenho tantos protestos por isso, é difícil começar com apenas um.

— Você quer dizer como um *encontro duplo*? — Eu finalmente falo. — Kenzie e eu definitivamente ainda não estamos *no* nível de encontro duplo. Estamos quase no nível de encontro único. Eu nem sei se estamos no mesmo nível. Eu realmente não tenho certeza do que estamos fazendo, e…

— E você gosta dela. — Lydia coloca as mãos nos quadris e espera que eu negue, mas tudo que faço é olhar para trás para ter certeza de que Kenzie está longe demais para ouvir. Lydia sorri como se isso fosse resposta suficiente. — Eu estava totalmente certa sobre vocês duas transando, e agora estou totalmente certa sobre vocês duas gostarem uma da outra. Você está amarradona nela como com aquela garota, então apenas peça a ela para vir patinar com você e seus amigos. Não tem que ser um encontro duplo.

Eu começo a rir antes que ela termine de falar.

— Você realmente acabou de dizer amarradona?

Ela finge jogar o cabelo sobre os ombros, embora seja curto demais para isso.

— Sim, eu disse. Eu sei do que estou falando. Ty e eu estamos amarradões também. Ontem à noite eu disse a elu que queria oficializar as coisas.

Eu suspiro.

— De jeito nenhum! Por que você não me contou? O que elu disse?

Ela ri, tentando parecer calma, mas posso ver a excitação brilhando em seus olhos. Eu não a vejo tão “amarradona” em alguém há algum tempo. Acho que isso realmente faz de nós, duas.

— Você sabe como é difícil conseguir você nas competições. Elu disse que sim, claro. Eu sou conquistadora.

Solto um grito e estou prestes a exigir um high-five quando ouço alguém pigarrear atrás de mim. Eu me viro, ainda sorrindo com as notícias de Lydia, e meu coração acelera quando encontro Kenzie parada apenas alguns metros atrás

de mim, sua própria pilha de sacolas de roupas apertadas em seus braços.

Um sorriso curioso puxa os cantos de seus lábios enquanto ela olha para o meu rosto jubiloso.

— Desculpe interromper — ela começa. — Estou, hm, saindo agora, então pensei que deveria apenas... dizer adeus.

Posso sentir os olhos de Lydia queimando na parte de trás da minha cabeça como raios laser.

— Ah, sim. Certo. Obrigada. Hum… — Deixei-me gaguejar em silêncio.

Obrigada? Por que diabos estou agradecendo a ela?

É meio engraçado; eu fui ousada o suficiente para apostar nela implorando para me beijar, mas agora que eu tenho literalmente o rosto dela entre minhas pernas, eu não consigo nem dizer uma frase perto dela.

— Nós vamos patinar — Lydia deixa escapar atrás de mim.

Eu tremo. Se eu pudesse bater no braço de Lydia sem que Kenzie visse, eu o faria totalmente.

Kenzie olha entre nós duas.

— Ah, legal. Espero que vocês se divirtam.

Eu balanço minha cabeça.

— Obrigada.

Lydia está muito menos preocupada com sutileza do que eu; ela me dá um tapa nas costas com a palma da mão enquanto passa por nós duas enquanto me lança um olhar carregado.

— Já volto — ela anuncia.

Ela, na verdade, não vai embora. Em vez disso, ela fica na porta da academia e faz uma espécie de linguagem de sinais improvisada de “convide-a para sair” misturada com alguns movimentos de dança interpretativos pelas costas de Kenzie.

Eu olho para Kenzie na minha frente e vejo preocupação escrita em seu rosto.

— Eu fiz alguma coisa? Ela estava brava?

— Não, não, não — eu corro para responder. — Ela, hm… quero dizer, nós... quero dizer, *eu* estava me perguntando se talvez você quisesse... vir?

Um bufo de riso chocado desliza por seus lábios antes que ela levante uma sobrancelha.

— Você estava se perguntando se eu queria vir[4]?

— Patinar! — Eu quase grito quando meu rosto fica ainda mais vermelho do que tenho certeza que já está. — Vocêquervirpatinar?

Ela aperta os olhos. Eu me obrigo a respirar fundo.

— Você quer vir patinar? — Eu pergunto depois de expirar, a pergunta um pouco mais inteligível agora.

— Ah. — O rosto de Kenzie muda de confuso para desorientado. Ela aperta os lábios e olha para o chão antes de olhar de volta para mim. — Sério?

Eu aceno algumas vezes demais.

— Sim. Quero dizer, é apenas para se divertir. Embora quando patinar não é apenas por diversão? Acho que se você é um atleta olímpico, ou um jogador da NHL, ou...

Eu cortei meu discurso ridículo, e Kenzie sorri.

— O que estou tentando dizer — eu recomeço depois de outra respiração profunda —, é que é apenas casual e que seria divertido ter você lá, se você quiser.

Ela pisca algumas vezes, e não consigo ler sua expressão.

— Eu...

Eu a observo mover as sacolas de roupas em seus braços enquanto espero por algum sinal de resposta.

— Eu sei que acabamos de fazer uma competição inteira, então eu entenderia se você dissesse não.

Ela balança a cabeça.

— Eu não quero continuar dizendo não, Moira. Eu prometo que não estou evitando você. É que... tenho muita coisa acontecendo e é difícil fazer qualquer coisa no último minuto, não que seja mais fácil planejar as coisas com semanas de antecedência.

Sua risada é áspera e beira o escuro. O som faz a parte de trás do meu pescoço formigar, e não pela primeira vez, eu me pergunto se há mais do que apenas seu trabalho ou escola ou mesmo sua mãe acontecendo em sua vida.

Seja o que for, está machucando ela. Eu quero encontrar a coisa que a fez rir desse jeito e fazer isso parar. O pensamento bate no meu peito com tanta certeza que quase me faz cambalear alguns passos para trás.

— Está bem. Eu entendo — eu digo, embora eu não entenda.

Mesmo que ela não me deixe entender.

— Obrigada. Eu prometo que vou... serei capaz de dizer sim... algum dia.

Ela estremece como se até ela soubesse o quão pouco convincente ela soa.

Meu estômago embrulha, e de repente me sinto uma idiota por ficar olhando para ela como um cachorrinho saudoso o dia todo. Só porque aquela noite no estúdio embaralhou todas as minhas prioridades, não significa que fez o mesmo com ela.

Passamos por um adeus tensos sob o peso de tudo o que não foi dito. Ignoro o que quer que Lydia esteja tentando me sinalizar e volto para minhas coisas assim que Kenzie sai com as dela.

— Ok, espere — eu ouço Lydia dizer enquanto ela corre atrás de mim. — O que aconteceu lá?

— Ela está ocupada — eu digo, lutando para manter minha voz uniforme.

Estou sendo burra. Estou me agarrando a ela assim como fiz a Savannah em Joanesburgo.

Como Savannah me informou claramente, não é atraente.

— Ah. Ok. Você quer falar sobre isso?

Eu me abaixo para carregar minha bolsa de roupas final em meus braços, meus dedos enrolados em pequenas garras para segurar as cargas de tecido. Eu grunhi enquanto me levanto para fora do meu agachamento deselegante.

— Eu acho que não. Vamos só…

Sou interrompido pelo som de outro par de passos se aproximando atrás de mim.

— Eu posso ir!

Eu me viro e espio por cima da minha pilha de fantasias para encontrar Kenzie sorrindo para mim. Suas bochechas estão tingidas de rosa, e ela está um

pouco sem fôlego, como se ela tivesse corrido todo o caminho de volta até aqui. Eu esqueço toda a minha vergonha momentânea e volto a olhar descaradamente para seu lindo rosto.

Lydia tosse.

— Patinar! — Kenzie esclarece. — Não posso ficar muito tempo, mas posso participar um pouco. Eu só preciso descobrir o que fazer com essas fantasias. Ah, e eu não tenho patins. Posso alugar alguns, certo?

— Você com certeza pode! — Lydia responde quando não mostro nenhum sinal de poder falar. — E eu tenho certeza que você pode simplesmente jogar isso no carro com as coisas de Moira. A mãe dela está nos levando para o canal.

Kenzie olha entre nós duas.

— Eu posso?

Eu aceno quando finalmente encontro minha voz novamente.

— Perfeitamente.

Meia hora depois, Kenzie, Lydia, Ty e eu estamos nos amarrando em patins enquanto nos sentamos amontoados em um banco no Lago Dow, um dos pontos de entrada para o canal.

— Eu realmente vou me arrepender de não ter tempo para afiar isso — anuncio enquanto dou o nó final no meu par de patins de couro branco bem gastos. — Não saio desde o inverno passado.

— Você vai ficar bem — diz Lydia, acenando com a mão para mim enquanto se levanta do banco.

Ty a segue, rindo enquanto pega a mão que ela estende para elu. Os dois quase perdem o equilíbrio antes de se equilibrar e dar alguns passos de teste ao longo do gelo.

Os olhos de Lydia não perderam o brilho encantado desde que Ty apareceu para nos encontrar. Elu é uma pessoa bonita, com olhos castanhos profundos e cabelos escuros que caem em seus olhos sempre que ri, o que parece ser muito quando estão perto de Lydia. Nós nos encontramos uma vez antes de algumas semanas atrás, e elu conseguiu meu selo de aprovação imediato de melhor amiga.

Observo os dois se juntarem à multidão de patinadores embrulhados em cachecóis e chapéus. O som raspando das lâminas do patins enche o ar gelado. Minha respiração fica nublada na frente do meu rosto cada vez que eu expiro, mas o sol está emitindo um brilho brilhante da noite que faz os bancos de neve que revestem o gelo brilharem.

Bem à frente, posso ver onde o lago se estreita no canal, paredes de pedra cinza se erguendo de ambos os lados para criar um efeito de túnel para as centenas de skatistas aqui curtindo o sábado. Esta é a pista de patinação mais longa do Canadá; você pode ir até o centro daqui sem sair do gelo, e isso atrai multidões durante todo o inverno.

— Quer se juntar a eles? — Eu pergunto a Kenzie.

Ela acabou de se sentar depois de terminar com os cadarços dos patins que alugou de uma barraca a poucos metros de distância.

— Hum, sobre isso… — Ela morde o lábio e olha para as pontas brancas de seus patins.

— Sim? — Eu incito quando ela não continua.

Ainda não consigo acreditar que ela está sentada ao meu lado, em uma aventura com meus amigos. É quase como entrar em uma dimensão alternativa. A julgar pelo quão quieta ela se mantém e quão nervosa ela soa sempre que fala, Kenzie se sente tão desorientada quanto eu, talvez até mais. Eu nunca a vi tão insegura de si mesma.

É diferente daquela noite no estúdio. Então, ela pode ter parecido vulnerável, mas também parecia determinada, como se estivesse onde queria estar, mesmo que isso a assustasse.

Hoje ela parece simplesmente assustada.

Eu me aproximo dela no banco até nossas coxas se tocarem, e quando ela não recua ou foge, eu descanso minha mão enluvada em seu joelho.

— E aí, Kenzie?

Um sopro de nuvens de ar sob seu nariz.

— Na verdade, eu não sei andar de patins.

Eu pisco.

— Sério?

Parece algo que valeria a pena mencionar antes.

— Quero dizer, eu *sabia* patinar, quando eu era muito pequena. Já faz muito tempo. — Ela olha para os patinadores em vez de para mim. — Meu pai costumava me levar.

Eu ouço de novo: aquela mistura de dor, amargura e autodepreciação que me deixa louco para jogá-la atrás de mim e lutar contra qualquer um que a faça mal.

— Eu não disse nada porque esperava que lembrasse, mas… — Ela enfia uma lâmina no gelo, e seu pé balança na bota de skate. — Agora não tenho tanta certeza.

Eu tento não sorrir. Ela está me deixando entrar, mesmo que apenas um pouco, e eu preciso respeitá-la, mas caramba, ela nunca parece fofa.

— Seria condescendente se eu dissesse: “Não se preocupe, não é tão difícil?”

Um traço de seu olhar familiar desliza sobre seu rosto.

— Sim. Muito.

Eu concordo.

— Anotado.

Eu me empurro para ficar de pé e fico em meus patins na frente dela.

— Você ainda quer fazer isso? — Eu pergunto.

Ela olha para mim por um momento antes de fazer uma careta determinada.

— Sim. Eu quero.

Eu recuo para dar a ela um pouco de espaço, e ela mantém uma mão segurando o braço do banco enquanto se levanta para ficar na minha frente.

— A boa notícia é que você está de pé agora — digo a ela. — A má notícia é que está prestes a ficar muito mais difícil.

— Ha — ela late depois de largar o banco por um segundo apenas para se debater novamente no próximo. — É assim que você treina seus alunos das

terras altas?

Eu rio.

— Não exatamente.

Lydia e Ty retornam, já correndo e fazendo coisas extravagantes como curvas e freadas.

— Vocês duas vêm? — Lydia pergunta enquanto suas lâminas param ao meu lado.

— Vão em frente — eu respondo. — Kenzie e eu precisamos aquecer nossas habilidades de patinação. Nos encontraremos com você no estande de Beavertails.

Lydia assente.

— Parece bom, mas não nos peça para fazer seu pedido para você. Eu posso e vou comer quatro dessas coisas.

— Quatro? Você acha que vai pegar o meu também? — Ty brinca.

Lydia dá um tapinha na bochecha delu e então ri e se afasta enquanto diz:

— Se eu te engano aí, então sim, eu vou!

Eu os perco de vista alguns segundos depois, enquanto eles se abaixam e ziguezagueiam pela multidão.

— Você não precisava fazer isso — diz Kenzie, ainda segurando a lateral do banco. — Eu sei que você veio aqui para sair com seus amigos. Eu posso descobrir isso sozinha e te encontrar lá. Eu não posso ficar muito tempo de qualquer maneira. Você deveria estar com eles.

Eu balanço minha cabeça, lutando contra a vontade de rosnar para ela. Ela pode me ter totalmente hipnotizada, mas ela ainda é muito boa em dizer coisas que me irritam.

— Convidei você porque quero passar um tempo com você, Kenzie, *e* com meus amigos. Eu... eu gosto de ter vocês aqui todos juntos.

Fico imóvel – o mais imóvel que posso de patins – enquanto o impacto do que acabei de dizer atinge a nós duas.

— Moira… — ela murmura.

Há uma hesitação em sua voz que não quero enfrentar, não aqui na luz do sol quando acabei de descobrir como é bom estar com ela no mundo.

Como é certo tê-la ao meu lado.

— Então vamos fazer você patinar! — Eu interrompo, colocando um falso entusiasmo em minha voz enquanto eu agarro seu braço e a puxo para longe do banco.

— Espere, espere, espere! — ela grita. — Eu não disse que estava pronta!

— Ah, mas quando o aluno está pronto, o professor aparece — eu falo lentamente, lutando contra o riso pelo jeito que ela grita toda vez que batemos no menor dos solavancos no gelo.

— Moira, vá devagar!

Estamos nos movendo a cerca de metade da velocidade de uma aula de aeróbica para pessoas na casa dos oitenta anos, mas não digo isso para Kenzie.

— Devagar! — Anuncio como se estivesse dando instruções a uma tripulação de voo.

— Isso também está beirando a condescendência — sibila Kenzie.

Eu tento segurar outra risada, mas um bufo escapa. Kenzie fica carrancuda,

mas ela ainda segura meu braço com mais força quando batemos em outro solavanco.

— Aquele cara na barraca de patins disse que as condições do gelo eram boas — ela reclama.

— Estas são boas condições — digo a ela. — É um pouco instável onde todo mundo está colocando e tirando seus patins. Será melhor quando chegarmos lá no caminho.

Eu começo a puxá-la para frente um pouco mais rápido. Ela grita e aperta os olhos fechados.

— Kenzie! — Eu digo em uma risada. — Você tem que manter os olhos abertos!

Nunca a vi tão fofa antes.

— Você está me chicoteando como um disco de hóquei! Claro que vou fechar os olhos!

— Então talvez você devesse tentar se orientar.

Chegamos a uma parte menos movimentada do caminho e, como eu previ, o gelo está muito mais suave. Eu tiro o braço de Kenzie do meu e enfio minhas lâminas no gelo para empurrar e deslizar alguns metros à frente dela.

— Assim — eu digo suavemente.

Ela franze os lábios e então tenta imitar meus movimentos. Ela avança alguns metros, e seu grito se transforma em uma risada.

— Eu patinei! — ela canta.

Eu dou outro passo para alcançá-lo.

— Você patinou! Olhe para você!

O impulso de seu primeiro empurrão ainda a está levando para a frente. De repente, seus olhos se arregalam e um olhar de horror contorce seu rosto.

— Espere, como eu paro?

Eu rio e agarro seu braço novamente.

— Ok, se prepare para a lição dois.

No momento em que chegamos às cabanas de telhado vermelho que abrigam o estande de Beavertails e algumas outras concessões, Kenzie conseguiu um leve controle sobre seus movimentos. Ela para cambaleante na mesa de piquenique que Lydia e Ty conseguiram marcar para nós.

— Bem, vocês duas não parecem adoravelmente gays por aí? — Lydia canta enquanto nos acomodamos.

Lanço um olhar para ela, mas, na verdade, meu coração parece que ganhou asas no meu peito, e não consigo parar de sorrir. Estou me divertindo muito, e mesmo que Kenzie possa fazer um show de resmungos sobre meu incentivo "condescendente", o sorriso radiante que ela dá a Ty quando elu elogia sua patinação prova que ela também está.

— Vamos pegar os Beavertails — anuncia Lydia. — Moira, suponho que você queira aquele com limão? E você, Kenzie?

— Hum… — Kenzie olha para a longa fila que se estende na frente do estande. — Acho que nunca comi um, na verdade.

Nós três recusamos.

— Você mora em Ottawa e nunca comeu um Beavertail? — Lydia exige.

— Tipo, nem mesmo em uma viagem de campo? — Ty pergunta quando

Kenzie balança a cabeça.

Eu posso dizer que ela está desconfortável pelo jeito que ela está se mexendo no banco ao meu lado com os braços em volta da barriga.

— Dois de limão então, Lydia — eu digo. — Obrigada. Eu lhe darei algum dinheiro quando minhas mãos estiverem um pouco menos congeladas.

Ty e Lydia decolam depois disso, suas mãos unidas enquanto patinam até a linha.

— Me desculpe por isso. Eles não quiseram dizer nada. Eles apenas…

— Eu sei — Kenzie me corta. — Está bem. Além disso, eu vou dar a ela algum dinheiro também.

— Você não precisa…

— Eu vou.

Eu a observo por um momento, procurando alguma pista para trazê-la de volta de onde quer que ela tenha ido em sua cabeça, antes de assentir.

— Ok.

Ela olha para a fila de pessoas tagarelas por alguns segundos antes de suspirar.

— Desculpe. Eu sei que fico... estranha às vezes, mas estou me divertindo muito. Sério. Estou... estou feliz que você me convidou. Obrigada.

As asas presas ao meu coração bateram mais rápido.

— Estou feliz por ter convidado você também.

— Moira… — Minha respiração fica presa quando ela descansa a mão na minha coxa debaixo da mesa. — Eu realmente não sei o que está acontecendo aqui... conosco... mas eu ainda quero ir a outro encontro com você. Sozinhas. Eu só... seja lá o que for, tenho que dar um passo de cada vez. Isso tudo é tão complicado, então isso é tudo que eu posso te dar, e eu conseguiria se não fosse o suficiente.

Sua voz falha, e antes que eu perceba, eu tirei minha luva então eu seguro sua bochecha na minha mão.

— Ei. Olhe para mim.

Depois de um momento olhando para a mesa, ela o faz.

— Um passo de cada vez soa muito bem para mim.

Seu lábio inferior se abre e seus olhos se enchem de esperança.

— É?

Eu concordo.

— Sim.

Antes que eu possa pensar demais, eu me inclino em direção aos seus lábios. Ela me encontra no meio do caminho e pressiona os dela nos meus.

CAPÍTULO 17
MOIRA

EU espalho um pano de linho branco sobre a frágil mesa de bistrô de metal que roubei do quintal da minha família e aliso algumas rugas antes de começar a tirar suprimentos da sacola de compras no chão do Studio B.

Em um movimento típico para mim e Kenzie, toda a premissa do nosso segundo encontro oficial é baseada em uma competição.

Kenzie originalmente sugeriu um restaurante especializado em harmonizações de vinhos e sobremesas. Eu brinquei sobre ela deixar outra pessoa cuidar de tirar os brownies da panela. Ela me disse que poderia fazer círculos de brownie em torno de mim qualquer dia. Eu disse a ela que não fazia nenhum sentido, mas que eu não colocaria o brownie Murray em questão se eu fosse ela.

Então aqui estou eu, enchendo um prato de vidro com os brownies que passei a tarde inteira fazendo enquanto esperava Kenzie aparecer com os dela.

Em algum lugar ao longo da linha, um emparelhamento de vinho perfeito se tornou parte dos requisitos da competição de brownie. Depois de terminar meu empratamento, coloco quatro taças de vinho na mesa e encho duas delas com o cabernet sauvignon carmesim que trouxe.

Espero que a breve pesquisa no Google que fiz por “vinho para acompanhar brownies” não tenha me enganado; não entendo nada de vinho.

Uma vez que tudo está pronto para colocar na mesa, eu começo a colocar velas ao redor da sala. Trouxe luzes de chá e velas suficientes para lançar um brilho suave em todo o estúdio assim que desliguei as luzes do teto. Deixei meus olhos se ajustarem ao ambiente escuro e imediatamente considerei acender as luzes novamente.

— Isso é demais — murmuro enquanto observo a cena.

O estúdio agora parece algo saído de uma cena de “hora de perder nossas virgindades” em um filme adolescente do início dos anos 2000. Ainda não tenho ideia do que exatamente Kenzie e eu somos uma para a outra ou para onde estamos indo, mas essa definitivamente não é a vibe.

Antes que eu possa fazer qualquer ajuste, o *ding-dong* da campainha toca no andar de baixo e eu pulo. Meu coração sobe na minha garganta. Eu não tenho tempo para empacotar todas as velas de novo, então eu mordo a língua e escondo minha sacola de compras perto da estação de música antes de correr escada abaixo.

Quando chego à entrada e vejo Kenzie do outro lado da porta de vidro, quase tropeço em meus próprios pés e tenho que me agarrar à beirada da recepção para me equilibrar.

Ela não está tão vestida como no nosso primeiro encontro, mas de alguma forma, ela está ainda mais deslumbrante. Seu cabelo está completamente solto esta noite, as camadas longas e retas penduradas sobre os ombros de seu casaco cinza. Ela está com um pouco de maquiagem, apenas o suficiente para fazer seus olhos escuros parecerem mais brilhantes e suas bochechas ainda mais coradas de frio.

Meu sangue corre quente com a memória de como era tê-la olhando para mim com olhos brilhantes e bochechas coradas enquanto estávamos deitadas peito a peito no andar de cima.

Eu não a vejo desde que fomos patinar duas semanas atrás, e a necessidade de beijá-la sem sentido toma conta como uma espécie de espírito adormecido acordando para possuir meu corpo. Agora que eu a tive uma vez, eu simplesmente não consigo ter o suficiente. Ela torna o mundo inteiro mais ousado e brilhante.

Ela me faz sentir mais ousada também. De alguma forma, ela me faz sentir como o meu antigo eu e um novo eu que estou começando a conhecer.

— Você vai me deixar entrar? — ela grita, sorrindo para mim.

A batida de seus dedos no vidro me tira do meu torpor.

— Não pareça tão satisfeita consigo mesmo — eu digo depois que eu destranquei a porta e ela entrou, seu sorriso ainda trancado no lugar. — Isso foi apenas um movimento de poder para estabelecer minha superioridade nesta competição.

Ela bufa.

— Certo. Tá. Tudo o que você precisar dizer a si mesma, Moira.

Pego o recipiente Tupperware e o saco de papel impresso com o logotipo da loja de bebidas de suas mãos para que ela possa tirar o casaco.

Ela está vestindo leggings pretas feitas de algum tipo de tecido escorregadio e brilhante que se estende sobre suas pernas tonificadas como obsidiana líquida. Seu cardigã perfeitamente grande é de um azul marinho profundo, e o decote largo cai sobre um de seus ombros para expor sua pele branca e lisa.

— Você sempre parece uma modelo — eu deixo escapar enquanto ela está pendurando o casaco.

Ela faz uma pausa por um segundo, de costas para mim, e então dá de ombros.

— São apenas roupas. — Ela se vira e evita meu olhar enquanto pega seu Tupperware de volta. — As roupas são apenas uma maneira de se misturar onde você quer se misturar, de direcionar a atenção das pessoas, de fazê-las pensar...

Espero que ela continue, mas ela apenas aperta os lábios e balança o queixo de um lado para o outro.

— Pensar o quê? — eu indico.

Ela olha para cima do chão, seus olhos se arregalando como se ela tivesse esquecido que estava falando comigo. Então ela passa por mim para ir para as escadas.

— Nem eu sei. Estou divagando. — Sua risada soa forçada. — Estamos em seu estúdio favorito de novo, eu presumo?

Confirmo que estamos e a sigo até o quarto. Eu puxo a barra da minha blusa listrada e fluida enquanto subo as escadas atrás dela, colocando a frente no cós do meu jeans skinny.

Ela pode ter dito que as roupas não importam, mas ainda me sinto mal vestida.

Todas as preocupações saem da minha cabeça quando entramos no estúdio e eu a vejo colocar os brownies na mesa ao lado da minha. Eu estou apenas dentro da porta, traçando as linhas de seu corpo com meus olhos. Estou olhando como

uma idiota de novo, mas não consigo parar. Eu não posso nem mover meus pés mais longe no chão.

O brilho das velas faz com que tudo nela pareça suave e borrado, como uma pintura a óleo premiada na parede de uma casa antiga. Se eu pudesse desenhar, sentaria com um caderno de desenho bem aqui e passaria horas capturando a forma como a luz incide no cabelo dela.

Ela está aqui, nesta sala, comigo, e enquanto a vejo mexer com os brownies, percebo que isso não parece mais estranho. A sensação de andar em uma realidade alternativa toda vez que estamos perto uma da outra se foi.

Essa é a realidade. Está acontecendo. Kenzie é mais que minha rival. Ela é mais do que a garota que eu cresci querendo vencer a todo custo. Ela se tornou ainda mais do que a garota que eu joguei um prato de brownies, ou dancei pela minha casa, ou beijei em um corredor até meus joelhos ficarem fracos.

Ela *importa* para mim. Ela faz todo o meu corpo se iluminar de uma maneira que nunca foi feita por mais ninguém. Ela me faz sentir como o sol, o céu e as estrelas ao mesmo tempo. Ela me faz sentir sem limites, mesmo quando grande parte do mundo tentou me dizer o quão limitada eu sou.

— Ei, Kenzie.

Antes que eu possa perder a coragem, eu fecho a distância entre nós. Ela se vira depois de terminar os brownies, e eu ouço sua respiração parar quando ela vê o quão perto eu estou. Coloco a garrafa de vinho que ainda estou segurando na mesa e me aproximo ainda mais, até que estamos a apenas um centímetro de distância.

Observo a luz das velas piscar em seus olhos escuros por um momento, e então me estico para emoldurar seu rosto com as mãos. Suas bochechas são lisas e macias sob minhas palmas, os ossos de sua mandíbula tão delicados que se movem quando pressiono meus lábios nos dela.

É um beijo suave, tão gentil quanto o brilho quente que enche a sala, e eu me afasto antes que qualquer calor se acumule. Ela me observa através de cílios grossos, seus lábios entreabertos, enquanto eu deixo cair minhas mãos para agarrar as dela. Eu entrelacei nossos dedos e apertei.

— Kenzie, você deveria saber de uma coisa.

— Moira...

Há uma nota de advertência em sua voz, mas eu não presto atenção. Eu não posso mais ficar dançando em torno disso. Passamos a vida inteira dançando em torno uma da outra, e talvez seja hora de parar.

Talvez seja hora de dançarmos juntas.

— Há uma razão pela qual me candidatei à bolsa de estudos — começo —, e não foi apenas para vencer você, embora admita que isso me deixou ainda mais determinada.

Nós duas soltamos uma risada silenciosa antes de eu continuar.

— Quando voltei da África do Sul, eu... eu estava uma bagunça. Ainda estou um pouco confusa, para ser honesta, mas estou me recuperando. Você... você ajudou com isso.

Eu sinto meu rosto corar, meu coração disparado com o pensamento de dizer muito rápido demais, mas ela roça o polegar ao longo dos meus dedos, me puxando de volta para o momento. Eu aperto suas mãos novamente.

— A verdade é que eu nunca me senti o suficiente. Eu sempre senti que o mundo inteiro está me dizendo para, tipo, ser *mais*, sabe? Para aproveitar o dia e aproveitar todas as oportunidades que posso, porque eu deveria querer essa vida enorme e majestosa. Eu nunca fui a garota que queria viajar pelo mundo de mochila ou começar uma agitação paralela ou se mudar para o outro lado do país para a faculdade. Eu nunca fui a garota que queria perder peso. Eu *gosto* de quem eu sou, e sempre senti como se tivesse algum... algum pedaço de mim faltando, o pedaço que deveria me dizer para ser *mais* do mesmo jeito que todo mundo quer.

Eu estremeço quando as memórias começam a se mover em meu cérebro, doendo como velhas feridas que ainda não cicatrizaram.

— Então eu fingi querer coisas que não queria, pensando que magicamente pareceria certo um dia. Eu só fui mochilar porque era o que Lydia queria fazer depois do ensino médio. Tudo o que eu realmente sabia que *eu* queria era... isso. — Eu estico meu pescoço para indicar a sala em que estamos, o pequeno estúdio que eu amo mais do que em qualquer lugar do mundo. — Quando chegamos à África do Sul, conheci essa garota... Savannah. Até então eu sabia que gostava de garotas, mas ela foi a primeira garota por quem realmente me apaixonei. Ela era tão legal. Tão aventureira. Ela era... tudo o que eu achava que deveria ser, e acho que talvez eu pensasse que se ela gostasse de mim de volta, se eu ficasse e me juntasse ao programa de voluntariado dela, parte disso seria transferida para mim? Não sei. Tudo soa tão estúpido quando eu finalmente digo em voz alta.

Eu nunca coloquei tudo em palavras assim, nem mesmo na minha própria cabeça.

Eu pensei que estava me apaixonando por Savannah, mas talvez tudo que eu realmente quisesse fosse sua aprovação.

— Moira — Kenzie murmura enquanto eu olho para nossas mãos, meu rosto ficando mais quente a cada segundo. — Isso não é estúpido. Você não é estúpida.

Eu concordo.

— Obrigada.

Ela aperta minhas mãos com mais força.

— Eu quero dizer isso.

Eu tomo uma respiração instável e aceno novamente. Ela quer dizer isso. Eu posso sentir isso em seu toque, no ar pesado entre nós, e isso me dá coragem para continuar.

— Tudo saiu pela culatra, é claro. Savannah percebeu que eu realmente não queria estar lá, e tudo desmoronou. Eu a peguei me traindo, e acho que isso significa que deveria ter sido eu largando ela e xingando seus nomes, mas eu peguei essa ponta da vara também. Ela disse tudo o que sempre tive medo: que sou muito chata para ter meus próprios sonhos. Isso... me fodeu, Kenzie, ouvir isso dela assim, saber que eu não tinha nenhuma resposta a não ser ir para casa, de volta à minha mesma velha vida.

Kenzie desliza as mãos do meu aperto e, por um momento, acho que ela vai se virar e sair, que vai zombar de mim e dizer exatamente as mesmas coisas que Savannah. Eu me preparo para o golpe.

Em vez disso, ela agarra meus ombros e olha tão profundamente em meus olhos que tudo ao nosso redor desaparece.

— Moira Murray — ela diz, sua voz tensa com sinceridade —, você é muitas, muitas coisas, mas você não é chata.

Um momento de silêncio passa, preenchido apenas por nossos batimentos cardíacos e respirações pesadas. Então o canto de sua boca se contrai e, de repente, nós duas estamos sorrindo. Ela solta meus ombros e cai em uma das cadeiras dobráveis dispostas ao lado da mesa do bistrô, seus olhos em mim o tempo todo. Eu tomo o outro assento e suspiro enquanto o clima melhora um pouco.

— Então é por isso que me inscrevi para a bolsa de estudos — concluo. — Quero dizer, além dos quarenta e dois mil reais. Eu apenas pensei... se eu pudesse, você sabe, *conseguir* algo, talvez eu me sentisse melhor com tudo isso, mas a verdade é... eu não acho que uma bolsa de estudos pode fazer isso sozinha. Acho que nada pode. Você tem que encontrar isso em si mesmo.

Faço uma pausa e rio por um momento de como pareço brega, mas Kenzie não se junta. Ela está me observando com a cabeça inclinada para o lado.

— Eu provavelmente não estou fazendo nenhum sentido, especialmente porque você parece ter tudo planejado, mas… — eu paro enquanto me esforço para encontrar as palavras para dizer a ela como me sinto sobre ela, como ela mudou mais para mim do que uma bolsa de estudos jamais poderia.

Uma mudança em sua expressão me avisa para não continuar. Mesmo à luz das velas, um pouco daquela velha frieza de Kenzie voltou às suas feições, trazendo à tona a nitidez que estou tão acostumada a ver lá.

Meu sangue gela, mas antes que eu possa começar a voltar atrás no que quer que esteja em guarda, ela fala.

— Eu não tenho nada resolvido. — Sua voz é oca, distante, como se viesse de alguma parte profunda e secreta dela que eu só tive vislumbres nos últimos meses. — Todos os dias, sinto que tudo o que tenho está a segundos de ser arrancado das minhas mãos, como se houvesse um grande buraco esperando para se abrir sob meus pés e engolir tudo antes que me coma também. Eu *sonho* com isso, em cair, cair e cair. Eu…

Sua testa enruga, duas linhas profundas se formando entre seus olhos. Ela parece tão perdida, como se já estivesse a meio caminho de cair, mas antes que eu possa chegar por cima da mesa para estabilizá-la, ela se levanta e envolve os braços em volta de si mesma. Eu observo enquanto ela dá alguns passos para mais perto de uma das paredes espelhadas, seus olhos em seu reflexo.

— Você sentiu como se estivesse fingindo seu caminho pela vida — diz ela. — Você acha que eu não sei como é, mas eu sei. Essas roupas, meu trabalho na ARS, todas as medalhas que ganhei... às vezes parece que tudo aconteceu com outra pessoa, como se o mundo fosse levar tudo de volta um dia, e eu não serei nada.

Meu coração dá uma guinada com a mordida em seu tom, como se ela realmente pudesse olhar no espelho e não ver uma única das coisas incríveis que vejo quando estou olhando para ela.

— Talvez eu não mereça ser mais — ela continua. — Você está preocupada em não querer o suficiente, mas às vezes eu estou preocupada que eu queira *demais*. Estou preocupada em pagar por isso. Estou preocupada o tempo todo. A única vez que eu não estou é quando...

Seus olhos encontram os meus no espelho, e sinto minha garganta ficar tensa.

— Costumava ser apenas quando eu dançava — ela sussurra —, mas agora... agora também é quando estou com você.

Ela se vira para me encarar, e mesmo que minhas pernas estejam tremendo, eu ainda me esforço para ficar de pé. O sangue está correndo em meus ouvidos, e não tenho certeza do que estou fazendo ou do que acontecerá a seguir. Tudo o que sei é que tenho que chegar até ela.

Ela me encontra no meio do caminho, e quando estamos separados por um fôlego, nós congelamos.

Seus dedos percorrem meu braço, e eu estremeço. Seu olhar está preso em meus lábios. Eu quase posso saboreá-la já, e posso senti-la em todos os lugares. Ela cheira a perfume de baunilha doce, assim como ela fez na primeira noite em que a trouxe aqui.

Justo quando estou prestes a me inclinar, ela coloca a palma da mão em volta do meu cotovelo e dá um passo para trás, com um sorriso malicioso no rosto. A expressão envia uma emoção disparando através de mim, e me leva um segundo para descobrir o que ela está fazendo.

Então eu sorrio também.

Eu levanto minha mão para agarrar seu cotovelo da mesma forma que ela está segurando o meu, e sem falar, nós mudamos para a posição para uma virada de carretel.

A sala está silenciosa, mas não precisamos de nenhuma música para entrar em sintonia perfeita uma com a outra. Nós giramos pela curva, girando em torno de nosso ponto de contato em um círculo perfeito com nossos olhares travados.

Continuamos por mais tempo do que em um carretel de verdade, girando e girando até que estou tonta e a única coisa que posso manter parada é ela. Meu peito arfa quando finalmente paramos. Ela olha para mim com fogo em seus olhos, e mesmo que o chão ainda esteja balançando debaixo de mim, eu me atiro para ela.

Batemos juntas com o que parece ser um choque estático, eletricidade saindo de todos os lugares que tocamos. Sua boca está na minha, e minhas mãos estão em seu cabelo enquanto ela agarra minhas costas para me puxar para mais perto.

Ela geme na minha boca quando eu separo seus lábios com a minha língua. Eu puxo seu cabelo para inclinar sua cabeça para trás e arrasto beijos em sua garganta enquanto ela se debate com os botões da minha camisa.

Eu rio contra sua pele e me abaixo para ajudá-la, apenas o tempo suficiente para abrir minha camisa enquanto ela faz o mesmo com seu cardigã. Nós largamos as duas roupas no chão e nos abraçamos novamente, seu peito nu nivelado com o meu por cima do meu sutiã.

— Você é linda demais. — Eu gemo as palavras enquanto deixo minhas mãos percorrerem a pele macia e quente de suas costas, meus olhos em nosso reflexo nos espelhos enquanto ela puxa o lóbulo da minha orelha entre os dentes.

Eu assobio e aperto seus quadris com força. Quando ela arqueia as costas para se pressionar contra mim, quase perco o controle. Cada flexão de seus músculos é fascinante.

Somos fascinantes, a nossa forma entrelaçada no espelho tão fascinante que não consigo desviar o olhar. Eu envolvo as pontas de seu cabelo em torno de um

dos meus punhos e observo os fios ondulando na luz. Seus dentes estão roçando meu ombro agora, e até meu sutiã parece uma barreira demais entre nós.

Como se ela tivesse lido minha mente, ela chega atrás de mim para puxar o fecho. Eu me afasto o suficiente para puxar o sutiã pelos meus braços e jogá-lo no chão antes de alcançá-la novamente. Eu sinto seus mamilos tensos roçando meu peito nu, e minhas coxas apertam.

Nós nos beijamos como pessoas famintas, como se finalmente estivéssemos comendo uma refeição pela qual esperamos anos. Nada mais é suficiente.

Justo quando eu acho que não vou conseguir mais ficar de pé, ela puxa meus braços e nos leva para o chão. Nós pousamos em uma pilha emaranhada, seus quadris escarranchados sobre os meus enquanto ela se inclina sobre mim para capturar minha boca novamente.

O chão do estúdio é duro e frio sob minhas costas, mas não me importo. Há algo selvagem sobre ela me derrubar assim, nossa necessidade tão descuidada e impaciente que não há opção a não ser aqui e agora.

Quando ela se move para começar a arrastar a boca pelo meu pescoço, eu inclino minha cabeça para nos observar no espelho novamente. Meu corpo inteiro queima quando sinto seu hálito quente no meu peito. Quando vejo seus lábios se fecharem ao redor do meu mamilo, não posso deixar de ofegar seu nome e empurrar meus quadris para baixo dela.

Ela geme e se flexiona contra mim, nós duas nos esfregando uma contra a outra enquanto ela chupa e lambe até que eu estou tremendo e tão molhada para ela que tudo o que consigo pensar é no jeito que sua língua vai se sentir entre minhas pernas.

Ninguém nunca me deixou tão desesperada. Ninguém nunca me fez ficar tão ousada.

Ela me faz sentir especial, desejável, sexy.

Ela me faz sentir mais do que suficiente.

— Kenzie.

Ela suspira em resposta, mudando para trabalhar no meu outro mamilo. Eu luto para evitar que meus olhos revirem.

— Kenzie. — Eu coloco um dedo sob seu queixo, e ela fica imóvel depois de olhar para o meu rosto.

Eu a quero, talvez mais do que eu já quis qualquer coisa, mas também quero que ela saiba como me sinto. Eu não terminei de contar a ela antes, e se vamos fazer isso, quero ser corajos- o suficiente para deixá-la saber o que isso significa para mim.

— Eu preciso te contar uma coisa.

Ela se endireita um pouco em cima de mim, seu cabelo solto e selvagem ao redor de seu rosto. O doce aroma de baunilha enche meu nariz e torna difícil pensar, mas me forço a respirar fundo.

— Eu não quero que isso pare, Kenzie. Seja o que for, eu… eu quero mais. Eu sei que acabei de te dizer que quase nunca quis *mais* na vida, mas com você, eu...

Seus olhos procuram meu rosto enquanto procuro as palavras, a maneira certa de dizer a ela que isso não é mais sobre uma bolsa de estudos. Eu não me importo com quem ganha.

Eu só quero ela.

Estou prestes a dizer exatamente isso a ela quando um zumbido baixo enche a sala, vibrando pelo chão a alguns metros de distância. Demoro alguns segundos para perceber que é o telefone dela no bolso do cardigã.

Ela olha para ele, e mesmo com a luz fraca, posso ver seu rosto ficar pálido.

— Kenzie?

Ela fica congelada como uma estátua por alguns segundos antes de sair de cima de mim e rastejar até seu cardigã, puxando a manga para puxá-la para mais perto. Ela pega o telefone, linhas de preocupação marcando seu rosto.

— Está tudo bem? — Eu pergunto enquanto me sento.

Minha cabeça gira, ainda tentando acompanhar os últimos momentos.

— Meu irmão está com minha mãe. Eu disse a ele para apenas enviar mensagens de texto se algo estivesse errado. Ele...

Ela para enquanto seus olhos percorrem o telefone, seu polegar pressionado na tela. A luz branca é áspera contra sua pele, e faz sua expressão parecer ainda mais misteriosa quando seus olhos se arregalam e seu lábio inferior treme.

— Kenzie, o que aconteceu?

— É da minha mãe — ela sussurra, sua voz tão baixa que eu tenho que rastejar mais perto para ouvir. — É... é o Chris. Algo está errado com ele.

CAPÍTULO 18
KENZIE

Moira pisa fundo no acelerador da caminhonete, apontando para o cruzamento onde uma luz amarela nos alerta para diminuir a velocidade. O sinal muda para vermelho assim que sobrevoamos a faixa de pedestres, mas eu nem pisco. Eu nem mesmo registro em que rua estamos.

Eu só sei que precisamos ir mais rápido.

Mais rápido. Mais rápido. Mais rápido.

Meu cérebro canta as palavras como se fossem um feitiço mágico que pode afastar a onda esmagadora de culpa e horror que ameaça quebrar e me arrastar para baixo.

Eu não deveria tê-la deixado, e definitivamente não deveria tê-la deixado com ele.

Minha mãe me pediu para ficar com ela enquanto eu estava saindo pela porta hoje à noite. Ela estava melhor há semanas. Ela estava acordando na hora certa de manhã e não havia perdido nenhum turno no hotel. Ela até me fez o café da manhã hoje, e nós sentamos comendo torradas e ovos mexidos enquanto ela me perguntava sobre minha bolsa de estudos com uma voz clara e brilhante que eu não ouvia há meses.

Mas a depressão é assim. Ela se esconde como uma sombra no canto, pronta para invadir e escurecer toda a sala.

Ela dormiu o resto do dia hoje. Ela disse que estava apenas cansada do trabalho, mas quando ela acordou de seu cochilo, eu ouvi o medo em sua voz quando ela me pediu para ficar.

Só por uma hora.

Isso é o que ela disse. Eu poderia ter ficado por uma hora, e talvez ela estivesse bem. Talvez eu não tivesse que ligar para Chris, e talvez eu não tivesse que ignorar o sotaque nebuloso em sua voz que me dizia que ele estava bêbado em alguma coisa antes mesmo de terminar sua primeira frase.

Achei que ele só tinha fumado um baseado. Achei que ele ficaria bem em sentar no sofá com ela por algumas horas.

Eu pensei pela primeira vez na minha vida, eu poderia parar de me preocupar e ir a um encontro normal como uma garota normal.

— Eu deveria estar lá — murmuro, meus braços em volta do meu estômago no banco da frente do carro.

As mensagens da minha mãe diziam que ela achava que Chris tinha algum tipo de convulsão, mas eu sabia o que realmente deveria ter acontecido assim que li as mensagens. Ele tomou algo ruim ou tomou demais. Ele pode até ter tido uma overdose por engano.

— Não é sua culpa — responde Moira enquanto acelera em qualquer rua em que estamos. — Kenzie, não é sua culpa.

Ela continua dizendo isso, mas soa como uma zombaria cruel, porque é claro que a culpa é minha.

É tudo culpa minha.

Eu nunca deveria ter me inscrito para a bolsa em primeiro lugar.

— Estamos quase lá — diz ela, sua voz gentil.

Tudo soa como se estivéssemos debaixo d'água e o mundo está se movendo muito devagar.

Mais rápido. Mais rápido. Mais rápido.

— Ela disse se a ambulância já chegou? Posso ficar com ela se você quiser ir com eles para o hospital, ou posso levá-la até lá também. Podemos…

— Não.

Eu pisco para as luzes da rua chicoteando pela minha janela, e parte da névoa começa a se dissipar da minha cabeça. Posso sentir meus pés no chão agora, sentir as saliências do tapete de borracha sob meus sapatos. Eu movo meus calcanhares e balanço minha cabeça.

— Apenas me deixe lá. Por favor. Não é sua bagunça.

— Kenzie, do que você está falando? — Ela me dá um olhar confuso antes de voltar a se concentrar na estrada. — Seu irmão provavelmente acabou de ter uma overdose, e sua mãe está doente, e eu vou te ajudar.

— Não é sua bagunça — repito enquanto todo o meu corpo fica tenso.

Eu conheço essa sensação. É a mesma mistura de dor aguda e desapego estúpido que senti quando as coisas terminaram entre mim e minha namorada do ensino médio.

Percebi que não havia como mantê-la enquanto seguia com minha vida. Eu sempre estaria falhando com alguém. Eu sempre estaria perdendo alguma coisa.

— Quero dizer, não é sua bagunça também, mas…

— É — eu a cortei, as palavras duras. Uma chama de raiva pisca dentro de mim. Eu nem tenho certeza de quem estou com raiva, mas ela é a única aqui para apontar a dor. — Olha, Moira, você não entendeu. Você tem uma família perfeita cheia de amor e… e estão lá um para o outro, e coisas assim. Eu tenho... eu tenho *isso*.

Eu aceno minha mão para o para-brisa, para qualquer merda de confusão que estamos indo, e minha voz fica mais difícil com cada palavra.

— Minha mãe não está doente como você pensa. Ela tem... ela tem depressão. Ela teve isso a minha vida inteira, e só parece estar piorando. Eu não sou o suficiente para tornar melhor. Eu não sou o suficiente para fazê-la tentar melhorar. Eu não fui o suficiente para fazer meu pai ficar, e mesmo... até mesmo Chris não aparece metade das vezes que ele diz que vai, e quando aparece…

Minha voz falha, e não consigo parar a visão horrível que pisca na frente dos meus olhos: Chris está de bruços no chão, sua pele ficando cinza. Eu nem sei como é realmente quando alguém sofre uma overdose, mas não consigo fazer a imagem desaparecer.

— Eu tenho que estar lá para eles. Sempre. Eu tenho que segurar tudo junto, porque se eu soltar por um segundo, tudo desmorona. Tudo se esvai. Eu pensei por uma maldita noite que eu poderia ser outra pessoa, mas não sou.

O carro fica em silêncio por um momento, o zumbido do motor é o único som até que eu ouço Moira respirar trêmula.

— Kenzie...

Há mágoa em sua voz, mágoa que coloco lá, e meu estômago se revira com ainda mais culpa, mas não posso voltar atrás. Eu não posso desfazer a verdade.

— Não é sua culpa — ela murmura. — Você tem que saber que não é sua

culpa.

Eu aperto meus olhos fechados.

— Pare de dizer isso. Por favor, pare de dizer isso. *É* minha culpa. Eu nem deveria ter me candidatado a essa maldita bolsa de estudos em primeiro lugar. Eu deveria ter apenas aguentado e tirado um ano de folga da escola.

Ela para o carro bem a tempo de parar atrás de uma fila de carros parados em um sinal vermelho. Os freios guincham, e meu peito pressiona o cinto de segurança enquanto sou empurrada para a frente.

— Você tem que tirar um ano inteiro de folga da escola se não ganhar?

Eu não respondo. Eu não posso nem olhar para ela. Estou suando agora, e posso sentir o gosto de bile no fundo da minha garganta.

Se tivéssemos tempo, eu diria a ela para encostar para que eu pudesse ficar doente.

— Kenzie, por que você não disse isso? Eu pensei que era apenas mais uma de nossas competições idiotas com algum dinheiro jogado na mistura. nem me importo mais com isso. Eu vou largar. Eu…

— *Não*.

A palavra explode fora de mim como um míssil, e eu curvo meus ombros enquanto quase zombo dela.

Tudo o que aprendi com Catherine vem à minha mente, tudo o que ela já me disse sobre "erga-se" e manter as partes "desagradáveis" de sua vida trancadas. Passei as últimas semanas tentando ignorar os instintos que ela incutiu em mim por anos, mas eles soam alto e inegáveis agora.

O controle é a única coisa que vai me fazer passar por isso. Qualquer outra coisa é fraqueza.

— Eu não sou um caso de caridade — eu digo através da minha mandíbula apertada. — Eu não disse tudo isso como uma forma de implorar por ajuda. Eu posso lidar com a minha merda, ou pelo menos eu poderia ter, se eu realmente estivesse lá esta noite como eu deveria ter estado.

— Eu nunca disse que você era um caso de caridade — ela murmura.

Eu continuo como se não a tivesse ouvido. Tudo dói, como uma costela quebrada que torna cada respiração um suspiro de dor, e meu cérebro e corpo estão me dizendo que preciso me defender. Não posso deixar ninguém me ver fraca.

Não posso dar a ninguém a chance de me machucar mais.

— Eu te disse tudo isso para que você saiba por que não posso mais fazer isso.

Estamos quase na minha rua agora. Meu coração está batendo contra o meu esterno, e o rosto branco e os olhos fechados de Chris piscam dentro e fora da minha visão toda vez que eu pisco.

— Fazer o quê? — Moira pergunta, sua voz embargada.

— Isso.

Não preciso detalhar. O gemido baixo que ela pronuncia deixa claro que ela sabe exatamente o que eu quis dizer com *isso*.

Ela vira o carro na minha rua, apertando o acelerador para nos levar até a pequena colina antes que meu complexo de apartamentos apareça. Entramos no labirinto de estacionamentos e eu a vejo: a ambulância amarela brilhante parada

na frente do meu prédio, suas luzes vermelhas e azuis piscando pintando a calçada em tons macabros de discoteca.

Eu aperto a borda do assento para não engasgar com a bile na minha garganta enquanto minha visão nada.

— Eu deveria estar lá. — As palavras soam como se fossem de outra pessoa. Eu nem sinto meus lábios se moverem.

— Kenzie, por favor. — A voz de Moira é irregular quando ela para o carro a poucos metros da ambulância. — Deixe-me ajudar. Eu quero ajudar você. Por favor, Kenzie. Eu... eu... por favor.

Eu a ignoro.

Ignoro o som do bipe que o carro faz quando tiro o cinto de segurança antes mesmo de ela mudar de marcha. Eu saio do meu assento e ignoro os gritos de reconhecimento dos funcionários do prédio reunidos do lado de fora.

Ignoro o som de Moira chamando meu nome, de novo e de novo, enquanto bato a porta do carro.

Eu ignoro meu próprio coração enquanto ele grita em protesto quando eu corro para longe dela.

CAPÍTULO 19
MOIRA

EU recebo um texto de Kenzie.

Só um.

Vem o dia depois daquela noite que terminou com tanto horror:

Chris está bem. Estamos em casa agora. Ele vai ficar conosco por alguns dias. Minha mãe também está bem. Obrigada por me levar. Obrigada por tudo, Moira.

Isso é tudo o que recebo depois das dezenas de mensagens e ligações que passei a noite enviando, e não recebo nada em resposta às dezenas que envio quando ela me responde.

Três dias inteiros se passam em silêncio.

Pego meu telefone no meio de uma maratona de Netflix que ocupou toda a minha noite. Não lembro o nome do programa. É suposto ter uma boa subtrama lésbica, mas não consigo acompanhar a história. Estou no quinto episódio e não sei o nome de nenhum dos personagens.

A visão de uma notificação de texto na minha tela me faz sentar mais ereta na cama, meu coração pulando na minha garganta enquanto eu coloco minha senha.

Meu coração afunda até o fundo do estômago quando vejo que a mensagem é apenas de Lydia:

Alguma notícia?

Parte de mim quer digitar algo sarcástico e desagradável, para infligir um pouco da dor em meu peito em outra pessoa, mas o resto de mim sabe que ela está apenas tentando ajudar.

Eu digito um simples “nada” em resposta.

Três pontos aparecem em uma pequena bolha para que eu saiba que ela está digitando uma resposta, mas eu jogo meu telefone de volta na minha mesa de cabeceira antes que a mensagem chegue. Eu não quero falar. Eu quero me perder na série queer sem sentido e excessivamente dramática, mas nem isso parece estar funcionando para mim.

Na tela do meu laptop, duas mulheres chegam muito perto de se beijar enquanto estão sentadas em um carro juntas. Eu posso dizer que isso deveria ser um ponto crucial da narrativa, mas meu coração não incha junto com a trilha sonora como tenho certeza que o diretor pretendia.

Em vez disso, meus olhos ardem de calor ao mesmo tempo em que meu estômago se revira com tanta violência que pulo da cama, certa de que estou prestes a vomitar. Eu cambaleio até a porta do meu quarto, mas quando eu alcanço a maçaneta, a vontade passa, substituída por uma sensação de vazio que parece me sugar por dentro como um buraco negro.

Eu afundo no chão, caindo de joelhos no meu tapete listrado, e caio para o lado para me enrolar em posição fetal. É quando as lágrimas finalmente começam a cair.

— Droga — eu amaldiçoo entre soluços.

Achei que tinha passado da fase de choro.

Eu desisto e deixo minhas emoções incharem até que estou ofegante e

tremendo com a força dos meus soluços. Sinto que estou cercada por lanças minúsculas, mas brutalmente afiadas, prontas para me atingir, não importa para que lado eu torça no tapete, não importa para que lado eu deixe meus pensamentos girarem.

Existem apenas becos sem saída, e cada um perfura minha pele com o doloroso lembrete de que ela se foi. Apenas quando eu finalmente percebi exatamente o que ela significa para mim, ela se foi e ela não quer voltar. Ela não vai se permitir voltar, e quando se trata disso, não há nada que eu possa fazer.

Fiquei deitada no chão até minhas bochechas ficarem inchadas e meu rosto todo manchado de lágrimas salgadas – e ranho.

— Tanto ranho — murmuro enquanto me empurro para um assento.

Um momento de pressa nubla minha visão, e quando ela clareia, eu examino o quarto em busca de lenços. Eu ainda estou sentada lá no meu estado coberto de muco quando alguém bate na minha porta.

— Moira, querida — minha mãe diz, sua voz abafada pela madeira —, eu te trouxe chá e biscoito. Eu vou entrar, ok?

Antes que eu possa limpar a garganta o suficiente para protestar, ela empurra a porta e depois congela quando dá um passo para dentro.

— O que você está fazendo no… ah, querida!

Meu desleixo geral provavelmente deixa claro o motivo pelo qual estou no chão. Minha mãe coloca a caneca e o prato de biscoitos que ela está segurando na minha mesa. Eu começo a me levantar, mas antes que eu possa soltar um grunhido “Estou bem”, ela está ajoelhada no chão na minha frente e me puxa para um abraço apertado.

Eu fico tensa por um momento, mas quando sua mão começa a esfregar círculos nas minhas costas, todos os meus músculos ficam frouxos, e o calor começa a picar meus olhos novamente.

— Mãe — eu digo, minha voz grossa e rachada —, você vai me fazer chorar de novo.

— Chore tanto quanto você precisar, querida. — Ela me puxa ainda mais apertado.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Uma mecha de seu cabelo com mechas grisalhas está praticamente me sufocando, e tenho certeza de que deixei seu suéter de tricô macio todo coberto de ranho, mas nenhuma de nós se importa. Inspiro o cheiro de “chuva fresca” do sabão em pó que todos usamos há anos, e algumas das pequenas lanças ao meu redor caem no chão. A dor diminui, mesmo que apenas um pouco.

— Vamos, querida — diz ela, recuando uma vez que minha respiração se acalmou. — Beba seu chá.

Ela me leva para minha cama, e eu me entrego à experiência de ser cuidada, deixando o amor em seu rosto me envolver como um segundo abraço. Ela me entrega a caneca fumegante de chá preto, o cheiro doce de leite e açúcar flutuando, e coloca meus biscoitos na minha mesa de cabeceira antes de se empoleirar na ponta dos meus cobertores.

— Pãozinho, mãe? — Eu digo, tentando fazer uma piada, embora minha voz ainda esteja toda aguada. — Poderíamos ser ainda mais escoceses estereotipados?

— Sim, mocinha. Já chega — ela diz com um sotaque escocês fingido enquanto ela se aproxima para dar um tapa brincalhão na minha coxa. — Beba seu chá, bobinha.

Tomo um gole, deixando a mistura familiar de amargo e doce assentar em minhas papilas gustativas. Meus ombros relaxam ainda mais.

Minha mãe pega o cobertor sobressalente espalhado entre nós e se mantém ocupada dobrando-o, cantarolando um pouco enquanto faz. Eu posso dizer que ela está me deixando definir o ritmo e decidir se eu quero falar ou não.

Enquanto eu olho para as linhas familiares vincando seu rosto e pego a música que ela está cantarolando – o acompanhamento da gaita de foles para a dança da espada, porque é claro – algumas das palavras de Kenzie daquela viagem horrível até seu apartamento filtram pela minha mente.

Você não entende. Você tem uma família perfeita cheia de amor e estão lá um para o outro.

Ela estava certa. Talvez não sobre a parte perfeita, porque Deus sabe que nenhuma família é perfeita, mas não posso negar que sempre senti amor nesta casa. Eu sempre soube que alguém estaria por perto para me confortar sempre que eu precisasse.

Não consigo entender como seria ficar sem isso, mas poderia ter tentado. Ela poderia ter me deixado tentar.

Ela poderia ter se virado para mim em vez de fugir. Eu teria mostrado a ela como é ter alguém lá para você.

— Nós não éramos apenas amigas — eu deixo escapar.

Minha mãe acabou de colocar o cobertor dobrado ao lado dela, e ela fica quieta por um momento antes de alisar um vinco no tecido macio. Então ela assente.

— Eu pensei que poderia ser o caso.

Eu estava tão confusa depois de voltar da casa de Kenzie que contei a ela tudo sobre a overdose e Kenzie não queria mais falar comigo. Não tenho certeza do quanto ela realmente juntou, dado o quanto eu estava soluçando, mas sei que não mencionei por que estava com Kenzie. Eu ainda não estava pronta para entrar nisso.

Então, novamente, ela é minha mãe, e ela me pegou roubando uma mesa e uma cadeira fora da casa para ter uma boa refeição com minha "amiga."

— Eu não entendo como ela pode simplesmente... simplesmente me cortar tão rápido, depois de tudo...

Minha mãe suspira e se aproxima um pouco mais para poder puxar meus pés em seu colo.

— Eu sei que você está sofrendo, Moira. Apenas se lembre que faz apenas alguns dias, e Kenzie passou por muita coisa em muito pouco tempo. Espero que ela esteja fazendo o que a faz se sentir segura ao excluir você, mas isso não significa que ela fará isso para sempre.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu entendo o que você está dizendo, mas... você não estava lá. Você não a viu. Você não a ouviu quando ela... quando ela saiu.

Um calafrio percorre minha espinha, e eu estremeço quando penso em como ela parecia fria, como se todos os vestígios da Kenzie que conheci nos últimos

meses tivessem desaparecido.

— Se eu achasse que isso era apenas ela sendo sobrecarregada pela overdose, que ela só precisava de um tempo para si mesma, é claro que eu entenderia isso, mas ela... eu não acho que ela vai voltar para mim, mãe. Acho que a perdi.

Ela começa a esfregar o polegar em um dos meus tornozelos, me olhando com um olhar de dor em seu rosto, como se ela fosse pegar toda a minha dor e torná-la sua, se pudesse.

Meu coração parece estar se partindo quando percebo que a mãe de Kenzie pode estar doente demais para dar o mesmo olhar para a filha. Se o que ela disse no carro é algo para se passar, Kenzie sempre foi quem assumiu a dor de todos os outros.

— Você não sabe disso, querida — minha mãe diz. — Dê a ela um pouco de tempo.

Outro protesto sobe na minha garganta, mas não faz sentido deixá-lo sair. De qualquer forma, tudo o que posso fazer é esperar. Eu envolvo meus braços em volta de mim e me curvo para a frente, me preparando contra os pensamentos que venho reprimindo há dias.

Tenho medo de perdê-la, mas a verdade é que também tenho medo de me perder.

— Você já esteve com alguém que fez você se sentir como se pudesse fazer qualquer coisa? — Eu pergunto, meus olhos no polegar da minha mãe enquanto ela continua esfregando meu tornozelo. — Tipo, quando você está perto dele, você se sente melhor consigo mesmo?

Ela fica quieta por um momento, e então ela assente.

— É assim que me sinto em todos os dias desde que me tornei mãe. Foi assim que me senti quando me apaixonei por seu pai também, depois que ele deixou de ser um *idiota*, é claro.

Nós duas rimos; a história de meu pai se transformando de uma espécie de playboy bebedor de cerveja e lançador de troncos dos jogos das terras altas em alguém a quem minha mãe realmente queria dedicar um tempo do dia é uma favorita da família.

— Acho que era assim que me sentia em relação a Kenzie — admito —, ou pelo menos como eu estava começando a me sentir. Pela primeira vez em meses, voltei a me sentir bem comigo mesma. Bem, na verdade, foi mais do que isso. Eu não estava de volta a me sentir como eu costumava. Me senti nova, diferente, da melhor maneira possível. Era como se eu estivesse finalmente começando a sentir que era bom o suficiente apenas sendo eu.

Minha mãe se levanta tão rápido que tenho medo de que ela bata a cabeça contra a parede.

— Do que você está falando, meu bem? Claro que você é o suficiente! Você é incrível. Você sempre foi mais do que suficiente.

Minhas bochechas aquecem quando deixo cair meu olhar para o meu edredom. Eu corro um dos meus dedos ao longo da costura.

Eu realmente nunca disse isso a ela antes.

— É só que... você e papai sempre nos disseram que poderíamos ser o que quiséssemos, que deveríamos sonhar grande, e... quero dizer, Anna foi para a escola em Toronto com um zilhão de bolsas de estudos e seu próprio negócio

gerenciamento de mídia social já construído, e agora Logan tem toda a sua coisa de karatê acontecendo e não para de falar sobre como ele mal pode esperar para ir para a Austrália depois do ensino médio, e eu... eu nunca quis nada assim.

Eu olho para cima e vejo sua testa enrugar enquanto ela olha para mim.

— Querida, você não precisa fazer karatê ou ser uma gerente de mídia social ou se mudar para algum lugar distante. O que te faz pensar isso?

Uma pontada de frustração me faz envolver meu punho em torno da borda do edredom.

— Tudo! — Eu digo, um pouco mais alto do que eu pretendia. — Tudo me faz pensar isso. Eu deveria querer mais, mas não quero, e finalmente estava começando a me sentir bem com isso, mas agora... agora estou com medo de só me sentir assim quando estava perto de Kenzie.

Minha mãe solta um longo suspiro e me encara por tanto tempo que tenho que desviar o olhar. Ela se arrasta para trás no colchão até que ela está descansando os ombros contra a parede, bem ao lado de um velho pôster do show do Lumineers que eu tenho há anos.

— Talvez Kenzie tenha ajudado você a chegar lá e, por isso, sou grata à garota, mas ninguém pode tirar o que você sabe sobre si mesmo depois de aceitar isso como verdade.

Eu me obrigo a ficar quieta e deixo suas palavras se estabelecerem no fundo do meu peito.

Eu sei a verdade.

— Moira, quando dissemos para você sonhar grande, o que realmente queríamos dizer era que você poderia sonhar em ser qualquer coisa – qualquer coisa que te fizesse feliz. A verdadeira felicidade nunca é pequena ou comum, não importa de onde venha.

Deixei isso afundar também. Deixei-me imaginar o que significaria se eu também aceitasse isso como verdade.

Quando ela me dá um tapinha na canela e oferece um sorriso gentil, sinto uma fungada chegando.

— Caramba, mãe — digo depois de limpar a garganta, esperando que uma piada me impeça de chorar novamente. Estou realmente cansado de chorar. — Você deveria conseguir um emprego escrevendo biscoitos da sorte.

Ela bate na minha perna.

— *Idiota*.

Nós duas estamos sorrindo agora.

Pego o prato de biscoitos e ofereço um a ela antes de pegar o meu. Eu dou algumas mordidas doces e quebradiças antes de falar novamente.

— Então você não acha chato que meus únicos planos reais depois que eu terminar a universidade sejam continuar trabalhando no estúdio?

Ela balança a cabeça e faz uma expressão falsamente severa.

— É do *meu* estúdio que você está falando, senhorita Murray. Claro que não acho chato e, honestamente, não sei o que faríamos se você fosse embora. Você faz uma diferença real, querida, para tantas crianças. Você sempre fez. Estou mais orgulhosa de você do que posso colocar em palavras, e continuarei dizendo isso sempre que você quiser ouvir, provavelmente até mais do que você quer ouvir.

Meus olhos começam a ficar lacrimejantes e pisco rapidamente enquanto sussurro:

— Obrigada.

Ela se aproxima e baixa a voz também.

— Estou orgulhosa de você.

Meu rosto se abre em um sorriso.

— Eu sei.

Ela se inclina ainda mais perto.

— *Tãoooo* orgulhosa.

Reviro os olhos, mas continuo sorrindo.

— Ok, mãe, entendi.

Ela agarra minhas pernas.

— Tão, tão, tão, tão orgulhosa!

— Você é uma lunática! — Eu grito através do meu riso quando ela começa a me fazer cócegas.

Ela dobra seus esforços de cócegas.

— Eu sou sua mãe. É o meu trabalho.

— Vou derramar meu chá! — Eu grito enquanto me contorço no colchão.

— Bem, não devemos arriscar isso. — Ela se senta de volta e fica de pé. — Eu vou terminar minha roupa, mas você me chama se precisar de mim, ok?

Eu concordo.

— Obrigada, mãe. Você é tipo, a melhor.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Tipo?

Eu ri.

— Você é a melhor, e eu te amo.

— Eu também te amo. — Ela se dirige para a porta, mas faz uma pausa antes de sair. — Não desista dela, querida. Ainda não. Algo me diz que vocês duas estavam apenas começando.

Um nó sobe na minha garganta, e tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça enquanto ela entra no corredor e fecha a porta atrás dela.

Algo me diz que Kenzie e eu estávamos apenas começando também, mas o resto de mim já acredita que chegamos ao fim.

CAPÍTULO 20
MOIRA

Kenzie não aparece no próximo chá Tartã. Falho totalmente em ser sutil quando pergunto a cinco voluntários diferentes se eles sabem se ela disse alguma coisa sobre participar, mas ninguém tem respostas para mim.

Eu mando uma mensagem para ela pela primeira vez em mais de duas semanas depois que eu chego em casa depois de um dia inteiro cortando assados e assistindo as crianças dançarem ao som da gaita de foles. Eu mal podia ouvir a música, e meus olhos continuaram indo para a porta, procurando por qualquer sinal de seu casaco cinza ou o flash de seu rabo de cavalo chicoteando na esquina.

A resposta dela chega um dia depois. O texto aparece enquanto percorro o Instagram entre as aulas na Escola Murray, e corro para o armário de suprimentos assim que a vejo aparecer na tela.

O que quer que a mensagem diga, não quero ficar exposta quando a ler.

Já estou tremendo quando abro nossa conversa. Eu nem me incomodo em puxar o fio da luz do teto. Eu me debruço sobre o brilho do meu telefone no escuro e arrasto meus olhos sobre sua mensagem:

Chris está muito melhor agora. Ele voltou para a casa dele. Obrigada por perguntar sobre ele, mas acho que não devemos conversar mais. Eu quis dizer o que eu disse. Eu não deveria ter dito isso tão duramente, mas é verdade. Eu simplesmente não posso fazer isso, e seria melhor se parássemos de enviar mensagens. Por favor, não envie mensagem novamente.

Eu caio contra a estante atrás de mim. Meu coração está batendo tão alto em meus ouvidos que não consigo ouvir o zumbido de gaitas de foles e as instruções gritadas do estúdio do outro lado do corredor. Não consigo mais sentir o telefone em minhas mãos.

Ela realmente quer dizer isso. Ela está desistindo de nós.

Meu peito parece vazio, e eu tenho que me lembrar de respirar.

— Está tudo bem — eu sussurro no escuro do armário. — Eu vou ficar bem.

Não sei quanto tempo fico ali parada antes de me controlar. Assim que eu faço isso, o primeiro lampejo de raiva queima através de mim.

Ela diz que não podemos fazer isso, mas ela nem vai tentar. Ela diz que eu não me encaixo na vida dela, que eu não vou entender, que ela vai perder tudo se ela tentar me manter, mas mesmo que eu tenha certeza de que realmente há muita coisa que eu não entendo, eu também tenho certeza de que ela também não *me* entende.

Ela não entende o quanto eu posso aguentar. Ela não entende o quanto eu posso lutar. Ela não entende o quão longe estou disposta a ir pelas pessoas com quem me importo. Achei que ela via meus pontos fortes melhor do que eu, mas ela está fechando os olhos para todos eles agora.

Eu desligo a tela do meu telefone e coloco meus braços para os lados, piscando enquanto meus olhos se ajustam ao toque de luz que brilha através da abertura na parte inferior da porta do armário.

Eu não vou rastejar mais. Meu coração está partido por ela e por tudo o que

ela passou, mas não posso continuar me despejando em mensagens de texto e telefonemas apenas para continuar sendo afastada.

Assim como minha mãe disse, tenho que aceitar a verdade sobre mim mesma, e a verdade é que valho a pena confiar. Eu valho uma chance.

Respiro fundo e abro a porta, saindo para a luz.

As próximas semanas voam em um borrão de aulas de dança, sessões de treinamento e longas horas debruçadas sobre minha mesa trabalhando nas provas finais da universidade.

Joguei meu coração partido e machucado no estúdio com tudo o que tenho, e os sorrisos orgulhosos nos rostos dos meus alunos quando eles quebram todos os seus objetivos de dança estão lentamente me consertando. Eles podem ser apenas crianças aprendendo danças folclóricas escocesas, mas vão crescer e deixar sua marca no mundo algum dia. Se eu puder dar a eles um pouco mais de confiança em seu caminho para descobrir quem são e o que querem ser, terei feito algo que vale a pena.

— E isso é o suficiente — murmuro para mim mesma enquanto levanto uma pilha de sacolas pesadas do banco de trás da caminhonete da minha família.

Parte de mim não consegue acreditar que a competição de abril da ODEO já está aqui, mas mesmo que o tempo tenha se confundido para mim, ele continua passando.

Hoje é o dia em que verei Kenzie novamente.

O pensamento de que ela já pode estar no prédio é suficiente para abalar minha determinação. Se eu entrar lá e ela disser que quer fazer as coisas funcionarem, eu darei a ela tudo o que tenho. Vou mostrar a ela que ela pode contar comigo. Estarei lá para ela uma e outra vez até que ela acredite que estar comigo pode tornar sua vida melhor, em vez de mais complicada e dolorosa.

Mas ela tem que me dar uma chance, e eu tenho que viver com isso se ela não der.

Minha confiança incipiente pode não sobreviver vendo a garota que me disse que eu valho tudo olhar para mim como se eu não fosse nada para ela agora.

— Você está bem com tudo isso, querida? — minha mãe pergunta, vindo da parte de trás do carro com algumas mochilas penduradas nos ombros e um carrinho cheio de suprimentos de costura e cabelo atrás dela na calçada.

— Sim — eu respondo por trás da minha pilha de sacolas de roupas, que sobe alto o suficiente para bloquear parte da minha visão. Estou carregando todas as minhas próprias roupas e algumas sobressalentes para dançarinos da nossa escola.

Minha mãe me dá um tapinha nas costas.

— Vamos fazer isso.

Uma onda de calor enche meu peito. Não importa o que aconteça, eu a tenho no meu time.

Um pai que passa segura uma das portas de vidro da frente da escola aberta

para nós quando chegamos à entrada. O saguão está cheio de sua multidão habitual de estudantes, pais e treinadores, todos se aglomerando ao redor das mesas de vendedores e refrescos. Posso sentir o cheiro do café amargo saindo da garrafa térmica e a mordida de frutas cítricas de um grupo de crianças descascando laranjas frescas perto das portas. Ecos de conversas animadas ecoam pela sala de pé-direito alto, mas a emoção do dia da competição que eu sempre anseio não me atinge com a mesma alegria que normalmente causa.

Em vez disso, meu estômago se revira enquanto examino a multidão em busca de Kenzie.

Ela deve estar vindo hoje. Mesmo que ela não estivesse competindo, ela estaria aqui como treinadora, e não vejo por que ela não dançaria hoje também. Esta é a nossa última chance de ganhar pontos de bolsa antes que a vencedora seja anunciada no final do dia.

Mesmo depois de perder o chá Tartã, ela ainda pode estar na liderança. Ela tem uma ligeira vantagem sobre mim no que diz respeito a partituras de dança. O único coringa seriam nossos ensaios, mas eu escrevi o meu entre sessões de estudo lotadas, e eu teria sorte se fosse totalmente coerente, muito menos digno de uau.

Para mim, competir hoje é apenas um ato de passar pelos movimentos. Eu parei de me importar em ganhar há muito tempo, e mesmo que Kenzie me dê uma bronca hoje, mesmo que olhar para ela me divida em dois, eu sei que ficarei cheia de uma alegria agridoce se eu conseguir vê-la ganhar algo que signifique tanto para ela.

— Senhorita Moira! Senhorita Moira!

Uma voz estridente puxa minha atenção para longe da multidão. Eu me viro para encontrar Jessica, uma das minhas alunas de sete anos, galopando em minha direção enquanto ela arrasta sua mãe atrás dela.

— Senhorita Moira! Eu estou toda bonita!

Eu faço o meu melhor para esconder meu suspiro quando dou uma boa olhada em seu rosto. Mesmo que estejamos chegando ao final da temporada, esta é a primeira vez que Jessica se inscreve para competir, e sua mãe claramente não leu o guia de cabelo e maquiagem.

A maioria das maquiagens que os competidores das terras altas devem usar é um pouco de rímel, mas Jessica está vestida como uma atriz da Broadway, com lábios vermelho-sangue e sombra azul-pó que vai até as sobrancelhas. Eu ouço minha mãe soltar um bufo abafado ao meu lado quando Jessica se inclina para frente e balança a cabeça para mostrar seu penteado.

É um coque, pelo menos, mas é um coque listrado de brilhos. Sua cabeça inteira parece que foi revestida de pó de fada.

— Não estou linda? — ela grita enquanto começa a pular em círculos e bater os braços como se fossem asas.

Sua mãe olha com um sorriso orgulhoso, completamente alheia a todos olhando para Jessica como se ela tivesse acabado de ser transportada do espaço sideral.

Eu mudo as sacolas de roupas em meus braços, quase perdendo o controle.

— Ah, sim. Muito bonita.

Eu praticamente posso sentir minha mãe segurando uma risada.

— Aqui, Moira — ela diz —, deixe Yasmine levar essas fantasias. Você pode... lidar com isso.

Ela abaixa a voz para dizer a última parte enquanto acena para um adolescente da Escola Murray que passa para pegar minhas sacolas de roupas.

Eu lanço um olhar para minha mãe, mas tudo o que ela faz é sorrir e me deixar para estourar a bolha de Jessica. Passo a próxima meia hora tão profundamente no processo de remoção do brilho que Kenzie é empurrada para o fundo da minha mente, o que me diz que minha mãe tinha mais do que tortura em mente quando me impôs essa tarefa.

— Não vejo por que ela não pode ter um *pouco* de glitter — diz a mãe de Jessica pela décima vez enquanto ela enxuga o rosto de Jessica se contorcendo com um lenço de maquiagem.

Resisto a dizer a ela que não há mundo em que isso seja um *pouco* de glitter.

— Glitter seria divertido — eu digo em vez disso —, mas os juízes não receberam o memorando, e eu quero ter certeza de que Jessica tenha um ótimo dia hoje, o que significa que provavelmente devemos seguir o código de vestimenta.

No momento em que removemos brilhos suficientes para deixar os juízes com a visão intacta, eu tenho que correr como uma maníaca para deixar todos os meus outros dançarinos prontos para seus primeiros eventos. Estou no piloto automático, entregando sorrisos, encorajamento e ajustes de figurino, enquanto mantenho um olhar constante procurando por Kenzie.

Não há sinal dela.

Não sei o que esperava hoje, mas não me ocorreu considerar que ela poderia não aparecer. Este é o mundo dela. Ela pode estar bem em desistir de nós, mas se ela desistiu disso, tenho motivos para estar com medo por ela.

— Ei, mãe! — Eu grito na próxima vez que a vejo enquanto conduzo uma trilha de crianças para o auditório. — Você já olhou para as minhas listas de divisão?

O desastre do brilho me atrasou tanto que nem olhei as listas de concorrentes para meus próprios eventos.

Seu rosto se contrai, e tenho certeza de que ela está prestes a me dizer que Kenzie não está inscrita. Quase perco o controle da porta do auditório e aperto meus dedos bem a tempo de impedir que ela se feche em um minúsculo humano de kilt.

Minha mãe chega perto o suficiente para que ninguém possa nos ouvir.

— Ela está na lista, mas eu não a vi. Eu... eu ouvi Catherine Stewart dizendo que não tem ideia de onde Kenzie está.

Alarmes soam na minha cabeça, e um suor brota na minha nuca sob minha camiseta personalizada da Escola Murray.

— Ah. Ok.

Eu luto contra a vontade de correr para a academia de aquecimento e puxo meu telefone da minha mochila, mesmo que Kenzie tenha me dito para não mandar mensagem para ela. Ela praticamente me disse que nunca mais quer falar comigo.

Ela disse isso várias vezes quando ofereci minha ajuda: *não é problema seu*.

— Você quer que eu as leve? — minha mãe pergunta, acenando com a cabeça

para o grupo de crianças esperando por mim para levá-los ao palco.

— Ah, hum, tudo bem. Eu quero.

A sala parece que está girando, mas eu endireito meus ombros e começo a marchar pelo corredor de qualquer maneira.

Marcho pelo resto da manhã e pela tarde. Eu mal me lembro do meu tempo no palco. O dia é um borrão de gaita de foles e xadrez, e antes que eu perceba, estou sentada em um dos assentos rebatíveis do auditório, observando o último grupo de crianças receber suas medalhas e fitas para o dia.

Não há sinal de Kenzie. Eu até procurei coragem para caminhar até Catherine Stewart durante o intervalo do almoço e perguntar se ela tinha notícias dela, mas tudo o que ela fez foi olhar e balançar a cabeça.

Eu não posso ignorar a sensação de que algo está errado. Isso se agarra a mim como um parasita, sugando toda a minha energia e foco até que eu não passe de um zumbi.

— E agora, o momento pelo qual esperamos o ano todo! Como vocês devem se lembrar, a competição de abril é a nossa data para anunciar a destinatária da primeira bolsa de estudos da Organização de Dança Escocesa de Ottawa!

Os aplausos que ecoam pela platéia são suficientes para me tirar de um pouco do meu estupor, e eu me sento mais ereta na minha cadeira. Tudo isso parece um sonho, como uma versão distorcida de como imaginei esse momento se desenrolando quando segurei o papel de informação da bolsa de estudos em minhas mãos em setembro.

Já ganhei mais do que pensei que ganharia este ano.

E perdi tanto.

— Nossas adoráveis candidatas poderiam, por favor, subir ao palco?

É preciso que minha mãe bata no meu ombro para me colocar de pé. Ainda estou vestida com meu Aboyne, assim como Holly e Nicole quando as encontro nos bastidores. Nossas saias balançam em torno de nossas pernas enquanto entramos no palco.

O som suave do tecido pesado me faz pensar naquele dia no corredor, o primeiro dia em que tive uma ideia do quanto Kenzie poderia significar para mim.

— Infelizmente, perdemos nossa quarto candidata hoje, mas vamos todos dar uma salva de palmas para essas garotas!

Eu pisco para a platéia, suas palmas surdas em meus ouvidos.

Ela deveria estar aqui.

Ela deveria estar ao meu lado. Ela precisa dessa bolsa.

Onde você está, Kenzie?

O locutor diz mais alguma coisa que faz o público rir, mas não entendo nenhuma das palavras. Estou muito fixada no flash de movimento que vejo no fundo do auditório.

Eu fico tensa e suspiro como se o vento tivesse sido tirado de mim enquanto observo uma das portas se abrir para revelar uma lasca de luz do saguão.

A lacuna aumenta, e meu coração dispara quando Kenzie passa. Seu cabelo está solto e ela está enrolada em seu casaco de ervilha. Ela paira perto das portas, e eu a encaro como se pudesse colocar meus pensamentos direto em sua mente.

O que você está fazendo? O que há de errado?

Algo está errado. Mesmo daqui, posso dizer que ela parece pálida. Seu cabelo está solto em vez de cair sobre os ombros em toda a sua glória brilhante. Ela dá alguns passos vacilantes pelo corredor e apoia a mão em uma cadeira vazia.

Então seus olhos travam nos meus.

Eu paro de respirar novamente.

Apesar de tudo entre nós, apesar de tudo dito e não dito, apesar de quão doente e abatida ela parece, ela sorri.

Ela sorri como se tudo fosse ficar bem.

— E a ganhadora da bolsa éé́é...a, a única....MOIRA MURRAY!

A voluntária de meia-idade que faz os anúncios faz mais barulho do que parece ser capaz, e a multidão explode em aplausos. Alguém agarra minha mão e levanta meu punho no ar, mas meu braço está flácido em seu aperto.

Ainda estou olhando para Kenzie. Seu sorriso vacila por um momento antes de se transformar em uma mistura de emoções que não consigo ler.

— Vocês todos a conhecem. Vocês todos a amam. Moira é uma…

— Espere.

O locutor faz uma pausa ao som da minha voz, que ressoa com uma autoridade urgente.

— Espere — eu repito, mais suave desta vez, enquanto eu tiro meus olhos de Kenzie e estendo minha mão para o microfone. — Tenho algo que quero dizer.

Eu vou fazer isso bem. Vou aceitar o que quer que seja aquele sorriso como um sinal para aparecer e estar lá para Kenzie de uma forma que ninguém esteve lá para ela antes.

O microfone está ao meu alcance. Eu limpo minha garganta antes de levá-lo à minha boca.

— Isso é uma honra — eu começo, de alguma forma soando muito mais calma do que me sinto. — Sério. Não estou apenas sendo brega.

Algumas risadas leves surgem da multidão. Mudei para o meio do palco e as luzes me deixaram parcialmente cego, mas ainda olho para o lugar onde sei que Kenzie está.

— Eu não posso aceitar isso, no entanto. Deve haver mais alguém neste palco conosco. Ela passou por muito mais do que eu para chegar aqui, muito mais do que qualquer uma de nós. Esse dinheiro deveria ir para a pessoa que poderia usá-lo melhor, então eu gostaria de dar a primeira bolsa de estudos da Organização de Dança Escocesa de Ottawa para Kenzie Andrianakis.

Um coro de murmúrios enche a sala, e eu até ouço algumas pessoas dizerem “Awww!” antes de alguém soltar um assobio e ainda mais aplausos.

Um dos voluntários me dá um tapinha nas costas, mas eu apenas dou um passo para a beirada do palco até poder dar uma olhada clara em Kenzie.

Meu estômago cai assim que eu faço.

A careta de traição torcendo seu rosto me diz que acabei de fazer algo muito, muito errado.

CAPÍTULO 21
KENZIE

O chão parece que está rolando sob mim. Eu apoio minha palma contra a parede fria do saguão vazio enquanto meu estômago dá uma guinada.

Fechando os olhos, eu me obrigo a respirar fundo e, em seguida, aperto a dobra de pele entre o polegar e o dedo indicador com a mão oposta. Algum artigo que li me disse que isso deveria ajudar quando você está se sentindo enjoado. Não sei se é verdade, mas pelo menos evito vomitar a meia fatia de torrada que forcei no caminho até aqui.

Eu me endireito e afasto a mecha de cabelo que caiu em meus olhos. Não sei quando perdi meu prendedor de rabo de cavalo. Eu nem sei se eu realmente peguei um antes de arrastar minha bunda escada abaixo até o carro da minha mãe.

Se a vontade de esvaziar o estômago não fosse prova suficiente, minha pele suada e o latejar surdo que reverberava no meu crânio não me deixariam escolha a não ser reconhecer: estou de ressaca.

Meia vida trabalhando para me provar neste lugar, e aqui estou eu, cheirando a vodca e tropeçando pelo saguão horas depois que eu deveria chegar.

Dou alguns passos vacilantes em direção às portas de vidro da frente, onde um lindo dia de abril está irradiando sua luz ensolarada no quarto em completa zombaria da minha vida. Paro quando meu estômago dá mais algumas cambalhotas e sou atingida pela vontade de vomitar.

Acho que não vou sair daqui sem vomitar.

Cruzo os braços sobre o estômago e me atrapalho até a porta mais próxima enquanto meus olhos começam a lacrimejar. Em vez de um corredor com banheiro como eu esperava, acabo em uma escada. Eu amaldiçoo baixinho e bato no corrimão, o metal frio e macio sob minha mão. Eu tropeço na borda de metal do terceiro degrau, minhas palmas batendo nos ladrilhos duros enquanto eu me seguro antes de conseguir bater minhas canelas. Rolo para o lado até aterrissar em um dos degraus e me curvo para a frente para deixar a cabeça cair entre os joelhos.

Se eu vou vomitar, vai ter que ser aqui.

Enquanto me sento curvada na posição do colete, um zumbido agudo cresce em meus ouvidos e depois desaparece alguns segundos depois. Algumas das náuseas desaparecem junto com ele. O suor na minha nuca começa a esfriar. Meus joelhos dobrados começam a tremer, mas não arrisco me sentar.

Descansando aqui na escada silenciosa com o mundo parado ao meu redor, quase posso fingir que estou em outro lugar. Quase posso fingir que nada disso aconteceu, que estou de volta à competição de setembro, que em alguns segundos vou me levantar e correr atrás daquela aluna fugitiva de Moira e depois ficar cara a cara com a própria Moira pela primeira vez em dois anos.

Talvez eu a beijasse naquele momento.

Talvez eu nem falasse com ela.

Não sei o que seria pior.

O ranger da porta da escada me faz levantar a cabeça, o mais rápido que

posso, sem fazer minha visão girar.

— Kenzie! — Moira está de pé com a mão apoiada na barra de empurrar, os olhos arregalados e arregalados. Algumas mechas de cabelo escaparam de seu coque alto e estão enrolando em torno de suas orelhas. — Ah meu Deus, Kenzie!

A náusea atinge tudo de novo, destruindo meu corpo com tanta força que eu tenho que abaixar minha cabeça novamente e tomar bufadas afiadas de ar pelo nariz. Eu a ouço correr e, em seguida, sinto a corrente de ar enquanto ela sobe os degraus e se abaixa para se sentar ao meu lado.

Meus membros ficam frios e meus lábios começam a tremer. Quando ela coloca a mão nas minhas costas, eu me encolho e me inclino para longe.

— D-desculpe — ela murmura. — Eu... eu... você... você está doente?

Não consigo encontrar minha voz para responder. Meu rosto começa a queimar da mesma forma que quando percebi o que ela estava prestes a dizer no palco. Eu pisco meus olhos abertos, e minha visão se estreita para focar no degrau na minha frente quando eu começo a tremer.

— Kenzie...

Sua voz está quebrada, e eu sinto a vibração de seus dedos nas minhas costas novamente. Ela os afasta meio segundo depois, antes que eu possa dizer a ela para não me tocar.

Eu não a quero aqui. Eu não quero nada disso. Ela praticamente disse a todo o auditório que sou um caso de caridade que precisa de esmolas que não mereço.

Posso ouvir o estrondo de tudo que passei anos construindo enquanto desmorona ao meu redor. Nada é estável. Nada é perfeito. Tudo é um monte de ilusões quebradas e esforços vãos para esconder o fato de que eu não sou a garota que estou tentando ser.

A parte inferior da escada cai, rachando e se movendo antes de cair, cair, cair no vazio escancarado abaixo – o mesmo nada que eu tenho andado na beirada de toda a minha vida.

— Kenzie, eu deveria ter perguntado.

Eu pisco algumas vezes, a visão do dia do juízo final desaparecendo. Eu posso ouvir meu coração bater em meus ouvidos, cada batida do meu sangue bombeando uma mistura vil de vergonha, arrependimento, fúria e uma dolorosa solidão por todo o meu corpo.

— Eu não deveria ter dito isso na frente de todos — continua Moira. — Eu deveria ter perguntado se era isso que você queria . Pensei... pensei...

Eu respiro trêmula, arrastando meus polegares até as costuras nos tornozelos da minha legging para me ajudar a me aterrar.

— O que exatamente você achou, Moira? Que eu queria uma esmola? Sério? Você não sabe muito sobre mim, mas eu pensei que você pelo menos sabia o suficiente para perceber que isso é exatamente a porra do *oposto* do que eu quero. Como você pode dizer isso sobre mim na frente de todos?

Não preciso olhar para cima para saber que ela se encolheu. Eu ouço sua respiração travar e sinto a picada das palavras quando elas saem da minha boca. Ela sabe sobre mim. Ela sabe muito sobre mim, mais do que eu deixei alguém ver em anos, e estou agindo como se nada disso importasse.

Eu gostaria que nada disso importasse. Eu gostaria de poder banir a estúpida vontade de me inclinar e colocar minha cabeça em seu colo, deixá-la envolver

seus braços em volta de mim e me balançar até que nada mais doa. Eu gostaria de poder fazer meu coração tão frio quanto minhas palavras.

Eu me forço a sentar. Eu balanço um pouco e envolvo minha mão ao redor da base do corrimão, respirando estremecendo antes de virar minha cabeça para olhar para ela.

Ela está em seu Aboyne, suas saias largas nos degraus e seu colete de veludo justo mostrando as curvas de seu peito. Ela se parece com aquele dia em que nos beijamos no corredor, só que agora sua expressão está distorcida pelo desespero e seus olhos parecem estar à beira de derramar lágrimas.

Minha garganta fica grossa, e eu aperto meu aperto no corrimão.

É como se eu a estivesse observando através de duas lentes ao mesmo tempo. Em um olho, ela é Moira Murray – a garota de ouro sempre a um passo de conseguir tudo o que quero.

Claro que ela ganhou a bolsa de estudos. Sempre seria ela. Enquanto corria para a escola depois de acordar no meio da tarde com a boca seca e uma dor de cabeça latejante, percebi que minha corrida cega pela porta não era para salvar minha chance de ganhar a bolsa.

Era sobre aparecer para vê-la vencer, conceder, ceder ao futuro sombrio que eu estava lutando para evitar e fazer as pazes ao colocar todos os meus sonhos de carreira em espera.

Isso tudo seria muito mais fácil se meu outro olho não a estivesse observando através de uma lente diferente, uma que não me deixasse esquecer como é ter meu corpo pressionado contra o dela, vê-la se mover na penumbra a luz de velas, dançar com ela, rir com ela até que nenhum de nós consiga respirar.

— Kenzie, eu não deveria ter dito assim, mas por favor, pegue a bolsa. Eu quero que você a tenha. Você precisa…

— Sim, eu sei o que você acha que eu preciso. — As palavras forçam seu caminho para fora da parte amarga e distorcida de mim que está rosnando de dor. — Você disse a toda a sala o que você acha que eu preciso, mas você está errada. Não preciso de dinheiro, não fui bom o suficiente para ganhar. O que eu preciso é... agora, o que eu preciso é dar o fora daqui.

Eu me forço a ficar de pé, mas nenhuma parte de mim se move, nem mesmo quando eu quebro nosso olhar e olho para a porta do saguão. Posso ouvir a conversa abafada da multidão lá fora agora, e um breve momento de náusea retorna quando percebo que vou ter que passar por todos eles.

— Kenzie, por favor. Eu sinto muito. — A voz de Moira é pouco mais que um sussurro. — Quando você olhou para mim, quando você estava no meio da multidão, eu pensei... eu pensei que você queria tentar de novo. Achei que você estava dizendo que não tinha desistido de nós.

Minha voz cai para um sussurro também quando o contorno da porta fica embaçado.

— Eu estava tentando dizer adeus. Sério. Eu estava tentando dizer que estava tudo bem você ter vencido. Eu nunca deveria ter competido em primeiro lugar. Só vou tirar uma folga da faculdade e...

— Maldição, Kenzie!

O grito de Moira ecoa pelas paredes, e as Crocs eu nem percebi que ela estava usando franja contra a beirada de um degrau enquanto ela chuta os pés em

ênfase.

Uma vontade mórbida de rir toma conta de mim, mas estou muito atordoada com a força de sua voz para fazer qualquer barulho.

— Olha, eu sei que fodi tudo agora — ela diz, suas bochechas e pescoço vermelho enquanto ela se inclina para chamar minha atenção de volta para seu rosto —, mas deixando isso de lado, por que diabos você continua dizendo que você *tem* que fazer as coisas, *tem* que ser de um jeito, tem que, tem que, tem que... Não faz sentido. Eu sei que nunca vou entender totalmente as coisas pelas quais você passou, mas eu não entendo como você pode me dizer que eu sou o suficiente e me ver te ouvir e depois se virar e me ignorar quando eu te disser exatamente a mesma coisa.

Seu peito está arfando quando ela termina, e ela balança a cabeça algumas vezes enquanto eu me sento lá, incapaz de me mover ou falar.

Uma parte minúscula e abatida de mim rasteja para fora do esconderijo para beber suas palavras.

— Você me disse que não preciso ser algo que não sou, e estou lhe dizendo a mesma coisa. Você é boa o suficiente. Você é mais do que boa o suficiente e não precisa ficar se enchendo de algum molde do que você acha que é a perfeição absoluta. Eu não... eu não me apaixonei pela versão perfeita de você.

Eu não consigo segurar meu suspiro.

— Moira...

Ela desvia o olhar quando eu não continuo e limpa a garganta.

— É verdade. Talvez você não se sinta assim, mas eu...

— Eu me sinto — eu deixo escapar, porque mesmo agora, eu não suporto vê-la sofrendo. — Eu me apaixonei por você também, Moira, e se as coisas fossem diferentes, talvez…

— Então deixe que elas sejam diferentes. — Ela se inclina mais perto, seus olhos brilhando. — Pegue a bolsa de estudos. Continue indo para a faculdade. Mantenha... me mantenha.

Ela está tão perto que tudo que eu tenho que fazer é alcançá-la e puxar sua boca para a minha, mas não o faço. Eu não posso, e junto com essa percepção vem o eco de sua pergunta para mim.

Por que continuo dizendo que tenho que fazer essas coisas? Ser assim?

As palavras continuam batendo e colidindo até que apenas uma soa clara.

Por quê?

Por que não posso fazer o que ela está pedindo? Por que estou dizendo não antes mesmo de me perguntar o que significaria dizer sim?

A pergunta é tão desorientadora que tenho que balançar a cabeça para esclarecê-la. A sala está começando a girar novamente, e nada disso faz sentido. Eu não sei mais de cima para baixo.

— As coisas desmoronaram, Moira. — Eu digo o nome dela, mas estou falando principalmente comigo mesmo. — É como se eu estivesse superando essa força esperando para me sugar para baixo, para baixo, para baixo por muito tempo, e finalmente me pegou. Isso... isso pegou Chris, e poderia derrubar tudo assim como quase o levou.

Uma imagem dele deitado na ambulância passa pela minha mente, seu corpo se contorcendo enquanto os paramédicos de rosto sombrio trabalhavam para

trazê-lo de volta do precipício.

— Eu pedi demais. Eu tentei... superar tudo isso, mas não consigo. Eu não posso ter tudo. Você acha que eu sou o suficiente, mas... veja o que aconteceu.

O rosto de Moira ficou pálido. Ela cruza as mãos no colo e as aperta.

— Kenzie, por favor, ouça. O que aconteceu com Chris *não* é culpa sua. Não tem nada a ver com você.

Essa pequena e faminta parte de mim está desesperada para ouvir mais, para devorar o que ela está dizendo, mas o resto de mim sabe que a refeição é uma ilusão, apenas papelão e areia na minha boca.

Eu balanço minha cabeça.

— Você não entende.

— Então me ajude a entender.

Ela levanta uma mão como se quisesse me tocar antes de deixá-la cair de volta em seu colo.

Eu poderia envolver meus dedos nos dela. Eu poderia puxá-la para perto. Eu poderia deixá-la entrar como ela está pedindo, mas eu já a deixei entrar uma vez, e é aqui que nos levou.

— Estou com medo de confiar em você de novo — murmuro.

Seu rosto se enruga de dor, mas antes que eu possa me explicar, antes que eu possa dizer a ela que sou *eu* que estou me segurando e não apenas o que ela disse no palco hoje, a porta abaixo de nós se abre e a conversa do saguão enche a escada enquanto Catherine Stewart entra.

Suas botas de salto baixo estalam no chão enquanto ela caminha para a base da escada. O clamor da porta se fechando atrás dela reverbera contra as paredes pintadas de blocos de concreto.

— Aí está você — ela diz, seu tom frio enquanto seus olhos focam em mim.

Minha coluna se endireita por instinto, meus ombros se endireitam e meu queixo levanta como ela me ensinou.

Se você se comportar assim, ninguém nunca vai questioná-la. Ninguém nunca vai saber que algo está errado.

Foi o que ela me disse quando fui deixada atrasada para a minha segunda competição e ela me encontrou chorando no banheiro porque eu estava com muito medo de entrar na academia de aquecimento uma hora depois de todos os outros. Ela me pegou e me fez recompor. Ela me ensinou o que fazer quando o mundo está desmoronando.

— Nós precisamos conversar.

Ela nem sequer olha para Moira, mas não consigo encontrar forças em mim para chamar sua atenção sobre isso. Eu não consigo nem mesmo olhar para Moira.

Eu não sei mais quem eu sou.

Há tantas versões de mim agora, todas colidindo umas com as outras aqui nesta escada, e não há como dizer qual Kenzie é real – ou se alguma delas já foi real.

— Kenzie. — O murmúrio tenso de Moira é apenas uma das dezenas me puxando em tantas direções. Viro a cabeça apenas o suficiente para avistá-la. — Eu...

Percebo que suas mãos flexionam em seu colo. Catherine bate o calcanhar no

chão enquanto alguns segundos silenciosos passam.

Moira respira trêmula antes de se levantar.

Eu não chamo enquanto ela caminha lentamente até a porta. Eu sento lá olhando para suas costas envoltas em xadrez. Eu não a paro quando ela sai, mas assim que ela se vai, algo em mim estala. Algo se solta.

Um soluço irregular e ofegante se força para fora de mim, e eu desmorono para a frente para deixar minha cabeça cair entre os joelhos. Ouço Catherine subir um degrau e depois outro antes de ficar quieta. Posso ver as pontas de suas botas de couro preto esperando por mim.

Eu envolvo meus dedos em torno de minhas canelas e aperto com força antes de me endireitar.

— Você está de ressaca. — Não é uma pergunta, mas eu ainda aceno. Seu rosto é uma máscara intransponível enquanto ela me olha. — O que aconteceu?

Olho para as minhas pernas, para o tecido preto liso delineando os músculos esculpidos por horas implacáveis no estúdio. Eu tento evocar o que posso da noite passada, mas a maior parte é um borrão.

— Minha mãe foi dormir cedo. — Minha voz sai robótica enquanto mantenho meu olhar fixo em minhas rótulas. — Eu estava... eu estava pensando no meu meio-irmão, e como eu nunca deveria ter me inscrito para essa bolsa com tudo acontecendo em casa, e... e era tudo demais. Pela primeira vez, foi foda demais.

— Então você ficou bêbada.

Espero mais aspereza em seu tom, mas não há emoção em sua voz.

Igual ao meu.

— Não sei o que me fez fazer isso. Eu quase nunca bebo. Eu tive essa garrafa de vodka pela metade por aí por uma eternidade, e depois de uma dose, eu tomei outra, e então... você entendeu.

— Achei que você queria ganhar hoje. — Eu olho para cima para vê-la dar mais alguns passos até que ela esteja no nível de onde estou sentada, mas ela apoia o quadril contra a parede em vez de se juntar a mim no chão. — Eu pensei que você estava falando sério, Kenzie.

— Eu estava. — Eu soo rouca, e faço uma pausa para engolir. — Eu queria. Mais do que qualquer coisa. Acho que talvez seja por isso que bebi. Quando acordei tarde hoje, a princípio entrei em pânico por perder a competição, mas no caminho para cá, percebi... talvez arruinei minha chance hoje para que fosse mais fácil desistir de tudo. Eu preciso estar em casa mais, claramente. Eu preciso estar lá para ela. Para Chris também. Mesmo se eu tivesse ganhado hoje, eu não poderia ter aceitado a bolsa. Mesmo que Moira...

O nome dela desencadeia uma luz estroboscópica pulsante de emoções, passando rápido demais para eu me prender a qualquer uma delas.

— Ela não deveria ter feito isso — diz Catherine.

— Não, ela não deveria ter feito isso. — Eu balanço minha cabeça. — Ela estava tentando ajudar, mas...

— Mas você não é um caso de caridade. — Catherine suspira e muda de posição. — Você é mais forte do que isso, ou pelo menos sempre foi. Esta bebida... não estou impressionada, Kenzie. Você é melhor que isso.

Estou muito ocupada deixando sua primeira frase se repetir na minha cabeça para sentir a sensação esmagadora de vergonha.

Não sou um caso de caridade.

Isso é exatamente o que eu disse a Moira, e os pelos da minha nuca se arrepiam quando ouço sair da boca de Catherine. Essa pergunta simples, mas aterradora, que Moira plantou em minha mente, treme e se debate para chamar minha atenção.

Por quê?

Por que eu acho que ser forte significa não receber nenhuma ajuda, não deixar ninguém entrar, não deixar ninguém ver qualquer parte do que eu lido todos os dias?

— Você é melhor do que tudo o que acontece em casa também.

Eu viro minha cabeça para encarar Catherine, o comentário o suficiente para acender algo em meu peito.

— "Tudo que acontece em casa" é minha *mãe*. Ela está doente, Catherine. Ela precisa de ajuda.

Ela suspira novamente, e o som espalha as faíscas em uma chama crepitante.

— Ela precisa da ajuda que está se recusando a obter e está arrastando você para baixo com ela. Eu disse isso para você por anos: você precisa...

— Estou cansada de me erguer!

Meu grito soa alto o suficiente para fazer seus olhos se arregalarem. Ela para no meio de sua frase com a boca aberta.

— Estou cansada disso — repito, mais quieta desta vez, mas alimentada com tanto fogo. — Estou farta de fingir. Toda vez que estou aqui, ou no estúdio, ou em *qualquer lugar*, estou fingindo. Eu não estou me erguendo nada. Eu só estou escondendo isso dentro de mim, e você sabe o quê? Acho que é *isso* que está me arrastando para baixo. Eu não sou como você, Catherine. Talvez eu não seja forte. Talvez eu não vá ter tudo como você. Talvez eu não seja seu prodígio perfeito. Eu sou apenas uma garota com uma família fodida e um conjunto de ideais ainda mais fodidos.

Eu nunca falei com ela assim. Eu nunca levantei minha voz para Catherine antes, e ela olha para mim como se houvesse um alienígena dentro do meu corpo.

— Eu não sei o que deu em você, Kenzie — ela diz depois de alguns momentos —, mas eu sei que se você tivesse aparecido e dançado hoje, você teria vencido, e você não teria que estar tendo o que quer que seja esse... colapso. Essa bolsa era para ser sua. Era para te ajudar.

Uma zombaria sarcástica explode em mim.

— Então eu deveria ter dito sim para Moira? Você não acabou de dizer que ela não deveria ter feito isso?

— Não é como eu pretendia que as coisas funcionassem, mas se você aceitar, pelo menos estará colocando os quarenta e dois mil reais onde eu pretendia que fossem.

Eu fico rígida, e meus ouvidos gemem como se eu tivesse acabado de levar uma pancada na cabeça.

— O que você quer dizer?

Ela se mexe para encostar as costas no corrimão e cruza os braços sobre o peito. As pontas sem corte de seu bob balançam onde estão escondidas atrás das orelhas.

— Eu sabia que ninguém poderia acender uma vela para você, Kenzie. Eu sabia que se você fosse para uma bolsa de estudos como essa, você ganharia. Eu acreditei em você. Eu sempre acreditei. Eu estava cansada de ver você jogar seu futuro fora e, ao contrário de Moira Murray, entendo que as oportunidades que *conquistamos* são as únicas que importam, as únicas que não são insultos, então fiz a doação anônima junto com algumas instituições. Eu não ia te contar, mas agora... honestamente, não sei o que fazer com você, Kenzie.

Eu não sei se é a bomba que ela acabou de jogar ou minha ressaca furiosa, mas de qualquer forma, a sala está girando novamente. Eu puxo meus joelhos para perto e descanso meu queixo neles para me firmar.

— Fazer comigo? — Algo sobre isso tem um gosto amargo na minha boca quando digo isso de volta para ela.

— Sim. Você está deixando escapar todo o seu potencial, e eu não sei mais o que fazer sobre isso.

— Você não poderia ter apenas... apenas falado comigo? — Eu pergunto, apertando meus olhos fechados para manter a escada parada. — Você realmente criou uma bolsa de estudos inteira para... o quê? Me ensinar uma lição?

— Se eu tivesse falado com você, se eu tivesse dito que queria pagar para você continuar seus estudos ininterruptamente, você realmente teria aceitado?

Eu abro minha boca para discutir sobre o quão ridículo tudo isso se tornou, mas eu fecho minha mandíbula novamente sem dizer nada.

Eu apenas disse não a alguém que me ofereceu exatamente a mesma coisa, alguém que se preocupa comigo e com os sonhos que estou perseguindo, mesmo que seu fraseado não tenha sido o melhor.

Eu teria dito não para Catherine também. Eu teria dito a ela que eu poderia lidar com isso sozinha. Eu teria feito o que ela me ensinou.

— Você não teria — ela responde por mim —, porque você *é* como eu. Você é forte e, neste momento, está se deixando esquecer.

Todas essas dezenas de vozes ainda estão travando uma guerra na minha cabeça. Algumas soam como Catherine, algumas soam como minha mãe, algumas soam como Chris. Algumas até soam como meu pai.

Muitas soam como Moira.

— Catherine.

Minhas pernas estão fracas quando eu me empurro para ficar de pé, mas eu agarro o corrimão para me apoiar e encontro seus olhos, nós duas em pé de igualdade agora.

— Eu não sou como você. Você acabou de... você me *fez* gostar de você.

Seus olhos se estreitam.

— Cuidado, Kenzie.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu não posso continuar sendo cuidadosa. Você não vê? Você não vê como nós duas somos diferentes? Não estamos sendo fortes quando agimos dessa maneira. Estamos apenas sendo muito boas em brincar de faz de conta e empurrar tudo que é desagradável para debaixo da cama. Quando foi a última vez que você realmente sentiu algo sobre sua família em vez de...

— *Kenzie!*

Ela grita meu nome alto o suficiente para me fazer pular, e seus olhos brilham

com uma fúria que eu nunca vi antes. O eco de seu grito ainda está reverberando pela escada quando a porta se abre novamente. Ambas as nossas cabeças giram para ver como a mãe de Moira paira na porta, olhando entre nós dois.

— O que foi, Margarete? — A voz de Catherine é penetrante, quase cruel.

Não é o suficiente para incomodar a mãe de Moira.

— Moira não está aqui, está? — ela pergunta, paciente e calma.

— Não — Catherine responde antes que eu possa dizer qualquer coisa. — Ela se foi.

— Hum. Ela provavelmente está no carro. — A mãe de Moira continua parada ali com a mão apoiada na barra de empurrar da porta, seus olhos correndo para mim. — Está tudo bem aqui?

— Estamos bem, Margareth. Não há nada para você *consertar*.

Eu nunca ouvi tanto veneno no tom de Catherine antes. É o suficiente para me fazer olhar para ela com os olhos arregalados. Ela está olhando escada abaixo como se quisesse incinerar a mãe de Moira com o poder de sua mente.

— Apenas verificando, Catherine. Kenzie, você está bem?

Estou bem longe de tudo, mas preciso terminar essa conversa com Catherine. Concordo com a cabeça algumas vezes, e a mãe de Moira se retira para o saguão com um aceno.

Catherine começa a dizer alguma coisa, mas eu a interrompo.

— Não sei exatamente o que está acontecendo comigo e não tenho ideia em que diabos acreditar, mas não posso mais fazer isso. Eu não posso viver assim, e toda essa merda que você me ensinou, esse molde em que você me moldou... não ajuda. Não ajuda você ou eu. A dor ainda está lá para nós duas.

Seu peito está arfando, e posso ver um rubor subindo pela gola de sua blusa de seda.

— Eu disse para você ter cuidado, Kenzie. Não me pressione nisso. Você…

Eu levanto uma mão.

— Não é sobre você. É sobre... acho que finalmente é sobre mim.

Com meu coração batendo forte e minha cabeça ainda latejando, eu me viro e dou alguns passos escada abaixo.

— Eu não dou segundas chances, Kenzie.

Faço uma pausa, os olhos na maçaneta da porta. Meus ombros começam a tremer.

— Você está chateada e de ressaca, mas não seja estúpida.

Isso pode ser estúpido. Também pode ser a coisa mais inteligente que já fiz.

Com certeza é uma das mais assustadoras.

— Se você se afastar, você está se afastando do seu trabalho, da academia... de mim.

Eu não sei se ela quer dizer isso. Não sei se estou apenas chamando seu blefe, ou se realmente estou desistindo de tudo quando alcanço a porta.

Eu abro de qualquer maneira e respiro fundo o ar.

CAPÍTULO 22
KENZIE

EU não percebo para onde estou indo até que paro o carro na minha vaga de estacionamento habitual. A parede de tijolos vermelhos da Academia Rebecca Stewart de Dança Escocesa aparece na minha frente, parecendo muito mais alta do que seu andar único hoje.

Eu desligo o motor e solto o cinto de segurança antes de afundar contra o banco do motorista para continuar olhando pelo para-brisa, meus olhos traçando as linhas entre os tijolos. O brilhante sol de abril está fazendo um estrago na minha cabeça, mas a náusea parece ter ido embora e eu não estou mais suando.

Meu coração ainda está a mil por hora, e eu não posso dizer se é da ressaca ou da última descarga de adrenalina que me tirou da escola e entrou no carro.

Eu vi Moira no estacionamento. Ela estava curvada no banco do passageiro do carro de sua família, mas eu reconheci o castanho dourado de seu coque meio desfeito. O braço de sua mãe estava em volta de seus ombros, e eu saí antes que qualquer uma delas pudesse me ver pelo espelho retrovisor.

Meu peito parecia estar se abrindo cada vez mais à medida que me afastava de Moira, mas não conseguia parar e falar com ela. Ainda não tenho palavras, nem mesmo para mim.

Saio do carro e o tranco atrás de mim, meus passos são o único som no estacionamento estreito e vazio que se estende por todo o edifício.

Eu viro a esquina para ficar na frente da vasta extensão de janelas ao lado da porta de vidro da frente. O nome e o logotipo da ARS estão escritos em chapa de corte a laser acima deles. A metade inferior das janelas é coberta com um filme opaco para privacidade, mas acima disso, posso apenas vislumbrar o topo dos espelhos em um dos estúdios.

Acho que posso pegar minhas coisas caso Catherine realmente me demita.

O pensamento me faz soltar uma risada amarga. Vou até a porta e pego minha chave na bolsa. Já abri essa porta tantas vezes que tenho certeza que conseguiria de olhos fechados. O saguão interno é tão familiar, desde as sapateiras de metal cobertas com bancos de couro liso até a mesa coberta de linóleo com outro recorte de metal do logotipo da escola preso na frente.

Até mesmo o cheiro forte e químico do limpador de carpete e do polidor de piso é reconfortante. Eu tiro minhas botas, sem me preocupar em colocá-las em uma prateleira, e me aproximo para traçar a borda romba do logotipo com a ponta do dedo.

Na parede atrás da recepção, há uma exposição de fotos, todas dispostas em molduras brancas idênticas. Cada uma mostra um momento crucial na história de excelência da escola, mas mesmo que o logotipo diga “Fundada em 1976”, as fotos são todas depois que Catherine assumiu a escola de sua mãe.

Catherine está com seu sorriso de lábios apertados em algumas das fotos. Na frente e no centro da tela, ela está com a mão no meu ombro enquanto eu seguro meu troféu de segundo lugar do campeonato mundial na Escócia. Estamos de pé sob uma tenda branca com laterais abertas, um campo verde ondulante e o raro brilho de um dia ensolarado escocês visível atrás de nós.

Lembro de agarrar as laterais lisas do troféu quando tiramos aquela foto. Minha jaqueta de veludo estava grudada no meu torso suado, e tudo que eu conseguia pensar era em como era decepcionante perder para Moira.

Por quê?

A palavra continua cortando meus pensamentos como uma flecha se recusando a desacelerar ou pousar. Não sei onde está seu alvo final. Eu não sei o quanto isso vai rasgar no caminho.

Afasto meus olhos das fotos e sigo para o vestiário no final do corredor, mas paro na frente de um dos estúdios. A porta foi deixada aberta, e posso me ver em uma das paredes espelhadas imaculadas.

Eu estou horrível. Meu cabelo está solto e emaranhado. Meu rosto está inchado e vermelho, embora eu não tenha chorado muito. Minha roupa é um par de leggings descuidadamente selecionado que tirei do meu cesto de roupa suja e um velho suéter cinza embaixo do meu casaco.

Apesar de meu reflexo ser desanimador, dou alguns passos para o estúdio. Três das paredes são revestidas com espelhos, a quarta pintada em um branco brilhante e limpo que combina com o hall e a entrada. O limpador de chão deve ter chegado ontem à noite; a superfície branca e elástica brilha quando ligo o interruptor de luz.

Eu dou um passo para o meio da sala, abrindo meus braços enquanto giro algumas vezes e então paro abruptamente quando meu estômago gira em protesto. Eu me sento, as pontas do meu casaco aberto se espalhando ao meu redor. Eu puxo meus joelhos em meu peito e os abraço, meu olhar fixo na garota me olhando no espelho.

Algumas pessoas podem chamar a vibe de decoração da ARS de austera ou mesmo severa, e eu admito que comparado à vibe familiar da escola Murray, os tons monocromáticos e as superfícies brilhantes são um pouco impessoais, mas isso não impediu que este lugar se tornasse minha casa.

Foi aqui que aprendi a ensinar, a transformar minha capacidade de observação e precisão em um dom que poderia ajudar meus alunos a voar alto. Foi aqui que aprendi a voar também, a pular, girar e saltar, para cima e para longe de qualquer coisa que me fizesse sentir pequena e impotente.

Encontrei algo para alcançar nessas salas, algo que me puxou por tantos momentos sombrios.

Eu sei que Catherine encontrou isso aqui também.

Pela primeira vez desde que saí da escada na competição, deixei o medo e a dor do que ela me disse bater no meu peito como golpe após golpe de um punho de ferro.

Eu poderia perder tudo isso. Eu poderia perder Catherine, e a parte de mim que se sente banhada em alívio com o pensamento só faz o resto de mim doer ainda mais.

Eu não sei como sentir. Eu não sei o que pensar. Tudo está se partindo nas costuras.

No espelho, meus olhos ficam vidrados e brilham sob as luzes antes que minha visão fique embaçada. Lágrimas quentes deslizam pelo meu rosto, e eu aperto minhas pernas com mais força quando o primeiro soluço destrói meu corpo. Os soluços continuam vindo, de novo e de novo, me deixando ofegante e

balançando para aliviar um pouco da dor.

— Não sei o que fazer — eu arquejo entre soluços. — Não sei o que fazer. Não sei o que fazer. *Nãoseioquefazer*.

Eu abaixo minha cabeça e rolo minha testa para frente e para trás na superfície dura dos meus joelhos enquanto minha dor de cabeça aumenta. Há ranho escorrendo pelo meu rosto e se acumulando nas coxas da minha legging.

Eu tinha quase tudo, e agora não tenho nada.

É o que eu sempre tive medo, e agora está aqui. Eu não posso correr. Eu não posso pular fora. Eu me inclino e me enrolo em posição fetal enquanto o poço profundo e escuro do qual tenho fugido toda a minha vida engole o chão debaixo de mim.

Eu caio. Eu caio, caio e caio, e enquanto estou deitada tremendo e chorando sozinha na pista de um estúdio de dança, percebo que este é o fundo. Este é o desconhecido que sempre me assombrou. Isso é o que eu tenho lutado para escapar.

Ele me pegou agora, e eu ainda estou aqui. Eu ainda estou respirando. Ainda há terra debaixo de mim e céu acima da minha cabeça.

Ainda há hoje, e amanhã, e depois disso.

Eu ainda sou eu.

Eu ainda tenho isso.

Respiração por respiração, meus soluços se transformam em fungadas e depois em inalações trêmulas antes de finalmente suavizarem em um ritmo que me acalma. Descanso por mais alguns momentos e depois me coloco em uma posição de pernas cruzadas.

Cheguei ao fundo e voltei.

Eu limpo minhas bochechas com as mãos e depois faço uma careta enquanto uso a ponta do meu suéter para limpar o ranho. Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo e coloco atrás das minhas orelhas.

Continuo respirando.

Quando estou pensando em me levantar, uma série de batidas na porta da frente ecoam pelo corredor.

Eu congelo, um pico de alarme subindo pela minha espinha.

Não damos aulas em dias de competição. Não há razão para mais ninguém estar aqui.

Eu espero, forçando meus ouvidos para qualquer outro som, e as batidas voltam um momento depois.

Lentamente, como se estivesse em algum tipo de missão de espionagem, me levanto e testo meus membros enfraquecidos antes de ficar na ponta dos pés para espiar o saguão. Uma das tábuas cinzentas do piso de madeira falsa range quando entro no corredor. Posso ver uma mulher na porta e, assim que avisto seu rosto, meus passos param vacilantes.

A mãe de Moira está aqui.

Ela me vê e levanta a mão em um aceno, um sorriso hesitante no rosto. Eu fico lá piscando por alguns segundos enquanto o choque passa e então ando até a porta.

— Hum, oi — eu digo quando uma rajada de vento frio desliza. A tarde ensolarada está desaparecendo agora.

— Olá, docinho. — Seus olhos varrem meu rosto e se enrugam com preocupação. Tenho certeza de que pareço ainda mais bagunçada agora que estou chorando. — Desculpe se eu te assustei. Você se importa se eu entrar?

— Ah. Entre. É claro.

Dou um passo para trás para que ela possa entrar e ficar de pé no grande tapete preto. Por baixo da jaqueta azul-marinho, ela ainda está vestindo a camisa da Escola Murray e a calça preta que vestiu na competição. Brincos em miniatura em forma de ghillie estão pendurados em suas orelhas.

— Acho que você está se perguntando por que estou aqui.

— Estou — admito, e estou surpresa ao me ouvir rir também quando ela ri.

— Acabei de ter um palpite de que você poderia estar aqui e que seria bom ter alguém para checar você. Eu posso sair se você quiser. Sem pressão. — Ela coloca um polegar sobre o ombro para apontar de volta para a porta.

— Ah, não. Você não precisa sair, Sra. Murray. Eu só... como você sabia que eu estaria aqui?

— Você pode me chamar de Margaret, querida. — Ela dispensa minha formalidade. — Eu ouvi... eu ouvi um pouco do que está acontecendo de Moira, e depois de esbarrar em você na competição, eu pensei... bem, eu sou mãe. Eu me preocupo. É meu trabalho. Chame isso de instinto de mãe, ou talvez apenas uma coisa das terras altas, mas imaginei que se você é o tipo de pessoa que ama dançar tanto quanto minha Moira e eu, você pode acabar aqui em um dia como hoje.

— Eu... eu… — Eu gaguejo em silêncio enquanto ela olha para mim com tanto calor e preocupação que quase caio de volta em soluços. Seu tom carinhoso faz parte de mim querendo correr direto para seus braços, mesmo que mal tenhamos falado antes de hoje.

— Ah, então você tem um hall da fama de Stewie. — Ela dá alguns passos mais perto da recepção enquanto seus olhos se dirigem para a parede da galeria, rindo para si mesma. — Você sabia que é assim que Moira chama todos aqui? Stewie?

Meu peito aperta, e pressiono meus lábios enquanto aceno.

— Sim.

Eu posso ver Moira em seu rosto, ouvir Moira em sua voz de vez em quando, e isso deixa meu coração dolorido.

— Catherine tem muito do que se orgulhar. — Margaret fica mais quieta enquanto examina as fotos. Ela descansa as mãos em cima da mesa larga, e eu vejo um de seus dedos bater em um ritmo lento. — Você sabe, a Academia Rebecca Stewart parecia muito diferente naquela época. Eu nem sabia o endereço do novo local. Eu tive que procurar. É… — Ela faz uma pausa e olha ao redor da sala. — É muito *Catherine* aqui.

Eu dou uma risada.

— Sim, pode se dizer isso.

Ela se volta para as fotos, e eu olho para seu perfil. Há uma mudança em sua expressão que não consigo identificar. Ela quase parece melancólica.

A curiosidade toma conta de mim, e eu pergunto:

— Então você já esteve na velha escola antes? Você costumava competir contra Catherine, certo? Acho que ouvi dizer que você tinha algum tipo de... tipo

de rivalidade famosa?

O canto de sua boca se levanta.

— Pode se dizer isso.

Ela fica em silêncio por alguns segundos, e começo a pensar que é a única resposta que estou recebendo, mas então ela suspira.

— Tivemos uma rivalidade, sim. Nossa rivalidade poderia ter rivalizado com você e Moira, mas... todo mundo parece ter esquecido que por alguns anos, Catherine e eu éramos muito boas amigas. Melhores amigas.

Ela deve ouvir meu suspiro abafado; ela quebra seu foco nas fotos para sorrir para mim.

— Chocante, eu sei. Minha família se mudou para Ottawa quando eu estava no colegial. Eu era das terras altas da costa leste e entrei para a Academia Rebecca Stewart quando cheguei aqui. Não era... *isso* antigamente. — Ela levanta a mão para indicar a vibração de alta classe da sala. — Mas era um bom lugar para aprender. Catherine e eu nos demos bem imediatamente. Fomos para diferentes escolas de ensino médio, mas tínhamos festas do pijama quase todos os fins de semana e ligávamos ao telefone quase todas as noites. Nas competições, costumavam nos chamar de time dos sonhos. Sempre dissemos que não nos importamos com quem ganhasse, desde que fosse uma de nós.

Eu pisco algumas vezes, inclinando meu peso contra a mesa enquanto processo.

— Você está falando sério?

Ela dá um tapa brincalhão no meu braço.

— Claro que estou.

— Desculpe. Eu sei que você não está mentindo. É só que... Catherine nunca mencionou nada disso para mim.

Ela dá de ombros, e aquele mesmo olhar melancólico toma conta de seu rosto.

— Como eu disse, a maioria das pessoas parece ter esquecido disso, incluindo a própria Catherine.

— Então vocês se separaram?

Ela abre e fecha a boca algumas vezes, uma das mãos esfregando a outra em cima da mesa.

— Foi um pouco mais... abrupto do que isso, embora ela tenha se distanciado um pouco antes. Catherine... ela passou por alguns momentos difíceis.

Eu deixo cair meu olhar para o chão, minha voz baixando.

— Você quer dizer coisas com o pai dela, certo?

A voz de Margaret baixa também.

— Então ela lhe contou sobre isso?

Eu estava no colegial quando Catherine me contou. Fui arrasada em uma competição depois de uma semana de merda em casa durante as fases iniciais do divórcio entre minha mãe e o pai de Chris. Catherine me encontrou praticando sozinha em um dos estúdios no dia seguinte, trabalhando perigosamente perto do ponto de lesão.

Ela me sentou e ouviu enquanto eu lhe contava o que estava acontecendo, e foi quando ela me contou sobre seu pai ficando violento quando ela estava no ensino médio. Ela disse que na maioria das vezes ele jogava coisas e gritava, e que era o suficiente para deixar toda a família aterrorizada com o pior.

Eu tinha resistido a algumas brigas de gritos, mas nada disso. Ainda assim, nós duas sabíamos a necessidade de escapar, de querer melhor. Foi a mesma motivação que já me deu a certeza de que um dia eu queria ser assistente social.

Depois que ela me contou, Catherine me ajudou a criar um cronograma de treinamento que não me mataria e, daquele dia em diante, nós duas nos comprometemos a chegar ao campeonato mundial antes de me formar no ensino médio.

— Ela contou. — Eu aceno, ainda olhando para o chão. — Eu... as coisas nem sempre foram ótimas em casa para mim também. Eu nunca lidei com abuso, graças a Deus, mas tem sido… difícil.

Margaret se aproxima e desliza sua mão para a minha. Ela me dá um olhar questionador, e quando eu aceno, ela fecha os dedos quentes em volta da minha palma.

O simples gesto faz meus olhos lacrimejarem e, antes que eu possa me conter, deixo escapar:

— Minha mãe tem uma depressão muito forte.

Um som estranho de asfixia sai da minha garganta, e antes que eu perceba, Margaret está com os braços em volta de mim e eu estou me inclinando para ela enquanto ela acaricia meu cabelo.

— Eu sei que não é culpa dela — eu me pego dizendo enquanto algumas lágrimas deslizam pelo meu rosto e para a jaqueta de Margaret. — Eu me sinto tão mal por lutar com isso, mas eu também... eu quero uma vida. Catherine sempre me disse para superar tudo o que me deixa para baixo, mas... mas também não quero deixar minha mãe para trás ou pensar nela como um fardo. Ela é minha mãe. Eu só... eu não sei o que fazer. Eu pensei que queria ser como Catherine, mas eu... eu não quero. Eu não posso me desligar da minha família como ela fez. Não quero me isolar de *todos* como ela fez.

Margaret continua acariciando meu cabelo enquanto eu continuo me inclinando em seu abraço.

— Ah, querida — ela murmura. — Você nunca se sente mal por lutar com nada disso. Você é tão jovem, e isso parece muito.

Às vezes é tanto que me sinto absolutamente achatada pelo peso.

— Está tudo bem — Margaret acalma. — Está tudo bem.

Depois de me acalmar um pouco, me endireito e saio do abraço, mas não recuo ao longo da mesa. Ficamos lado a lado enquanto Margaret olha entre mim e as fotos.

— Eu sempre pensei que Catherine se via em você. Quando você e Moira desenvolveram sua pequena rivalidade, eu... bem, é engraçado como as coisas acontecem.

Eu olho para a foto do campeonato mundial, para o quão duras nós duas parecemos mesmo durante o momento culminante de toda a minha carreira na dança.

— O que você quer dizer?

Margaret cantarola por um momento enquanto pensa.

— Eu acho que engraçado é a palavra errada. É... estranho, quase, ver a história se repetir. Você está muito certa de que Catherine se isolou de todos. Ela tem há muito tempo. Eu acho que é a única maneira que ela já conheceu como

lidar. Quando ela começou a se isolar de mim no ensino médio, eu continuei empurrando. Eu disse a mim mesma que eu seria a única a estar lá para ela. Eu não desistiria da minha melhor amiga, mas... eu forcei demais.

Ela começa a deslizar uma de suas mãos sobre a outra na mesa novamente.

— Uma noite, o pai dela ficou particularmente mal quando eu estava fazendo lição de casa com Catherine. Quando o vi ficar bravo assim, fiquei apavorada – não apenas por mim, mas por ela. Pela família. As coisas estavam muito piores do que eu pensava, e eu... fui muito direta. Continuei insistindo em chamar a polícia, e Catherine entrou em pânico. Ela não queria que ninguém soubesse. Ela não queria que fosse real. Eu sei que a polícia não era a pessoa certa para chamar, mas eu não sabia nada naquela época, então eu fiz isso. Eu estava tão assustada. Catherine já tinha me expulsado de casa. Ela me chamou de muitos nomes e disse que iria arruinar minha vida. Doeu naquela época, mas eu não a culpo. Mesmo com o que a polícia fez, a família continuou morando com o pai dela por anos depois daquela noite, mas... Catherine nunca mais falou comigo, exceto por algumas palavras duras nas competições.

Eu deixo a história afundar enquanto ficamos em silêncio por alguns momentos. A conversa de Catherine e Margaret na escada faz todo o sentido agora, e meu coração dói por ambas.

— Moira sabe sobre isso?

Margaret balança a cabeça.

— Ela sabe um pouco que Catherine e eu éramos amigas, mas o resto é história de Catherine, não minha. Estou lhe contando porque você parece já conhecer a maior parte do lado dela, e... e porque eu sei que Moira te machucou hoje. Eu sei que ela agiu precipitadamente sobre algo que ela nunca entenderá completamente. Não posso afirmar que entendo completamente a sua situação ou a de Catherine, e não estou tentando entrar nos negócios de você e de Moira, mas achei que você merecia saber que, aconteça o que acontecer com você e Moira, você sempre terá um lugar seguro na minha casa, e se você precisar de um lugar para dançar, há muito espaço na Escola Murray.

Minha garganta fica grossa.

— Margaret, isso é... isso é...

Ela levanta uma mão.

— Eu não vim aqui para empurrar as coisas e não preciso de uma resposta. Eu só queria dizer isso.

Eu engulo em torno do caroço que está me sufocando e murmuro:

— Obrigada.

Ela acena.

— É melhor eu ir.

Ela dá um passo para trás, mas em vez de sair, seus dedos se abaixam para traçar o logotipo de metal afixado na mesa.

— Sempre pensei que ela mudaria o nome — diz ela, tão baixinho que a princípio não tenho certeza se ela está falando comigo. — Rebecca Stewart deixou a cidade anos atrás, e ouvi dizer que ela e Catherine tiveram uma briga anos antes disso, mas ela nunca mudou o nome da escola.

Observo enquanto ela enrola a ponta do dedo na borda superior do “R” no logotipo, aquele que representa a mãe de Catherine.

— Ela ainda tem muito amor nela, Kenzie. — Margaret olha para mim. — Você também. Eu sei. Acho que você vai encontrar o seu caminho.

Não saio do meu lugar ao lado da mesa enquanto ela se despede e volta para fora, mas assim que a porta se fecha, falo no silêncio.

— Sim. Eu vou.

CAPÍTULO 23
KENZIE

EU deixo o estúdio alguns minutos depois de Margaret e direciono a rota familiar de volta para casa. Depois de entrar em nossa vaga de estacionamento, sento com o motor desligado e olho para o arranha-céu à minha frente.

Eu não sei o que vai acontecer quando eu entrar lá. Hoje em dia, eu nunca faço isso, mas eu sei que algo tem que mudar.

Para mim. Para minha mãe.

Não quero que ela se transforme em uma memória distante e dolorosa inscrita no logotipo de uma escola de dança, mas já posso sentir o ressentimento rastejando no modo como me sinto por ela.

Ela não merece isso, e nem eu, então precisamos fazer isso de forma diferente.

Quando chego à nossa unidade, encontro ela sentada à mesa da cozinha com o laptop na frente dela. Uma das janelas da sala está aberta, enchendo todo o apartamento com o cheiro rico e terroso da primavera. Ela sorri quando olha para cima e me vê. Seus ombros estão envoltos em um cobertor fofo e ela está vestindo um suéter roxo limpo por baixo.

— Kenzie! Eu estava começando a me preocupar. Foi um longo dia para você hoje, hein?

Termino de pendurar meu casaco no armário e vou até ela para colocar a mão em seu ombro.

— Você não precisa se preocupar, mãe. Estou aqui.

Ela coloca seus dedos sobre os meus.

— Eu estava preocupada com *você*, Zee-zee. Eu estou bem hoje. Melhor do que bem, na verdade.

Uma vibração de esperança bate suas asas em meu peito, mas eu sei que não devo considerar um bom dia como sinal de algo mais. Vou até o sofá e me jogo. Uma onda de exaustão toma conta de mim assim que toco nas almofadas. Há tanta coisa que preciso dizer a ela, e não sei por onde começar. Não posso fazer isso em um dia ruim, mas também não quero estragar um bom.

— Você parece muito cansada. Está tudo bem?

A palavra “não” está na ponta da minha língua, mas não consigo pronunciá-la. Estou muito acostumada a lutar pelo controle, a segurar tudo para que eu possa segurar todos ao meu redor.

— Dia longo — eu finalmente consigo responder.

— Hum. — Ela se levanta da cadeira e vem se juntar a mim na outra almofada. — Você quer falar sobre isso?

Já faz um tempo desde que eu vi seus olhos tão claros e focados. Já faz um tempo desde que eu senti que ela estava bem o suficiente para realmente *me* ver, do jeito que a mãe de Moira olhou para mim e viu tudo hoje.

— Estou... estou com medo — admito. — Tanta coisa aconteceu hoje. Tanta coisa aconteceu nos últimos meses, e... eu te amo, mãe. Eu realmente amo. Você sabe disso, certo?

— Claro que sim, Kenzie. — Ela se move para ficar de frente para mim. — Eu também te amo. Eu... eu tenho algumas coisas que quero lhe dizer também.

— Ah? — Eu olho para ela, procurando alguma dica do que está por vir. — Por que você não vai primeiro?

Ela solta uma risada triste e arrasta uma almofada para o colo, as mãos alisando o tecido estriado.

— Essa é uma das coisas que eu quero falar. Depois do Chris... Depois do que aconteceu com o Chris, percebi algumas coisas. Percebi que você está fazendo exatamente isso há muito tempo: você sempre me colocou em primeiro lugar, e eu estava doente demais para perceber.

Suas palavras enviam um choque através de mim, e eu inclino minha cabeça enquanto olho para ela.

Ela nunca disse que estava doente antes. Ela sempre chama isso de “um pequeno problema ou “sentir-se triste”. Ela sempre muda de assunto quando tento abordar a depressão como uma doença.

— Tudo tem estado tão nebuloso, e eu tenho... tenho estado com tanto medo disso. Eu tenho sido como uma pessoa se afogando agarrando qualquer coisa à vista. Eu agarrei você, muito mais do que é justo. Você é minha filha. Eu deveria cuidar de você.

— Mamãe. — Eu avanço para agarrar sua mão, deslizando para sentar ainda mais perto. — Nós cuidamos uma da outra. Somos uma família. Eu quero ajudar você.

— Eu sei que você quer. — Ela aperta minha mão de volta. — E você tem ajudado, mas... não podemos continuar assim. Ver Chris assim me fez perceber isso, e tenho trabalhado para me organizar e contar a você.

Meus ombros ficam tensos.

— Contar o quê?

Ela respira fundo antes de falar novamente.

— Depois que Chris se recuperou e voltou para sua casa, liguei para minha irmã. Ela está oferecendo isso há meses, e eu sempre disse não, mas desta vez, eu concordei. Vou morar com ela em Belleville no verão. Ela tem esse grande projeto de paisagismo em que vamos trabalhar e... e ela vai me ajudar a encontrar alguém com quem conversar online. Não apenas um psiquiatra. Quero tentar falar com algum tipo de conselheiro, como você gostaria que eu fizesse. Quando eu voltar, quero me sentir melhor. Posso precisar de mais tempo para ficar totalmente melhor, e nem sei se isso é possível para mim, mas quero tentar. Acho que você e eu precisamos de tempo para entrar em contato conosco.

Eu me sinto prestes a desmaiar no sofá. Meu coração está acelerado e meu peito está tão cheio que está ficando difícil respirar.

— Mãe… — eu sussurro. — Eu... quero dizer... você tem certeza?

Ela acena.

— Mais certeza do que eu tive de qualquer coisa em muito tempo. Passei o dia de hoje no telefone com ela fazendo alguns arranjos enquanto você estava fora. Ela está vindo para me buscar na semana que vem.

Eu me sento mais reta.

— Semana que vem?

— Sim, no próximo domingo.

Meu peito se enche ainda mais, minhas costelas se expandem para segurar tudo.

Isso é real.

Eu vou de imóvel para balbuciar sem parar ao longo de alguns segundos.

— Tem certeza? Isso é tão rápido. Você realmente vai ficar bem em algum lugar novo? Você não precisa sair. Eu posso ir. Podemos falar mais sobre isso. Eu…

— Kenzie. — Ela aperta minha mão para me cortar. — Tenho certeza, e vou ficar bem. Isso parece certo.

— Mãe… — Minha voz falha, e pelo que parece ser a décima vez hoje, meus olhos começam a arder. — Vou sentir sua falta.

Ela se aproxima o suficiente para se inclinar e pressionar sua testa na minha.

— Vou sentir sua falta todos os dias, Kenzie, mas prometo que quando eu voltar, as coisas serão diferentes.

Ela se endireita, e eu me viro para enxugar os olhos. Eu não sei como confiar nisso. Eu nem sei se posso confiar, mas ela está dizendo as palavras que eu desejo há anos.

— Ah, Zee-zee. — Ela passa a mão pelo meu braço. — Você vai sentir minha falta por uma semana, e então você vai perceber o quanto você ama ter o lugar para você.

Ela ri, mas não consigo me juntar. Estou muito ocupada tentando não chorar de novo. Estou presa em algum lugar entre choque, alegria e confusão.

— Você até tem minha permissão para dar algumas festas loucas, mas tenho certeza que você estará ocupada estudando, sua nerd. Você ainda está fazendo aquelas aulas de verão, certo?

Eu olho para os meus pés com meias enquanto a apreensão envolve meus pulmões.

Ela não sabe que eu perdi a bolsa. Ela nem parece saber que foi premiada hoje. Não posso culpá-la; tenho tentado não incomodá-la com nada desde a overdose de Chris.

— Hum, sobre isso... eu não sei se vou ficar.

Eu olho para cima e a encontro apertando os olhos para mim.

— O que você quer dizer? Você estava tão animada quando se inscreveu para elas, e a bolsa de estudos… Ah, Deus, Kenzie, a bolsa de estudos! Isso foi hoje?

Eu olho para o chão novamente enquanto ela leva a mão para cobrir a boca.

— Eu não ganhei.

Ela estende a mão para apertar meu joelho.

— Ah, Ze-zee...

— Eu... eu definitivamente não posso mais pagar as mensalidades de verão, e acho que posso ter que tirar todo o ano que vem de folga para trabalhar.

— Não, não, não. — Minha mãe balança a cabeça. — Não podemos fazer isso. Você tem todo o seu plano escolar mapeado. Você tem há anos. Nós... nós vamos descobrir alguma coisa.

Suas palavras não têm a mesma convicção de quando ela estava falando sobre seus planos de verão; apesar do quão nebulosa ela esteve nos últimos meses, ela sabe tão bem quanto eu que não há nada para descobrir.

Nós não temos o dinheiro. É simples assim.

— Eu poderia falar com minha irmã novamente. Pode ser…

— Não. — Agora sou eu balançando a cabeça. — Não é grande coisa. Não sei porque me importo tanto. É apenas um ano.

Por enquanto. Eu sei com que facilidade as despesas aumentam e, se eu desistir de um ano, posso acabar desistindo de dois, e depois mais, e depois me perguntando se faz sentido voltar para a escola. Foi exatamente o que aconteceu quando Chris deixou a escola de comércio para economizar mais dinheiro.

Trabalhei muito para chegar onde estou. Eu acumulei tanto impulso, e parece que estou arrancando meu próprio braço para ter que deixar tudo ir.

— Kenzie, querida. — Ela aperta meu joelho novamente e morde o lábio por um momento, me olhando. — Você dá tanta ajuda, mas nunca aceita. Você nunca deixa ninguém estar lá para você.

As malditas lágrimas ameaçam cair novamente.

— E se… — eu começo a perguntar em voz baixa. — E se eu fizer isso e eles não aparecerem? E se eu desistir do controle e for um erro? E se eu perder muito mais do que tinha em primeiro lugar?

Ela estende a mão para tirar um pouco de cabelo do meu rosto.

— Não estamos mais falando de dinheiro, estamos?

Eu balanço minha cabeça, a história forçando seu caminho para fora de mim.

— Mãe... tem essa garota e ela quer me ajudar. Ela... ela é quem ganhou a bolsa, e ela quer que eu a tenha, e ela também quer... ela quer estar lá para mim. Eu... acho que quero isso também, e quero estar lá para ela, mas não sei como deixá-la fazer isso. Eu nunca aprendi.

Minha mãe joga o travesseiro do colo e fica de pé apenas para se agachar na minha frente e pegar minhas mãos.

— Você e eu temos muito a aprender, mas se eu posso aprender a melhorar, você pode aprender a fazer isso também. Você tem um coração tão grande, Kenzie. Eu sei que te machuquei. Eu sei que não estive lá como deveria, mas não deixe que nada do que aconteceu comigo, ou seu pai, ou Chris, ou qualquer outra pessoa tire esse lindo coração de você.

Ela está prestes a chorar também. Ela me encara com olhos brilhantes e aperta minhas mãos quando não consigo responder.

— Você me ouviu, Zee-zee?

Eu balanço minha cabeça em um aceno, e os cantos de sua boca levantam um pouco.

— Bom. Algo me diz que essa sua garota também vê seu lindo coração, então que tal você confiar em mim para ajudá-la a descobrir o que fazer sobre isso?

— Eu…

Uma dúzia de protestos surgem em minha mente, mas eu me paro antes que eu possa dar voz a qualquer um deles. Parece estranho e assustador e totalmente fora do meu controle, mas faço o que ela diz e mantenho meu coração aberto.

— Ok. — Eu acaricio meus polegares sobre os dela. — Isso soa muito bem.

CAPÍTULO 24
MOIRA

EU olho para cima nas direções do mapa no meu telefone e localizo a placa do café que estou procurando sobressaindo acima da calçada lotada do centro. Esta rua corre ao longo da borda do Byward Market, e em um dia de final de abril com céu claro e uma brisa quente que sugere o verão, toda a área está repleta de turistas e moradores locais.

Eu paro de andar do lado de fora do café. A ampla janela da frente tem o nome do lugar gravado em letras douradas rachadas e emoldura uma longa mesa alta cheia de clientes sentados para conversar ou curvados em suas cadeiras para ler Kindles e jornais. As trepadeiras artificiais são enroladas em laços ao longo do teto, e as luzes do teto emitem um brilho suave.

Parece adorável lá. Também parece muito, muito cheio. Não teria sido meu local de escolha para ter essa conversa, mas, novamente, eu não tinha certeza se Kenzie e eu teríamos outra conversa.

Eu mudo para a borda interna da calçada para não atrapalhar ninguém e deslizo para longe do mapa na minha tela para verificar minhas mensagens. Eu sei que não tenho nenhuma; minhas notificações estão vazias, mas eu percorro minhas conversas apenas para me dar algo para me concentrar enquanto meu coração começa a bater como um animal selvagem no meu peito.

Faz oito dias desde que subi no palco e ganhei a bolsa de estudos – oito dias desde que assisti Kenzie me olhar no rosto e me dizer que não podia confiar em mim antes de se recusar a olhar para mim novamente.

Ainda posso ouvir meus passos ecoando na escada enquanto me afastei dela, meu corpo inteiro se esforçando para pegar algum grito ou sussurro ou até mesmo uma respiração tranquila que me dissesse que ela queria que eu voltasse, mas não havia nada.

Então eu saí e, por quase uma semana, não tive notícias dela. Eu não disse nada a ela. Eu me olhei no espelho depois de chorar por ela no meu chão novamente e disse: “Acabou, Moira. Está feito”.

Eu agi como se tivesse acabado. Passei horas debruçada sobre livros didáticos e derramando meu coração no estúdio. Mantive minha agenda lotada do amanhecer ao anoitecer. Passei pelo resto dos meus exames universitários e, apesar de tudo que está acontecendo, tenho certeza de que fui aprovada.

Durante o dia, eu era uma versão organizada, focada e confiante de mim.

À noite, eu pensava nela.

Pensei nela correndo pela cozinha de uma igreja, rindo e gritando com um bocal de mangueira nas mãos. Pensei nela dançando Nickelback no meu corredor. Pensei nela me beijando em suas Crocs contra uma fileira de armários. Pensei nela deitada nua ao meu lado em uma pilha de cobertores no meu quarto favorito no mundo.

Pensei na dor em seu rosto quando ela se sentou curvada e tremendo naquela escada.

Eu coloquei um pouco dessa dor lá. Eu coloquei o que eu queria à frente do que algo com o que ela estava bem. Foi apenas por um momento, mas foi o

suficiente.

Ainda assim, ela me machucou também. Ela me afastou. Ela foi embora. Ela desistiu, mesmo antes de eu fazer asneira e dizer o que fiz no palco. Ela não chegou à competição para acertar as coisas.

Ela só veio para me deixar para sempre.

Eu me inclino contra a faixa de tijolos entre a janela e a porta do café, forçando-me a respirar fundo. Tenho um pedido de desculpas a fazer hoje, mas Kenzie também. Não serei mais a garota que questiona seu próprio valor.

Posso ter entendido errado, mas a emoção sufocada na voz de Kenzie quando ela me deixou uma mensagem de voz três dias atrás para perguntar se poderíamos nos encontrar para conversar atingiu meu coração e me disse que ela sabe que precisa mudar também.

Quando verifico meu telefone novamente, encontro algumas mensagens para me manter ocupada. Eles são de algumas mães que estão ajudando no meu plano hoje.

Kenzie escolheu este café, mas se as coisas correrem bem aqui, tenho algo para mostrar a ela também.

Uma vibração nervosa enche meu peito enquanto digito uma resposta para dizer que estamos dentro do prazo. Se tudo correr conforme o planejado, este será um dos melhores dias da minha vida. Caso contrário, terei desperdiçado o tempo de muitas pessoas e ficarei absolutamente devastada novamente.

Sem pressão.

— Moira. Oi.

Eu olho para cima logo depois de apertar enviar e vejo Kenzie a alguns metros de distância. Por um momento, todos os meus músculos ficam frouxos. Quase deixo cair o telefone.

Ela é literalmente deslumbrante, um zap elétrico que congela a respiração em meus pulmões e me mantém presa no lugar. Seu cabelo está solto, seu brilho e brilho habituais restaurados desde a última vez que a vi. Ela está vestindo um suéter azul escuro desleixado que pendura em um de seus ombros e um par de jeans boyfriend que parecem estar professando amor por seus quadris a cada passo.

Quando ela se aproxima, vejo que ela pintou os lábios e as bochechas de rosa suave. Os tons quentes fazem seus olhos castanhos profundos parecerem mais claros, como a luz do sol filtrando através de uma caneca transparente de chá.

— Oi — eu digo, minha voz ofegante.

Os cantos de sua boca se erguem, mas não há nada de presunçoso em seu sorriso. Na verdade, ela parece mais tímida e hesitante do que eu já a vi.

— Você parece... muito bem — diz ela, seu olhar passando rapidamente para a calçada e de volta.

Estou em um par de jeans skinny escuros e uma blusa com decote em V branca e minha jaqueta do exército por cima. Não é nada extravagante, mas parece comigo. Coloquei algumas das poucas jóias de ouro que possuo e passei muito tempo torcendo a parte da frente do meu cabelo em uma trança cascata.

Se este dia funcionar como estou esperando, muito mais pessoas do que Kenzie estarão olhando para mim.

— Você também não está tão ruim — eu respondo, fazendo um aceno de

queixo que espero que pareça suave.

Provavelmente só me faz parecer um cabeça-de-mola[5] quebrado.

— Devemos? — Kenzie aponta para o café, e a vibração no meu peito muda para o meu estômago. Ela se aproxima para segurar a porta para mim e depois me segue para dentro da sala barulhenta.

Está acontecendo.

É uma luta sentir meus pés no chão enquanto me aproximo da fila na frente do balcão.

Eu esperava ser mais legal, calma e controlada, mas todas as palavras que eu tinha planejado para o dia saíram de mim assim que a vi. Eu sei que meu valor não vai mudar se essa conversa der errado, mas isso não impede que meus dedos fiquem dormentes e minha língua fique pesada na minha boca.

— Na verdade, estamos indo para cá.

Eu olho para longe de onde eu estava olhando fixamente para as placas de menu penduradas no teto e vejo Kenzie me acenando para um corredor estreito passando por algumas mesas e sofás lotados.

— Ao banheiro? – Eu pergunto.

Ela ri, e fico aliviada ao ouvir sua risada soar tão nervosa quanto eu.

— Ah, não. Não exatamente.

Passamos pela porta do banheiro e seguimos para o que é claramente uma área apenas para funcionários. Posso ouvir a agitação e o barulho dos funcionários na cozinha.

— Você está me dando um passeio pelos bastidores deste café?

A risada de Kenzie soa um pouco mais relaxada desta vez.

— Mais uma vez, não exatamente. Estamos quase lá.

Em vez de me levar para a cozinha, ela abre uma porta que leva ao lado do corredor curto, e eu espio por ela para ver uma escada mal iluminada.

— Ah, então você me trouxe aqui para me matar.

Ela bufa e balança a cabeça enquanto olha para o teto.

— Ah, Moira.

Mesmo agora, depois de tudo que passamos e toda a incerteza pela frente, meu nome em seus lábios ainda me faz sentir como se eu pudesse fazer qualquer coisa.

— Se eu vou morrer hoje, é melhor acabarmos logo com isso.

Eu tomo a liderança na subida da escada. Faço uma pausa assim que chegamos ao topo do primeiro lance, mas Kenzie me orienta a seguir todo o caminho até o topo. Chegamos a uma porta com o que eu acho que é a luz do dia brilhando ao longo de suas bordas.

— Abra — Kenzie diz suavemente atrás de mim.

Eu pisco algumas vezes depois de abrir a porta, esperando meus olhos se ajustarem ao sol brilhante que brilha no telhado plano do prédio. Uma vez que eu posso realmente ver o que está esperando por mim, minhas mãos voam para cobrir minha boca. Eu olho para frente e para trás entre Kenzie e a cena na nossa frente, girando minha cabeça tão rápido que meus músculos do pescoço gritam em reclamação.

— Kenzie, isso é... isso é...?

Seu lábio inferior está puxado entre os dentes, e ela está me observando com olhos brilhantes, desesperados para avaliar minha reação.

— Moira… — Ela passa por mim para ficar ao lado das duas pessoas sentadas na mesa montada a alguns metros de distância. Ambas se levantam, me observando com sorrisos hesitantes em seus rostos.

— Essa é minha mãe e esse é meu irmão, Chris.

Eu tiro minhas mãos da minha boca, mas meus pés permanecem plantados na porta.

— Eu sou, hm, Moira — eu digo com a voz trêmula.

Os dois riem, e seus sorrisos ficam ainda maiores.

— Prazer em conhecê-la, Moira — diz a mãe de Kenzie. — Me chame de Gillian.

Ela não se parece muito com Kenzie. Seu cabelo é castanho curto e ondulado, salpicado de cinza e suas feições não têm a definição nítida de Kenzie, mas ela tem os mesmos olhos castanhos profundos e há algo em seu sorriso que deixa claro que as duas são uma família.

Chris acena para mim antes de tirar o cabelo tingido de preto dos olhos.

— Você pode me chamar de Chris, mas a maioria das pessoas me chama de Doutor Malicioso.

Kenzie geme e lhe dá uma cotovelada nas costelas.

— Literalmente ninguém te chama assim.

— Digo… — Eu finjo um encolher de ombros casual enquanto me aproximo. — Nunca é tarde para se reinventar.

Chris levanta a mão para estalar algumas vezes e depois aponta para mim.

— Já gosto dela.

Eu rio e, em seguida, mudo minha atenção para Kenzie, e minhas palavras soam diferentes quando vejo a mistura de esperança e nervosismo em seu rosto.

Nos reinventamos nesses últimos meses. Nós *nos* reinventamos. Passamos de rivais ao longo da vida para rivais ao longo da vida que às vezes se beijam para duas pessoas com a capacidade de preencher e quebrar o coração uma da outra.

Hoje pode ser o dia em que os juntamos novamente e os enchemos novamente.

— Posso, uh, perguntar o que estamos fazendo em um telhado? — Eu digo. — Quero dizer, é um telhado adorável, mas ainda estou um pouco confusa com a nossa localização.

— Bem… — Kenzie olha para a mesa posta com um pano branco, uma cafeteira térmica e algumas canecas de porcelana branca. Pela primeira vez, noto o prato no meio empilhado com brownies. Eu quase morri de rir ali mesmo. — Percebi que nunca conseguimos decidir o vencedor da nossa competição de brownie, e então pensei... não quero mais competir com você. Não quero lutar ou tentar provar quem é melhor. Eu não... eu não quero fazer nada para esconder o quanto você significa para mim novamente.

Minha respiração para, e meu coração começa a bater novamente. Eu vejo Chris mostrar a ela um polegar para cima disfarçado. Ela varre a mão para gesticular para os brownies e limpa a garganta.

— Então estes são brownies de trégua. Eles *também* são... brownies promissores. Eles também são aparentemente os melhores brownies de todo o

Vale de Ottawa. Minha mãe é uma velha amiga do dono daqui, e quando ela ligou para ela para pedir o lote que eu ia te dar, eles começaram a conversar, e toda essa... situação foi montada.

Ela olha ao redor do telhado, e eu faço o mesmo, realmente percebendo pela primeira vez. Há um monte de caixas de papelão empilhadas perto da porta e uma lata de café cheia de pontas de cigarro, mas o lugar tem vistas deslumbrantes da elegância antiquada do hotel Château Laurier de um lado e das lojas pitorescas e barracas cobertas do Byward Market no outro.

— Eu queria tornar esse momento especial — continua Kenzie —, mas também quero que você saiba… minha vida não é feita de vistas de telhados e jantares privados. Nem sempre é pitoresco. É confusa e complicada, e eu tenho muita bagagem para resolver, mas ainda assim, é a minha vida. Sou eu. É *tudo* de mim, não apenas as partes que eu acho que são boas o suficiente para as pessoas verem, e eu quero mostrar para você. Se você... se você quiser, então eu quero te convidar para ela. É por isso que mamãe e Chris estão aqui.

Ela faz uma pausa para olhar para os dois, e eu vejo o orgulho que eles sentem por ela. Eu vejo o amor deles. A vida deu a eles mais do que jamais deu à minha família, mas isso não os impediu de encontrar tanto amor.

— Cansei de me sentir envergonhada — diz Kenzie, com os olhos voltados para mim —, e cansei de acreditar no perfeito. Cansei de acreditar que posso fazer *qualquer coisa* perfeita. Eu não posso, e tentar por tanto tempo está me deixando louca. Eu perdi tanto por causa disso, e eu... eu machuquei você por causa disso.

Sua voz falha, e minhas mãos doem para alcançá-la, mas eu preciso ouvir o resto.

— Eu não estava pronta para acreditar que você poderia estar lá para mim. Eu não estava pronta para desistir do controle e deixar alguém ajudar pelo menos uma vez na minha vida, mas estou mudando. — Ela olha para Gillian e Chris novamente. — *Estamos* mudando. As coisas estão melhorando para todos nós, e estou aprendendo a confiar nisso.

Ela dá a volta na mesa e se aproxima para ficar na minha frente, perto o suficiente para que eu possa ver o spray de sardas em seu nariz.

— Eu confio em você, Moira. Eu sei que você estava fazendo o que achava ser a coisa certa, e sinto muito por ter sido tão fria com você. Desculpe-me por te excluir. Sinto muito por ter feito o que parecia seguro em vez do que parecia certo. Eu estava sofrendo tanto... por tudo. Ainda estou, mas não vou usar a dor como desculpa para me excluir novamente. Vai ser dificíl. *Realmente* difícil. Levará tempo para deixar tudo em que passei minha vida inteira acreditando, mas estou pronta para mudar, e se você... para dar outra chance.

Uma brisa quente farfalha nossas roupas, e eu a vejo brincar com as pontas de seu cabelo. Meu coração parece prestes a explodir pelas minhas costelas, cheio de emoção demais para meu corpo contê-lo. Eu tive muitas vitórias na minha vida. Eu subi no palco para receber mais medalhas do que posso contar, mas nenhuma delas me encheu assim.

Minha mão treme quando eu a levanto para segurar sua bochecha.

— Eu sinto *tudo* por você — murmuro, meu polegar acariciando sua pele macia e quente. — E sabe de uma coisa? Foda-se algum dia. Vamos começar

agora.

Seu lábio inferior treme, e seus olhos parecem grandes e largos o suficiente para cair.

Eu sei que se eu fizesse, ela me pegaria. Ela está pronta agora.

— O QUE ELA DISSE?

Kenzie se vira para o grito de Chris e o vê com as mãos em concha ao redor da boca.

— Devo tocar a música especial agora, Zee-zee? — Gillian acrescenta, acenando com o telefone no ar e apontando para ele.

Kenzie suspira e se vira para mim, suas bochechas ficando vermelhas.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Zee-zee?

Ela suspira.

— Eu disse que não tinha vergonha, mas caramba, eles são muito bons em me deixar envergonhada.

Eu acaricio seu rosto novamente.

— Já gosto muito deles. Obrigada por me deixar conhecê-los. Significa muito.

Ela acena.

— Também significa para mim. Eu nunca deixei alguém entrar tanto antes.

— Kenzie? Eu toco a música? — Gillian chama.

Kenzie suspira e depois grita:

— Vá em frente, mãe.

Eu espio por cima do ombro de Kenzie para ver enquanto Gillian toca na tela de seu telefone.

— O que exatamente é essa música especial?

Kenzie dá de ombros, corando ainda mais.

— Achei que esse momento poderia precisar de uma trilha sonora. É estúpido, mas...

Ela se interrompe quando os primeiros acordes de “Photograph” de Nickelback flutuam no ar. Dobro-me de rir assim que o reconheço.

— Sério? — Chris grita. — *Nickelback*? Esta é a sua escolha de música romântica?

— É uma piada interna! — Kenzie grita de volta para ele.

— É horrível — diz ele com uma careta. — Você deveria ter pedido ajuda ao Doutor Malicioso.

Kenzie lhe dá o dedo – o que faz sua mãe engasgar seu nome em um tom escandalizado – antes de olhar para mim.

Ela estende a mão.

— Você gostaria de vir tomar um café e brownies comigo e esses imbecis?

Coloco minha palma na dela, e um arrepio percorre todo o meu corpo.

— Eu não gostaria de fazer mais nada.

CAPÍTULO 25
KENZIE

EU já terminei meu café e comi muitos brownies quando Moira pega seu telefone e faz uma careta para a tela.

— Ah, droga — ela murmura antes que eu possa perguntar o que está errado. — Estamos atrasadas.

— Atrasadas?

Passamos a última meia hora bebendo nossas canecas e conversando com minha mãe e Chris. A coisa toda parece surreal, como uma espécie de festa do chá fantasiosa de uma versão de conto de fadas da minha vida, mas também parece certa.

Moira é a pessoa certa. Ela é alguém digna da confiança necessária para trazê-la aqui, e vou me certificar de que ela sempre saiba disso.

— Sim — ela responde. — Eu, hum, tenho uma coisinha planejada para você também.

Eu aperto os olhos.

— O que você quer dizer? Eu quem…

— Eu tenho algumas desculpas e promessas a fazer também — ela interrompe.

Minha mãe e Chris estão conversando do outro lado da mesa. Eles estão fazendo o possível para fingir que estão ocupados assistindo algo na rua abaixo de nós, mas posso dizer que ambos estão ouvindo.

Estou explodindo de tanta alegria que nem me importo. Eles ajudaram a fazer esse dia acontecer. Eles apareceram por mim.

— Essas promessas não estão sendo entregues na forma de brownies — Moira continua —, mas nós meio que precisamos ir. Tipo, o mais rápido possível. Tudo bem?

— Você precisa ir? — Minha mãe se vira para nos encarar em uma tentativa muito ruim de fingir que por acaso ela pegou a última frase de Moira.

— Eu, hum, tenho uma surpresa para Kenzie — responde Moira —, e é um pouco sensível ao tempo, infelizmente. Vocês dois são bem-vindos para virem junto.

— Isso é fofo — minha mãe responde —, mas vocês duas provavelmente querem algum tempo sozinhas. Precisamos voltar para o apartamento de qualquer maneira. Minha irmã estará lá em algumas horas, e Chris disse que me ajudaria a terminar de fazer as malas.

O assunto de minha mãe sair para começar sua estadia com sua irmã hoje surgiu enquanto comíamos nossos brownies. A vontade de mudar de assunto e esconder tudo de Moira era tão forte que comecei a suar, mas aguentei e deixei-me sentir orgulhosa em vez de entrar em pânico enquanto ouvia minha mãe falar sobre cuidar de si mesma.

Ele não mencionou isso, mas Chris também está melhor. Ele está se mudando para um novo apartamento no mês que vem, um sem um monte de colegas de apartamento prontos para puxá-lo de volta para tudo o que ele está trabalhando para sair. Eu gostaria que ele estivesse em algum tipo de programa de apoio

também, mas essa é a escolha dele, e por mais que eu o ame, não vou me deixar sentir responsável por sua vida.

Tivemos uma longa e difícil conversa sobre o que vou e não vou tirar dele de agora em diante. Houve alguns momentos em que pensei que ele poderia sair correndo e nunca mais voltar, mas chegamos a um acordo, e sua presença aqui hoje mostra que ele está falando sério sobre mantê-lo.

— Vejo você antes de sair, certo? — Eu pergunto a minha mãe.

Ela acena.

— Vamos sair depois do jantar.

Eu me levanto para abraçá-la, e já que Chris parece decidido a terminar os brownies, Moira e eu deixamos os dois sentados lá e saímos do café.

— Você sabe que você realmente não tem que preparar nada — eu digo uma vez que estamos na calçada. — Eu exagerei, e…

Moira levanta a mão para me parar.

— Eu quero fazer isso. Mesmo que eu estivesse tentando ajudar, não fiz certo. Eu fiz você se sentir menosprezada, e hoje eu quero te mostrar o quão admirada você realmente é.

Ela estende a mão como eu fiz com ela no telhado, e depois de um momento olhando uma para a outra, eu a pego. Assim que ela segura minha palma, ela começa a nos guiar pela calçada.

— Para onde exatamente estamos indo? — Pergunto enquanto contornamos grupos de turistas tirando fotos do Château Laurier.

— Você vai ver — ela cantarola.

Subimos alguns quarteirões e depois atravessamos a rua para chegar a uma escada pública encravada entre dois modernos prédios de pedra cinza.

Conheço esta escada. Leva até a rua em que fica o Major Hill Park – o parque em que gosto de estudar, o mesmo parque onde Moira e eu trabalhamos em nossa entrevista no outono. Essa foi a noite em que mencionei minha mãe pela primeira vez para ela, e nunca em um milhão de anos nos vi terminando onde estamos hoje.

Nós duas estamos ofegantes quando chegamos ao topo da escada, mas Moira não diminui a velocidade. Ela está praticamente me arrastando pela estrada agora.

— Vamos ao parquê? — Eu pergunto entre bufadas.

— Taaalvez — ela fala arrastadamente.

Caminhamos rapidamente por meio quarteirão e depois começamos a correr assim que chegamos à cerca de ferro que corre ao longo da borda do parque. Eu posso ver as pessoas aproveitando o clima quente pelos vãos entre os trilhos. Há piqueniques, jogos de Frisbee e sessões de leitura acontecendo por todos os gramados extensos cobertos de caules verdes brilhantes de grama fresca da primavera.

Este ainda é um dos meus lugares favoritos para estudar, e uma pontada de arrependimento me atinge quando percebo que não terei nenhum estudo para fazer aqui por um longo tempo. Não há mais como eu pagar a escola, não sem a bolsa de estudos.

Mesmo que Moira me ofereça de novo, não sei se poderia aceitar agora que sei de onde veio.

— Quase lá! — Moira canta, fazendo algumas pessoas virarem a cabeça enquanto aceleramos pela entrada do parque.

Não tenho escolha a não ser deixar meus pensamentos mórbidos para trás e ser puxada para o turbilhão de sua excitação enquanto ela me arrasta até uma mesa de piquenique no meio do parque.

— Esse deve ser um bom lugar — ela murmura, aparentemente para si mesma, enquanto faz sinal para que eu me sente e estica o pescoço para examinar o parque.

— Então... vamos sentar aqui e esperar o anoitecer? — Eu pergunto. — Suponho que você organizou uma elaborada queima de fogos de artifício que será lançada no Parliament Hill.

Eu aceno para a seção de telhado verde dos prédios do parlamento do Canadá que são visíveis além da linha das árvores na extremidade do parque.

— Droga. — Moira bate a palma da mão na testa em um adorável gesto de arrependimento fingido. — Por que não pensei nisso?

Ela se senta ao meu lado, deslizando perto o suficiente para que nossas coxas quase se toquem. Minha mão está apoiada no banco entre nós, e ela coloca as pontas dos dedos sobre a perna até que roçam a minha.

— Você quer...?

— Ficar de mãos dadas? — Eu termino por ela.

Ela assente e baixa o olhar para o chão. Seu sorriso nervoso é tão fofo que eu quero puxá-la para baixo na grama e dar uns amassos de uma forma que não seria apropriada considerando o número de famílias no parque hoje.

Segurar a mão parece ser um bom lugar para começar.

— Eu adoraria.

Eu entrelacei meus dedos com os dela e aproximei meu corpo, até que sua coxa roça contra a minha. Eu puxo nossas mãos no meu colo e acaricio meu polegar sobre seus dedos. O sol quente bate em meus ombros, e eu inclino meu rosto para o céu enquanto deixo meus olhos se fecharem.

A primavera chegou para ficar, e eu também.

Não importa o que aconteça, estou mantendo minhas promessas para ela. Estou cumprindo minhas promessas para mim mesmo.

Quando eu inclino meu queixo para baixo, encontro Moira bebendo a visão de mim como se eu fosse a própria luz do sol. Seus lábios estão separados, e seus olhos verdes brilham como pedras preciosas na luz.

Eu começo a me inclinar em direção a ela, meus lábios se separando também.

Então o lamento de um conjunto de gaitas de foles soa, o som penetrante alto o suficiente para encher todo o parque. Assustada, eu recuo de Moira e olho ao redor para encontrar a fonte do barulho.

No final do parque, vejo um gaiteiro em trajes escoceses completos vindo em nossa direção em uma lenta procissão pela grama. Seu kilt vermelho e verde balança em torno de seus joelhos, seus dedos uma enxurrada de movimentos precisos e suas bochechas estufando para encher o saco com ar.

Eu olho de volta para Moira, cujo rosto está esticado em um sorriso animado agora. Eu posso sentir sua perna saltando contra a minha enquanto ela bate os calcanhares no chão.

— É Georgie? — Eu pergunto. Ela ainda está um pouco longe demais para ter

certeza, mas tenho certeza de que reconheço um dos gaiteiros regulares dos eventos da ODEO.

Moira encolhe os ombros, ainda radiante.

— Taaalvez.

Eu me viro para ver Georgie se aproximar ainda mais. Pessoas de todo o parque estão prestando atenção agora, algumas sorrindo em agradecimento e outras fazendo caretas de aborrecimento.

As gaitas de foles sempre têm um efeito bastante polarizador.

Quando Georgie está a apenas alguns metros de distância, os tubos ainda tocando a melodia familiar de um Fling, vejo um grupo de pessoas apontando para algo atrás de nossa mesa enquanto conversam e aplaudem.

Eu olho por cima do meu ombro e vejo uma garota morena em um kilt vermelho brilhante e jaqueta que apareceu do nada e agora está voando pelo primeiro degrau do Fling das terras altas de seu lugar em um dos caminhos que serpenteiam pelo parque.

Antes que eu possa voltar para perguntar a Moira o que está acontecendo, mais duas dançarinas saem de trás de um grande tronco de árvore. Elas riem e correm para se juntar à primeira garota, pulando na dança e entrando no ritmo perfeito uma com a outra. As cores contrastantes de suas roupas em tons de joias atraem todos os olhos no parque enquanto suas pernas disparam com uma precisão hipnotizante.

— Moira, como…

Não consigo tirar o resto da minha pergunta; quando finalmente afasto os olhos das dançarinas, percebo que mais e mais estão aparecendo por todo o parque, se levantando de seus lugares nos cobertores ou correndo atrás das árvores. Algumas das crianças mais velhas até se levantam em mesas de piquenique para fazer a multidão suspirar enquanto giram nas tábuas de madeira.

Enquanto continuo a olhar, minha boca aberta e meu pescoço girando para absorver toda a cena, percebo que reconheço a maioria das dançarinas.

Elas são alunas da ARS. São *minhas* alunas.

Um nó começa a se formar na minha garganta.

A maioria dos espectadores no parque começou a bater palmas ao som das gaitas. Georgie tocou o Fling quase duas vezes até agora, e algumas das dançarinas quebram os passos tradicionais e usam o movimento de deslocamento do Carretel para começar a ir até onde Moira e eu estamos sentadas.

Logo, todo o grupo do que deve ser cerca de trinta dançarinas se dispôs em duas longas filas de frente para a nossa mesa. Tudo o que posso fazer é ficar boquiaberta e apertar a mão de Moira enquanto elas dançam o passo final do Fling em uníssono.

Quando as gaitas de foles param, Moira balança as pernas sobre o banco para se levantar, me dando um aceno tranquilizador enquanto desliza a mão do meu aperto. Ela corre para ficar no final da primeira fila, de frente para mim junto com todas as outras na formação.

Juntas, elas terminam apoiando os punhos nos quadris e mergulhando para a frente em uma reverência solene.

Minhas mãos voam para cobrir minha boca quando percebo o que esse momento significa, o que ele simboliza.

Todas elas estão se curvando para *mim*.

O nó na minha garganta aumenta ainda mais, e estou congelada no lugar, exceto pelos meus ombros, que começaram a tremer. Eu examino os rostos sorridentes das crianças na minha frente enquanto elas se endireitam. Até Georgie inclina a cabeça em respeito e sorri quando olho para ela.

O parque se enche de aplausos e gritos de "Bis!", mas ainda assim não consigo me mexer. Eu provavelmente deveria dizer alguma coisa, mas mal consigo respirar.

Passei quase toda a minha vida procurando exatamente isso: um sentimento incondicional de pertencimento, de segurança, de respeito. Esforcei-me para tornar cada parte de mim perfeita e equilibrada porque não sabia como ser digna de aceitação.

Do amor.

Isso é o que eu vejo em todas as dançarinas olhando para mim. É o que vejo no modo como Moira me observa com olhos brilhantes.

Esta é a minha família que usa kilt, toca gaita de foles e pratica esportes de coque, e eles me amam, seja eu perfeita ou não. Eles estão aqui hoje para me mostrar isso, e a paixão de sua dança é suficiente para fazer a verdade deste momento escorrer nas profundezas do meu coração.

Eu não posso perder isso.

O pensamento envia pânico através do meu corpo, mesmo quando as lágrimas de gratidão começam a borrar minha visão.

Nenhum deles sabe. Nenhum deles sabe o que aconteceu quando entrei no escritório de Catherine alguns dias atrás e a enfrentei pela primeira vez desde a competição.

Um assobio penetrante de lobo tão alto que me tira dos meus pensamentos me faz olhar para um banco do outro lado do parque, onde posso apenas ver Margaret Murray e a amiga de Moira, Lydia, batendo palmas e torcendo junto com a multidão. Moira segue meu olhar e então balança a cabeça enquanto se aproxima o suficiente para falar comigo sobre o barulho.

— Elas insistiram em estar aqui — diz ela com uma risada.

Minha tentativa de sorrir deve ser ainda menos convincente do que parece; Moira franze a testa e vem para ficar na ponta da mesa, se agachando para ficarmos cara a cara.

— Você está bem? — ela pergunta. — É demais? Posso dizer a eles para irem embora. Eu…

Eu balanço minha cabeça e digo:

— É perfeito.

Realmente é perfeito. É o tipo de momento que sei que serei capaz de lembrar com clareza impecável pelo resto da minha vida.

Minhas lágrimas começam a cair de verdade agora, arrastando uma mistura salgada de alegria e tristeza pelo meu rosto.

— Eu tenho algo que quero dizer — acrescenta Moira, esticando a mão para agarrar meu joelho —, se você quiser ouvir.

Eu aceno, já que não há como eu ser capaz de falar sozinha.

Ela se endireita e anda para trás para ficar na frente e no centro das fileiras de dançarinas. Eu vejo seus ombros subirem e descerem enquanto ela respira fundo.

— Estamos aqui hoje — ela começa, olhando para a multidão de pais de dançarinos e espectadores aleatórios que chegaram perto o suficiente para ouvir —, para homenagear um membro muito especial de nossa comunidade. Vocês só precisam ver Kenzie Andrianakis dançar por alguns segundos para saber que ela é algo especial.

Seu olhar trava no meu enquanto estou esfregando minhas bochechas, lutando pela compostura que quase perco tudo de novo quando ela continua.

— Kenzie é mais do que uma dançarina incrível. Ela é uma professora verdadeiramente talentosa que traz o melhor de seus alunos e ajudou muitos deles a alcançar seus objetivos e muito mais. Quero dizer, você tem que ser uma ótima treinadora para fazer com que todos esses alunos e seus pais desistam do domingo e lutem por estacionamento no centro da cidade.

Uma risada percorre a multidão, e eu solto uma risada aguada.

— É por isso que todos estão aqui hoje. — Sua voz se torna solene. — Não porque eu pedi, mas porque eles queriam retribuir a alguém que lhes deu tanto. Kenzie, você é uma inspiração. Você é admirada e respeitada por mim e por todos aqui. Você mudou vidas. Você... você mudou minha vida.

Há alguns suspiros e murmúrios de “Awww!” quando a voz de Moira pega e ela tem que parar e se recompor. Minhas pernas ficam fracas, e estou grata por já estar sentada.

— Então, obrigada, senhorita Kenzie, por tudo que você fez e tudo que você ainda tem que fazer. Nós te amamos.

Eu pressiono minhas mãos sobre minha boca novamente e sinto lágrimas quentes deslizando sobre meus dedos enquanto Georgie enche seus cachimbos. Guiados por Moira, todos os alunos começam a se mover em uníssono para realizar o Tributo a JL McKenzie.

É minha dança favorita. É o que eu fiz com Nickelback enquanto segurava uma foto no meu peito enquanto Moira e eu brincamos na casa dela.

Sento lá chorando e tremendo, meus olhos vagando pelas crianças a quem ensinei esses passos. Conheço muitos deles e seus pais há anos.

Eles não vão perceber até que Catherine faça o anúncio oficial, mas hoje, essa dança também é um adeus.

O zumbido da gaita de foles reverbera no fundo do meu peito, cada nota dolorosa é agridoce.

De alguma forma, eu coloco um sorriso suficiente no meu rosto para passar pelas conversas e abraços que seguem a performance. Eu aperto as mãos e dou high-fives. Eu rio e falo sobre as apresentações de fim de ano e os acampamentos de treinamento de verão.

Eu aperto minhas mãos em punhos apertados atrás das minhas costas e respiro fundo cada vez que a dor no meu peito começa a ser demais.

Lydia e Margaret são as últimas a sair. Eu me inclino para o abraço de Margaret um pouco longo demais, deixando seu calor me dar força. Ela me dá

um olhar penetrante quando eu me afasto, mas não faz nenhuma pergunta.

Assim que Margaret sai, Lydia termina sua conversa com Moira e me puxa para um abraço também.

— Você pode apenas ter o selo de aprovação da melhor amiga — diz ela, dando um passo para trás para segurar meus ombros no comprimento do braço —, mas vou confirmar em uma data posterior.

Moira a puxa de cima de mim.

— Saia daqui, sua esquisita.

Quando finalmente estamos sozinhas novamente, eu volto para a mesa de piquenique e apoio minha mão no topo, me afastando de Moira. Meus pulmões doem de tanto segurar dentro de mim, e eu sei que estou prestes a desmoronar. Olhar para ela só fará com que aconteça mais rápido.

— Algo está errado — diz ela, as palavras uma afirmação em vez de uma pergunta. Eu a ouço dar alguns passos mais perto e parar logo atrás de mim. — Sinto muito se essa não foi a jogada certa. Eu…

— Foi perfeito — eu interrompo, mal capaz de falar acima de um sussurro. Eu aperto meus olhos fechados para bloquear a luz do sol. O brilho parece mais duro do que reconfortante agora. — Quero dizer. Eu... eu não posso te dizer o quanto isso significou.

Ela está perto o suficiente agora para que eu possa ouvir sua respiração, mas ainda não me viro.

— Então, o que há de errado?

— É só que... eu...

Minha garganta está ameaçando fechar e me sufocar. Eu enrolo meus dedos e cravo minhas unhas na madeira desgastada das tábuas da mesa.

— Eu não acho que posso te dizer aqui — eu digo. — Eu quero te dizer. Eu quero. Eu vou. Só... podemos ir a algum lugar?

Gentilmente, como se eu fosse um par de asas delicadas que podem quebrar em suas mãos, ela agarra meu braço e me gira para encará-la.

— É claro. Vamos.

Ela desliza a mão para se entrelaçar com a minha novamente, e é assim que saímos do parque. Ela não solta até chegarmos à agora familiar perua verde, estacionada a dois quarteirões de distância.

— Minha mãe pegou o outro carro hoje, graças a Deus — ela diz enquanto procura as chaves no bolso de sua jaqueta.

Nós dirigimos por cerca de quinze minutos, o silêncio entre nós pesado, mas de alguma forma reconfortante enquanto eu olho pelas janelas para ver os prédios altos encolherem e as ruas se alargarem até eu reconhecer para onde estamos indo.

— Tudo bem? — Moira pergunta quando viramos na rua que leva à Escola Murray de Dança Escocesa. — Parece meio que... nossa coisa.

Eu observo o canto de sua boca levantar e estendo a mão para descansar minha mão em sua coxa.

— Eu gosto que nós temos uma coisa.

Ela cora, e o tom rosado de suas bochechas me lembra que não importa o que aconteça, hoje ainda é um dia muito bom.

Depois que ela estaciona e descemos do carro, estico a mão para esfregar

meus braços. O sol está começando a se pôr agora, e a temperatura está caindo rapidamente.

Pego meu telefone enquanto Moira está ocupada abrindo a porta do estúdio e mando uma mensagem para minha mãe para ter certeza de que ainda terei tempo de vê-la hoje à noite. Ela envia um emoji de polegar para cima e outra onda sufocante de emoção atinge.

Vou precisar me despedir da minha mãe hoje também.

Entramos no estúdio, a entrada escurece com a luz fraca, e eu me ocupo em tirar meus sapatos. A Escola Murray parece familiar agora – não da mesma forma que as salas e corredores da ARS parecem um lar para mim, mas ainda assim, tenho lembranças aqui agora também.

Coloco meus sapatos em uma prateleira e me inclino contra a mesa da frente para ver Moira desamarrando seu Doc Martens com estampa de flores enquanto seu cabelo cai em seu rosto.

Ela coloca os sapatos ao lado dos meus e estende a mão.

– Vamos.

Sem dizer mais nada, subimos as escadas até sua sala favorita.

É a minha sala favorita neste lugar também. Pode até ser um dos meus cômodos favoritos em toda a cidade, e enquanto descemos o corredor em direção à sua porta, eu me lembro do que Margaret disse quando ela apareceu para cuidar de mim na ARS.

Se você precisar de um lugar para dançar, há muito espaço na Escola Murray.

A dor no meu peito começa a aumentar quando percebo que preciso de um lugar para dançar. Minha casa se foi. Ganhei tanto hoje, mas nada pode substituir essa perda.

Moira abre a porta do estúdio e me guia para dentro, um suspiro escapando de sua boca quando ela dá uma olhada no quarto.

— Esqueci que você nunca tinha visto o sol bater nos vitrais antes. — Ela pisca para mim, um feixe de luz rosada das janelas pintando metade de seu rosto de rosa e se instalando nas mechas de seu cabelo. — O que você acha?

Solto sua mão para dar um passo para o centro da sala, abrindo meus braços enquanto giro em alguns círculos lentos. Os semicírculos de vitrais acima das janelas principais estão brilhando como rubis maciços, e toda a sala está riscada em tons de vermelho e rosa que saltam entre as paredes espelhadas. Sinto como se estivéssemos no coração de uma pedra enorme e brilhante, isolada e protegida, cercada por um poder suave e sussurrante.

— Eu acho que é mágico — eu respiro.

Então eu desabo em lágrimas.

— Kenzie! — Moira voa pela sala para me segurar, e eu caio em seus braços. — Ei. Ei, o que há de errado?

— Catherine me demitiu — eu engasgo, incapaz de segurar por mais um segundo. — Ou eu desisti. Nem sei o que aconteceu. Eu queria falar com ela, descobrir as coisas, mas... mas ela não queria isso, e então nós duas estávamos gritando, e foi horrível, e nós duas dissemos coisas terríveis, e... e ...

Eu perco o fôlego, minhas palavras se dissolvendo em suspiros. Moira me guia para sentar no chão. Ela puxa minha cabeça em seu ombro e acaricia meu

cabelo até que eu possa falar novamente.

— Acabou — eu digo, as palavras planas e definitivas. — Toda essa parte da minha vida, acabou... acabou. Ela vai fazer o anúncio de que não darei mais aula na academia em alguns dias, e mesmo que ela me aceitasse de volta, não sei se conseguiria. Ela... ela não é boa para mim, e dói saber disso porque eu sei que ela está sofrendo também, mas ela não está pronta para mudar, e eu estou.

Moira desliza a mão para esfregar minhas costas enquanto respiro fundo e estremecendo.

— Isso soa tão difícil. Eu gostaria de poder facilitar. Estou... estou muito orgulhosa de você, sabe.

Eu tomo outra respiração profunda. Posso sentir o cheiro de xampu florido em seu cabelo e, por baixo, há o cheiro doce de sua pele.

Isso é familiar agora também. Ela está se tornando tão familiar.

Ela está se tornando algo com que posso contar.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Porque você está se colocando em primeiro lugar e sendo tão forte e corajosa sobre isso. Eu posso dizer o quão difícil é para você. Eu posso dizer o quão difícil é para você me contar tudo isso, e o quão difícil foi para você me deixar entrar como você fez no telhado hoje. Eu vejo você, Kenzie, e isso me deixa tão orgulhosa.

Eu torço minha cabeça para dar um beijo em seu ombro, logo acima da gola de sua camisa.

— Estou orgulhosa de você também, você sabe.

Ela agarra minha cintura e repete minha pergunta.

— Por quê?

— Porque eu vejo o quanto você acredita em si mesmo. Eu vejo você se colocando em primeiro lugar também. Eu vejo a diferença que você faz no mundo, e vejo *você* percebendo isso também. Você fez o hoje acontecer. Você reuniu todas aquelas pessoas, mesmo que estivessem lá para mim. Você é uma líder, e é louco pensar que poderia ter acreditado que a vida que leva é muito pequena. Você é poderosa, Moira, e não precisa mudar seus objetivos ou sonhos para que isso seja verdade.

Ela pressiona os lábios na minha têmpora e os mantém lá por alguns segundos.

— Eu finalmente acredito nisso — ela diz contra a minha pele —, e você me ajudou a chegar lá.

Eu me endireito para que eu possa olhá-la nos olhos.

— Eu quero fazer isso, sabe. Você e eu.

Ela segura minha cintura ainda mais apertada.

— É?

Eu concordo.

— Sim. Posso não ter um emprego ou um plano para a escola ou qualquer ideia do que diabos está acontecendo com o resto da minha vida, mas sei exatamente o que quero quando se trata de você.

Ela inclina o rosto um pouco mais perto do meu e murmura:

— E o que é isso?

Eu não me detenho. Não peso as consequências. Eu não me mantenho sob

controle.

— Eu quero sair com você. Sério. Eu quero ser sua namorada.

Ela pisca para mim por tanto tempo que meu estômago começa a dar nós.

— Se você quiser — eu acrescento. — Eu sei que é rápido, mas…

Antes que eu possa terminar minha frase, ela joga os braços em volta do meu pescoço e me ataca. Nós caímos no chão antes que seus lábios encontrem os meus. Eu envolvo minhas pernas ao redor de sua cintura e a puxo para mim o mais forte que posso, derramando tudo o que tenho no beijo. O gosto dela me oprime e, por alguns longos momentos, esqueço todo o resto.

— Então isso é um sim? — Eu suspiro quando ela finalmente nos deixa subir para tomar ar.

Nós duas estamos ofegantes enquanto nos levantamos para sentar uma ao lado da outra. A fome em seus olhos encapuzados me deixa pronto para empurrá-la de volta para baixo.

— Absolutamente fodidamente sim — ela diz com um sorriso que faz minhas coxas se contorcerem.

Eu a alcanço, mas ela tira minhas mãos de seus ombros e as traz para o colo, envolvendo as palmas das minhas em volta das minhas.

— Espere. Antes de fazermos qualquer outra coisa, preciso dizer algo.

Meu coração bate contra minhas costelas.

— Sim?

Ela olha para nossas mãos unidas.

— Eu prometo que só vou dizer isso uma vez, e depois vou largar para sempre se você quiser. Eu só quero que você ouça e leve junto com tudo o que você ouviu de mim hoje. Eu quero que você saiba que vem de um lugar de respeito.

Eu aperto os olhos.

– Hum, está bem? Eu posso fazer isso.

Ela solta um suspiro e olha para mim.

— Você vai mudar muitas vidas como assistente social. Acho que tem muita gente que realmente precisa de alguém como você, e precisa de você logo. Você merece correr atrás do seu sonho. Você merece tudo o que quer porque quer tudo pelas razões certas. Então eu vou dizer isso de novo, do jeito que eu deveria ter dito da primeira vez. Se você aceitar, a bolsa é sua. Nem estou convencida de que quero terminar a universidade, e me faria mais feliz do que quase tudo no mundo ver você ir atrás do que quer sem interrupção. Esta não é uma oferta de pena. Eu realmente acredito que você merece. Você trabalhou tanto quanto eu para vencer, e espero que saiba que tem todo o meu respeito quando digo que acho que você deveria ter.

Eu sei que ela está dizendo a verdade. Eu posso ver isso pintando seu rosto como o brilho do vitral, mas milhares de protestos ainda abrem caminho para a frente dos meus pensamentos, bloqueando e derrubando as partes de mim que querem dizer sim.

Eu realmente não ganhei.

Eu não preciso de ajuda.

Eu tenho que fazer isso sozinha.

Não quero o dinheiro de Catherine.

Esse último grita acima de todo o resto.

— Há algo que você deveria saber. — Encaro o rosto confuso de Moira por um momento antes de continuar. — A bolsa de estudos... os quarenta e dois mil reais... foi Catherine. Ela fez a doação. Ela também não queria que eu saísse da escola e tinha certeza de que eu ganharia a competição. Acho que isso realmente saiu pela culatra para ela.

Soltei uma risada amarga, mas a expressão de Moira só ficou mais confusa.

— Se ela queria te ajudar, por que ela simplesmente não te deu o dinheiro?

Minha risada desaparece.

— Porque Catherine e eu... nós duas temos algumas ideias fodidas sobre o que significa ser forte, sobre ficar no controle e lidar com tudo por conta própria. Eu não teria aceitado dinheiro dela por nada. Eu nem teria pegado tanto como um empréstimo dela, e ela sabia disso.

— Kenzie… — Ela aperta minhas mãos. — Deus sabe que não sou a maior fã de Catherine, mas... mas se ela te desse aquele dinheiro, não seria por *nada.* Vocês duas têm um... um vínculo. Um relacionamento. Quando você se importa com alguém assim, você se importa *por* eles também.

Não sei se temos mais vínculo. Eu nem sei se ela vai falar comigo novamente. Estou com raiva de Catherine, e tão machucada que a dor é como uma lâmina cruel ainda enfiada nas minhas costas, mas não importa quais fossem suas motivações ou quão fodidos seus métodos fossem, houve um tempo em que ela queria que eu tivesse esse dinheiro. Moira está certa.

Catherine queria me ajudar, e estou tão cansada de fazer tudo sem ajuda.

— Há tanta coisa me dizendo para dizer não a esse dinheiro — murmuro.

Eu vejo o rosto de Moira cair antes que ela se prepare e acene com a cabeça.

— Ok. Entendo. Eu não vou trazê-lo à tona novamente.

Eu aperto suas mãos.

— Eu não acabei.

— Ah? — Seus olhos se arregalam.

— Eu disse que levaria algum tempo para me trocar, mas não quero fazer você esperar por tudo. *Eu* não quero esperar por tudo, então...

Faço uma pausa e respiro fundo, observando Moira me observar.

Talvez isso não precise ser complicado. Talvez eu possa deixar tudo ir e deixar alguém entrar.

— Eu aceito — eu termino.

A boca de Moira cai aberta, e eu não posso deixar de rir do jeito que ela está boquiaberta para mim como um peixinho dourado.

— Obrigada, Moira. Sério. — Eu me faço ficar séria novamente. — Isso significa muito.

— Para mim também.

Ela leva minhas mãos até a boca e beija meus dedos. O gesto é tão terno que faz meu peito ficar apertado e mantém afastado qualquer pânico que ameace crescer dentro de mim.

Eu estou segura. Eu vou ficar bem.

— Sabe — ela diz entre beijos —, você é sempre bem vinda aqui, no estúdio. Sempre. Vou te dar uma chave e tudo.

Eu ri.

— Isso é exatamente o que sua mãe disse, embora ela não tenha ido tão longe a ponto de me oferecer uma chave.

Moira congela.

— Você falou com minha mãe?

O sangue lateja em meus ouvidos. Achei que Margaret teria mencionado isso a ela.

— Hm, sim. Ela... ela veio e me encontrou depois da competição. Catherine não tinha me despedido oficialmente na época, mas sua mãe ainda disse que eu era bem-vinda aqui.

Moira suspira e levanta os olhos para o teto.

— Vou precisar falar com essa mulher.

— Foi muito bom — eu corro para assegurá-la. — Sério. Ela não estava tentando interferir com você e comigo. Ela só... ela estava cuidando de mim quando eu realmente precisava de alguém.

Moira suspira novamente.

— Ela é ótima e, como agora sei que ela concorda, não há dúvida sobre isso. Vou mandar fazer uma chave para você. Eu sei o quanto significa ter um lugar para dançar.

— Moira…

— Nananinanão. — Ela levanta um dedo. — Você pode decidir sobre todo o resto, mas estou dando a você isso, quer você queira ou não.

Eu engulo a vontade de lutar com ela e aceno.

— Obrigada. Sua confiança significa muito, especialmente quando já usamos este estúdio para... muitas coisas além de dançar.

Seus olhos escurecem com a sugestão em meu tom, e ela solta uma das minhas mãos para colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha antes de deslizar os dedos para baixo para escovar meu pescoço.

— Isso nós fizemos.

Eu começo a me inclinar, mas antes de meus olhos fecharem, eu vejo sua cabeça virar para trás enquanto seu rosto se ilumina com outra percepção.

— Sim, Moira? — Eu pergunto, fingindo aborrecimento.

Ela sorri.

— É meio sexy quando você age como se ainda me odiasse.

Eu cutuco sua perna com meu joelho.

— É meio sexy quando você tenta me irritar.

— Tenho algo importante a dizer! — ela protesta.

Eu dou um suspiro dramático.

— Vá em frente, então.

— Você não precisa pensar muito sobre isso ainda. — Sua voz fica séria, e ela se endireita. — Mas tenho certeza de que minha mãe te contrataria totalmente se você quisesse trabalhar aqui.

Minha respiração fica presa.

— Moira…

Ela ergue um de seus dedos novamente.

— Eu só queria colocar isso para fora. Você pode pensar sobre isso mais tarde. Nós já passamos por muita coisa hoje, e eu não sei você, mas agora, eu meio que cansei de falar.

Eu deixo a preocupação e as perguntas irem. Liberei todos os meus planos e protestos. Eles se dissolvem no brilho granada da sala, deixando apenas eu e ela para trás.

— Você leu minha mente — eu sussurro.

Então eu puxo minha namorada de volta para o chão e a beijo sem nenhuma preocupação no mundo.

CAPÍTULO 26
MOIRA

UM ANO DEPOIS

— Você está brincando com fogo, Senhorira Andrianakis — Murmuro contra os lábios de Kenzie. — Eu vou bagunçar nossos cabelos se você continuar me beijando assim, e não temos tempo para nos arrumar de novo.

— Mentiras — diz ela, sua respiração quente fazendo meu coração bater ainda mais rápido. — Você pode fazer um coque das terras altas em dois minutos, e eu posso fazer ainda mais rápido.

Eu envolvo minha mão em seu pulso, onde ela está alcançando meu ombro para se apoiar na mesa do quarto de hotel na minha frente. Ela acabou de prender meu cabelo em um coque enquanto eu me sento de frente para o espelho acima da mesa. Seu próprio cabelo está enrolado em um coque que fiz para ela com um grande laço xadrez amarrado na base.

Ela realmente lutou comigo na proa, mas quando eu disse a ela que isso ajuda nossos alunos a nos encontrar no meio da multidão quando estão nervosos, ela cedeu.

Eu nem sei se é verdade. Eu só pensei que ela ficaria adorável com um laço.

— Isso é um desafio? — Eu pergunto, apertando seu pulso.

Ela se afasta para olhar para mim com os olhos semicerrados.

— Nós amamos nossos desafios, você e eu.

Isso é tudo o que é preciso. Eu me levanto do meu assento na cadeira e me viro para esmagar minha boca na dela. Nós pousamos em um emaranhado de membros na cama queen size atrás dela.

Ela geme na minha boca quando eu deslizo minha coxa entre as dela, pressionando contra ela enquanto seus quadris se levantam para me encontrar. Eu corro a ponta da minha língua ao longo de seus lábios e apoio minhas mãos contra o cobertor macio com estampa xadrez estendida sobre o edredom.

Claro que é um cobertor tartã. Estar tão perto do local das maiores competições das terras altas da Escócia encorajou a pousada em que estamos hospedados a levar a decoração escocesa ao nível mil. Estamos aqui para apoiar dois alunos da Escola School que chegaram ao campeonato mundial deste ano. Havia pequenos pacotes de biscoitos amanteigados nos travesseiros quando chegamos ontem à noite, e pendurado acima da cama está uma pintura a óleo realmente horrível de um tocador de gaita de foles empoleirado em uma colina varrida pelo vento na chuva. As proporções estão todas erradas, e as gaitas de foles parecem de uma espécie alienígena se prendendo ao corpo do homem para sugar a vida dele.

Tento não olhar para a pintura quando nos coloco mais para cima na cama, mas os olhos bulbosos do gaiteiro puxam os meus para encontrá-los como se a pintura estivesse possuída.

— Kenzie — eu sussurro —, ele está nos observando.

Ela bufa.

— Ai meu Deus, Moira. Eu te disse ontem à noite que poderíamos mover, e

você disse que não.

— Se a movermos, ele pode ficar com raiva e nos assombrar.

Ela desliza os braços em volta da minha cintura depois que eu me abaixo em cima dela.

— Eu vou te proteger do flautista demônio.

Eu acomodo minha cabeça em seu peito e escuto o ritmo constante de sua respiração.

— Eu sei que você vai — murmuro.

Já faz mais de um ano desde o dia em que nos sentamos no chão do Studio B e ela me pediu para ser sua namorada. Às vezes parece que estamos namorando desde sempre, e às vezes ainda sinto um choque de surpresa quando acordo ao lado dela e percebo que realmente estou em um relacionamento incrível com uma garota que passei a maior parte da minha vida jurando que odiava.

Tudo o que sinto por ela agora é amor – um amor que é de alguma forma firme e seguro, mas ainda exultante e selvagem. Ela pode me emocionar com apenas um olhar, e ela pode me acalmar com um simples toque. Amar Kenzie é como girar através dos passos de uma dança complexa que memorizei, mas ainda consigo me surpreender cada vez que deixo ir e coloco todo o meu coração no movimento.

É aí que ela me conhece. Toda vez, ela me encontra lá, e compartilhamos essa dança como parceiros e iguais.

Iguais que ainda gostam *muito* de mexer uma com a outra às vezes.

— Você tem certeza que vamos ter tempo para arrumar nosso cabelo? — Eu falo lentamente enquanto coloco meus dedos sob a borda de sua camiseta. — Não vou me gabar se você quiser apenas ir em frente e admitir que sou mais rápida que você.

Ela zomba, e antes que eu possa me preparar para retaliar, ela nos vira em um movimento fluido e cai com as pernas escarranchadas em minhas coxas. Ela se endireita para se equilibrar sobre os joelhos, e eu tenho um momento para apreciar a visão dela se elevando sobre mim enquanto ela estende a mão para empurrar para trás algumas mechas de cabelo que já escaparam de seu coque.

O movimento faz com que seus seios estiquem contra sua camisa branca e levante a borda o suficiente para eu ver uma lasca de sua barriga branca como lírio.

Minha garganta fica seca e minhas mãos se contorcem com a necessidade de tocá-la.

Ela tem seu blusão personalizado da Escola Murray de Dança Escocesa aberto na parte superior, as mangas arregaçadas até os cotovelos. A pequena faixa bordada de tartan Murray acima do bolso da frente da jaqueta torna todo o conjunto ainda mais sexy; adoro vê-la com as cores da minha família.

Kenzie levou todo o verão passado para decidir se queria ou não aceitar o emprego de professora que minha mãe lhe ofereceu para o outono. No começo, fiquei frustrada com ela demorando tanto, mas percebi que era uma decisão muito mais inteligente pensar nisso.

Precisávamos de tempo para construir uma base para as coisas entre nós antes de entrelaçarmos tanto nossas vidas, e Kenzie precisava de tempo para fazer as pazes com as mudanças em sua própria vida.

Acho que parte dela pode ter passado o verão esperando que Catherine abrandasse. De certa forma, ela anulou a cláusula de não concorrência de Kenzie para que ela pudesse continuar ensinando dança escocesa em outro lugar, o que, vindo de Catherine, era um ato de extrema reconciliação por si só, mas as duas não foram capazes de salvar qualquer uma das partes boas de um relacionamento que causa dor a Kenzie até hoje.

As coisas melhoraram um pouco ao longo do ano. Catherine não atira punhais constantes em nós em eventos da ODEO, e Kenzie não perde tanto sono sobre como as coisas terminaram. Elas até acenam uma para a outra do outro lado da sala em competições às vezes.

Talvez um dia Catherine realmente aceite o convite para conversar sobre as coisas que Kenzie deixou para ela. Pelo bem de ambas, espero que sim, mas, enquanto isso, estou orgulhosa de que minha namorada esteja se colocando em primeiro lugar.

— Você *sempre* se gaba. — Kenzie se inclina para trás e traz seus lábios ao meu ouvido. O som gutural de seu murmúrio me puxa de volta ao presente, e quando ela traça a concha da minha orelha com a língua, eu estremeço e fecho os olhos.

— Você também — eu argumento, minha voz muito ofegante para ter qualquer mordida nela.

Ela revida com outro beijo. Este é escaldante, queimando em minhas veias como um incêndio que me faz arranhar suas roupas e me contorcer sob seu corpo. Ela segura minha mandíbula com uma mão, inclinando minha cabeça para trás para assumir o controle total da minha boca.

Eu gemo quando seu polegar desliza para baixo para escovar minha garganta.

— Moira, Moira, Moira — ela sussurra contra meus lábios, seu tom zombeteiro de alguma forma tão sexy que faz minhas coxas ficarem tensas. — Você me daria qualquer coisa, não é?

Eu arqueio meu pescoço em resposta. Não adianta negar que o que nós duas sabemos é verdade.

Seu polegar desce para traçar minhas clavículas e o buraco na base da minha garganta. Eu tremo. Kenzie ri contra a minha boca e, em seguida, mergulha toda a mão sob a gola da minha camisa e em um dos bojos do meu sutiã, encontrando meu mamilo duro.

— Vamos, Moira — ela provoca. — Não torne isso muito fácil.

É apenas um desafio suficiente para me tirar do meu torpor e me fazer piscar os olhos. Eu a encontro sorrindo para mim, e antes que ela possa se preparar para isso, eu empurro seus ombros e nos levanto para que eu possa me acomodar em seu colo com minhas pernas em volta de sua cintura.

Não me preocupo em ser muito grande ou muito pesada. Eu sei que ela ama meu corpo, e eu sei que ela ama o jeito que eu amo meu corpo também.

Nós nos beijamos com nossos peitos pressionados juntos, nossas mãos procurando qualquer pele nua que possam encontrar. Ela aperta seus dedos em volta do meu pescoço e me puxa ainda mais perto antes de deslizar os dedos para cima para cravá-los no meu cabelo preso.

Estou tão presa no que sua língua está fazendo dentro da minha boca que demoro alguns segundos para perceber o que suas mãos estão fazendo.

— Ei! — Eu grito depois de puxar minha cabeça para trás. — Você está estragando tudo de propósito!

Ela dá de ombros e me dá um sorriso que só pode ser descrito como diabólico.

— Não estabelecemos nenhuma regra para esta competição — diz ela —, e, além disso, você fica super gostosa com o cabelo todo bagunçado.

Ela puxa uma mecha que se soltou na parte de trás da minha cabeça, e a pontada afiada da sensação me faz puxar o lábio entre os dentes.

— Bem, você também — eu respondo antes de beijá-la com fúria e enterrar meus dedos em seu cabelo também.

Nós só podemos segurar por alguns segundos antes de nós duas cairmos na gargalhada.

— Deus, nós somos ridículas — eu ofego, me inclinando para descansar minha testa em seu ombro.

— O flautista demônio certamente pensa assim.

Eu finjo estremecer.

— Ele ainda está nos observando, não é?

Ela adiciona um tom assustador à sua voz.

— Ele está *sempre* nos observando.

— Bem, bom. — Eu me endireito e saio de seu colo. — Ele pode julgar quem arruma o cabelo mais rápido.

Eu pulo da cama, ignorando os gritos de protesto de Kenzie enquanto passo meu braço sobre a mesa para pegar todos os suprimentos de cabelo e depois corro para o banheiro.

— Sem regras, lembra? — Eu grito.

Eu deixo cair a pilha de grampos, escovas e garrafas apertadas em meus braços no balcão e rasgo os restos do meu coque. Kenzie chega meio segundo depois e me encara furiosamente enquanto faz a mesma coisa.

Estamos lado a lado no banheiro minúsculo, a maior parte ocupada por uma banheira antiquada que pretendo usar com ela esta noite. O espelho à nossa frente é grande o suficiente para conter nossos reflexos em sua moldura dourada.

— Eu vou vencer! — Eu grito enquanto passo uma escova no meu cabelo e, em seguida, prendo tudo em um elástico no topo da minha cabeça, como eu fiz alguns milhares de vezes antes.

— De jeito nenhum — Kenzie murmura em torno dos grampos que ela está segurando entre os lábios enquanto ela alisa a parte de trás de sua cabeça.

Nós duas somos um turbilhão de movimentos bem praticados pelos próximos minutos. Kenzie pega um dos frascos de spray de cabelo pouco antes de eu estar prestes a envolvê-lo com a mão e borrifa seu coque em alguns sprays.

— FEITO! — ela grita, batendo a garrafa de volta no balcão para dar ênfase.

— Nananinanão — eu grito. — Você não colocou seu laço!

Ela hesita quando eu pego minha fita xadrez e a enrolo na base do meu coque.

— O laço não faz parte disso!

— Hoje faz. — Dou o último nó no lugar e sorrio para ela. — Eu ganhei.

Ela coloca as mãos nos quadris.

— Não concordei com esses termos.

— Que pena para você. — Eu dou de ombros. — Eu sou a vencedora.

— Você é uma merdinha, é o que você é. — Ela olha para mim, mas leva apenas um segundo antes que seu rosto se abra em um sorriso. — Venha aqui.

Ela pega meu braço e me puxa para ela, plantando um beijo gentil em meus lábios. É inocente e terno, mas ainda posso sentir o calor de sua boca percorrer todo o meu corpo.

— Você vai me deixar refazer seu coque, certo? — Eu pergunto uma vez que ela dá um passo para trás.

Ela suspira.

— Você não vai me deixar sair deste quarto de hotel até que eu faça, certo?

Eu balanço minha cabeça e sorrio para ela.

— Agora você está entendendo.

Algumas horas depois, Kenzie e eu estamos de mãos dadas e indo para um dos principais palcos de dança das competições. Estive em algumas competições das terras altas no Canadá, mas nada se compara a isso. Esta é a meca dos eventos esportivos tradicionais escoceses. Pessoas de todo o mundo aparecem para assistir caras volumosos em kilts jogando troncos de árvores ao redor, ouvir trupes de gaita de foles batalhando por prêmios, comprar lembranças bregas, comer todo tipo de lanche com tema haggis que a raça humana pode inventar e claro, veja a maior e melhor competição de dança das terras altas do mundo.

Como temos dois alunos da Escola Murray competindo aqui este ano, toda a minha família decidiu tirar férias e voar para apoiar as meninas. Demorou um pouco para convencer, mas Kenzie acabou embarcando e aceitou uma passagem de avião como presente de aniversário antecipado de todos nós.

Temos apenas alguns dias antes de voar de volta; Kenzie está fazendo cursos de verão novamente este ano, e eu tenho um acampamento para fazer no estúdio. Decidi terminar meu Bacharelado em Pedagogia, mas minha mãe está me deixando assumir mais responsabilidades no estúdio enquanto me preparo para começar formalmente uma posição como co-diretora assim que me formar.

Paramos quando chegamos às fileiras de assentos de frente para o palco coberto. Examino a multidão em busca de meus pais e, quando olho para Kenzie, encontro-a sorrindo.

— O quê? — Eu pergunto.

— Acabei de ver um médico passar. Trouxe algumas lembranças.

Eu a encaro.

— *Não* faça outra piada de buraco de toupeira.

Minha família inteira tem passado essa viagem relembrando o fim da minha carreira na dança, causado pelo tornozelo que quebrei em um buraco estúpido nesses mesmos jogos.

Ela levanta a mão em protesto.

— Eu não ia. Eu só estava pensando...

Ela para, mas não precisa explicar. Eu sei exatamente o que ela está pensando.

— Quando você me viu na maca — eu digo, nós duas ainda estamos presas no lugar, embora a multidão tenha que tecer ao nosso redor —, havia esse olhar em seu rosto...

Ela me prende com seu olhar, aqueles olhos castanhos sem fundo prontos para me engolir, e eu vejo isso de novo, exatamente o mesmo olhar, aquele que eu pego ela me observando de vez em quando. Naquele dia, nesse campo, há tantos anos, foi a primeira vez que tive um vislumbre disso.

— Eu sabia — ela murmura. — Eu realmente não entendi *o que* eu sabia, mas eu vi que você estava ferida, e eu só... eu sabia. Eu sabia que você significava muito mais para mim do que eu estava pronta para admitir naquela época.

Eu aperto a mão dela.

— Eu sabia também.

Os assentos estão quase totalmente cheios agora, e um grupo barulhento de adolescentes quase nos derruba quando eles passam correndo para pegar uma fila para si. O feitiço entre Kenzie e eu se quebra, e eu examino a platéia novamente, vendo minha mãe acenando para nós depois de alguns momentos de busca. Nós fazemos o nosso caminho para nos juntarmos a ela, meu pai e meus irmãos.

— Espero que não chova — minha mãe diz de seu lugar ao meu lado assim que nos acomodamos. Ela está vestida com o estilo da Escola Murray, assim como nós, com seus famosos brincos em forma de ghillie.

O céu é de um típico cinza escocês sombrio, e o ar está um pouco frio, embora seja meados de julho, mas isso não impediu que o evento estivesse lotado de pessoas. A conversa enche o ar, quase alta o suficiente para bloquear o zumbido do flautista se aquecendo ao lado do palco. Ontem também choveu, e posso sentir o cheiro de grama lamacenta pisoteada por milhares de pés.

— Não seria a primeira vez — meu pai acrescenta ao lado de minha mãe. — Com toda essa lama, as pessoas vão ter que ter cuidado redobrado com os buracos das toupeiras, certo, Moira?

Eu gemo.

— Você realmente tinha que trazer isso à tona? *De novo*?

Minha mãe sacode um dedo para ele para repreendê-lo, mas ele a ignora enquanto estende o braço longo e forte e dá um high-five em Kenzie.

— Boa, né? — ele pergunta a ela.

Ela ri.

— Muito boa.

Mesmo que eles estejam tirando sarro de mim, ainda faz meu peito ficar quente e apertado ver Kenzie se unindo à minha família.

Também conheci melhor a família dela. No verão passado, tivemos jantares semanais e farras de Netflix com Chris no apartamento de Kenzie. Ele está mais ocupado agora – o emprego em tempo integral que ele conseguiu em uma empresa de paisagismo o deixou bastante cansado – mas ainda o vemos de vez em quando.

A mãe de Kenzie acabou estendendo sua estadia com a irmã e voltou para casa bem a tempo do Natal. Sua saúde mental teve alguns altos e baixos desde

então, mas o vínculo dela e de Kenzie está mais forte do que nunca, e eu sei que não importa o que aconteça, eles vão descobrir as coisas.

— Ah, aí vêm elas! — Minha mãe aponta para o palco, onde uma fila de garotas em jaquetas de veludo com números de competidores presos em seus kilts está entrando em formação.

A primeira dança do dia é o Fling, e todos torcemos e aplaudimos Hailey, uma das alunas que apoiamos hoje.

As gaitas de foles começam, e as dançarinas se curvam em uníssono antes de se levantarem na ponta dos pés e depois atirarem as pernas com uma precisão surpreendente para começar o primeiro passo da dança. Essas são algumas das melhores dançarinas do mundo, e isso mostra. Mesmo eu não consigo tirar os olhos do brilho de seus kilts enquanto se impulsionam mais alto no ar do que deveria ser humanamente possível.

Elas estão no terceiro degrau quando sinto Kenzie pegar minha mão. Eu enfio meus dedos nos dela enquanto ela se aproxima, nós duas ainda observando o palco.

— Costumava ser nós — diz ela, alto o suficiente para eu ouvir.

— Sim, eu concordo. — Tanta coisa mudou.

Ela ri.

— Graças a Deus.

Eu aperto sua mão e descanso minha cabeça em seu ombro enquanto as primeiras gotas de chuva caem do céu para pousar na minha bochecha.

Notas

[← 1]

“Sandália” usada para a dança.

[←2]

Empresa retalhista de móveis.

[←3]

BeaverTails é uma cadeia de restaurantes canadense, especializada em doces

[←4]

Em inglês é um duplo sentido para gozar.

[←5]

Bonequinhos que ficam mexendo a cabeça.